

**UNIVERSIDADE DE CIENCIAS EMPRESARIALES Y SOCIALES – UCES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**DOUTORADO**

**BANTU MENDONÇA KATCHIPWI SAYLA**

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM  
ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS  
ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS**

**Buenos Aires**

**2021**

BANTU MENDONÇA KATCHIPWI SAYLA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM  
ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS  
ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Volpato Wronski

Buenos Aires

2021

BANTU MENDONÇA KATCHIPWI SAYLA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM  
ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS  
ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA

---

Componente da Banca Examinadora  
Instituição a que pertence

---

Componente da Banca Examinadora  
Instituição a que pertence

---

Componente da Banca Examinadora  
Instituição a que pertence

---

Componente da Banca Examinadora  
Instituição a que pertence

---

Componente da Banca Examinadora  
Instituição a que pertence  
Professora orientadora – Presidente da Banca Examinadora

Buenos Aires, data da defesa por extenso

Pensar e imaginar em alguém ausente, é trazer para o consciente a sua individualidade e instaurar um processo diálogo interacional. Entendo que esta individualidade foi forjada por um processo interacional atravessado por várias vozes na maioria das vezes de “eus” que já não existem. Todavia, o vazio das suas ausência e distâncias constituem o repertório das nossas memórias e lembranças. Nesta ordem de ideia, dedico esta tese aos oitenta (80) adolescentes que, com os seus relatos contribuíram para a elaboração do texto. Aos pais e encarregados de educação, à coordenação e aos professores do Colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela.

## AGRADECIMENTOS

A vida é dura. Mas quanto mais dura, menos dura. Olho para traz e percebo que lá se foram oito anos de investigação. Muitas lutas, cansaços, viagens de ônibus, de avião, de carro. Às pessoas que me estenderam as mãos para que hoje pudesse dizer: ufa, valeu apenas o esforço e dedicação, meu agradecimento. Aqui está o fruto do nosso suor. Sei que não conseguirei enumerar a todos para dizer a cada uma o meu muito obrigado e por isso desde já peço sinceras desculpas. Porém deixai-me destacar alguns nomes: aos meus pais quero agradecer o dom da vida. Ao Ex-Pe. Edinei Ouriques da Silva pelo incentivo e apoio na geminação do projeto de doutorado em Buenos Aires; ao Pe. Carlos Henrique Machado pela compreensão durante o tempo que passamos juntos na Paróquia de São Francisco de Assis no Monte Castelo e ao Pe. José Eduardo Bitencourt com quem partilho a alegria do ministério presbiteral na Paroquia de São João Batista de Capivari de Baixo. Aos professores da UCES. Entre esses destaco especialmente a professora Dra. Susana Sneiderman, que com carinho e paciência me orientou deste a construção do Plano até a aprovação do Projeto de doutorado pelo Comitê Acadêmico do PPG em Psicologia. Agradeço a Professora Dr. Vera Lúcia Chacon Valença, pela valiosa leitura crítica/metodológica, pelas observações e pelas suas contribuições enriqueceram o texto; Como plenitude da minha gratidão está a professora Dra. Andréa Volpato Wronsky, que na hora do meu desespero a procura de orientador me acolheu nos seus braços, aceitando-me como orientando: mulher que admiro pela compreensão, paciência, calma, bondade. Em suma, mulher supermãe. A você a minha eterna gratidão.

Muitos dos nossos problemas têm a idade de Angola e são complexos, outros, de caráter políticos, têm a idade da independência e também são complexos. Os primeiros relacionam-se com a construção da nação angolana nos limites das fronteiras definidas na conferência de Berlim em 1885 e por outros acordos entre as potências coloniais. Eles são tratados e equacionados sistematicamente com base na legislação fundamental do Estado e do princípio livre aceite, ou pelo menos consentido. [...] Os outros são decorrentes de várias conexões que interligam pessoas e interesses angolanos e estrangeiros numa teia de esquemas, mecanismos e instrumentos em que se distinguem duas categorias: nacionalistas e agentes de neocolonialismo. (Santos, 2000, p. 07).

## RESUMO

SAYLA, B. M. K. (2021). **A representação social da violência/agressividade em adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos através dos dispositivos midiáticos**. 287f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales – UCES, Buenos Aires, BA, Argentina.

Nesta pesquisa elegemos como tema de investigação a representação social da violência/agressividade entre os adolescentes com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos, que estudam no Colégio de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Benguela na República de Angola, tendo como marco epistemológico a Psicologia Social mais especificamente as Representações Sociais dos conteúdos midiáticos sobre violência e agressividade. O contexto social angolano atual permite-nos observar o desdobramento de um conflito que transita entre a guerra civil e as disputas das ofertas da indústria cultural midiática. A partir dessa percepção o nosso objetivo foi observar e descrever as operações de significação e as relações de afetações que possam existir na circulação da agressividade em adolescentes angolanos que “consumem” os conteúdos violentos na internet através dos dispositivos midiáticos. E como objetivos específicos: a) investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino), a partir de entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da violência/agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube); b) verificar, nas RS da violência/agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento; c) observar se houve ou não, especificidade da representação da agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e do feminino. Ou seja, observar os movimentos de idas e vindas, como diria Braga (2011a). Estes objetivos, no âmbito da midiaticização levam-nos a definir as RS como uma forma do saber do senso comum, manifestado através das operações, das práticas e de processos gerativos/funcionais construídos socialmente. (Moscovici, 2003; Jodelet, 1985). Por este construto o conceito de mídia passa a corresponder a um conjunto de dispositivos sociotécnico-tecnológico, semiótico, simbólico e interacional (Ferreira, 2007; Fausto Neto, 2008; Braga, 2011a) de usos que, com o advento das TICs, pode permitir a busca, em cada representação as relações estabelecidas entre os sujeitos, o mundo e as coisas. Isso equivale ao estudo de um objeto talvez fugindo dos esquemas tradicionais do estímulo e resposta (Pavlov, 1960) nos obrigue,

na transversalidade, a acionar outros conceitos como, por exemplo, representações sociais, violência/agressividade, adolescência, identidade; dispositivos midiáticos. O acionamento desses conceitos coloca-nos numa trilha difusa e de riscos constantes. Para minimizar esses riscos somos obrigados a estabelecer contratos de leitura com autores tais como: Adorno e Horkheimer (1973), Aumont (1993), Bourdieu (1997) e Vygostsky (1988). Ou seja, a convocação destes autores objetiva a obtenção de fundamentos teóricos do que emerge dos choques interacionais e perceber as subjetividades ou os lugares posicionais (Freud, 1915c/1988; Kusnezoff, 1982; Maldavsky, 1977) dos adolescentes em as práticas sociais de consumo e produção dos bens da cultura midiática. Portanto, sustentamos nesta pesquisa a ideia de que os indivíduos pela percepção e recepção da cultura midiática possam expressar as suas subjetividades de uma forma crítica e cultural. (Marcus & Fischer, 1986). Por essas angulações, compreendemos a construção da identidade, como um processo de disputas interacionais sócio-histórico e culturais.

**Palavras-chave:** Representação Social Violência/Agressividade Adolescentes. Dispositivo Midiático. Identidade.



## ABSTRACT

SAYLA, B. M. K. (2021). **The social representation of violence / aggressiveness in Angolan adolescents who consume violent content through media devices.** 287f. (Doctoral Thesis). Graduate Program in Psychology, Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales - UCES, Buenos Aires, BA, Argentina.

In this research we chose as a research theme the social representation of violence / aggressiveness among adolescents aged 14 to 16 years old, who study at the Nossa Senhora da Conceição College in the city of Benguela in the Republic of Angola, having as an epistemological landmark Social Psychology more specifically the Social Representations of the media content about violence and aggression. The current Angolan social context allows us to observe the unfolding of a conflict that passes between the civil war and the disputes over the offers of the cultural media industry. Based on this perception, our objective was to observe and describe the operations of meaning and the relationships of affects that may exist in the circulation of aggression in Angolan adolescents who consume violent content on the Internet through media devices. And as specific objectives: a) to investigate in the reports (practices = actions and speeches = theories) of the 80 adolescents (40 males and 40 females), through individual interviews of collective application and the Focus Groups, the SR of violence / aggressiveness in circulation on Internet videos (YouTube); b) verify, in the SR of violence / aggressiveness, which psychic places (subject, object, helper, rival, etc.) are attributed to adolescents who consume videos on the Internet (YouTube) with violent content; c) observe whether or not there was specificity in the representation of aggression among male and female adolescents. In other words, observe the movements of comings and goings, as Braga (2011a) would say. These objectives, in the context of mediatization, lead us to define SR as a form of common sense knowledge, manifested through operations, practices and socially constructed generative / functional processes (Moscovici, 2003; Jodelet, 1985). Through this construct, the concept of media starts to correspond to a set of sociotechnological, semiotic, symbolic and interactional devices (Ferreira, 2007; Fausto Neto, 2008; Braga, 2011a) of uses that, with the advent of ICTs, may allow the seeks, in each representation, the relations established between the subjects, the world and things. This is equivalent to the study of an object perhaps fleeing the traditional schemes of stimulus and response (Pavlov, 1960) obliges us, in transversality, to trigger other concepts such as, for example, social representations, violence / aggression, adolescence, identity; media devices. The activation of these concepts puts us on a diffuse and constant risk trail. To minimize these

risks, we are obliged to establish reading contracts with authors such as: Adorno and Horkheimer (1973), Aumont (1993), Bourdieu (1997) and Vygostsky (1988). That is, the summons of these authors aims to obtain theoretical foundations of what emerges from interactional shocks and to perceive subjectivities or positional places (Freud, 1915b/1988; Kusnezoff, 1982; Maldavsky, 1977) of adolescents in the social practices of consumption and production of media culture goods. Therefore, we support in this research the idea that individuals through the perception and reception of media culture can express their subjectivities in a critical and cultural way (Marcus & Fischer, 1986). Through these angles, we understand the construction of identity, as a process of socio-historical and cultural interactional disputes.

**Key-words:** Social Representation Violence/Aggressiveness Adolescents. Media device. Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema com as três esferas de afetações .....	29
Figura 2: Procedimento de semiotização do mundo e seu duplo processo .....	67
Figura 3: Diagrama dos DMs elaborado pelo pesquisador.....	185
Figura 4: Esquema do diagrama dos processos interacionais midiáticos de difícil definição	198

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa Etária .....	120
Gráfico 2: Sexo .....	122
Gráfico 3: Nível de Escolaridade.....	124
Gráfico 4: Cidade onde mora.....	125
Gráfico 5: Grau de Parentesco com quem vivem .....	127
Gráfico 6: Número de pessoas que moram com você .....	129
Gráfico 7: Renda dos Pais .....	130
Gráfico 8: Profissão dos Pais.....	132
Gráfico 9: Profissão das Mães .....	133
Gráfico 10: Tipo de moradia em que vive .....	134
Gráfico 11: Dispositivos midiáticos que os pais utilizam .....	136
Gráfico 12: Dispositivos midiáticos que há em casa .....	138
Gráfico 13: Localização dos dispositivos midiáticos na casa.....	139
Gráfico 14: Local onde faz uso da internet .....	141
Gráfico 15: Dispositivos midiáticos que prefere usar .....	143
Gráfico 16: Dispositivos midiáticos para acessar a internet.....	144
Gráfico 17: Motivos pelo qual usa a internet .....	145
Gráfico 18: Tempo diário gasto na internet.....	146
Gráfico 19: Páginas ou canal na internet que possui .....	148
Gráfico 20: Tipos de vídeo/filmes que mais acessa .....	149
Gráfico 21: Periodicidade de produção de vídeos .....	151
Gráfico 22: Dispositivos midiáticos usados na produção de vídeos .....	152
Gráfico 23: Razões pelas quais produz vídeos .....	154
Gráfico 24: Plataformas em que postam os vídeos produzidos.....	155
Gráfico 25: Temas dos vídeos que fazem circular em suas redes sociais .....	157
Gráfico 26: O que você sente ou pensa ao ver conteúdos violentos e agressivos? .....	160
Gráfico 27: Envolvimento com violência ou agressividade.....	162
Gráfico 28: Tipo de violência que já se envolveu .....	163
Gráfico 29: Usos e apropriações sociotécnicos tecnológicas, culturais e interacionais .....	194
Gráfico 30: Gráfico percentual do nível de compreensão sobre as cenas de violencia/agressividade.....	237

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Níveis de compreensão do fenômeno da violência e agressividade.....	166
Quadro 2: Índice de violência por sexo .....	166
Quadro 3: Local de acesso à Internet.....	167
Quadro 4: Motivos do uso da Internet .....	168
Quadro 5: DMs de uso e acesso à Internet .....	169
Quadro 6: Redes Sociais mais usadas pelos adolescentes em Angola .....	171
Quadro 7: Correspondente a primeira questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes.....	173
Quadro 8: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	173
Quadro 9: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas .....	173
Quadro 10: Correspondente a segunda questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes.....	174
Quadro 11: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	174
Quadro 12: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas .....	174
Quadro 13: Correspondente a terceira questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes.....	175
Quadro 14: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	176
Quadro 15: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas .....	176
Quadro 16: Correspondente a quarta questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes.....	177
Quadro 17: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	177
Quadro 18: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas .....	177
Quadro 19: Correspondente a quarta questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes.....	178
Quadro 20: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	178
Quadro 21: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas .....	178
Quadro 22: Os três movimentos observados durante a exibição dos vídeos.....	179
Quadro 23: Contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes, após a exibição dos vídeos.....	181
Quadro 24: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra.....	181
Quadro 25: Relato das práticas e dos usos /dispositivos interacionais de referência.....	182

Quadro 26: Lutas e disputas interacionais no mercado de consumo e produção dos bens da indústria cultural midiática .....	219
Quadro 27: RS primárias da violência e agressividade .....	244
Quadro 28: RS secundária da violência e agressividade .....	246

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 PARTE I: MARCO EPISTEMOLÓGICO E DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
1.1 APORTES CONSTITUTIVOS DO CONCEITO DAS REPRESENTAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA SOCIAL .....	27
<b>1.1.1 A Teoria das Representações Sociais como marco teórico da pesquisa científica...</b>	<b>30</b>
<b>1.1.2 A construção do marco substantivo da pesquisa .....</b>	<b>32</b>
1.1.2.1 O conceito de adolescência na perspectiva sócio-histórica, cultural e midiática .....	37
1.1.2.2 O conceito de violência e agressividade na perspectiva das RS.....	54
1.1.2.3 O conceito de Mídia como dispositivo interacional de referência em mutações nos processos sociais midiáticos .....	57
1.2 ARTICULAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA EM RS.....	68
<b>1.2.1 Inquietações e problematização da pesquisa de campo .....</b>	<b>69</b>
1.2.1.1 Hipótese da Pesquisa .....	70
1.2.1.2 Objetivos da Pesquisa.....	72
<i>1.2.1.2.1 Objetivo Geral.....</i>	<i>72</i>
<i>1.2.1.2.2 Objetivos Específicos.....</i>	<i>73</i>
1.2.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados .....	73
<i>1.2.2.1 Tipo de desenho da pesquisa.....</i>	<i>74</i>
<i>1.2.2.2 Unidade de análise .....</i>	<i>75</i>
<b>1.2.3 Enquadramento da pesquisa no campo científico .....</b>	<b>75</b>
1.2.3.1 Categorias: RS, violência/agressividade, adolescência, sexo (masculino e feminino), consumo, DMs, vídeos, internet (YouTube) .....	79
1.2.3.2 Aproximação e localização da amostra da pesquisa de campo .....	79
<i>1.2.3.2.1 Descrição do campo da pesquisa .....</i>	<i>80</i>
<i>1.2.3.2.1.1 Delimitação e descrição da amostra de pesquisa .....</i>	<i>83</i>
<b>1.2.4 Construção das Técnicas de Recolha de Dados .....</b>	<b>84</b>
1.2.4.1 Etapas da pesquisa de campo: processos interacionais entre o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado .....	85
<i>1.2.4.1.1 O uso dos “lírios do campo” como estado de arte científica.....</i>	<i>88</i>
<i>1.2.4.1.2 A técnica da observação.....</i>	<i>97</i>
<i>1.2.4.1.2.1 A observação participante.....</i>	<i>99</i>

1.2.4.1.3	<i>O uso da entrevista como técnica de recolha de dados na pesquisa científica.....</i>	100
1.2.4.1.4	<i>O uso dos Focus Group como técnica da recolha de dados na pesquisa científica</i>	108
1.2.3.1.4.1	<i>Etapas da realização do Focus Group.....</i>	110
1.2.4.1.4.1.1	<i>Fase preparatória dos Focus Group.....</i>	111
1.2.4.1.4.1.2	<i>Processos de recolha e análise de dados .....</i>	112
<b>1.2.5</b>	<b>Análise e tratamento de dados.....</b>	<b>113</b>
1.2.5.1	Processos de aplicação coletiva das entrevistas .....	116
1.2.5.1.1	<i>Coleta e descrição de dados sócio demográficos e familiares dos adolescentes....</i>	119
1.2.5.1.1.1	<i>Profissão dos progenitores paternos.....</i>	131
1.2.5.1.1.2	<i>Profissão das progenitoras maternas.....</i>	132
1.2.5.1.2	<i>Dados sociotécnicos, tecnológicos e interacionais .....</i>	135
1.2.5.1.3	<i>Percepção de fluxos midiáticos de cenas de violência e agressividade entre adolescentes.....</i>	158
<b>2</b>	<b>PARTE II - PROCESSOS SOCIOIDEOLÓGICOS E MERCADOLÓGICOS: DISPUTAS E LUTA PELO RECONHECIMENTO NAS ESFERAS DE CONSUMO E PRODUÇÃO .....</b>	<b>165</b>
2.1	ACIONAMENTO DAS LÓGICAS INTERACIONAIS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS ENTRE OS ATORES: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS .....	170
2.1.1	<b>Formulação, introdução das questões para as discussões nos Focus Group e recolha de dados .....</b>	<b>172</b>
2.1.2	<b>Percepção de três movimentos nas interfaces das lógicas sociocultural midiática. ....</b>	<b>179</b>
<b>3</b>	<b>PARTE III - DISPUTAS INTERACIONAIS NAS ESFERAS DO CAPITAL SOCIOTÉCNICO HISTÓRICO CULTURAL MIDIÁTICO: EMERGÊNCIA DE NOVAS AMBIÊNCIA EPISTEMOLOGIAS.....</b>	<b>185</b>
3.1	A MIDIATIZAÇÃO DA CULTURA: A ENUNCIÇÃO DE POSSÍVEIS NOVAS SUBJETIVIDADE .....	186
3.1.1	<b>A conglomeração dos sujeitos em torno das Redes Sociais em Angola .....</b>	<b>195</b>
3.1.1.1	As práticas de partilha como uma nova forma de representação do mundo na ambiência midiática .....	203
3.1.1.2	Dos usos e apropriações dos DM às enunciações das subjetividades como busca de reconhecimento.....	213
3.2	AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NAS INTERFACES SOCIOTÉCNICO CULTURAL MIDIÁTICA .....	221



<b>3.2.1 A espetacularização e as simulações da violência e agressividade nas práticas sociais midiáticas .....</b>	<b>226</b>
<b>3.2.2 A RS da violência e agressividade na cultura da mobilidade.....</b>	<b>231</b>
<b>FINIS CORONAT OPUS: TÓPICOS CONCLUSIVOS.....</b>	<b>241</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>249</b>
<b>ANEXO A - 1º TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....</b>	<b>278</b>
<b>ANEXO B - 2º TERMO DE CONSENTIMENTO PARA MENORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....</b>	<b>281</b>
<b>ANEXO C - 3º TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE MENORES PARTICIPANTES DA PESQUISA (TAM) .....</b>	<b>284</b>

## INTRODUÇÃO

Para a presente pesquisa elegemos como título “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS ATRAVÉS DOS DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS<sup>1</sup>” e se enquadra no elenco das teses de doutorado apresentadas no Programa de Pós-Graduação do Doutorado em Psicologia, da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales de Buenos Aires, Argentina. A estrutura que sustenta a pesquisa é constituída por três grandes áreas do conhecimento, nomeadamente: a) área das Ciências Sociais Aplicadas; b) a área das Ciências Humanas; e c) a área da Linguística, Letras e Artes.

O tema dessa tese surgiu de uma curiosidade epistemológica em pleno ambiente de pesquisa intitulada “REFLEXÕES PEDAGÓGICAS: DIÁLOGO E AFETO ENQUANTO MOTRIZ PEDAGÓGICO”, para a obtenção do título de mestre em Ciências da Educação, vinculada a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul, 2012). Naquela ocasião, deslocamo-nos para Angola. E, em meio a conversas com os pais e professores do Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela, percebemos duas realidades: consumo excessivo de produtos dos bens da Indústria Cultural, sobretudo das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (internet e os smartphones), e relatos sobre um certo aumento do índice de cenas de violência e agressividade entre os adolescentes. Em um processo tentativo de acompanhar os desdobramentos das questões percebidas nos discursos desses pais e professores, escolhemos como área de concentração o campo da Psicologia e por marco epistemológico a Representação Sociais<sup>2</sup>. (Moscovici, 2003).

A nossa tomada de decisão por este marco fundamenta-se no fato de que com o fim do conflito armado e os processos da democratização a sociedade angolana abriu-se para o mercado industrial das TICs. Estas, por sua vez, ao serem incorporadas no rol das práticas sociais, podem ser assumidas como dispositivos interacionais de referência (Braga, 2012a) e como metáforas de enunciação discursiva das subjetividades nas esferas sociais de produção, recepção e de circulação. (Verón, 1997). Nesse sentido, as questões levantadas sob a ótica dos processos sociais passam a configurar uma problemática de alta complexidade, cuja profundidade exige voltar o olhar para formulação de perguntas que tenham incidências nas novas lógicas, operações e estratégias de produção e consumo nas sociedades em mediatização. A hipótese que formulamos é de que essas novas lógicas instauram um novo regime de estruturação do trânsito dos afetos e de vínculos. E, por último, podem propiciar a construção de “sentidos outros” entre as práticas sociais e entre os indivíduos. E então, mais

do que do falar de mídias, como dispositivo de mediações (Martín-Barbero, 1997), falamos em mídia, que passa ser um novo bios, uma ‘nova realidade’ na perspectiva da Midiatização e dos Processos Sociais parafraseando Luhman (2005), Ferreira (2007), Fausto Neto (2008), Braga (2011a) e Gomes (2017)

Portanto, sob a perspectiva da teoria das RS, elegemos como participantes na pesquisa 80 adolescentes subdivididos em 2 grupos de 40 cada, sendo 40 do sexo masculino e 40 do feminino respectivamente, com a idade dos 14 aos 16 anos, que estudam no Colégio Nossa Senhora da Conceição localizado na Comuna de Benguela, no Município e Província do mesmo nome na República de Angola. A seleção da amostra tem como critério: ser adolescente com a idade prevista na pesquisa, ser aluno do colégio, ser possuidor e usuário de um dispositivo midiático com internet e possuir um canal no YouTube.

Dessa forma, no contexto angolano, pensamos que talvez a problemática da circulação de agressividade entre os adolescentes consista fundamentalmente em estabelecer uma discussão sobre um ambiente, que se constitui e se constrói numa relação dialética tomando um corpo existencial no choque interacional entre duas culturas: um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra e outro na dos usos dos meios, e que desemboca na cultura midiática orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sociotécnicas linguísticas discursivas (Fausto Neto, 2008) da ambiência midiática. Ou seja, relendo Baudrillard (2008) e Bauman (1999), que se dedicam ao estudo dos sujeitos na ambiência do consumo e produção dos bens da indústria cultural, em um processo interacional e considerando as intenções, as ideologias, os valores, as atitudes, as crenças, e os hábitos, a ênfase da nossa pesquisa recai sobre como esses adolescentes, mergulhados na ambiência midiática, são vistos pelas instituições produtoras dos bens da Indústria Cultural midiática; como eles percebem e recepcionam as cenas violentas/agressivas em circulação na ambiência dos bens da Indústria Cultural Midiática; como se vêem nelas e como as representam em suas práticas sociais.

Na presente pesquisa propomos como objetivo geral: estudar as RS sobre a violência/agressividade em adolescentes que acessam vídeos na Internet com conteúdo violento através dos dispositivos midiáticos (Smartphones, Tablets, Notebooks), dentro do contexto sócio-histórico-cultural angolano. Por outras palavras, objetivamos observar e descrever os movimentos de idas e vindas (Braga, 2011a) das significações sobre a circulação midiática (produção, postagem, reconhecimento, retroalimentação e compartilhamentos) da violência/agressividade entre os adolescentes que consomem conteúdos violentos em vídeos na Internet (YouTube). E por objetivos específicos visamos: investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo

feminino), a partir das entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube); verificar nas RS da agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento; observar se houve ou não, especificidade da representação da agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino.

O objetivo presente aqui foi realizar um estudo que transitando transversalmente pela psicologia, comunicação social e sociologia nos permita perceber, segundo Erikson (1972) e Quiroga (2007), os valores, que os sujeitos atribuem as coisas e, considerando as suas crenças e culturas, quais as metas e direções que tomam para as suas vidas. Ou seja, propomo-nos elaborar uma pesquisa que nos permita perceber os lugares sociais desses adolescentes. E para tanto, a consideração dos fatores intrapessoais, interpessoais, e culturais torna-se fundamental visto que por essas angulações o foco da pesquisa são as subjetividades dos indivíduos em tensão entre os conceitos de Mídiação, identidades e Cultura na contemporaneidade. Apoiados em Sodré (2002), estamos supondo que os indivíduos, pela percepção e recepção da cultura midiática, possam enfrentar um processo que permita expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura. Ainda para esse autor, os sujeitos adentrando na cultura midiática se movem através da interface gráfica, de modo que a representação tradicional é substituída pela vivência apresentativa. A partir daqui podemos concluir com Pêcheux (2009) dizendo que a depender das posições sustentadas pelos sujeitos a construção dos sentidos e as formas de representação dos objetos, das palavras, das expressões e das proposições e por aí adiante, sofrem alterações e orientam o sentido de suas ações (Dupuis, 1996) em meio as disputas interacionais de significações (Braga, 2012a). Portanto, essas disputas interacionais de significações, uma vez cristalizadas constituem a materialidade da formação da identidade do indivíduo.

Voltados para a nossa pesquisa e como forma de concretizarmos os objetivos traçados, formulamos as seguintes perguntas: a) como a sociedade angolana, por meio do olhar dos adolescentes pesquisados, está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação e Comunicação?; b) de que forma os adolescentes angolanos usam (consumem), se apropriam e reproduzem em suas práticas os bens da indústria midiática em circulação nas redes sociais?; c) uma vez que as lógicas dos processos midiáticos estão atravessando todos os campos e práticas sociais, como os adolescentes angolanos expressam (leitura/escuta/fala) as suas subjetividades (modo de ser) dentro do seu contexto sócio-histórico e cultural?; d) que

significados os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas sociais?

A nossa pesquisa parte do pressuposto de que a nova ambiência social angolana, fruto de interações culturais (cultura local e cultura midiática), possibilite o surgimento de um impacto na identidade entre os sujeitos, herdeiros de dois conflitos armados (colonial 1961 - 1975 e civil 1976 - 2002). Talvez este fenômeno provoque uma ruptura dialógica, ou seja, um hiato com a constituição sócio-histórico familiar. Que talvez seus avós, pais, irmãos ou algum parente tenha nascido, crescido, participado, vivenciado ou sofrido as consequências de um dos conflitos ou mesmo das duas guerras, ao passo que as novas gerações não tenham participado e/ou vivenciaram nem uma nem outra. As novas gerações que, com o ambiente de paz, da democracia e da abertura ao mercado da produção e do consumo dos bens da indústria cultural das TICs, talvez sejam impelidos a viver e reproduzir os signos da produção e do consumo na nova ambiência criada pela cultura midiática. E para tanto, se no tempo dos seus pais bastava ao capital produzir mercadorias em que o consumo era mera consequência, na nova cultura é preciso produzir os consumidores, é preciso produzir a própria demanda e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias. (Baudrillard, 1985).

Portanto, o sujeito para estar incluído na sociedade precisa ser consumidor. Dessa forma o consumo deixou de ser apenas o resultado da produção, para ter o poder de estabelecer um lugar de legitimidade na sociedade. O sujeito só é reconhecido e recebe o título de cidadão na sociedade de acordo com aquilo que é produzido e consumido nessa sociedade e, conseqüentemente, os que não são consumidores de fato, são excluídos. (Canclini, 1999). O novo modo de ser no mundo de Pedro Gilberto Gomes (2016) passa, portanto, pelo consumo. Ou seja, existir no tempo e no espaço é igual a consumir. Assim, o conceito de consumo “deixa se ter o valor de uso, de utilidade material para primordialmente prefigurar o consumo de signos” (Featherstone, 1995, p. 122) e de status na sociedade, contrapondo-se à concepção tradicional. A circulação dos atos de violência e agressividade, enquanto ações e práticas dos sujeitos, deixa de ser avaliada e compreendida sob o prisma do duplo efeito (causa e efeito), para ser considerada como um conjunto de processos complexos de significação simbólica cultural (Hall, 1997) e interacionais de consequências canhestras<sup>3</sup>.

No contexto angolano, sendo um país pertencente ao terceiro mundo em comparação com os mais desenvolvidos, onde o nível de domínio tecnológico é maior. Uma vez que toda a investigação com os seres humanos oferece riscos, durante e depois da coleta de dados, comprometemo-nos a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar

os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos. Além disso, em hipótese alguma faremos a exposição ou permitiremos que as imagens dos participantes sofram qualquer tipo de assédio, ou sejam usadas sem as suas expressas autorizações e consentimentos. Todos os participantes serão advertidos de seus direitos e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins desta investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum.

Com esta pesquisa, cientificamente visamos contribuir para uma compreensão dessa etapa de vida marcada pelas instabilidades, crises e turbulências (Quiroga, 2007), caracterizada por intensa exploração e múltiplas oportunidades, que variam em função dos diferentes contextos sócio históricos e culturais. Na área social objetivamos auxiliar os profissionais da área de Psicologia, Comunicação Social e da Educação, assumindo uma postura alternativa no estudo da RS da agressividade entre os adolescentes que consomem os vídeos na Internet com conteúdos violentos.

No campo comunitário este estudo permitirá desenvolver ações e saberes para a sociedade angolana, a partir de palestras e treinamentos aos professores e aos pais, como também possibilitar a implementação de políticas públicas e sociais, que estabeleçam uma interação entre os aspectos dos processos midiáticos, da Psicologia e da Educação. Portanto, considerando a dinâmica das constantes inovações tecnológicas em Angola no âmbito dos Meios de Comunicação de Massa (MCM)<sup>4</sup>, sendo que estes envolvem os processos de subjetividade e intersubjetividade, esperamos que essa pesquisa nos possibilite fazer uma reflexão acerca de um tema e nos auxilie na construção de saberes empíricos sobre: como os adolescentes angolanos são afetados pelas lógicas discursivas, e quais as formas dos usos e apropriações dos conteúdos midiáticos que circulam nas mídias através dos dispositivos sócio-técnicos-mediatizados.

Baseados neste desfecho, em meio aos processos interacionais com os aparatos tecnológicos, intensificados pelos circuitos midiáticos em mutações constantes, construímos a hipótese de que o consumo destes conteúdos, dependendo dos contextos sócio-históricos e culturais dos indivíduos envolvidos, possam interferir nas configurações subjetivas e identitárias que, por sua vez, acabem por estabelecer novos modos de ser e de existir (Gomes, 2016) na sociedade em mediatização. Para Fausto Neto (2010), estas configurações orquestram as novas lógicas e novos contratos entre os sujeitos enquanto circuitos geradores de potencialidades (Fausto Neto, 2010), suscitando plataformas interacionais imprevistas. Concluindo cremos que estas alterações possibilitam aos sujeitos novas formas de interação

social. E então, perante o domínio tecnológico e dada à complexidade dos processos de circulação dos conteúdos midiáticos, o estudo sobre a problemática de agressividade em circulação na Internet, sobretudo na plataforma YouTube, exige profundas reflexões.

No contexto angolano, sob a perspectiva das RS, a problemática exige um certo repensar os sujeitos atravessados pela inovação tecnológica dos MCM com o fim do conflito armado. Pois, parafraseando Jodelet (2001) e Moscovici (2003) o acesso aos fluxos circulatórios dos serviços disponibilizados (consumo dos conteúdos e usos das novas tecnologias), pelos processos de intermedialidade, referencialidade, representação, ancoragem e apropriação, existe a possibilidade atribuição de novos sentidos e significados a estes conteúdos e a sua inscrição em plataformas diferentes. Este procedimento abre um foro de disputas e discussão sobre a intensificação processual da subjetivação, da “renovação de identidades” e o questionamento das estruturas familiares, sociais e midiáticas tradicionais. Essa ideia aproxima-nos de pesquisadores ligados às áreas de Psicologia, da Educação e da Comunicação social, para quem os campos e as práticas sociais sofrem alterações com o desenvolvimento dos Dispositivos Midiáticos (Fausto Neto, 2006) e o surgimento da Internet (Braga & Calazans, 2001).

Portanto, no contexto sócio-histórico e cultural da República de Angola, investigar a representação social de agressividade em adolescentes, parece significar um convite a Martín-Barbero (1997) que defendeu a teoria “dos meios às mediações”. Porém, em uma leitura sócio-técnico-tecnológica cultural conjunta, esbarramo-nos em dados que trafegam nas bordas desta teoria. E, dependendo das instituições de produção e de consumo, das mídias e das plataformas onde circulam e os conteúdos disponibilizados percebemos que a teoria dos meios às mediações não dá conta. Isto porque pelos usos e apropriações sócio técnica tecnológica dos bens da cultura midiática, os indivíduos imersos nas esferas de produção, consumo e circulação, das Redes Sociais eles compartilham as suas singularidades. E transformam as redes sociais em espaços de disputas e de trocas simbólicas, por meio do que Braga (2006) chama de “interações sociais”. Uma vez que cada indivíduo vê, lê e interpreta o mundo segundo os seus óculos (Freire, 1989; Sayla, 2012), a ambiência que constitui neste espaço é de embates e contratos de diferentes leituras (Fausto Neto, 2008).

Assim, chamamos atenção para a necessidade de uma escuta atenta na forma como os indivíduos percebem, recebem, assimilam, representam e colocam no fluxo adiante o que os seus sentidos conseguem captar do exterior. Aliás, parafraseando Braga (2012a), a posição de fala já se constitui como uma relação de atenção para uma escuta (possível), que se torna, assim, produtiva”, enquanto “reverberação mútua entre duas escutas e duas falas, de parte a

parte”. Sob estas angulações estudar a representação social da agressividade em adolescentes que consomem conteúdos violento em circulação nas redes sociais (YouTube) parece constituir um processo de rompimento com o esquema tradicional da comunicação, que requer a presença de um sujeito/indivíduo (Emissor) que usando da palavra (Meio), emite a mensagem (Mensagem/Discurso), um outro que percebe e recebe (código) e responde (Receptor). E, no âmbito mercadológico da Indústria Cultural, um sujeito/indivíduo (produtor) através de aparatos técnicos (Meios) produz a mercadoria (produto/objeto) e o outro, o consumidor. Portanto, por meio de disputas e múltiplas afetações na ambiência da midiática e dos processos sociais, estamos objetivando construir uma discussão epistemológica que sustente a ideia de que a produção dos sentidos seja fruto dos processos interacionais e mesmo das construções simbólicas e subjetivas dos sujeitos.

Devido a complexidade do nosso objeto de estudo, prevemos aplicar uma metodologia, que aposte na apropriação e construção de instrumentos e técnica tais como a entrevistas de aplicação coletiva, a criação do Focus Group, a observação e descrição marcos (vídeos) em circulação nas redes sociais em Angola. Inferimos que os conteúdos coletados, tensionados com as teorias já consolidadas no campo científico, será possível verificar as representações sociais nos relatos e nas práticas sociais, enquanto expressões das singularidades dos adolescentes em causa.

Para tanto, esperamos que, após a coleta e discussão dos dados, os resultados permitam desenvolver atividades de debates interdisciplinares, tendo como objetivo a promoção de uma ampla conscientização psicossocial quanto aos conteúdos que circulam na Internet através dos dispositivos midiáticos no âmbito da sociedade angolana, em comparação com os adolescentes dos países desenvolvidos. Na esfera das processualidades midiáticas transglobais, esperamos que os adolescentes angolanos, pelo consumo dos produtos da indústria cultura da Informação e Comunicação, estejam sendo inseridos na ambiência da cultura midiática, e conseqüentemente assumam o papel de atores sociais. E na interface em relação às pesquisas realizadas em outros lugares, no contexto angolano, talvez os resultados nos possam revelar que os sujeitos, que assistem a vídeos na Internet com conteúdos violentos poderão ou não desenvolver novas configurações da agressividade. Ao falarmos do contexto angolano, como condição da confirmação ou a refutação desta hipótese apoia-se nas possíveis dificuldades que poderemos encontrar durante o processo da aplicação coletiva das entrevistas, por exemplo os estranhamentos; constrangimentos; inibições. Aliado a esta dificuldade assoma-se a falta de domínio sociotécnica dos instrumentos a ser aplicados (Focus Group e os observáveis compostos por vídeos que servirão de disparadores das discussões) e



também pelo fato de que talvez estes adolescentes não estejam acostumados a pesquisas deste desenho; pois via de regra, os adolescentes, na sua maioria, não têm suficiente maturidade na escolha, recepção e percepção dos conteúdos midiáticos, e também não sabem utilizar corretamente os dispositivos midiáticos. E, conseqüentemente, além de consumidores passam a reapropriar-se dos bens da cultura midiática e operacionalizar os contrafluxos nas redes sociais, por meio dos usos dos dispositivos Midiáticos. Devido a imprevisibilidade das conseqüências dos conteúdos nos fluxos e contrafluxos sustentamos a ideia de que talvez estes adolescentes, possam reproduzir em suas práticas e discursos atitudes que podem ser classificadas como violentas/agressivas. Com esse desfecho concorda autores tais como Corsini (2004), Costa e Vale (1998) e Ramirez (2001), ao posicionarem que agressividade apresenta diferentes manifestações e que os conteúdos violentos e agressivos, correspondem à um conjunto de atos que potencialmente consistem na capacidade de alguém provocar malefícios, ofensas, prejuízos ou destruições materiais ou morais a outra pessoa ou a si mesmo. Em meio a esses autores, destacamos Feshback & Singer (1971) e Ramirez (2001) que classificam este conjunto de atos em três categorias: agressões físicas – socos, chutes, bofetadas, pauladas, estaladas, mordidas, arranhaduras, machucados, queimaduras e puxões; agressões verbais – uso de palavras humilhantes, pejorativas, vexatórias, xingamentos, críticas, sarcasmos, zombarias, ameaças para intimidar; e agressões sociais (instrumentais ou emocionais) – rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições.

Assim, para acompanhar desdobramentos de todo esse conjunto de processos no contexto angolano, achamos por bem estruturar o texto da tese em três partes.

Na primeira parte composta por dois capítulos, objetivamos construir o caminho aproximativo, analógico e interacional do conceito das representações no campo científico a partir do campo da com filósofo citando autores como Kant (2008), Rorty (1989) e Ibarra e Mormann (2005), no diz respeito à representação entendida como uma manifestação de um fenômeno. Porém sob o ponto de vista crítico da razão kantiana, estamos, em termos epistemológicos, apenas entendendo a representação enquanto conceito que mobiliza discussões múltiplas que talvez tenha com algo que surge das interfaces e entre as realidades vividas e experiências subjetiva dos indivíduos. (Sperber, 1989; Spink, 1993; Castorina, 2007). Na transversalidade do campo da Filosofia passamos para o campo da psicologia e sobretudo, do conceito das RS como marco teórico da pesquisa científica. Em seqüência desenvolveremos discussões teóricas em termos de alguns conceitos-chave que perfazem o marco substantivo da pesquisa.

Após essa discussão teórico epistemológica estabeleceremos articulações metodológicas no segundo capítulo. É ainda neste capítulo que abordamos as questões que se prendem com as inquietações (problema), os objetivos, as variáveis o tipo de desenho, os instrumentos e as técnicas da recolha de dados, as etapas e todos os passos necessários para a pesquisa de campo. Construídas as estruturas pesquisa o terceiro capítulo marcará os passos da aplicabilidade das técnicas durante a pesquisa de campo, da recolha e do tratamento dos dados. Neste capítulo também, a partir dos indícios que ousamos chamar de “lírios do campo” e, fazendo recurso às metáforas, analogias e representações, demos início a construção de inferências indutivas que desembocará no confronto com as teorias no campo científico.

Na segunda parte, composta por apenas um capítulo, tratamos dos processos socioideológicos e mercadológicos e das lutas pela busca do reconhecimento nas esferas de produção e do consumo dos bens da indústria cultural das novas tecnologias. Isso levou-nos, partindo do campo da Psicologia, a tensionar os conceitos que nas interfaces circulam entre os campos da Comunicação Social, da Antropologia, da Sociologia e das Ciências de Educação. O que na verdade nos impulsionou neste capítulo é a busca de “nós” em construção, acerca do nosso objeto de estudo. Por conseguinte, considerando os contextos histórico sóciotécnico tecnológico e cultural angolano, sustentamos a hipótese de que talvez esse tensionamento pode nos permitir a construção de um dispositivo interacional de referência sobre possíveis relações entre as teorias já consolidadas e os relatos e práticas sociais dos adolescentes da amostra da pesquisa. Ou seja, estamos concebendo os relatos e as práticas sociais midiáticas destes adolescentes como o “lócus”, onde eles expressam as suas singularidades e também como espaços de disputas e de trocas simbólicas e interacionais. (Braga, 2006). Portanto, na perspectiva da percepção e recepção, assimilação e representação social, elas são enunciações discursivas das diferentes visões de mundo. Isso implica para nós enfrentar um território de embates que exigem a instauração novos protocolos e contratos de diferentes leituras. (Fausto Neto, 2008). Dada a pluralidade de dessas visões de mundo talvez por meio de uma escuta atenta, escuta ativa, e ou escuta sensível (Rogers, 1997; Barbier, 2008), possamos realizar uma leitura ensaística e epistemológica. Usando metáforas e analogias esta leitura, segundo Leffa (1996, p. 10) deverá basicamente constituir-se em um processo de representação:

Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens

fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Nessa visada, Leffa (1996) introduz na ideia da percepção e recepção algo em circulação como um contrafluxo produtivo. Por consequência, a ideia do autor é de que o contrafluxo tem a sua origem na reverberação mútua entre escutas e falas, de parte a parte, ou seja, a produção dos sentidos sociais é fruto dos processos interacionais, cujas consequências são canhestras na perspectiva da mediação e dos processos sociais.

Já na terceira parte, constituída por dois capítulos, através de atravessamentos e cruzamentos dos dados recolhidos das entrevistas e dos Focus Group e das teorias o nosso, objetivo foi construir novas epistemológicas. Portanto, essas novas epistemologias foram construídas a partir das interfaces das práticas sociais (produção, circulação e consumo) e da ressignificação das cenas de violência e agressividade entre os adolescentes angolanos, durante os processos dos usos e das apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas na sociedade em mediação. Portanto, por meio do uso de metáforas e analogias, objetivamos fazer um tensionamento entre as teorias e os dados coletados dos relatos e as práticas de consumo, compartilhamentos de cenas violentas e agressivas nas redes sociais (YouTube), e construir inferências abduativas sobre a circulação de agressividade entre os adolescentes angolanos na ambiência da cultura midiática.

Por fim vem o *Finis Coronat opus*, como tópico conclusivo. Dito isso, julgamos estar aberto o caminho para os desdobramentos da pesquisa sobre a RS da violência/agressividade entre adolescentes angolanos que consomem os conteúdos com cenas violentas e agressivas na internet através dos dispositivos midiáticos.

## **1 PARTE: MARCO EPISTEMOLÓGICO E DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS**

Falar em marco epistemológico remete-nos a filosofia da ciência, sobretudo ao positivismo de Comte, cristalizado no século XIX, mas muito vivo e presente na pesquisa e no ensino científico em pleno início do século XXI. Assim, Japiassu (1992), em *Introdução ao pensamento epistemológico*, às questões propostas por Comte tudo o que diz respeito as ciências, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, constituem a própria verdade, reduzindo assim a importância da filosofia.

### **1.1 APORTES CONSTITUTIVOS DO CONCEITO DAS REPRESENTAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA SOCIAL**

Este capítulo configura-se como um processo tentativo de “experimentalizar de uma forma contínua o que se origina de uma situação de encontro” (Aulagnier, 1975, p. 30) dialógico com o conceito de Representação. A alusão a esse diálogo abre-nos espaço para perseguir a escolha de uma visão, de um caminho. Porém, como afirma Heidegger (2006, p. 15), este caminho “não é o único caminho”. Na proposição desse encontro dialógico exige-se dos caminhantes o domínio não só do caminho, mas também para onde leva este caminho. Destarte, propomos como objeto do caminho o conceito de representação.

Na visão de Maldavsky (1977, p. 27), o conceito de representação poderia ser abordado sob quatro perspectivas:

- 1) representação como equivalente à percepção, isto é, como apreensão de um objeto presente no campo perceptual;
- 2) representação como reprodução consciente de percepções passadas, isto é, como lembranças;
- 3) representação como antecipação de eventos futuros a partir da combinação de percepções prévias, isto é, representação como imaginação;
- 4) representação como composição na consciência de percepções não atuais, isto é, como imaginação ou, inclusive, alucinação.

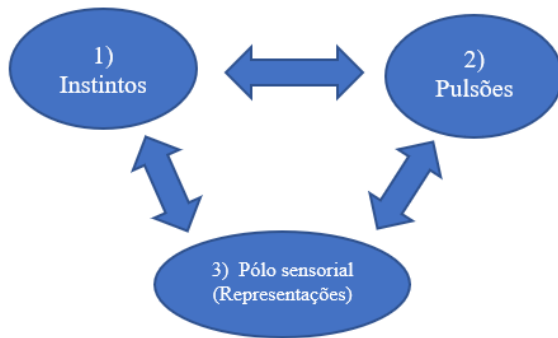
A partir da perspectiva do autor, podemos definir a representação como uma coisa que se manifesta, que se representa ou a reprodução do que se pensa. Ou seja, ela seria a manifestação da coisa em si, do número/objeto, segundo Kant (2008), apreendida pelos sentidos, pela imaginação, pela memória e ou pelo pensamento. Para a mesma direção nos apontam os escritos de Hegel (1995) quanto a dialética entre fenômeno/coisa em si e a representação/manifesteração por meio de uma lógica que segundo ele, apresenta três lados: “a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente racional”. (Hegel, 1995, p. 159). Dando sequência, para o autor

esses três lados não são partes da Lógica, e sim momentos do todo lógico-real. Por essas angulações concluímos que são todos os lados que constituem o fenômeno enquanto tal. Ou seja, ele não depende da sua manifestação para existir. Mas é a manifestação que depende de um fenômeno. É, portanto, retomando o pensamento de Maldavsky (1977), nesse sentido que se torna possível perceber a dialética entre a sua representação e apresentação.

Desta forma, para o autor a representação surge a partir da percepção e pode gerar alucinações e representações, uma vez constituídas em sistemas, como sugere Freud (1950/1988) na carta 52. Nesse sentido, Maldavsky (1977, p. 28) privilegia o sentido etimológico da palavra alemã “Vorstellung (reapresentação), ou algo que se coloca entre o sujeito que percebe e a coisa do mundo”. Em outras palavras, as representações podem “organizar os estímulos sensoriais em entidades coerentes e com sentido”. Já Aulagnier (1975, p. 23) vê a atividade de representação estabelecendo uma semelhança com os processos orgânicos do metabolismo: “o material que se incorpora com o objetivo de torná-lo homogêneo à estrutura incorporadora é um elemento de informação e, em última instância, não poderá exceder a capacidade estrutural de cada sistema”. Contudo, Freud (1950/1988) no esboço da Carta 52, as representações são organizadas por meio de apresentações do universo sensível e passam a ser “essencialmente abstratos e somente podem ser inferidos por sua eficácia”. (Maldavsky, 1986, p. 94-95). Para Maldavsky os instintos possuem características distintas em relação as pulsões apesar de serem provenientes de uma fonte comum. “O primeiro põe em cada indivíduo da espécie um selo igualador; o segundo, em cambio, implica diferenças; o primeiro gera desenlaces, resulta estruturante, ordenador do psiquismo; o segundo constitui uma exigência de trabalho para o aparelho anímico”.

O autor parte do que Freud (1918/1988, p. 108) diz na obra *Homem dos Lobos* sobre os “esquemas congênitos que, como categorias filosóficas, ordenariam as impressões vitais. Sustentaria a hipótese de que são precipitados da história humana”. E, se para Freud (1915a/1988; 1918/1988; 1916/1988) o instinto constitui o núcleo do inconsciente, para Maldavsky (1986, p. 95), a eficácia do instinto como ordenador do sistema representacional, manifesta-se através de duas verdades: “pulsional e sensorial”. Nesse caso, “as fantasias primordiais seriam esquemas formais para as vivências e conteúdos para as pulsões, numa interação dialética permanente entre forma e conteúdo”. Porém, sempre considerando as duas verdades, cada uma delas “impõe a estrutural relacional que lhe é própria aos elementos que representa, lei segundo a qual funciona a psique”. (Aulagnier, 1975, p. 26). Nessa ordem de raciocínio, as representações passariam a apresentar uma estrutura/esquema composta por três esferas em múltiplas afetações.

**Figura 1: Esquema com as três esferas de afetações**



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em termos aproximativos, a primeira esfera (Instinto), conforme dito acima, corresponde a esfera provedora dos conteúdos (fantasias primordiais); a segunda (Pulsões), obedece ao princípio de excitabilidade dos sistemas não investidos, mas se torna operante quando investido de dentro (Freud, 1917/1988; 1920/1988; 1925/1988) visando a busca do objeto; e por último está a terceira esfera, correspondente ao polo sensorial. Segundo ele, este também é responsável pela estruturação da representação.

Vemos assim que, a partir da estrutura relacional inferida de proposta de Aulagnier (1975), com a falta de uma das três esferas a representação não se organize, pois ela é constituída por meio dos fragmentos e feixes apreendidos dos atravessamentos múltiplos de ambas as esferas. Dessa forma, os processos conscientes de pensamentos, entendidos por Freud (1923/1988, p. 21-22) como “deslocamentos energéticos dentro do aparelho psíquico” apenas podem ser processados por meio das representações. Ao contrário, o não acesso aos sistemas da consciência e do pré-consciente pelas representações resultaria nos pensamentos inconscientes (Freud, 1900/1988; 1911/1988; 1912/1988; 1915a/1988; 1923/1988). Ou seja, para Freud (1911/1988) fica claro que “o processo do pensar se constitui desde o representar”.

Maldavsky (1977) baseado na teorização de Freud sobre a construção das estruturas psíquicas e do ato de representar até o ato da fala (que não nos cabe aqui teorizar sobre isso), afirma que, “a experiência formadora da respectiva representação é fundamentalmente passiva, pois a recebemos da cultura, onde o caráter reprodutivo ativo é o subsequente”, Maldavsky (1977, p. 42-43) a representação-palavra apenas poderá atingir a sua constituição ativa se a adotar um sistema que associe “às imagens cinestésicas e acústicas da palavra”. Para ele, este sistema é consiste na “inserção das imagens visuais das letras, obtidas com o soletrar e a imagem da totalidade da palavra” em vista a leitura e a compreensão em si da palavra.

O ponto de vista de Maldivsky força-nos a atribuir a essa leitura e compreensão o significado de mundo por meio do conceito de ancoragem e objetivação de Moscovici (2003). E então com Sá (1998, p. 24), partamos em demanda de uma teoria cuja proposição seja a de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto). Ou seja, não podemos falar em representação de alguma coisa (objeto, corpo, palavra) “sem especificar o sujeito - a população ou o conjunto social - que mantém tal representação. Da mesma maneira, não faz sentido falar nas representações de um dado sujeito social sem especificar os objetos representados”.

Por aqui é possível identificar algo semelhante ao que afirma Aulagnier (1975) sobre o objeto/conteúdo metabolizado pelo processo originário, inicialmente, proveniente da relação com a mãe que, constitui um fragmento do mundo. Ou seja, considerando os contextos sócio-histórico e culturais, o trabalho psíquico e o processo da interpretação apenas se apropria de um conteúdo marcado pelo princípio da realidade, metabolizando-o em um objeto modelado pelo princípio do prazer que é o objeto representado.

Neste sentido, escolhemos descrever a representação social de agressividade em adolescentes angolanos, por meio de uma escuta possível, de uma leitura e interpretação da realidade sócio-histórico e cultural de Angola. Desta maneira a representação passa a corresponder ao conjunto de impressões sensoriais que o sujeito percebe e recebe, através da cadeia associativa (Moscovici, 2003) entre o mundo interior e o exterior.

### **1.1.1 A Teoria das Representações Sociais como marco teórico da pesquisa científica**

Como teoria as representações sociais (TRS), foram introduzidas no campo da Psicologia Social por Serge Moscovici (2003), que as concebeu como “conceitos perdidos” e “entidades quase tangíveis que circulam, entrecruzam-se e se cristalizam continuamente, através de palavras, gestos, ou de reuniões, no mundo quotidiano”. (Moscovici, 2003, p. 10). Na percepção e construção do autor, elas aconteceriam em um complexo processo equivalente ao de “idas-e-vindas” entre os diversos campos sociais, parafraseando Braga (2011a) e constituem-se como “uma forma de conhecimento prático que conecta um sujeito a um objeto e servem para os sujeitos agirem no mundo e nos outros”. (Moscovici, 2003, p. 21). Neste sentido, via representação “o conhecimento pode surgir de “onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão e satisfação ou frustração” (Moscovici, 2003, p. 09). Por estas angulações, as RS designam uma operação mental de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação intersubjetivo. Nesse sentido, a RS tem a função de organizar os sistemas de valores, ideias e

práticas com uma dupla função: o estabelecimento de uma ordem que capacita os indivíduos (sujeitos), para se orientarem e dominarem o seu mundo social (objetos), e a facilitação da comunicação (interações) entre membros de uma comunidade.

Jodelet (1985) define a RS como modalidades de saberes práticos, orientadas para a comunicação e compreensão do contexto social, material e ideativo. Trata-se de saberes construídos através de associações, de operações mentais e de compartilhamentos de imagens, conceitos, categorias e teorias implicadas na construção de uma realidade comum. A RS consistiria numa série de proposições e processos que possibilitam a classificação, descrição das características dos objetos e a explicação dos sentimentos e ações objetivados pelos sujeitos. Esse processo pode converter-se em categoria e integrar-se à grade de leitura do mundo já conhecido pelo indivíduo. Trata-se de “compreender e comunicar o já sabido” (Moscovici, 2003, p. 46), instrumentalizá-lo e, ressignificá-lo dando-lhe novo sentido, a partir de sistemas de valores, ideias e práticas duplamente:

Estabelecer uma ordem que possibilite as pessoas orientarem-se em seu mundo material e social e controlá-los; possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (Moscovici, 2003, p. 21).

Moscovici (2003, p. 56) introduz o conceito familiar e não familiar, afirmando que “a presença real de algo ausente, a exatidão relativa de um objeto é o que caracteriza a não familiaridade”. Algo parece ser visível sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível, e, no entanto, ser inacessível. Consequentemente, o “não familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, alarma-as, obriga-as a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”. (Moscovici, 2003, p. 56).

Entretanto, estas hipóteses podem funcionar como uma espécie de manipulação do pensamento e da estruturação da realidade, tornando-se semelhantes aos métodos de controle comportamental e de propaganda, que exercem uma coerção forçada em todos àqueles a quem estão dirigidos. Nos processos de representações, “as coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário assume a realidade de algo visto e tangível”. (Moscovici, 2003, p. 61). Então, o não familiar se transforma em familiar, transferindo-o para a esfera particular, onde se compara e se interpreta, e se reproduz em coisa visível, tocável e controlável.

A TRS acarreta duas consequências: 1) Exclui a ideia de pensamento ou percepção que não possua a ancoragem, pois “todo o sistema de classificações e relações entre sistemas



pressupõe uma posição específica, um ponto de vista baseado no consenso”. (Moscovici, 2003, p. 70). 2) Os sistemas de classificação e de nomeação não são simplesmente meios de graduar, e de rotular pessoas ou objetos considerados como entidades discretas. Os sistemas classificatórios visam “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade e formar opiniões”. (Moscovici, 2003, p. 70).

As representações parecem mostrar-se semelhantes às teorias ordenadas ao redor de “uma série de proposições que possibilitam a classificação, descrição das características dos objetos e a explicação dos sentimentos e ações objetivados dos sujeitos”. (Moscovici, 2003, p. 209-210). Assim, objetivar significará descobrir a qualidade icônica de uma ideia, imagem ou conceito produzido por alguém; comparar uma ideia com a outra, representar algo como enchê-lo de conteúdo. Isto significa construir a subjetividade do indivíduo, já que as representações “são partilhadas, penetram e influenciam a mente subjetivamente, não são pensadas por eles, elas são repensadas, recitadas e representadas”. (Moscovici, 2003, p. 37).

Jodelet (1992, p. 377) supõe uma base de representação partilhada coletivamente. O indivíduo realiza a integração cognitiva do objeto representado, que possibilita a significação, ressignificação, e a construção de “novos elementos numa rede de categorias e significados mais familiares”, via processo de ancoragem. Esse processo intervém nas relações simbólicas existentes no grupo social que representa o objeto por meio de três modalidades:

A ancoragem do tipo psicológico que diz respeito às crenças ou valores gerais que podem organizar as relações simbólicas com o outro; A ancoragem do tipo psicossociológico que inscreve os conteúdos das representações sociais na maneira como os indivíduos se situam simbolicamente nas relações sociais e nas divisões posicionais e categoriais próprias a um campo social definido; A ancoragem do tipo sociológico que se refere à maneira como as relações simbólicas entre grupos intervêm na apropriação do objeto. (Doise, 1992, p. 189).

Os sujeitos interagem com os objetos pela ancoragem, e enfrentam “zonas de interpenetração e contato” (Fausto Neto, 2010; Luhmann, 2005) complexas no ato representacional da realidade social. Aqui o aspeto social é assumido como metáfora de uma sombra que abriga um objeto (produto de consumo) em circulação midiática.

### **1.1.2 A construção do marco substantivo da pesquisa**

A realidade social enquanto sombra que abriga o objeto da pesquisa sobre a RS da agressividade em adolescentes que consomem os produtos da cultura midiática, permite-nos estabelecer uma relação dialógica com os autores dos campos das ciências sociais e humanas.

Supomos que talvez, tanto num quanto no outro campo, estabelecem entre os indivíduos, aqueles processos interacionais que, no âmbito da circulação mercadológica do capital da Indústria Cultural, Castells (1998) e Braga (2012a) designam de sociedades dos fluxos e contrafluxos midiáticos. Nestas sociedades os indivíduos são transformados em cidadãos do mundo global e trafegam por todas as esferas (produção e consumo) em todos os sentidos. Na visão de Canclini (1998), Ferreira (2007), Fausto Neto (2008) e Braga (2012a), em nome da produção, da circulação e do consumo eles enfrentam uma zona cinzenta, onde os indivíduos transitam entres diferentes esferas: da esfera de produção passam para a de consumo; de sujeito para a de objeto. Do mundo de negócios passam para o das ferramentas interpretativas; das áreas especializadas e específicas e àquelas amadoras e vice-versa; das esferas privadas as esferas públicas; do mundo subjetivo ao mundo objetivo; da cultura nacional à cultura internacional. Nesta dinâmica interacional, contínuo e em uma velocidade frenética, estariam sujeitas tantas outras variáveis importantes da vida nas sociedades em mediação.

Perante as mutações de papéis sociais, cremos que as RS, revestidas de uma roupagem interpretativamente pluridimensionais, interligam os mundos subjetivo e objetivo, torna-se símbolo de referência comum. Ou seja, sem a pretensão reducionista, mas, na perspectiva interdisciplinar e dos processos interacionais, as RS, nas sociedades dos fluxos mercadológicos dos bens da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, 1985) a balizam os diferentes contextos, as trocas simbólicas e todas as práticas sociais através dos processos de significação, atribuição de novos sentidos aos objetos, criando novas realidades sociais e, no contrafluxo. (Braga, 2012a). Assim, por meio dos usos das ferramentas as redes sociais, sustentarem hegemonicamente o mercado e a acumulação do capital como afirma Marx (2009, p. 690):

O capitalista é respeitável apenas quando personifica o capital. Nessa função, partilha com o entesourador a paixão da riqueza pela riqueza. Mas o que neste é mania individual, é naquele uma resultante do mecanismo social. O capitalista é apenas uma das forças propulsoras do mecanismo social. Além disso, o desenvolvimento da produção capitalista torna necessária a elevação contínua do capital empregado num empreendimento industrial, e a concorrência impõe a cada capitalista as leis imanentes do modo capitalista de produção como leis coercitivas externas. Compele-o a expandir continuamente seu capital, para conservá-lo, e só pode expandi-lo por meio da acumulação progressiva.

Para se reproduzir, o capital precisa continuamente percorrer e reiniciar um circuito composto por uma sucessão de etapas que se integram em uma única totalidade: a produção propriamente dita, a troca, a distribuição e o consumo. Na ambiência midiática as lógicas e gramáticas de produção propriamente dita, as trocas, a distribuição (circulação) e o consumo

passam ser as metáforas de status e a configurarem-se em processos centrais da comunicação entre os indivíduos (atores sociais) e da circulação do capital entre as esferas públicas e privadas, através da publicidade.

É nesta ambiência as transportamos para o campo da Psicologia e em forma de RS, podem ser estudadas como elementos coletivos, publicitados, comunicados repetidamente e distribuídos igualmente numa determinada formação social. E não só, na interdisciplinaridade elas podem corresponder as representações culturais, que Lévi-Strauss (1976, p. 19), define como “conjunto de “regras simbólicas, entre as quais se encontram, em primeiro lugar, a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”. Deste conjunto de regras se ocupam os estudiosos do campo de Antropologia. Todavia, o assunto das representações vai além Antropologia e aporta no campo da Epidemiologia, uma disciplina interessada na distribuição das representações em uma determinada população parafraseando Sperber (1989).

Relendo este autor podemos inferir que talvez seja consensual que o conceito de representações tenha a ver fundamentalmente com dois aspectos: subjetividade e objetividade no ambiente da midiatização. Sendo que na subjetividade, a representação esteja vinculada a maneira como o conteúdo dos objetos (produtos) pensados são representados ao espírito dos consumidores. Por sua vez na objetividade, a representação define-se como a capacidade que as mentes têm de tornar presente um objeto do pensamento por intermédio de analogias, metáforas e símbolos. Neste sentido, na perspectiva da circulação mercadológica do capital midiático e da indústria cultural das novas tecnologias da informação e comunicação, as representações permitiriam os fluxos e contrafluxos nas esferas de produção e consumo, dos bens e das trocas e disputas simbólicas entre os diferentes campos. (Adorno & Horkheimer, 1985; Baudrillard, 2001; Sodré, 2002; Ferreira, 2006; Braga, 2012a).

Por aqui, vemos que o estudo sobre as RS exige um olhar retrospectivo que passa necessariamente pela grande interrogação filosófica milenar sobre “quem é o homem?”. Para tanto, é fundamental a adoção e aplicação de instrumentos e técnicas que possibilitem tentativamente aproximar-se das subjetividades dos adolescentes que compõem a amostra por meio dos dados que serão recolhidos. Nosso objetivo é ir na direção que nos permita recolher dados que nos ajudem a perceber elementos constitutivos dos lugares de fala e das práxis vividas, no cotidiano, pelos adolescentes que consomem conteúdos em circulação nas redes sociais. Assim como Sartre (1984, p. 151) também cremos que talvez o homem se caracterize “antes de tudo pela superação de uma situação, pela que ele chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação”. Relendo o pensamento

deste autor parece-nos que na busca da superação o homem enfrenta um processo que implica recusas e realizações, manutenção do seu passado, porém aberto ao novo, à transformação. Dito de outra forma, em função do seu futuro, o homem pode definir-se como, um ser, baseado no seu passado, porém, voltado para o devir. Ou seja, levando em consideração o contexto sócio-histórico e cultural ele compreende um projeto em mutações constantes. Sem deixar de ser o que é, de homo sapiens passa para homo (res) cogitans do filósofo Descartes (1979), e para o sujeito da cultura midiática: compro/consumo logo existo.

O sujeito, pelo uso da razão e a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações que o torna exigente, apesar de as ver ser em forma de simulacros. Estas significações aliadas aos fluxos das suas práticas permitem-lhe singularizar, os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo a ponto de dar sentido as posições que ocupa na sociedade, como sujeito e reafirma a sua inteligibilidade ontológica que vai sendo revelado por perspectivas à medida em que se afirma “ser o que não é e não ser o que é” (Sartre, 2000, p. 194) simultaneamente. Assim, em cada enunciado (discurso e ação) ou significação é possível “encontramos aí o homem total objetivando-se num determinado sujeito” (Maheirie, 1994, p. 122) que seja ele midiático ou não. Ademais, as significações podem traduzir os acontecimentos do passado, do presente e as expectativas futuras. Segundo Heller (2000, p. 20), o processo dialético entre envolvendo as significações (significante / significado = sujeito / objeto) está “no ‘centro’ do acontecer histórico”, como a “verdadeira essência da vida social”. Ao falarmos da “essência da vida social”, estamos apelando pela constituição identidade singular e coletiva, entendidas em uma dimensão temporal. Esta por sua vez implica a existência vincular, relacional e conflitiva que envolve o passado, o presente e o futuro. Por outras palavras inferimos que as identidades dos indivíduos, quer singulares quer coletivas, talvez sejam inventadas e construídas nas interfaces entre oposições, conflitos e, em um processo aberto de dois “eus” em negociações. Ou seja, entre o “eu” do significante e o “eu” do significado, o “eu” do sujeito e o “eu” do objeto, o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado.

Estamos objetivando adotar uma a postura do pesquisador, chamado por Guareschi (2008) de pesquisador-bricoleur. Segundo esta autora, esta postura consiste no fazer uso de um referencial teórico de análise e compreensão do seu objeto de estudos a partir diferentes disciplinas. Esta postura requer destreza teórica particular, pelo fato utilizar diferentes procedimentos e intersectar várias áreas do conhecimento dentro das ciências humanas e sociais. Portanto, parafraseando, Johnson (1986) estudar as RS, nos ancora aos estudos culturais, como campo de diferentes saberes na produção e construção conhecimento entre os

indivíduos. Isto exige voltar o nosso olhar para os contextos históricos e as subjetividades das pessoas como orquestradoras das práticas sociais, cotidianas e sócio culturais. (Trindade, 1998; Bourdieu, 1987, 1990; Braga, 2006). Na visão destes autores, o sentido das ações mais pessoais e mais transparentes não pertence ao sujeito que as perfaz, senão ao sistema completo de relações nas quais e pelas quais elas se realizam. Ou seja, fazendo referência a Bourdieu (1987) os sentidos passam a ser disposições socialmente constituídas e por isso prenes de capacidades geradoras. E o sujeito nas interações com os contextos sócio-histórico e com os objetos (produtos), adquire uma estrutura dinâmica que pode ser condicionada e condicionante ao mesmo tempo. Continuando o autor é do parecer de o indivíduo derive da dupla imbricação entre as “estruturas mentais” dos agentes sociais e as estruturas objetivas (o “mundo dos objetos”) constituídas pelos mesmos agentes. As primeiras instituem o mundo inteligível, que só é inteligível porque pensado a partir das segundas. A reciprocidade da relação estabelece um movimento perpétuo, um sistema generativo autocondicionado - o habitus - que busca permanentemente se reequilibrar, que tende a se regenerar, a se reproduzir.

Nesta ordem de ideias, qualquer pesquisa que se pretenda fazer deve ter como interesse central a percepção das intersecções entre as estruturas sociais, os grupos sociais, a cultura, a história e as relações que os indivíduos constroem e passam a ser construídas por elas. Isso equivale a fazer uma investigação dos processos das formas como os sujeitos se compreendem a si mesmos dentro da cultura e como o conhecimento acerca do social, do indivíduo corporificado e dos significados que estes compartilham em grupos/comunidades específicas são produzidos nos diferentes momentos históricos. Todavia, como afirma Meyer (1999, p. 59) embora se sustente a produção discursiva do social e dos sujeitos, não se nega a participação material de pessoas, coisas e eventos. Mas que, em uma visão dos fluxos discursivos, estas não têm em si significados fixos e sim flutuantes:

Elas significam e se tornam verdadeiras somente dentro, ou pela articulação, de determinados discursos enraizados em contextos particulares e localizados. É o discurso, e não o sujeito ou a instituição social que o assumem, que produz conhecimento. Estes (sujeitos e/ou instituições) podem estar produzindo textos particulares, mas estão operando dentro dos regimes de verdade de um período e cultura particulares. (Meyer, 1999, p. 59).

Os seus significados dependem das relações estabelecidas com outras esferas e sobretudo da capacidade que os sujeitos sociais têm, de manifestar diferentes práticas simbólicas, situadas em um determinado contexto histórico (ideologia na produção, na circulação e no consumo de produto). Este nível de pensamento abre espaço para

compreender a realidade que os indivíduos constroem suas relações como os outros ou objetos, no sentido de percebermos que essas não são somente interpelados por uma ideologia dominante, mas também resistem a ela e se mobilizam produzindo novos sentidos e buscando mudanças. Portanto, inferimos que o nível de compreensão do discurso como produção de sentidos e manifestação de diferentes práticas simbólicas, deve ser entendido como a própria ação social do sujeito e historicamente construído. Dito de outra forma a partir das relações e da leitura que o sujeito faz do mundo onde vive, ele não produz significações abertas ao mundo, mas ele passa a ser significativo ao reproduzir e vivenciá-lo em suas condições de singularizar e humanizar os objetos coletivos do mundo.

Neste caso as RS passam a ser um processo pelo qual as significações do sujeito, aliadas às suas ações o compõem e o vão revelado por cada uma das suas perspectivas. Ao admitirmos o conceito de processo, concebemos os acontecimentos, os objetos e as relações entre os indivíduos como dinâmicos, em evolução e em mutações contínuas, cujos ingredientes agem uns sobre os outros em afetações mútuas e de cumplicidade complexa. (Fausto Neto, 2008). Por isso, acolhendo o proposto por Sousa (2006, p. 28), assumimos o conceito de RS como aquela expressão que “designa um fenômeno contínuo [...] com sua evolução interacional” na ambiência da midiatização.

No contexto desta pesquisa, fazendo recuso ao pesquisador Braga (2011a) que propõem as “idas e vindas”, entre os diversos campos e práticas sociais como um dos caminhos (método) na escuta e leitura do mundo dos sujeitos em interação com a cultura midiática. Esta portanto, traçado o caminho para a aproximação dos marcos subjetivos. Porém este precisam confrontar-se com as inquietações que devem operacionalizar as variáveis desta pesquisa: adolescência, agressividade e mídia, concebido este último, como conjunto de aparatos sócio técnico, tecnológico e cultural. Em um processo tentativamente bibliográfico passaremos agora a pontuar algumas considerações a respeito de cada uma das variáveis.

#### 1.1.2.1 O conceito de adolescência na perspectiva sócio-histórica, cultural e midiática

No contexto da sociedade angolana, a pesquisa sobre o conceito de adolescência, tem como marco de partida, os dados salientados pelo relatório do Fundo Populacional das Nações Unidas (UNFPA, 2016). Este relatório aponta que, a população dos 0 aos 14 anos e dos 15 aos 24 anos de idade, constituem a maioria da população não só em Angola, mas também em quase toda África. Indo a diante, no mesmo relatório consta que, em termos representacionais, esses grupos etários correspondem cerca de 65% da população residente, contrapondo-se abismalmente à 2% da população de idosos de 65 anos, aproximadamente. O relatório da

UNFPA reconhece, ainda a República de Angola como um dos países da África Subsaariana com grande reservatório de talentos jovens, com oportunidades de renovar o capital sócio-técnico-económico, e com perspectivas futuras de desfrutar do bônus nos próximos 15 a 20 anos.

Baseados neste relatório, podemos conceber o conceito de adolescência como algo que se estabelece na sociedade de uma forma dinâmica, relacional e dialética (Bock, 2004, p. 69). Isso implica acreditar no pressuposto de que “o psiquismo humano se desenvolva através dos processos de inserção na cultura, pelas relações sociais e internalize as atividades sócio-subjetivas, historicamente enraizadas e desenvolvidas”. (Leontief, 1978, p. 79). A constituição da subjetividade pode resultar do processo de síntese dialética, no qual concorram as condições objetivas e subjetivas de existência. Para Furtado (2001, p. 58), a constituição da subjetividade:

É um processo singular que nasce da dialética entre sujeito e meio, definido pelas ações e mediante as quais a história pessoal e a do meio confluem numa nova unidade que apresenta uma configuração subjetiva (relativa ao sujeito) e objetiva (relativa as bases econômicas e sociais) concomitante.

A ser assim, o conceito de adolescência passa a ser fruto da criação do sujeito e da sua interação com os fatos sociais que vão surgindo “nas relações sociais e na vida material dos homens. Ou seja, o conceito de a adolescência compreenderá, neste uma construção de cunho social e como significado, torna-se uma possibilidade para os jovens (e não-jovens) que Bock (2004, p. 40) descreve como sendo uma forma de identidade social.

Por sua vez, Aberastury e Knobel (1989, p. 28-29) entendem o conceito de adolescência como moratória e postulam-na como a “Síndrome da Adolescência Normal”, não patologicamente, mas um conjunto de aspectos universais da adolescência, tais como:

A busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; a necessidade de intelectualizar e fantasiar; a crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; a deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; a evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; a atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversas intensidades; as contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; a uma separação progressiva dos pais e; as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

Na construção do sujeito parecem imprescindíveis as relações estabelecidas entre mundo social e cultural. Quiroga (2007) apresenta três etapas do desenvolvimento da

adolescência: cronológico, biológico e antropológico e, afirma: “o fenômeno da adolescência apresenta-se incerto”, porque “toda a estrutura social é sustentada por uma cultura e esta por sua vez determina aquela”. Isso faz com que “cada cultura imponha ritos e regras sobre quando começa e termina a adolescência”. (Quiroga, 2007, p. 25). E, para tanto ela apresenta dois aspectos fundamentais: a) cronológico esquematizado em: “adolescência temprana” (8 aos 15); “a adolescência média” (15 aos 18) e a “adolescência tardia” (18 aos 28), anos respectivamente (Quiroga, 2007, p. 20); e b) aspecto antropológico: na estrutura social, a adolescência diz respeito a um tempo histórico e a um espaço geográfico. No contexto desta pesquisa, interessa-nos a fase de “adolescência média”, por marcar a estabilização do processo de crescimento e permitir ao adolescente sair de casa em busca do outro, mediante um processo de deslocamentos de investidas libidinais do corpo em direção ao objeto.

Como processo de deslocamentos e de investidas, o conceito de adolescência configura-se como época de transição, de disputas e passível de influências sociais importantes. Pode inclusive, por analogias corresponder ao que Erikson (1976) chamou de uma crise normativa e necessária para o desenvolvimento psicossocial, interdependente, tanto das crises anteriores, quanto das posteriores dirigida tão somente para a construção da identidade versus confusão de papéis. Já para Bock et al. (2001), na linha de Quiroga (2007), o conceito de adolescência, como uma fase natural fixa do desenvolvimento não existe. Para estes autores o conceito é concebido e construído mediante os padrões sócio históricos e culturais que lhe deu origem.

Neste sentido, parafraseando Hall (2000), o conceito surgiria das interfaces ou interações comunicativas, enquanto tentativas de rearticular as relações entre os sujeitos, suas crenças, seus valores, suas ideologias, suas necessidades e suas práticas discursivas em vista a construção da identidade. Sob uma visão transversal, pelo que até agora vimos, leva-nos a pensar que talvez estudar o conceito adolescência no âmbito das RS depende de um emaranhado de fatores de origens diversas: alguns de ordem subjetivos, e psicológicos, outros de ordem histórica e aqueles de social.

No campo dos estudos sócio-histórico cultural e midiática, para Hall (1997; 2000) e Ferreira (2006) o conceito de adolescência corresponderia as formas como ele é apresentado. Ou seja, de forma mais ampla, como os adolescentes são concebidos e produzidos, como eles se percebem e se concebem, isto é, segundo Moscocivi (2003), através dos processos de ancoragem e objetivação, como eles pela significação representam em suas práticas discursivas o que a sociedade produz a cerca deles. Neste sentido, o recurso às metáforas e as representações pode ser concebido como uma das práticas centrais e um dos construtos



políticos nos processos de trocas simbólicas sócio culturais entre os indivíduos. Relendo os autores citados, a representação passa a ser uma construção social, realizada através do compartilhamento de um mapa conceitual.

Na ambiência da midiaticização, este mapa conceitual corresponderia às lógicas e as ideologias que se prendem com a produção, circulação e consumo dos conteúdos dos bens da cultura midiáticos. Assim, à medida em que ocorrem as interações comunicacionais os indivíduos (produtores e consumidores) estes bens vão sendo significados e tornados familiares e se configurando em bens culturais atribuindo novas identidades aos sujeitos. Vale, porém, lembrar que se trata de um trabalho que exige do investigador um certo lidar com as memórias subjetivas ou individuais ou coletivas, conforme destaca Albuquerque Júnior (2007, p. 199). Há aqui, portanto, que uma questão que exigirá o aprimoramento quanto à relação e distinção conceitual entre história e memória. Segundo este autor, este trabalho demandam um melhor preparo com relação aos fundamentos teóricos e metodológicos para sustentar a construção do conhecimento histórico.

Norteados pelas RS, considerando o objeto da nossa pesquisa e os instrumentos metodológicos escolhidos, Albuquerque Júnior (2007) oferta ao nosso trabalho algo semelhante à manipulação das memórias, uma atividade inerente ao ofício do historiador. Porém, sem a ingenuidade sobre os riscos que corremos, bem como dos equívocos que precisamos evitar na hora de descrever os discursos dos indivíduos como se fossem realidades individuais absolutas. A metáfora da manipulação da memória pode ajudar-nos no estabelecimento de um contraponto em relação aos contextos sócio históricos e culturais que envolvem os adolescentes que compõem a amostra da pesquisa. Este contraponto nos aproxima de Halbwachs (2004, p. 53-55) e passar a entender as memórias individuais sob o ponto de vista da memória coletiva. Ademais, para este autor, apesar da existência de uma memória individual, é sempre a memória coletiva que mais facilmente evocamos quando buscamos dar um suporte mais confiável ao fato lembrado. Ou seja:

Os fatos e as ações que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. [...] e é por podermos nos apoiar na memória coletiva dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. (Halbwachs, 2004, p. 53-55).

A partir desta concepção, a constatação de atos de violência, por exemplo, pode nos ajudar a reconstituir as lembranças que estão adormecidas ou esquecidas no subconsciente. Contudo, não podemos fazer uma leitura interpretativa absolutamente associativa de causa e

efeito, pois, as práticas e ações dos indivíduos na sociedade estão sujeitas as influências do modo como percebem e recepcionam o mundo à sua volta na contemporaneidade.

Portanto, abordar a problemática reconstituição sócio-histórica e cultural da memória individual e coletiva dos adolescentes angolanos, sustentados pela Mídiação e os Processos Sociais, constitui uma tarefa árdua. E, impõe-nos um desafio um desafio de “carácter transmedotológico” contínuo, devido a “multidimensionalidade e complexidade dos contextos comunicacionais contemporâneas, atravessados por uma digitalização intensa”. (Maldonado, 2013, p. 31).

Destarte, perpassando o campo de outras ciências sociais e humanas tais como Comunicação Social, Psicologia, Antropologia, Sociologia e História, o campo da memória produzirá conhecimento considerando os interesses pessoais e influências das crenças e juízos de valor que são criados e construídos a partir do lugar social do seu autor/produtor/consumidor. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”. (Certeau, 2002, p. 66-67). Por isso, faz-se necessário ao pesquisador ter a clareza de que na relação entre o ato de violência e a memória não se pode deixar seduzir pela nostalgia de um passado idealizado ou premeditado, mas sim estudá-lo de forma crítica para não incorrer no risco de alimentar tradições erroneamente.

Sustentado pela perspectiva histórica Oliveira (2002, p. 24) destaca que nesse início de milênio um dos papéis reservados a história – e de bastante relevância - é o estudo da memória relacionada com a preservação do patrimônio histórico já estabelecido. Para ela, não importa qual a concepção de história que o determinou como tal. A memória suscitada e preservada no meio material de um patrimônio cultural deve ser vista como decorrente de escolhas intencionais e pré-estabelecidas, feitas para alimentar uma história que se deseja incutir no imaginário social. A memória fica enraizada no concreto, no espaço, no gesto, na imagem no objeto. Desse modo é possível afirmar que “o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial é sustentáculo de memórias, e como tal incorpora fragmentos e sentimentos experienciados socialmente pelo indivíduo e a coletividade em espaços e tempos determinados”. (Oliveira, 2002, p. 27).

Neste sentido, concordamos com a visão da autora, mas achamos necessário ressaltar que a memória preservada por intermédio da cultura nem sempre é tão significativa para o grupo que convive em seu entorno, quanto o é para o grupo que a estabeleceu como tal. Ou seja, para as instâncias de poder que dominam essa comunidade cultural e intelectualmente, de acordo o que Pollak (1989, p. 09) chamar de enquadramento da memória.

Diferentemente de Halbwachs (2004), Pollak (1989) evita conceber a Nação como a forma mais acabada de um grupo e a memória nacional como a mais completa forma de uma memória coletiva. Ele defende a existência de todo um quadro de violência simbólica imposta a uma comunidade ou grupo social pelos que manipulam a memória, mantendo-a como um instrumento de poder. Mas este trabalho longe de ser apenas das instâncias de poder, o enquadramento da memória pode ser feito pelo próprio grupo ao qual a memória pertence, e isso se realiza pela necessidade que o grupo possui de manter a ordem, a unidade e a continuidade dessa memória alimentada em seu interior, bem como a própria imagem que possui de si mesmo. (Pollak, 1989, p. 10). Desta feita, a memória coletiva passa a ser fortemente constituída como nacional e pode evidenciar uma intenção por parte do Estado em manter uma coesão, um sentimento de pertencimento de um grupo dominante aos demais membros da sociedade. Neste caso, uma das funções essenciais da memória coletiva seria manter a coesão interna e defender as fronteiras e os interesses daquilo que um grupo tem em comum. E, então o uso do termo memória enquadrada passaria a ser o mais adequado do que memória coletiva, e seria sustentada pelo material fornecido pelos contextos sócio-históricos e culturais dos sujeitos. Assim, o papel do patrimônio histórico seria de fundamental importância na função de resguardar uma memória predominante que se constituir em um acervo dos indícios de uma época passada. Para o efeito, o acesso do pesquisador a estes lugares de memória/acervo, é objetiva e subjetivamente de um sentido bastante e de gigantesco significado (Nora, 1993, p. 15) na contemporaneidade. Parafraseando este autor, a partir do momento em que os pesquisadores, nas interfaces interdisciplinares, começam a agir sobre as memórias dos grupos, eles passam a sentir a necessidade do trabalho de um investigador/participador, que interfere na reconstrução destas memórias e, conseqüentemente, desaparecem as memórias em sua forma natural. Dessa maneira, surgem para essas sociedades ou grupos uma outra necessidade, os lugares de memória, que se configuram paulatinamente como novos “marcos testemunhas de uma outra era”. (Nora, 1993, p. 13).

Na ambiência midiática e dos processos sociais, os lugares de memória não se concretizam apenas no aspecto material dos discursos verbais, mas também em uma acepção simbólica e funciona. No que se refere aos lugares discursivos, parece tratar-se nesse aspecto da memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos. Com relação aos lugares funcionais, parece possuir uma função de alicerçar as memórias coletivas. Já no caráter simbólico, são lugares onde a memória coletiva se expressa e se revela. Neste âmbito os lugares passam a ser carregados de uma vontade de memória. (Nora, 1993, p. 21-22).

Ainda em relação a memória, Bosi (1994, p. 55) tomando como aporte o pensamento de Halbwachs, afirma que:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Neste sentido, pode-se afirmar que, ao ter a memória como fonte, o pesquisador precisa mergulhar em visões subjetivas de atores sociais e evocar as experiências desses sujeitos e suas relações com passado e o presente para poder produzir conhecimentos sócio históricos e culturais significativos. Para tanto, os indícios podem/devem servir como sustentáculos dessas experiências. No entanto, na tarefa de recuperar a memória perdida ou esquecida, ele leva consigo seu ponto de vista e intencionalidade, aspectos que acabam por interferir na maneira como ele vai interpretar essas memórias. Esse é um trabalho que exige certa demanda de violência e, de acordo com Albuquerque Júnior (2007), é inerente ao ofício epistêmico da memória no processo de gerar o conhecimento científico.

Assim, apesar de ser uma fonte subjetiva e por isso estar sujeita a qualquer tipo de anacronismos ou “inverdades”, os questionamentos sobre a natureza da memória e os silêncios produzidos por ela podem ser abordados de forma positiva, uma vez que a memória ajuda na constituição das identidades, na identificação do sentimento de pertença e na construção de saberes. Isto é, mesmo não sendo uma releitura do passado tal como ele se produziu, a memória enriquece o estudo das relações passado/presente, pois “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”. (Halbwachs, 1990, p. 64).

Sob o ponto de vista das RS e na transversalidade entre os campos da Psicologia, da Sociologia, da Semiótica e da Comunicação, podemos concluir que, a compreensão do significado do conceito de memória, seja apenas possível, levando em consideração os contextos sócio-históricos e culturais dos sujeitos, agora em interação com a cultura midiática. Neste âmbito, a construção do conceito de memória passa a dar-se sempre na interação social. (Honneth, 1999, 2009; Moscovici, 2003; Nobre, 2009).

Mesmo quando usando a memória evocamos algo mais particular e íntimo e ou, a experiência vivida individualmente ainda assim, este algo está ligado à memória de um grupo. No ato de memorar cada um de nós faz uma estabelece uma operação mental e interacional com a sociedade, seus grupos e instituições. Ou seja, a nossa memória pessoal está sempre

impregnada das memórias dos que nos cercam. Não é preciso que eles estejam presentes, a memória individual e as maneiras como se percebe o mundo se constituem, a partir desse emaranhado de experiências, tão diversos quanto os diferentes grupos com quem interagimos.

As nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 1990, p. 26).

Entretanto, narrar as memórias de nossa vida não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, a “memória não é sonho, é trabalho”. (Bosi, 1994, p. 55). Trata-se de trabalho no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

É sob estas angulações, que pretendemos destacar o papel da memória familiar, ou seja, do grupo familiar. O grupo familiar é uma referência fundamental para a reconstrução do passado, porque ele é, ao mesmo tempo, objeto e espaço para recordações. Sempre há na família a figura do guardião ou guardiã da memória, é aquela pessoa “escolhida” para cuidar e transmitir a memória familiar e do grupo. Geralmente este papel é assumido pelos idosos da família, especialmente os avós, os pais e os tutores, que são o elo vivo entre as gerações.

Halbwachs (1990) chama atenção para os “museus de famílias”, que são de fato, marcas do passado, ou seja, não são apenas elementos que evocam lembranças, mas, além disso, são a própria lembrança. Estes museus familiares aproximam-nos da visão de Moscovici (2003) que desenvolvem a teoria das Representações Sociais. Segundo este autor, por meio de trocas simbólicas, as representações sociais teriam como objetivos primordiais, tornar familiar algo até então desconhecido nos ambientes sociais e nas relações interpessoais. Além disso, estas trocas simbólicas, ofertam possibilidades para a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais os indivíduos de uma determinada sociedade não se haviam ainda deparado. Por outro lado, elas poderiam oportunizar a compreensão, a manipulação e interiorização de novos fenômenos, juntando-os a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade.

Nesta ordem de ideias a memória das pessoas e de suas famílias pode configurar-se como uma ambiência que nas interfaces delimita o território e orchestra estruturalmente a arquitetura da memória do nosso objeto de estudo na sociedade angolana. Este tipo de memória será designado neste trabalho de memória sócio-histórica e cultural, concebida como aquela composta por uma experiência marcada pelos conflitos armados, pelos processos

democráticos e do desenvolvimento sócio técnico e tecnológicos na área das novas tecnologias da Informação e Comunicação.

Portanto, em nossa pesquisa definimos o conceito memória como ato de evocar as lembranças subterradas pelo tempo e pelos diversos fatores sociais. A nossa hipótese é de que estas lembranças transformadas em diamantes negros brutos, precisam ser localizadas e lapidadas através de um árduo trabalho e reflexivo, sem o qual eles seriam “uma imagem frígida [...] e uma repetição do estado antigo”. (Bosi, 1994, p. 31). Assim, a concepção que fazemos da palavra memória jugamos vir a constituir um elemento de suma importância na busca da compreensão sobre o como os adolescentes enquanto sujeitos que consomem os conteúdos violentos através da Internet pelos seus DM, a formam como percebem o mundo à sua volta e como o reproduzem em suas práticas sociais.

Para Vygotsky (1983), Moscovici (2003) e Pino (1991) este fenômeno ocorre devido ao desenvolvimento das diversas funções mentais superiores dos sujeitos (planejamento, memória voluntária, imaginação). Para os autores, os sujeitos estão em constantes interações com o habitat, sob dois planos no desenvolvimento cultural do indivíduo: a) plano social (interpsíquica), b) conteúdos psicológicos (intrapíquica). Para Vygotsky (1983) os fatores biológicos predominam somente no início da vida, sobre os sociais no desenvolvimento dos seres humanos. À medida em que os sujeitos interagem com os diversos campos, práticas social e objetos, a sua cultura passam a governar os seus desenvolvimentos e o comportamentos.

A partir da visão deste autor, podemos afirmar que as funções psíquicas dos sujeitos tenham sua origem nos processos interacionais sociais e o “desenvolvimento psíquico seja o resultado da ação da sociedade sobre os indivíduos para integrá-los na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social. (Pino, 1991, p. 34). E então, o desenvolvimento humano possa a ser compreendido como um processo dinâmico mediado social e culturalmente. Ou seja, um processo de evolução do indivíduo produzido pelo cruzamento de diversos fatores e interações dos aspectos orgânico-naturais (internos) com os sócio-culturais (externos) “num complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação”. (Vygotsky, 1983, p. 141).

Como forma de compreender complexo processo da evolução da memória da espécie humana, ou simplesmente do indivíduo, desde os tempos mais remotos estudos são realizados. Já na Grécia antiga filósofos, historiadores e pesquisadores de todas as áreas se questionavam sobre quem é o homem? Partindo de uma evidência, Marx e Engels (2007, p. 10) define o homem como um ser empiricamente existente dizendo:

As premissas de que partimos não são bases arbitrárias, dogmas; são bases reais que só podemos abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação. Essas bases são pois verificáveis por via puramente empírica. A primeira condição de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, as relações que ele gera entre eles e o restante da natureza.

Indo na mesma direção para Weber (1984, p. 364) “o homem é um animal preso em teias de significações que ele mesmo teceu” ao longo da história. Tomando de empresto e tensionando os conceitos “teias de significações” por meio das relações do homem com os seus semelhantes e destes com a natureza, aportamos na concepção sócio-histórica. A partir daqui retomamos as reflexões de Schaff (1987, p. 69) que discute a concepção marxista de indivíduo. Para o autor as considerações de Marx, partem da “convicção de que o homem existe como espécie e como indivíduo, que é um exemplar desta espécie, um resultado, um produto do desenvolvimento histórico, e, portanto, um produto social”. (Schaff, 1987, p. 69).

Chamamos a atenção para o fato de que a configuração antropológica do homem além de ser resultado da evolução biológica da espécie é de um ser inerentemente ligado às condições e os contextos sócio-histórico e culturais. Por outras palavras cremos que a configuração antropológica está sujeita a mutações e pertencente à uma determinada sociedade. Por outro lado, sem a pretensão determinista, estamos inferindo que talvez ela se constitua mediante determinadas condições sociais e históricas que lhe antecederam.

Deste modo pensamos que, qualquer estudo que se possa fazer sobre ele, apenas seja possível por meio da observação e percepção do papel ativo de cada sujeito nas relações e nos vínculos que ele estabelece com os outros através das condições sociais, do tempo e do espaço. Por estas angulações, na tentativa de compreender como o sujeito angolano se reconstitui parece não bastarem as contribuições vindas da área de Psicologia, da Comunicação Social, da Filosofia e da Pedagogia. Mas na transdisciplinariedade (Nicolescu, 1999, p. 50) estuda algo não-científico que, nas interfaces, transborda o campo das disciplinas, rejeitados pelas normas paradigmáticas da ciência moderna, complexifica os saberes.

Em uma vertente metodológica com o uso do termo transdisciplinaridade, objetivamos promover uma discussão que estabeleça uma interface “entre o sujeito e o objeto, pares dicotomizados no pensamento predominante do paradigma da simplificação”. (Morin, 2002). Pretendemos acoplar e construir uma estrutura organizacional do conhecimento sobre as práticas e os discursos dos indivíduos. Nesse escopo, encaminhamo-nos para compreensão de

uma “[...] subjetividade objetiva do sujeito aprendente que se expressa de uma nova maneira” (Moraes, 2015a, p. 16), transcendente da lógica binária, fragmentada e excludente. Portanto objetivamos construir conexões, que talvez possam permitir todo um “fluxo contínuo” (Braga, 2012a) de trocas simbólicas e intersubjetivas dando um olhar multidimensional aos elementos que compõem as singularidades dos sujeitos (realidade). Para Moraes (2015a, p. 16) é o reconhecimento dessas singularidades subjetivas que estabelece as “pontes que religam as partes ao todo e unem as diferenças”. Ou seja, trata-se aqui de empreender um certo esforço “semântico para conceitualizar algo que [...] escapa por sua própria natureza, a toda e qualquer definição e esquematização”. (Moraes, 2015b, p. 90). Isto é, a singularidade.

Segundo Vygotski (1993) a singularidade, pelo fato de conter tanto a internalização como a expressão de sua condição histórica e social, a ideologia e as inter-relações, possibilita a descrição e a apreensão da gênese da consciência subjetiva, pelas suas mediações, tais como o pensamento, a linguagem e a vontade do indivíduo na sociedade. Ou seja, para Vygotski (1993) fica claro de que a natureza psicológica dos homens é constitutiva e representativamente um agregado de relações sociais que, mediante as operações dialéticas da dos processos psíquicos e fisiológicos e, pelo uso da linguagem e do pensamento, são internalizadas e transformadas em funções e formas de estrutura sócio históricas para o indivíduo imerso em um determinado contexto ou meio.

A partir do pensamento de Vygotski (1993) podemos concluir que o homem enquanto o sujeito não se constitui com base em fenômenos internos e nem se reduz a simples reflexo passivo do meio. Ele configura-se como um ser ativo, social e histórico que nas interações sociais constrói as suas formas de pensar, sentir e agir.

Portanto, a resposta à pergunta filosófica sobre quem é o homem, pode depender das “relações” intersubjetivas e de “teias de significações” que o sujeito vai construindo e projetando sobre si mesmo, a cerca do seu ser, existir no tempo e no espaço. Dito de outra forma, diremos que a construção da identidade do sujeito passa pela forma como ele percebe e se percebe no mundo a sua volta. E, esta percepção dupla não se faz senão por meio de metáforas, de leitura de mundo (Freire, 1989; Sayla, 2012) feita por meio de embaraçamentos e desembaraçamentos em meio à essas teias de significações.

Analisando essas teias de significações, talvez não seja possível apenas por uma ciência experimental que vise a busca de leis, mas por meio de uma ciência interpretativa, que fixe o seu olhar epistêmico nas representações e significações que os indivíduos atribuem às suas próprias realidades. Portanto o que objetivamos aqui é a aquisição do conhecimento a sobre as explicação e interpretações enigmáticas, sobre as perguntas e respostas aos



problemas, sobre as formas e expressões culturais, históricas e sociais. Ou seja, estamos a enfatizar a importância de apreendermos os significados sobre as práticas sociais quer individual e coletivamente numa visão representacional de busca de satisfação de desejos individuais e coletivas.

Esta representação e satisfação solidárias de desejos, no âmbito da Mídiação configuradas em práticas sociais, propiciam o clima de busca de reconhecimento, de disputas e de conflitos a partir dos ambientes nos quais elas surgem e se dão a conhecer. Portanto, as representações passam a compreender a todas as práticas instituídas quer individuais quer coletivas que, simultaneamente produzem significados, e não se limitam apenas ao campo do imaginário. Nossa premissa é justificada pelo fato de que as práticas sociais na circulação midiática carregam consigo os valores e interesses ‘outros’ daqueles dos grupos que os produziram, e no período que foram produzidos. Isto nos possibilita fazer uma leitura do mundo diferente e a pensar as representações sociais como campo de disputas, concorrências e competições, que podem ser postas como poder e dominação segundo nos sugere Chartier (1990, p. 17):

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. [...] As representações do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, política) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, suas escolhas e condutas.

Portanto, sustentados pela teoria das Representações Sociais e inseridos nos campos da Psicologia Científica e comunicacional, não temos dúvidas de que a observação introspectiva do contexto sócio histórica e cultural angolano nos possa ofertar um subsídio complementar no estudo das interações sociais da vida cotidiana e conseqüentemente na concepção e compreensão da personalidade/identidade dos indivíduos. Para tanto, sob o ponto de vista interacional, fazendo um recorte memorial, os contextos que envolvem o sujeito angolano foram abordados sob três perspectivas de per si inseparáveis um do outro: o fim do conflito civil armado, a abertura ao mercado de consumo das TICs e o crescente índice de violência (sujeito = contextos sócio histórico e culturais).

No âmbito dos processos interacionais entre estas categorias, infiro que esta arquitetura possa contribuir na busca de marcos epistémicos sobre a representação social da agressividade que pelos indícios acima descrito que, nas interfaces, vai se configurando e ganhando uma conotação comparável ao conceito de cultura de violência no contexto da

sociedade angolana. Pelo viés traçado por este autor inferimos que a produção e veiculação de vídeos ou imagens no fluxo adiante por meio das redes sociais (YouTube e Facebook) não são gratuitas. Esses conteúdos uma vez postos em circulação podem converter-se em instrumentos e arenas de poder, na medida em que podem legitimar e justificar as práticas dos indivíduos nas sociedades em midiatização, tais como por exemplo a agressividade em adolescentes que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (YouTube). Portanto, como anunciamos na introdução o nosso campo de pesquisa limita-se aos adolescentes de classe média com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos.

Assim, no contexto da República de Angola, uma Sociedade em vias de midiatização, estabelecer uma interface vinculativa das problemática da produção e circulação destes conteúdos nas redes sociais e a circulação da agressividade em adolescentes, torna-se para nós um desafio que nos remete antes de tudo a reconstituir a memória sócio histórica e cultural do povo angolano, dada a suas especificidades. Trata-se daquele contexto marcado por um conflito bélico que durou aproximadamente 4 décadas. É sobre este conflito que, sob ponto de vista da memória individual e coletiva me vou deter no tópico a seguir.

Na perspectiva de Vigotsky (1994, p. 118) desenvolvimento humano configura-se como processos de aprendizagem construídos pela interação do sujeito com um outro da sua espécie:

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas

Trata-se de um processo que tem o seu início no período marcado “pelas experiências e vivências imediatas, marcadas pelas palavras geradoras” (Freire, 1987, p. 6) anteriores ao processo da escolarização do indivíduo. Assim, mediante diversas interações vivenciais com os familiares e colegas, o indivíduo (criança) desenvolve e constrói a sua consciência histórica da realidade a partir dos conceitos cotidianos. (Vygotsky, 2000). Relendo a formulação que este autor faz sobre a formação da consciência, Oliveira (1992, p. 78) chega à conclusão de que para Vygotsky, a consciência é histórica e social, na medida em que “é imposta aos seres humanos através da participação em práticas sócio-culturais”. Isso quer dizer que o indivíduo pela abertura às interações interpessoais dialógicas, dialéticas e pela experiência sócio-histórica apreende, percebe e capta a realidade externa adquirida durante os fluxos discursivos

e circulatórios. E, como se não bastasse, vai atribuindo novos significados e reconstruindo internamente novos conceitos antes existentes fora dele.

Relendo Vygotsky (2000), pela internalização das práticas sócio-culturais e nas relações interpessoais, mediadas pelo sistema simbólico a consciência do homem se constitui subjetivamente. E então os indivíduos numa determinada sociedade passam a ser “sujeitos absolutamente únicos, com trajetórias pessoais, singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas”. (Oliveira, 1992, p. 80). A ser assim, o sistema simbólico se converte no veículo que fornece a consciência ou a psique dos indivíduos os conceitos e as formas de organização do real, essenciais nos processos de interação entre os sujeitos, através da linguagem que veículo indispensável na comunicação humana. Pois é pela linguagem que um sujeito age sobre o outro, não apenas lhe comunicando mensagens, nem exteriorizando seu pensamento, mas de alguma forma mudando o outro com a ação da sua linguagem, sendo ao mesmo tempo transformado pela ação da linguagem do outro. E, então, a linguagem edita as pautas da produção humana. E como tal, não está dada e acabada, mas é construída historicamente nas e pelas relações sociais. A enunciação configura-se como o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, um fenômeno ideológico, e o que é ideológico não pode ser explicado senão pelo social.

Para Bakhtin e Voloshinov (2010, p. 32), “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali ande o signo se encontra, encontra-se também o ideológico [...] com um valor semiótico”. Portanto, alude-se que o sistema de signos se constitui a partir de uma realidade social e que os signos se manifestam no processo de interação entre uma e outra consciência individual. Nesse sentido, para Bakhtin e Voloshinov (2010, p. 35), a consciência passa a ser de natureza social uma vez que “adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais”. Deste modo o sujeito se constitui ouvindo e assimilando as falas da mãe, do pai, dos colegas, da comunidade próxima e da sociedade. As palavras e o discurso do outro são processados por cada sujeito no decorrer de sua vida de modo que, ao mesmo tempo que passam a ser do sujeito, continuam sendo, também, do outro.

Para Rousseau (1978) a subjetividade (identidade) do sujeito, pode ser concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social pela imaginação que permite que os indivíduos transportem para fora de si mesmo e se identifiquem com os outros e com o mundo exterior a si. E este só existe pela atividade humana, exercida por meio de comparações, analogias na pluralidade de ideias: “quem vê somente um pequeno número de objetos e, desde a infância, sempre os mesmos, também não os compara, porque o hábito de

vê-los, impede a atenção necessária para examiná-los”. (Rousseau, 1978, p. 175). A subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem e passam a ser explicada a partir do social, pelas mediações comunicacionais que se estabelecem via linguagem presente em todas as culturas e tempos da história da humanidade. Já para Suassuna (1995) a linguagem constitui-se como produto das necessidades de intercâmbio na convivência social, dentro do processo histórico de cada sociedade. Para o efeito, é necessário considerar e reconhecer os aspectos político-ideológicos das relações entre linguagem e classe social, uma vez que “as relações de comunicação linguística têm a ver com as relações de forças simbólicas estabelecidas na dinâmica social”. (Suassuna, 1995, p. 95). Assim, por sua natureza, a linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. Pelo uso da linguagem o mundo psicológico (individual) converte-se num mundo em relação dialética com o mundo social (coletivo). A ser assim, pelo domínio dos signos linguísticos cria-se a possibilidade de mergulhar no mundo psicológico. O que significará conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do o individual para o social e vice-versa; um mundo interno em construção por meio de elementos e atividades do mundo externo.

Estamos, portanto, próximos das representações sociais defendidas por Moscovici (2003) que, a partir da psicologia social nos ajudam a enxergar mais adequadamente a origem das ideologias e cuja intenção é subordinar o mundo consensual e reificado facilitando assim a transição de um para o outro. Para o autor, criamos representações porque nos sentimos desconfortáveis ao que não nos é familiar. Existe uma motivação em absorver o que “não é familiar” ao seu sistema “familiar” de determinado grupo. Ou seja, em sua reapresentação e familiarização junto às convenções, valores e ações aceitas em um determinado grupo de pessoas. Desta forma, estamos objetivando a construção de uma episteme que retire os objetos de um campo abstrato e idealista e lhes ofereça uma base material vigorosa através dos signos e da linguagem.

Assim, fazendo uma síntese dos estudos ligados à importância da língua, nos processos interacionais comunicativos entre os sujeitos entre si e destes com os objetos, nas obras de Bakhtin (2010) e Vygotsky (2000), a partir de Cardoso (2000, p. 33-35) podemos destacar seis grandes pilares:

O papel ativo do sujeito é ativamente a construção de saberes e habilidades; a relação entre a construção dos saberes e os fenômenos sócio-histórico-ideológicos. Ou seja, os sujeitos constroem seus conhecimentos, em contextos historicamente determinados,

sobre a base de suas representações e de seus saberes anteriores; a relação Sujeito-Outro-Objeto, no processo de construção do conhecimento pelo sujeito concreto (psicogênese) é complementada pela dimensão das relações sociais (sociogênese), ou seja, os sujeitos constroem os saberes no quadro das interações sociais; a não linearidade na construção do conhecimento, ou seja, os sujeitos constroem seus saberes num jogo constante de conflitos, de desestruturações-reestruturações de seus quadros de conhecimentos; [...] como consequência dos aspectos anteriores, releva-se o papel da linguagem e do outro em um novo estatuto, como constitutivos do sujeito e da produção de sentido (e não como simples veículo de comunicação-linguagem e espectador-outro); [...] ainda como consequência, aparece o papel do erro em um novo estatuto, como marca da atividade do sujeito (e não como ausência de atividade, faltas ou deficiências) e abertura a intervenções didáticas específicas (não como forma de sanções a aplicar ao aluno).

Portanto, é pelo domínio dos signos linguísticos que no processo comunicacional os sujeitos interagem ativamente uns aos outros, convertendo os meios de comunicação num espaço social, na medida em que estabelecem uma circulação dos conteúdos das suas subjetividades. Segundo Bourdieu (1998, p. 134) este espaço social é como “um campo de disputas”, onde ocorre um conjunto de relações de forças objetivas, impostas a todos os que entram nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo interações diretas entre os agentes”.

Sob pressão imposta pelo campo de forças aos processos tradicionais da comunicação (emissores/receptores), insurge-se um novo modelo comunicação baseada na bilateralidade e nas condições de igualdade de condições e funções estabelecidas entre os interlocutores envolvidos, enfim na mútua afetação (Mead, 1962) que na miragem da mediação inquirir a presença de sujeitos interagentes. Segundo Lima e Bastos (2012, p. 42), o contributo deste autor está na configuração de um modelo de paradigma relacional no processo da comunicação entre os comunicadores:

Sob a luz do modelo relacional, em que a comunicação é considerada essencial à experiência humana em sociedade, ou seja, à constituição de um mundo comum por meio da ação, compreendemos que o processo comunicativo é mais amplo e pressupõe circularidade. Nesse processo, tanto emissor quanto receptor são sujeitos que se afetam e se ajustam reciprocamente na interação, ou seja, estão em ação e agem tendo como referencial a ação do outro.

Sob angulações globais e dinâmicas, este paradigma articula-se sob três dimensões: relacional, simbólica e contextual. E o processo da comunicação passa a ser visto como elemento constituidor do mundo comum e compartilhado, que possibilita aos sujeitos a construção de suas subjetividades, a organização e trocas de suas experiências no mundo. Ou seja, diz-se aqui respeito aos sujeitos emersos na sociedade em mediação. Onde a

comunicação “deixa de pertencer à esfera do conhecimento e se insere na esfera da ação, da intervenção e da experiência humana em sua dimensão social e simbólica” (Quere, 1991, p. 04) que expressa a sua singularidade na coletividade. Parafraseando Paulo Freire em sua obra *a Pedagogia da Autonomia* (1996), constitui-se ipso facto, o sujeito dialógico que não apenas fala para o outro, mas com o outro e o conhecimento passa a ser constituído na coletividade. Esse modelo aponta para o “paradigma relacional da comunicação como um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre os sujeitos interlocutores, marcado pela situação de interação e pelo contexto sócio-histórico”. (França, 2016, p. 188). Portanto, trata-se aqui de acentuar o papel central da comunicação ao pensar as interseções e a dinâmicas constitutivas dos indivíduos e na sociedade angolana em vias de mediação.

Seguido a lógica do paradigma relacional e comunicacional, estaria no “entre” das relações sociais, mediadas pela linguagem. E, a partir de uma visada situacional, de uma temporalidade recursiva e de uma circularidade. E tanto o emissor quanto o receptor, agora afetados pelos processos comunicacionais passam a ser sujeitos de ação e na interação se ajusta reciprocamente. Eles “estão em e agem tendo como referencial a ação do outro. Essa perspectiva circular pressupõe, então, que uma fonte de estímulo pode ser também de resposta, e a de resposta, também ser de estímulo” (Lima & Bastos apud França, 2012, p. 42), ou seja, desaparece o rótulo da causa e efeito na nova ambiência interacional midiática. Uma vez que, a dinâmica da comunicação no contexto das instituições midiáticas, a partir de uma perspectiva relacional pressupõe trocas, perspectivas compartilhadas, reciprocidade entre os sujeitos, construção de um lugar comum no qual haverá uma relação reflexiva de mútuas afetações que produzem “um novo bios”. (Sodré, 2002, p. 25). Então, se instaura um complexo e vasto campo de maiores possibilidades de ocorrência interacional das práticas sociais e de descobertas de campos diversos de conhecimento e de investigação. Desarticulam-se as lógicas de diferenciação entre produtores e receptores e se pautam novos contratos para “descrever as possibilidades de construção de novos vínculos entre produção, recepção consumo” (Fausto Neto, 2010, p. 10) e de percepção de mundo a nossa volta. Estes vínculos encontram na circulação midiática “lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e de reconhecimento”. (Fausto Neto, 2010, p. 11). Ainda para Fausto Neto (2010, p. 12-14), nesse estágio “as lógicas dos contratos são subsumidas por outras lógicas de interfaces [...] os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de deslizamentos”. Segundo este autor, por força da ambiência da mediação as novas condições impostas pela circulação afetam tanto “as lógicas de instituições produtoras”. Quanto aos “sujeitos-

receptores”, mudam-se os seus estereótipos da percepção. E, com o domínio dos aparatos sócio técnicos se converte em atores sociais na ambiência midiática. A autoria dos produtos midiáticos já não mais depende de uma única fonte, mas de vários que os reproduzem segundo as suas subjetividades e os inscrevem em outras plataformas ancorados pelas lógicas e processos de apropriação e representação social. (Moscovici, 2003).

Portanto, parafraseando Pisani e Piotet (2010, p. 33), a nova ambiência midiática pode provocar, na sociedade angolana algo semelhante à “ruptura” com os costumes, tradições, a moral e ética e sujeita os procuram e “amam na internet” senão “as redes de relacionamentos sociais e todas as suas ferramentas”. E tudo o que se produz na sociedade é voltado para uma prática de consumo (Featherstone, 1995) invadida pela política mercadológica e da racionalidade instrumental. Diferentemente das sociedades tradicionais, aqui a recepção das atividades de lazer, a arte e a cultura passam a ser condicionadas pelo valor de troca, que por sua vez suprime a memória do valor de uso original dos bens e, assim, as mercadorias ficam livres para associar-se a uma ampla sorte de associações e ilusões culturais.

Para Baudrillard (1995, p. 59), obedecendo à lógica própria os sujeitos deixam de consumir produtos e sim signos em conexão com necessidade previamente definida e as mercadorias passam a retirar do sujeito consumidor as características existenciais. Desta feita, a tônica dominante já não recai sobre a “apropriação individual do valor de uso dos bens e dos serviços; [...] também não é a lógica da satisfação que prevalece, mas a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais”. Consequentemente a produção do consumo, pode ser compreendido como processo comunicacional uma vez que, sob o ponto de vista sócio técnico e tecnológico, a produção, a circulação, a apropriação de bens e de signos diferenciadores constituem a linguagem e o código de classificação e diferenciação sócio epistemológica nas sociedades em midiatização.

#### 1.1.2.2 O conceito de violência e agressividade na perspectiva das RS

Falar em violência e agressividade, remete-nos à primeira vista ao diálogo entre Einstein e Freud (1932/1996, p. 198) sobre o “Por que a guerra”. Nesta carta, Freud responde em forma de uma carta dizendo que a agressividade seria consequência das pulsões de ódio e de desejo de destruição e, que a sociedade vive em constante transformação da violência. Continuando Freud afirma haver em muitos indivíduos agressividade e crueldade ouvindo relatos dramáticos resultantes de transtornos da personalidade. Neste caso a agressividade seria inata e teria como finalidade a eliminação dos conflitos de interesses entre os homens, e para tal constituem a característica própria do reino animal, do qual o homem não tem motivo

por que se excluir. Seguindo a leitura da carta percebemos no pensamento de Freud a ideia de que os seres humanos seriam incitados à guerra por diversos motivos, dos quais o desejo da agressão e da destruição, mais ainda que, a satisfação dessas pulsões destrutivas teria sido organizada através da sua mistura com outros motivos de natureza emotiva e idealista.

Resumindo o pensamento de Freud (1932/1996), a agressividade pode definir-se sob duas áreas fundamentais: a) ativas: concentrada na origem da agressividade - pulsões internas; e b) reativas: considerando-se o meio em que se insere o indivíduo. Neste caso, sob o prisma do modelo metapsicológico freudiano, as cenas de violência e agressividade podem ser interpretadas como fundos representativos (Aulagnier, 1975); como algo cujos níveis de causalidade estão imbricados onde não existe um só determinante, mas uma interação de fatores que operam, favorecendo a violência ou protegendo o indivíduo contra ela (Ramirez, 2001); como a capacidade provocar malefícios ou prejuízos materiais ou morais à outrem ou a si (Abreu, 1998). Nesse sentido Costa e Vale (1998) são do parecer de que as cenas de violência e agressividade vão além da agressão física e verbal. Portanto, as cenas de violência e agressividades, podem apresentar diferentes manifestações e para apreendê-las há que se levar em conta as situações estimulantes. Para tanto dependendo da situação-estímulo que as provocam elas podem ser: verbais, físicas, sociais, instrumentais e hostis ou emocionais. De qualquer das maneiras, segundo estes autores elas consistem na capacidade ou potencialidade de alguém provocar malefícios, ofensas, prejuízos ou destruições, materiais ou morais a outra pessoa ou a si mesmo.

Segundo Berkowitz (1993) e Ramirez (2001) enquanto fenômeno social os estudos sobre cenas de violência e de comportamento agressivo entre os homens desde o século XIX tem merecido atenção redobrada e foco multidisciplinar envolvendo diversos profissionais. porém, sem unanimidade de opiniões. Os dois pesquisadores atribuem a não unanimidade às diversas abordagens, aos objetivos traçados pelos estudiosos, aos diferentes públicos-alvo e aos instrumentos e técnicas de investigação, bem como às hipóteses formuladas com implicações sociais, ideológicas de diferentes teorias.

Embora não haja unanimidade entre os estudiosos, na visão de Osório (1999), é possível estabelecer uma distinção terminológica entre cenas violentas e cenas agressivas. Segundo ele, o termo agressão possui uma propulsão para a ação necessária que nos impulsionaria em nossos propósitos tanto nos construtivos quanto nos destrutivos. Já o termo violência estaria situado no extremo da conduta agressiva que possui fins destrutivos. Na mesma direção estão Bertão (2004), Ramirez (2001) e Santos (2004) que atribuem uma conotação significativa ao termo violência, como associada as atitudes de destruição, de



ataque à integridade de um objeto, ao abuso de força e poder. Indo além eles são do parecer de que a violência seja aprendida e estar relacionada à falta de controle das pulsões. Sem estrutura própria a violência, configura-se como uma tarefa paradoxal, linear, monolítica e definida pelo contexto que o constitui e que para tanto, teria como origem a carência de vínculos psicossociais.

Sob a perspectiva dos vínculos psicossociais Moscovici (2003) constrói a teoria das RS que confere três aspectos interacionais e de múltiplas afetações, nomeadamente o cognitivo, o afetivo e o social. Para o pesquisador toda e qualquer construção epistemológica que se pretenda construir sobre um objeto ou fenômeno não pode prescindir do campo das representações. São elas que organizam e estruturam as informações, a partir do imaginário, dos fatores ideológicos e das atitudes. Estes três aspectos compõem uma tripla avaliativa a respeito do objeto em questão e lhe conferem o grau de parentesco ao grupo.

A partir destes três aspetos: o imaginário, dos fatores e das atitudes dos sujeitos, que segundo Moscovici (2003) conferem o grau de parentesco e pertencimento ao grupo, convocando Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p. 70) passamos a supor que talvez as cenas de violência ou agressividade correspondam à “uma reação coletiva provocada pelo acúmulo de frustrações de indivíduos que, em um dado momento, por se identificarem num mesmo conflito adquirem uma pertença”. E então intuamos que talvez as atitudes violentas se originem dos fatores psicossociais e as interações, os choques entre os indivíduos sejam concebidos como interiorização das normas e do autocontrole.

No âmbito da interiorização das normas e do autocontrole (integração nas esferas de produção e de consumo) dos produtos dos bens da Indústria Cultural midiática, consistiria parafraseando Martuccelli (1999, p. 169-170), na “partilha de valores, que se tornam normas, transformadas por sua vez em personalidade. [...] o ator violento é sempre alguém que não foi corretamente socializado”. A visão deste autor nos coloca num dilema entre uma pessoa que interiorizando o autocontrole, vai reprimindo as energias pulsionais, para ser considerado social e não violento, por outro lado, este controle parece ser imposto pelo olhar do outro. E, “na medida em que os sujeitos aprendem a se familiarizar com as múltiplas possibilidades de assumir identidades” (Honneth, 1995, p. 229) outras, torna-se mais conscientes de suas reais necessidades e aspirações. Estas necessidades e aspirações não são mais, nada menos do que grandes vazios, falta de sentidos e significados, incertezas e a abstinências de papéis que o impele para luta simbólicas pela legitimidade de dispositivos culturais que valorizem suas práticas, atributos e contribuições”. (Honneth, 2001, p. 54). Ainda para Honneth (2009, p. 220), as lutas simbólicas são motivadas pelo sentimento afetivo de desrespeito e pelo não

reconhecimento nas esferas de sociais (produção e consumo). Para tanto, passam a ser modeladoras das reivindicações de reconhecimento e de aceitação das pretensões do processo formativo da identidade, em seus variados estágios intersubjetivos. Ou seja, elas conduzem o indivíduo para aquele conflito prático como metáfora de oportunidade oferecidas para exteriorização crítica da justiça distributiva.

Pelas angulações, da justiça distributiva, inferimos que estudar a RS da agressividade e violência, em adolescentes que consomem os conteúdos violentos em dispositivos midiáticos, para além de ser complicado, constitui um tema em pauta na atualidade na sociedade angolana, no contexto da circulação do capital dos bens da indústria cultural.

### 1.1.2.3 O conceito de Mídia como dispositivo interacional de referência em mutações nos processos sociais midiáticos

Falar do conceito de mídia, pressupõe extrapolar as fronteiras do campo da Psicologia e, convocar autores do campo da Ciência da Comunicação Social do qual é originário. Segundo Wolf (2003, p. 29-169) o conceito, mídia, do inglês “Mass Media”, estaria associado às pesquisas norte-americanas, na Escola de Chicago e seria fruto de desdobramentos e interações dos estudos sobre a opinião pública, o voto, comportamento eleitoral e propaganda televisiva nos períodos pré e pós-guerras, entre os anos 1920 e os 1940. Nesta altura em suas pesquisas os estudiosos na área de comunicação tinham como preocupação a delimitação dos efeitos da exposição do público às mensagens veiculadas pela imprensa e propaganda.

Wolf (2003), em sua pesquisa apresenta um percurso sócio histórico do conceito passando pelos autores que ao longo dos tempos foram contribuindo para a sua construção histórica tais como: teoria hipodérmica (estímulo-resposta) cujo expoente máximo foi Lasswell (1948); a teoria experimental - perspectiva empírico (efeitos limitados); a teoria funcionalista; a teoria crítica da comunicação, que tem como pioneiros Adorno e Horkheimer (1947/1985); a teoria culturoológica com Morin (1967); a teoria do agendamento (Agenda Setting) a partir de Tarde (1901) porém, atribuída à McCombs e Shaw (1977) e desenvolvida por Lippmann (1922), Cohen (1963); a teoria do gatekeeper: porteiros da informação a partir de Rubim (1999); a teoria do modelo de Shannon e Weaver (1949); a teoria do meio e a mensagem. Para o Wolf (2003), a partir desta teoria, sobretudo, com o livro “os meios de comunicação como extensão do homem” de McLuhan e Fiore (1969), os estudiosos do campo da Comunicação, vem se opondo à velha concepção de estudar os efeitos por meio do conteúdo em circulação. Assim, sem negar a influência dos meios sobre a mensagem, o autor passa a impressão de que dependendo dos meios usados, das lógicas e gramáticas, dos

contextos sócio técnica tecnológica cultural e discursivas, os indivíduos podem perceber e recepcionam uma mesma mensagem de formas diferentes.

Sob o ponto de vista das RS, nas explicações dos autores citados acima de modo especial McLuhan e Fiore (1969) que defendem os meios como extensão do homem, Martín-Barbero e Rey (2001), que fala da sociedade dos meios e de Gomes (2006) e Fausto Neto, (2008) que se debruçam sobre a midiatização e processos sociais, encontramos o ponto de convergência que nos autoriza afirmar, que os meios, não só podem ser a própria mensagem, mas constituírem-se em um dos elementos fundamentais do processo social e comunicacional. Eles passam não sejam apenas uma estrutura enunciativa e nem o enunciado em si, mas, a própria explicitação da notícia e de seus entornos. Isto equivale a dizer que eles, deixando de ser meros canais de passagem, de circulação ou como veios de transmissão, podem definir os lugares de fala dos indivíduos, claro priorizados pela instância de produção (Maldavsky, 1986; Bakhtin, 1981) nas práticas e processos sociais.

Portanto, na obra de McLuhan e Fiore (1969) é possível percebermos não só as diferentes reações que os meios provocam entre os indivíduos, na hora da emissão e ou da recepção da mensagem, mas também, um desdobramento do conceito de meios em um conjunto de meios (livro, jornal, rádio, cinema, televisão, computador, Notebook, celular e outros) do qual resulta o conceito de dispositivos midiáticos à luz dos fluxos mercadológicos. Estes por sua vez, conforme as suas lógicas, gramáticas e os contratos que estabelecem deixam de ser meios e passam a constituem-se em novos personagens, possibilitando a interação entre as pessoas, estabelecem relações hierárquicas em suas vidas públicas e privadas; proporcionando a reordenação das percepções e permitindo a operacionalização da integração psíquica do objeto representado em um sistema de pensamento social preexistente; auxiliando na reconstrução da realidade e acabando por despertar nos sujeitos novos modos de identidade e subjetividade.

No processo tentativo de buscar aportes sobre o que seja o dispositivo midiático chegamos a Foucault (1997) e deste Poster (2000, p. 80-81) para que o dispositivo esteja configurado como uma rede estabelecida entre diferentes elementos, como por exemplo: “o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; a relação entre discurso e a prática - as ideias e as ações, atitudes e comportamentos”. Ou seja, trata-se uma metáfora aplicada ao mecanismo, sistema ou torre de vigilância nas prisões que originariamente visava no século XVIII, “inculcar no prisioneiro a ideia de vigilância permanente”. (Bentham, 2000, p. 18). Para Foucault (1997), o dispositivo corresponderia originariamente é um mecanismo de poderes multidimensionais em jogo podendo ser

percebidas no panopticon. Na visão de Poster (2000, p. 100), “o panopticon não consiste apenas no guarda da torre, mas na totalidade do discurso, da prática da prisão com vista à constituição do sujeito como criminoso e à sua normalização assente num processo de transformação/reabilitação”. Já para Deleuze (1987, p. 167), um princípio geral de Foucault no panoptico é que “toda a forma é um composto de relacionamentos de forças”, permitindo deste modo que os dispositivos sociais se multiplicam em nosso meio.

Dando sequência Deleuze (1987, p. 61) infere no dispositivo discursivo foucaultianos um amálgama que mistura, “o enunciável e o visível; [...] palavras e as coisas; discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e formação não-discursiva”. Diante desta mistura de funções discursivas exprime o conceito no plural dispositivos que define como, máquinas concretas, para os distinguir das abstratas, ou seja, os diagramas que, com as relações que estabelecem e misturam, geram sentidos na sociedade. Para Deleuze (1987), estes diagramas funcionariam como “mapas de relacionamentos de forças, de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todo e qualquer ponto, ou antes por toda e qualquer relação entre um ponto e outro” no processo sócio discursivo.

Assim, nas interações sócio discursivas, segundo Foucault (1997), faz-se necessário um procedimento que sirva de critério de exclusão, de controle e de seleção quer interno quer externo, a fim de que os mesmos sejam compreendidos dentro dos contextos em que foram produzidos e deixem suas marcas. Portanto na busca de compreensão de um determinado discurso urge a necessidade de explicação do dispositivo que envolve os seus contextos e seus códigos de linguagem. Pelo tudo indica, o mais importante nos discursos, para Foucault (1997) é o fato de que cada um possui objetos próprios descritos como práticas que sistematicamente dão forma aos objetos sobre os quais falam. Neste sentido, a linguagem passa a ser “performativa, além de denotar e conotar”, conforme o parecer de Poster (2000, p. 104). E então chegamos a conclusão de que no processo sócio discursivo existe um sistema de vigilância, uma norma que por motivos alheios aos interlocutores de per si impõe categoricamente.

Esta postura observacional autoriza-nos a interpretar o conceito de dispositivo foucaultiano como aquele em que as ações dos sujeitos são relacionadas e, portanto, resultados de um conjunto e não individualizadas. Consequentemente, estudar o conceito de dispositivo na perspectiva de Foucault (1997) parece implicar ater-se às formações das diversas dimensões dos discursos sociais consideradas imprescindíveis para a sua compreensão, pois são estas partes constitutivas deste mesmo discurso. É, a partir desta visão

multidimensional que o dispositivo discursivo foucaultiano estabelece um contrato de leitura com o campo comunicacional e midiático. Pois somente considerando a dimensão da multidimensionalidade dos fenômenos sociais poderemos compreender os processos que os constituem e neles estão envolvidos. Ou seja, estamos tentando buscar, através do conceito de dispositivo, dar conta de múltiplas dimensões que operam e que devem ser consideradas nas investigações da midiatização e dos processos sociais.

Como tentativa de superação da perspectiva unidimensionalidade do dispositivo midiático estão os estudos de Peraya (1999). Este autor acrescenta um passo importante na medida em que apresenta uma proposta para os dispositivos midiáticos é triádica cuja motriz está assente e sustentada pela sociedade, a tecnologia e a linguagem. Desta forma, para o autor, o dispositivo signo do lugar de interações entre os três universos: uma tecnologia; um sistema de relações sociais; um sistema de representações. Esta proposta de Peraya (1999), postula uma contribuição, sim, porém parece oferecer uma visão limitada e um sentido fechado ao destacar apenas as diversas dimensões. Embora sua visão configure um salto de grande valia na medida em que reconhece a presença relacional de outras dimensões, a interpretação que fazemos é de que talvez ela acabe não reconhecendo a existência de operações que se dão no interior de cada uma delas, como por exemplo acontece na pericorese ou circumincesso<sup>5</sup> de Damasceno (1998).

Perante esta limitação julgamos buscar, na teoria triádica do filósofo Peirce (2003), um suporte epistemológico para o estudo e compreensão da problemática multidimensional da dinâmica do dispositivo. Para explicar os desdobramentos fenomênicos que dinamizam as sociedades ele formulou o pensamento em várias tríades na sua teoria geral dos signos da seguinte maneira: a primeira delas apresenta três categorias elementares: a primeiridade que diz respeito a qualidade; a secundidade, referente a realidade da existência; a terceiridade, correspondendo a mediação, generalidade, representação e interpretação. Ainda segundo o filósofo existe entre as três, um fluxo profundo e implicante, ou seja, a primeiridade está implicada na secundidade e ambas na terceiridade, devido ao que posteriormente Fausto Neto (2008) ousou chamar de zonas de mútuas afetações sócio discursivas e semióticas entre os polos que a constituem embora com funções distintas. Usando metáforas e com o objetivo de estabelecer uma interface sobre a compreensão dos processos da funcionalidade do pensamento e de Peirce (2003) e de Fausto Neto (2008) em nossa pesquisa podemos recorrer as angulações pericoreticas, enquanto signos de interpenetração e entrelaçamento de uma esfera na outra. Para Boff (1989, p. 171) esta compreensão expressaria “o processo de relacionamento vivo e eterno que as divinas pessoas possuem intrinsecamente, fazendo com

que cada uma penetre sempre na outra”. E ou *circumincessio*, cujo sentido, traduzido em latim, deriva de *incedere* e significa “permeiar, compenetrar e interpenetrar”.

Em termos metafóricos o recurso a *pericorese* ou a *circumincessio*, na perspectiva da representação sociocultural e midiático da violência/agressividade pode ser aplicado para explicar as ações sociais enquanto dispositivos interacionais. Ademais, qualquer, pesquisador que estude as ações sociais não chegará à compreensão alguma se não considerar o conjunto das ações que o constituem. Eis que chegamos o conceito de dispositivos que constituído por circuitos permitindo “a operacionalização dos fluxos adiantes” (Braga, 2012a, p. 29-52) na ambiência dos discursos sociais entrecruzam e costuram o campo da midiaticização.

Assim, entendemos que a teoria triádica de Pierce (2003), pode ser fundamental na construção epistemológica sobre as teorias sociais contemporâneas uma vez que “todo o significado consiste em um contínuo processo sígnico de atos comunicativos orientados para fins últimos [...] Um signo consiste na representação triádica de algum objeto para um signo que interpreta, ou interpretante”. (Rochberg-Halton, 1986, p. 06). Por outro lado, isso implica fazer uma abordagem que estabeleça contratos de leitura sobre as metáforas presentes nos símbolos, nos quais inferimos, relendo o filósofo Pierce (2003), que sejam responsáveis pela transmissão dos significados por meio de contratos prévia e convencionalmente estabelecidos; nos índices, que teriam como tarefa levar as informações codificadas em objetos; e nos ícones, via incorporação qualitativa dos objetos transmitiriam a informação. Consequentemente, os símbolos, os índices, e os ícones configurariam a teoria triádica de Pierce que resultaria numa multidimensionalidade em relação que, segundo Ferreira (2006, p. 05) constituiriam o nível de proposição lógica. Este autor propõe uma abordagem relacional entre as três esferas contigenciadora das demais dimensões desde o momento em que cada uma delas se configura como um dispositivo sistêmico das operações próprias de autonomização perante as outras esferas da experiência comunicacional. Aos poucos o nível de compreensão sobre o dispositivo midiático vai se complexificando tanto na funcionalidade dimensionalidade. E passa a assumir uma plataforma que lhe confere um estatuto multidimensional, configurando-se como um conjunto de operações designado pelo autor como sendo técnico-tecnológicas, semiolinguísticas e sócio antropológicas, que constituem uma rede entre diferentes elementos multilineares.

Nesta perspectiva a nossa premissa é de que talvez nenhum fenômeno midiático possa ser bem compreendido se somente for abordado na perspectiva unidimensional, ou seja, olhando apenas para os aspectos e as operações técnico-tecnológicas, ou unicamente para a dimensão sócio antropológica. Também não poderão ser bem compreendidos os discursos

mediáticos, se forem estudados somente na perspectiva da linguagem, pois essa, por exemplo, para ser compreendida, necessita no mínimo de duas dimensões que a constituem. São elas, o código linguístico e a sociedade que o constitui. E para tanto, somos induzidos a inferir que, aplicado aos processos midiáticos, o conceito de dispositivo apenas estudado na perspectiva das diferentes relações que se estabelecem entre as diversas dimensões em jogo talvez se consiga abarcar melhor na sua totalidade. Os desdobramentos feitos até agora a respeito da teoria triádica de Pierce (2003) e dos autores, julgamos estarem na base dos desenvolvimentos de alguns das diferentes visões epistemológicas no campo da comunicação.

Tateando com o objetivo de busca da compreensão da complexidade do fenômeno midiático, pensamos fazer a apropriação de algumas formulações teóricas existentes na área da midiatização e processos sociais, sobre o conceito de dispositivo que Agamben (2009) resume em três pontos:

é um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos; O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder; é algo de geral porque inclui em si a episteme.

No campo da comunicação midiática, o dispositivo aparece atrelado aos conceitos que decorrem de uma estrutura técnica que pode operar no campo das ideias, que tem como finalidade a busca de um consenso sobre “os lugares físicos ocupados pelos sujeitos envolvidos e sobre o canal que eles utilizam para se comunicarem”. (Charaudeau, 1997, p. 70). Nesta ordem de ideias o conceito de dispositivo reveste-se de uma conotação tecnológica enquanto mediação, através da qual os meios (materiais significantes) são colocados em relação aos suportes. Ele está composto por elementos materiais, ou seja, do suporte físico que carrega a mensagem enquanto conjunto de “circunstâncias materiais, presidindo a realização de todo ato de comunicação e que, particularmente, para a comunicação mediática, este quadro se compõe de um tipo de material, de um tipo de suporte e de um tipo de tecnologia que agem como marcas”. (Charaudeau, 1997, p. 199). Segundo este autor, o dispositivo atua como um elemento capaz de despertar o interesse, motivar o processo comunicacional e, em especial, a situação de troca, tendo por referência o estabelecimento de lugares. Aqui não se misturam as situações e estratégias porque “toda situação de comunicação está estruturada segundo um dispositivo que assegura um lugar determinado aos parceiros de troca”. (Charaudeau, 2006, p. 52). Para o autor, o dispositivo é de ordem conceitual e para tanto,

apresenta uma estrutura que compreende quatro características que lhe são peculiares: 1 - A situação na qual se desenvolvem as trocas linguísticas; 2 - Os lugares ocupados pelos parceiros da troca; 3 - A natureza de sua identidade; 4 - As relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade. E para o entendimento quanto à organização e o posicionamento discursivo propõem quatro categorias de análise: 1- como decorrentes de uma situação de fala; 2 - que atuam motivando a ocupação de lugares pelos parceiros da troca; 3 - o que define a natureza das identidades; 4 - a finalidade como motivadora das relações entre as partes enunciativa e destinatária. (Charaudeau, 2006, p. 53-54).

Portanto, o dispositivo passa a fazer parte do processo comunicacional a partir do momento em que o destinatário, antes de interagir com o conteúdo, estabelece um contato ‘idealizado’ com o meio, tomando por referência as possibilidades de ordem técnica. Do foco em relação ao objeto, é possível chegar à enunciação. (Deleuze, 1990).

Entendemos que nos processos midiáticos os dispositivos não são apenas uma estrutura enunciativa e nem o enunciado em si. Eles são “a própria explicitação da notícia e de seus entornos, o que compreende os lugares de fala priorizados pela instância de produção” (Bakhtin, 1981, p. 18) por meio dos processos sociais. É por este motivo que talvez Braga (1994), na tentativa de levantar indícios que fazem perceber como se organizam os processos enunciativos implicados na necessidade que os indivíduos têm de se comunicar, constrói o seu pensamento sobre o dispositivo que entendido como sendo conversacionais ou interagentes, ultrapassa uma referência exclusiva aos meios e permite avançar no estudo dos processos (Braga, 2006) no âmbito da sociedade em midiaticização. Segundo ele, os dispositivos uma vez reconhecido por todos os participantes mesmo sem uma percepção analítica das partes componentes, das regras formais, de uma lógica explicitada, de distinções entre essenciais e acidentais, sem uma clareza total entre os movimentos “permitidos” e “vedados”. Assim, tratar de dispositivos permite.

A inclusão das mediações que o usuário traz para a interação; das experiências sobre o usuário, no momento da criação dos produtos – levando à “construção do leitor”, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos; permite a inclusão dos processos em geral que cercam a circulação mediática; e mesmo dos contextos significativos de produção, de apropriação, da resposta social. (Braga, 2011a, p. 11).

Para o autor existem vários modelos e práticas que os indivíduos usam na interação social. Eles uma vez incorporados na sociedade acabam por modelar os processos comunicacionais. E ao buscar essa especificidade do processo comunicacional os indivíduos acionam esses modelos e práticas dando-lhes “forma, sentido, substância e direcionamento. A



essas matrizes disponíveis na sociedade, denominamos ‘dispositivos interacionais’”. (Braga, 2011a, p. 02). Trata-se aqui “então de perceber ocorrências e “lógicas” das interações, na prática social, como o lugar de realização do comunicacional”. (Braga, 2011a, p. 04).

Portanto, norteados pelos aportes deste autor inferimos que os dispositivos interacionais definidos pelo autor como um conjunto de regras, modelos, roteiros mais ou menos elaborados, “que não definem o conteúdo dos enunciados que vão ser produzidos, mas fornecem as marcações conversacionais são constituídos nas relações entre a linguagem e sociedade que nos aproxima de um outro autor, Rodrigues (2001). Este autor, embora partindo de outras perspectivas teóricas, acaba por acentuar o dispositivo como um conjunto de regras “de gestão” das interações (tomadas de palavra, réplicas, uso de mecanismos de repetição, correção etc.). Trata de compreender a “pragmática da conversação” que para o autor, se estabelece como uma interface entre a linguagem e sociedade.

Estas duas perspectivas, estabelecem a ponte entre Rodrigues (2001) e Mouillaud (1997), que entendem os dispositivos não apenas como aparelhos tecnológicos de natureza material, nem um suporte inerte do enunciado, nem somente um contexto. Eles são como que uma espécie de “acoplamento estrutural” entre contexto, enunciado, suporte e forma de inscrição, ou seja, entre dimensões que expressam o que categorizamos como objetos centrais da comunicação midiática. O contrato de leitura que o autor forja nestes processos definem os dispositivos não apenas “aparelhos tecnológicos de natureza material e meros suportes inertes do enunciado, mas ferramentas nos quais o enunciado toma forma. [...] agem sobre práticas sociais, estruturando-as, engendrando-as através de operações técnicas e simbólicas”. (Mouillaud, 2002, p. 85). Destarte, enquanto aparatos midiáticos, os dispositivos têm um papel central na constituição das relações sociais. E se convertendo em um campo que operando sobre os outros, firma-se como lugar de possibilidades de enunciação, de interações por meio de representações e identificações entre as instâncias enunciativa e destinatária. Exerce a função de regulamentar, manter e controlar as práticas sócio discursivas por operar como “uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que tudo deve passar, ser narrado, mostrado, e significado por ela”. (Fischer, 2001, p. 16). Estamos, como lhe chamou Gomes (2006), perante um bios, que pode ser interpretado, representado significado e dando-lhe um novo sentido editado, escrito em novos formatos e compartilhado em outros dispositivos permitindo que nos permite uma outra forma de participar ativa e significativamente na produção da identidade individual, cultural e social uma operação constituinte das subjetividades individuais e sociais.

Nas análises de Mouillaud (1997), o operador constituinte das subjetividades na sociedade exerce como que uma função de acoplamento estrutural que desemboca na dimensão triádica peirciana ou simplesmente nas três categorias: a sociedade, a linguagem e a tecnologia. Porém, apenas com maior destaque na operação semiológica, ou seja, as relações entre operações técnicas e semiolinguísticas deixando de fora a leitura do sócioantropológica. Na tentativa de incluir o aspecto deixado de fora por Mouillaud (1997) está a categorização feita por Aumont (1995). O autor diferenciando o dispositivo dos aspectos técnicos (ações sociais reguladas) destaca as categorias socioantropológicas (tempo e espaço) em interação com a tecnologia e finalmente realiza uma discussão ideológica.

Ferreira (2006) discutindo o conceito no campo epistemológico da comunicação, sob perspectivas teóricas, afirma que o dispositivo emerge das confluências entre o social, o tecnológico e a linguagem. Ele chega a esta conclusão a partir de um processo de novas formulações relacionadas a tecnologias, técnicas e sociedade, na análise dos meios visando como objetiva a problematização do lugar da linguagem enquanto objeto construído historicamente.

Inspirado em Verón (1997) para quem a mediação compreende a produção tecnológica de mensagens, sob determinadas condições de produção e recepção (a formação de mercados discursivos entre instituições e indivíduos) define tanto a técnica quanto a linguagem como mediação não neutra, nas interações entre o humano e os objetos. Ao negar a neutralidade este processo sugere, para o autor, a condensação e transformação das práticas sociais, renova algumas, atrofia a outras inclusive quando se trata de produção de mensagens, onde a linguagem, por meio de diversas técnicas de formas de registros semióticos faz a mediação entre o social e o tecnológico, “pois, de um lado, incorpora disposições sociais anteriores, transformando-as, e inscrevendo-as em determinados agenciamentos tecnológicos e técnicas”. (Ferreira, 2006, p. 03).

No campo midiático ele entende o conceito de dispositivo incluindo as condições sociais da sua produção e recepção e instaura um processo tensional que desencadeia um rompimento entre o campo comunicacional que privilegia o aspecto interacional e o das mídias que valoriza a mediação “pelas tecnologias de informação e comunicação, ou como conversação acoplada e deslizante relativamente aos processos de informação”. Seja como for comunicação para o autor é conversacional e implica uma rede de relações não objetivas, mas que coloca em jogo a inserção de indivíduos e instituições no espaço social simbólico constituído como alteridade, em permanente construção através das trocas incessantes de materiais significantes. Aproximando-se de autores como Braga (2011b) que define o

dispositivo como interacional, para Ferreira (2006) aponta a dimensão conversacional como o dispositivo de construção social de sentido. A partir daí, conceito de dispositivo assume-se como metáfora das interações e dos intercâmbios de regras formais, de linguagens e dos diferentes contextos sociais. (Rodrigues, 2001). Ou seja, nessa pesquisa assumimos o conceito como um entrecruzamento vivido pelos seres humanos em seu processo do viver cotidiano, abarcando situações singulares repetíveis e não repetíveis de sua existência humana, os contextos objetivos e concretos, sujeito às organizações sociais, estrutura jurídica e aos posicionamentos alheios. Isso implica pensar em algo que é reconstruído subjetiva e intersubjetivamente, diminuindo as distâncias entre o exterior, o interior e se mesclando vai se constituindo como sujeito que, pelo uso da linguagem se comunica com os demais.

Desta forma, tendo como marco teórico a TRS (Moscovici, 2003) o conceito de dispositivo, entendido como em sujeito falante, permitiu-nos convocar Orlandi (1986) que entende linguagem e o discurso como a marca do social e do individual na produção discursiva. E em meio a uma infinidade de instrumentos e técnicas de interpretação sóciodiscursiva, por decisão pessoal, aproximamo-nos de Pêcheux (2009) que estuda a análise do discurso. Assim, enquanto tal o conceito de dispositivo teria a sua gênese no esforço integrativo e articulador de unidades ancoradas em campos sociais específicos, que produzem seus tipos e gêneros (Maingueneau, 2005) durante o processo da construção de sentido. Ferreira (2006, p. 07) observa que a construção social do acontecimento em dispositivos midiáticos é orquestra e sobre a padronização do mercado linguístico discursivo e ao mesmo tempo responde, “à diferenciação entre produtores (especialistas) e consumidores, que disputam lugares na hierarquia do dizer e do escutar”. Assim, quanto mais unificado o mercado discursivo, e maior o acoplamento e deslizamentos entre tecnologias, linguagens e interações conversacionais, maior o processo de midiaticização. Por essa razão para Ferreira (2006, p. 05) o conceito de dispositivo passa a ser produzido através de um deslocamento de perspectiva que:

Identifica os acoplamentos e deslizamentos em processo no encontro dessas dimensões reconhecidas nos estudos de comunicação, em que uma deixa de ser vista somada a outra, mas sim que uma desloca a outra, em múltiplas recorrências. Esses deslocamentos operam sobre diversas interfaces: a de uma abordagem restrita às relações entre linguagem e sociedade; a de uma abordagem localizada nas relações entre sociedade e tecnologias de comunicação e informação; e, finalmente, entre tecnologia, técnica e linguagem.

A partir da postura deste autor o conceito de dispositivos midiáticos passa a abarcar três dimensões: sócioantropológica, semio-linguística, tecno-tecnológica. A dimensão

socioantropológica do dispositivo midiático significa estar atento a tudo que é humano e social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. Por um lado, estão os sujeitos que são mediados, sua cultura, sua vida, suas ações e suas instituições. Mas por outro, estão os agentes midiáticos, sua formação, sua cultura e as instituições midiáticas envolvidas. O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e circulação de imagens. O dispositivo, enquanto técnica, diz respeito às operações realizadas, e enquanto tecnologia, aos suportes tecnológicos, ou seja, as máquinas, os equipamentos e instrumentos utilizados nos processos de comunicação. Por último o dispositivo, na dimensão semio-linguística, nos fez perceber que o processo de semiotização do mundo que, segundo Charaudeau (2005) opera em dois sentidos: o primeiro ocorreria sob a ação de um sujeito falante que significando transforma o mundo em significado. O segundo corresponde ao processo da transação dos objetos entre os sujeitos que desempenha o papel de emissores e destinatários. Esse segundo, portanto, diz respeito ao mundo significado. Para o efeito apresentamos a semiotização do mundo através do seguinte esquema:

**Figura 2: Procedimento de semiotização do mundo e seu duplo processo**



Fonte: Patrik Charaudeau (2005, p. 13).

O esquema acima permitiu-nos identificar e sustentar o discurso dos elementos tangíveis de Moscovici (2003) descritos por ele como sendo seres materiais ou ideais, reais ou imaginários, possíveis de serem conceituados e nomeados. Ou seja, os seres tangíveis que existem no mundo podem ser transformados em identidades nominais, qualificáveis e por isso também transformados em identidades descritivas. Pelas práticas sociais esses elementos são transformados em esquemas de ação e por isso transformados em são transformados em identidades narrativas. Por último com as suas qualidades os elementos tangíveis dependendo das razões e motivos dos indivíduos são significados, ressignificados e inscritos numa cadeia de causalidades interacionais.

Portanto, no contexto das RS o estudo do DMs, importou-nos por eles atuarem como disparadores processuais enquanto aparato sócio técnico tecnológico sim. Mas, não se limitam

e se explicam apenas através do seu aspecto tecnológico, nem em função das ações dos sujeitos envolvidos e nem tão somente pelas linguagens específicas em cada um dos meios de comunicação. Eles são uma ferramenta que nos permitirá observar e descrever as marcas dos processos constitutivos sociotécnico, tecnológico, semiolinguístico discursivo e antropológico. E também saber como ocorrem as operações e as lógicas dos processos de usos, reconhecimentos e apropriações na ambiência do consumo dos produtos da cultura midiática entre os atores sociais (sujeitos e objetos = produtores e consumidores). Assim, no contexto das RS, foi pensando nas múltiplas possibilidades da articulação ou desarticulação linguística e discursiva, bem como nas regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos que são organizados a partir dos enunciadores, que julgamos ser necessário o uso da análise de discurso.

Portanto, no contexto das RS os DMs embora sejam inerentes as esferas de produção, circulação e consumo ele também permitem saber que políticas são adotadas, quais as ideologias e os perfis dos produtores e consumidores da cultura midiática. Por estas angulações, podemos visualizar espaços “outros” de interpretação acionaram diferentes circuitos que, em mútuas e contínuas afetações (Fausto Neto, 2008) puderam questionar, tencionar a cultura tradicional e provocar choques interacionais de consequências canhestras (Braga, 2012a) na ambiência da cultural midiática.

## 1.2 ARTICULAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA EM RS

Retomando do título da pesquisa pensamos traçar antes de tudo possíveis caminhos que nos permitam instaurar um diálogo com o marco epistemológico que envolve o conceito de RS da violência/agressividade. Enquanto fenômeno (realidade) vivido e experimentado pelo indivíduo, quer pelo grupo, portanto coletivamente na sociedade angolana. Na obra “Ser e Tempo”, Heidegger (1999, p. 59) define o fenômeno como aquilo que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Para ele, não se trata de um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. E é por isso, que exige do pesquisador uma destreza na interpretação que o possibilite uma interligação fenômeno-manifestação, uma vez que, “apesar da manifestação não ser nunca um mostrar-se no sentido de fenômeno, qualquer manifestação só é possível com base no mostrar-se de alguma coisa, pois manifestar-se é anunciar-ser mediante algo que se mostra”. Relendo o pensamento deste autor, podemos afirmar que o conceito de “manifestação” pode significar duas coisas: a) o manifestar-se no sentido de anunciar-se; b) segundo o que se anuncia em si mesmo, o que, em seu mostrar, aponta e indica algo que não se mostra.

### 1.2.1 Inquietações e problematização da pesquisa de campo

Em meio a “Insights<sup>6</sup>”, durante o processo investigativo por ocasião do mestrado em Ciências da Educação, vinculado à Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), no ano 2012, nascia o interesse pela temática da pesquisa. Naquela época deslocamo-nos para Angola. E, conversando com os pais e professores do Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela, percebemos uma certa congruência e unanimidade em seus discursos, quanto ao avanço e desenvolvimento das novas tecnologias de Informação e Comunicação em Angola; um crescente uso dos aparatos sócio técnico e tecnológico sobretudo entre a camada populacional mais jovem; e também notamos um facilitado acesso ao consumo dos bens da Indústria Cultural com o fim do conflito armado no país. Para além disso, ainda verificamos atravessamentos e aproximações discursivos em seus relatos no que diz respeito ao aumento de cenas de agressividade e de violência entre os adolescentes. Segundo eles, tal problemática, ocorre quase que em todos os espaços (familiares, escolares e nas ruas).

Na perspectiva das RS, acompanhar os desdobramentos destas questões, exige uma profundidade reflexão que nos faz voltar o olhar para a formulação de perguntas, sobre como são constituídas as operações e os processos implicados mercado da indústria Cultural (produção, circulação e consumo). Todavia, levanta-se aqui uma outra problemática que nos leva a pensar na discussão sobre um ambiente que se constitui e se constrói em uma relação dialética – tomando um corpo existencial no choque interacional entre um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra – e, por outro lado, no uso dos meios e consumo desta nova cultura. Neste caso, cabe-nos interrogar sobre que lógicas, que gramáticas sócio-técnico-linguístico-discursivas (Fausto Neto, 2008) orquestram as construções de sentido entre os produtores e consumidores nas interfaces da Mídiação e dos Processos Sociais em Angola. A que fontes devemos recorrer para observar estas lógicas e gramáticas? Qual é o público-alvo dos fluxos mercadológicos da cultura midiática? Em meio às buscas empíricas deparamo-nos com os dados do Fundo Nacional da População das Nações Unidas (UNPF, 2016) que apontam as crianças, adolescentes e jovens como a camada em Angola, que mais cresce proporcionalmente na África. E também os do Fórum da XIII Conferência dos Ministros da Justiça dos países de língua oficial portuguesa (Angola, 2016) que, reconhecem o crescente aumento de comportamentos agressivos entre adolescentes.

A este respeito, para Hugo Silva (2014), terminado o conflito armado angolano (2002), e com o surgimento e a instalação de empresas ligadas às inovações tecnológicas

mediáticas globais, que disponibilizam e distribuem do sinal de TVCABO (2006) e Internet de banda larga de serviços interativos (Ferreira, 2008), da convergência e comunicação em rede, a população infanto-juvenil passou a ter acesso aos conteúdos da cultura midiática. A partir dos usos, acessos a esses serviços/ consumo dos conteúdos midiáticos, presumimos que, por meio dos processos de intermedialidade (Fausto Neto, 2006; Gomes, 2006), referencialidade (Braga, 2001), representação, ancoragem e apropriação (Jodelet, 2001; Moscovici, 2003); entre os adolescentes, talvez se operem processos de assimilação e ressignificação que os obriguem a reprodução destes conteúdos. E pelo uso e domínio das lógicas sócio técnicas e tecnologias estes conteúdos agora ressignificados recebam novos sentidos e sejam inscritos em plataformas e espaços diferentes dos fluxos anteriores. Essas alterações talvez oportunizem aos sujeitos novas formas de interação social, o qual exige profundas reflexões devido à complexidade dos processos de circulação dos conteúdos midiáticos.

#### 1.2.1.1 Hipótese da Pesquisa

Em primeiro lugar partimos de pressuposto de que investigar a problemática da RS da violência e agressividade entre adolescentes é, de per si, optar por um estudo de alta complexidade, uma vez que exige estabelecer contratos de leitura e uma escuta atenta de um objeto em mutações constantes. O caso torna-se ainda mais complexo quando associado às cenas de violência e agressividade em circulação nos conteúdos da cultura midiática.

Assim, parafraseando Braga (2012<sup>a</sup>) e Dupuis (1996), para quem o ser humano vê o mundo pelas suas lentes, no âmbito das RS, a pesquisa força-nos a perseguir um objeto que emerge dos embates e choques culturais (cultura tradicional e cultura midiática). E, a partir desse território de embates, o conceito de violência e de agressividade, passa a ser concebido dialeticamente: ora como resistência ora como reafirmação da nova cultura. Nesse sentido, podemos definir o conceito como enunciação discursiva das subjetividades. Uma enunciação discursiva para manter a cultura tradicional e outra que questiona as estruturas tradicionais e familiares em vista a renovação de identidade na ambiência midiática. Todavia, nas duas enunciações discursivas das subjetividades, em um ensaio empírico, inferimos a existência vínculos de múltiplas afetações fortes, no contexto sócio histórico cultural técnico-tecnológico-econômico e político angolano. Portanto, considerando esses vínculos e os contextos no qual se insere a pesquisa levantamos as seguintes hipóteses:

No contexto histórico esperamos que os resultados confirmem a hipótese de que muitos destes adolescentes são filhos de pais e avós talvez tenham participado e ou

vivenciado as duas guerras (colonial e civil) que destruiu famílias inteiras, fez muitas vítimas fatais e devastou o país. Portanto, é lógico pensar que os adolescentes, filhos de ex-militares e ex-policiais nos tratos com os outros adolescentes apresentem atitudes e comportamentos violentos e agressivos.

No contexto cultural esperamos que os resultados confirmem a hipótese de que seguindo os modelos socioculturais de feminilidade e masculina, quanto ao tempo de uso e consumo dos conteúdos da cultura midiática, e as práticas sociais de violência e agressividade, os adolescentes do sexo masculino, levem vantagem em relação aos do sexo feminino.

No contexto técnico-tecnológico-econômico que os resultados passando a ser assumidos como metáforas de luta pela busca de reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural midiática. E, na lógica da produção e de consumo as disputas acirram e aquecem o mercado da do capital midiático. Por essas angulações ocorre a ressignificação dos conceitos de violência e agressividade como metáfora dos bens simbólicos do consumo e signos de espetáculo.

Enquanto metáforas do consumo dos bens simbólicos, que os resultados nos ajudem a conceber a violência e a agressividade como signos e dispositivos de luta pela sobrevivência, sobretudo, dentro de um país riquíssimo em recursos naturais, mas de desigualdades sociais gritantes e de um dos maiores índices de corrupção do mundo. Onde a maior das riquezas se encontra na posse de poucos e a maior parte da população vive à margem da extrema pobreza, que inferimos ser fruto de políticas de mal governação.

Portanto, considerando essas hipóteses inferimos que na ambiência das interfaces sócio histórico, culturais midiáticas será possível observar, perceber e investigar as RS da violência e agressividade no contexto angolano. Alias, parafraseando José Filho e Dalbério (2006), as nossas conjecturas são de que, talvez, a realidade possa ser interpretada a partir de um embasamento sócio histórico, político, cultural, teórico e do caminho metodológico a ser percorrido. Este caminho precisa ser descoberto, através da escuta possível, por meio de instrumentos e técnicas cientificamente já existentes ou a serem construídas de modo apropriado. Isto nos leva a fazer um percurso que vai da empiria (senso comum) para a episteme (conhecimento científico) como afirma Fonseca (2002, p. 11):

O conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual



da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade.

Estamos partindo do pressuposto de que abordar a problemática da RS de agressividade em adolescentes, no contexto atual angolano é incorrer em riscos de alta complexidade. E para tanto, exige repensar os sujeitos pós-modernos atravessados pela cultura midiática, em uma dimensão interdisciplinar e de transversal. Ou seja, é necessário transitar por diversos campos do saber, pois, segundo Braga e Calazans (2001) e Silveira (2004), com desenvolvimento dos Dispositivos Midiáticos e o surgimento da Internet, os campos e as práticas sociais sofrem alterações e mutações em fluxos contínuos (Gomes, 2006; Fausto Neto, 2006). Por estas angulações talvez possamos, numa modalidade exploratória, ensaística e interacional, estabelecer um processo tentativo de construir inferências sobre as significações e atribuição de sentido às práticas sociais dos adolescentes, em confronto com as teorias já consolidadas acerca do objeto de estudo.

Para esta finalidade, propomos como estrutura do problema a seguinte pergunta: Qual é a Representação Social da Agressividade a partir das cenas de violência que assistiram nos vídeos apresentados? e como estabelecem a construção dos sentidos e significados sobre violência?

#### 1.2.1.2 Objetivos da Pesquisa

Antes de tudo definimos os objetivos como elementos fundamentais que nos permitirá atingir a meta a que nos propomos na pesquisa. Para tanto, defini-los com “clareza e em coerência com o tema de pesquisa” (Marconi & Lakatos 2010, p. 24) é indispensável para desenvolver uma pesquisa científica. Pois, o traçar os objetivos de forma clara, configura-se como o mapa a seguir no desenvolvimento da pesquisa, informando assim, as contribuições que os resultados produzirão.

##### *1.2.1.2.1 Objetivo Geral*

Estudar as RS sobre a violência/agressividade em adolescentes a partir de vídeos na Internet com conteúdo violento através dos dispositivos midiáticos (Smartphones, Tablets, Notebooks), dentro do contexto sócio-histórico-cultural angolano. É possível estender algumas problematizações na direção apontada: qual o lugar das redes sociais na construção das representações sociais sobre violência? Quais as atribuições de sentido esses adolescentes apresentam em relação ao que consomem por meio da tecnologia?

#### 1.2.1.2.2 *Objetivos Específicos*

- a) Investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino), a partir das entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da violência/agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube);
- b) Verificar nas RS da violência/agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento;
- c) Observar se houve ou não, variação quanto a representação da violência/agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino.
- d) Compreender os efeitos de sentidos que os adolescentes estabelecem para as representações estabelecidas.

#### 1.2.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para buscar respostas que atendam aos objetivos traçados e as perguntas estruturadas, seguimos o parecer de Andrade (2009, p. 132-133) para quem: “a cada pesquisa que se pretende realizar procede-se à construção dos instrumentos adequados”, para a percepção dos sentidos humanos e obtenção de determinada informação sobre aspectos de uma realidade. Devido à alta complexidade do objeto da pesquisa utilizamos um questionário, em forma de entrevista de aplicação coletiva, visando coletar algumas informações preliminares, a respeito de acesso e possibilidades de uso dos dispositivos midiáticos, pelos adolescentes. Tal questionário foi aplicado aos 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, que compõem a amostra da pesquisa. Essa técnica possui no total 29 perguntas e foram elaboradas pelo pesquisador<sup>7</sup> visando os objetivos geral e específicos da pesquisa; 2 - Focus Group, composto pelos oitenta (80) adolescentes que participam do questionário. Essa técnica, de igual modo elaborada pelo pesquisador<sup>8</sup>. Para as discussões dos Focus Group usamos como disparadores 3 vídeos capturados das Redes Sociais na plataforma do YouTube.

Por meio destas duas técnicas esperávamos que fosse possível uma aproximação do nosso objeto de pesquisa, pudéssemos ter uma maior familiaridade no momento da observação, descrição e inferências sobre as características comuns em cada indivíduo que responderá às questões propostas. Porém, dos 80 que participaram das discussões do Focus Group poucos adolescentes falaram. Fazendo recurso à prática da escuta atenta, dos poucos

adolescentes que falaram selecionamos e nos detemos aos relatos que se repetiram mais de duas vezes.

#### *1.2.2.1 Tipo de desenho da pesquisa*

Com essas características, visamos estabelecer relações entre as categorias e construir inferências acerca da RS de agressividade em adolescentes angolanos, que consomem os conteúdos violentos na internet através dos dispositivos midiáticos. Considerando os objetivos formulados, bem como o marco epistemológico que sustentou essa investigação, classificamos esta pesquisa como sendo uma pesquisa de cunho qualitativo. Porém devido a complexidade do nosso objeto de estudo inicialmente levamos em consideração o aspecto quantitativo, no que diz respeito a dados demográficos e tecno-midiáticos.

A opção por esse tipo de desenho foi, como já o frisamos, de atingir maior familiaridade com o problema. Ou seja, conseguir pistas e caminhos que possam tornar inteligível o acesso ao estudo em questão e nos ajudem, de forma cautelosas, as nossas inferências no momento de construir as hipóteses. De acordo com Gil (2007), para além do levantamento dos observáveis inserimos também o Focus Group, constituídos pelos adolescentes que consomem os conteúdos violentos na internet. Dessa maneira, com a escolha dessas técnicas visamos buscar um instrumento que estimulasse o nível de compreensão de análise do conteúdo da pesquisa em andamento. A materialidade posta em análise nesta Tese foi constituída pelos discursos dos adolescentes, obtidos a partir das respostas da entrevista de aplicação coletiva, elaborado pelo pesquisador, e das discussões do Focus Group, dos registros narrativos resultantes da observação dos vídeos. Estes registros narrativos constituíram aos dados que Bardin (2009, p. 38) ousou chamar de “unidade de análise”. Porém, diferente desse autor, para a verificar a centralidade dessa unidade os dados foram organizados em sistemas de categorias.

No âmbito das RS, segundo Abric (1992), essa organização para além de servir de suporte de análise de dados, ela permite identificar e estabelecer uma relação entre os elementos centrais e periféricos. Por outras palavras, em nossa pesquisa adotamos um desenho essencialmente descritivo, cujo objetivo foi fazer uma análise factorial (Benzécri, 1973) das semelhanças (Flament-Durand, 1967) e das dissemelhanças (Kruskal, 1964) entre os dados.

Portanto, no âmbito das RS, sobretudo considerando a arquitetura da processos da cultura sociomidiática, a organização dos dados em sistemas de categorias, pareceu-nos uma ferramenta que nos possibilitará construir inferências de conhecimentos relativos às condições

de produção, de percepção, de recepção, de significação e de representação das práticas sociais entre os adolescentes. Dessa forma, como afirmam Rodrigues e Leopardi (1999), a análise desse conteúdo tão somente se refere à uma decisão pessoal, a nossa de organizar os dados segundo os objetivos e interesses investigativos, relativos às condições de produção, de percepção, de recepção, de significação e de representação das práticas sociais entre os adolescentes.

#### *1.2.2.2 Unidade de análise*

Interessou-nos investigar, tanto nas práticas quanto nos discursos dos adolescentes, marcas que nos possibilitem estabelecer interfaces entre os indícios acerca da RS no contexto das cenas de violência e agressividade nos fluxos midiáticos, observados nos empíricos e nos dados obtidos a partir das interações com as suas práticas sociodiscursivas.

Por decisão pessoal optamos pela pesquisa qualitativa, apesar das críticas quanto às possibilidades de envolvimento emocional do pesquisador (Minayo, 2001, p. 14), uma vez que partimos do pressuposto que o próprio conceito de neutralidade é discutível no percurso científico. Nossa opção decorre do tipo de objetivo proposto e, além disso a nossa decisão deveu-se ao fato de que, se originariamente o seu campo era restrito aos estudos de Psicologia, hoje com o desenvolvimento das TICs permite a produção, a circulação e consumo dos bens da indústria cultural, ocorrem uma transmutação de campos.

### **1.2.3 Enquadramento da pesquisa no campo científico**

Em dias atuais as sociedades se organizam em função das novas TICs. Para Sodré (2006, p. 19) os indivíduos da sociedade atual vivem a era da “economia digital”. O impacto desta era perpassa tanto o mundo do trabalho quanto o da cultura, e com repercussão sobre “as ciências sociais voltadas para o fenômeno midiático, levando-as a tentar melhor posicionamento epistemológico, no que diz respeito ao objeto e ao acompanhamento das mutações sociais provocadas pela mídia e pela realidade virtual. (Sodré, 2006, p. 19).

A ambiência provocada pela mídia e pela virtualidade provoca-nos a construir inferências propositivas sobre uma sociedade tecnomidiática que atribua à mídia uma centralidade tanto nos processos interativos quanto na construção social. Para o pesquisador Fausto Neto (2008, p. 92), nesta sociedade tecnomidiática

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição

e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a «cultura da mídia».

Essa cultura da mídia continua ao atravessar e afetar largamente as práticas institucionais e as práticas sociais com as suas lógicas e operações, e passa a produzir “as possibilidades de novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos” (Fausto Neto, 2006, p. 09) e converte os cidadãos em consumidores de objetos simbólicos.

Na visão de estudiosos como Baudrillard (1981) e Bauman (1999), na sociedade dominada pela cultura midiática os indivíduos já não consomem apenas objetos e coisas. Se antes as instituições produtoras se empenhavam em produzir mercadoria, hoje ocorre a incorporação de uma vasta gama de associações imaginárias e simbólicas, apesar do objeto já possuir o valor de uso e de troca. Pelas marcas produzidas pela e na circulação midiática, Verón (2004) e Fausto Neto (2010) apontam a necessidade de entender as relações complexas entre produção e recepção. Por sua vez Braga (2011a) salienta que as instâncias não podem ser mais compreendidas de forma separada, uma vez que cabe aos participantes dos episódios comunicacionais realizar fluxos adiante de variadas formas na ambiência da circulação midiática. A ser o caso, como postula Fausto Neto (2010, p. 55) a circulação passa a instituir “novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces”.

Essas novas formas interacionais estão relacionadas ao conceito de produção de mercadoria, que Baudrillard (1981, p. 09-13) apelida de “mercadoria-signo” que não é senão autêntico simulacro, descrito como uma “esfera particular do real que não faz parte da realidade”. Tentando explicar essa esfera, o autor diz que ela é “mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referência e circunstância se encontram em lado nenhum”.

Partimos do pressuposto de que a tomada de posição, pelos relação à esses movimentos inversos, possa permitir, à nossa pesquisa, uma rearticulação dos processos de visibilidade a partir da interação entre produtores e receptores de discursos, e a produção dos sujeitos que antes tinham poucas alternativas de visibilidade diante das mídias clássicas. Ou seja, a nossa visão investigativa aproxima-nos de Fausto Neto (2008, p. 96), para quem “a midiatização institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições midiáticas e os atores sociais.

Sendo assim, a RS de agressividade entre adolescentes angolanos, enquanto realidade social passa a ser concebida como um processo de construção permanente, onde eles

desempenhariam um papel de sujeitos ativos. Portanto, essa realidade social não seria composta apenas por dados quantificados e objetivos, mas incluiria a subjetividade dos sujeitos. É justamente aqui onde está o diferencial da nossa pesquisa. Assim, todas as interpretações da unidade de análise serão realizadas indutivamente (Ferreira, 2006), pelo fato de ser uma pesquisa que podemos chamar de natureza “sociocultural orquestrada por uma arquitetura de alta complexidade e específica”. (Praça, 2015, p. 81).

Foi justamente por isso que escolhemos instrumentos, métodos e técnicas que possibilitassem a instauração de um processo observacional e descritivo com o foco nas práticas (ações) e discursos (relatos) dos participantes (atores sociais), nos sentidos propostos (signos) e nos resultados nos episódios interacionais a serem estudados. Assim, pensar metodologicamente na problemática da representação social da agressividade em adolescentes angolanos é concentrar a reflexão nas questões relativas aos dilemas e problemas específicos do campo da Psicologia Social (Moscovici, 2003) e da Comunicação Social, sim, mas também em outros que estão nas bordas da Midiatização (Fausto Neto, 2008).

Na interdisciplinaridade cremos que os aportes da Psicologia Social sobretudo a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, concorda com Fausto Neto (2010) e Braga (2011a), para quem os processos de midiatização exigem o desenvolvimento do estudo de algo que resulte dos fluxos interacionais de fenômenos do mundo social, interpretados à luz de dados e observações extraídas das referências sócio discursivas. Portanto, nas interfaces entre as formulações conceituais e a pesquisa empírica, cremos que observar as representações sociais pode se equiparar ao estudo sobre as formas como ocorrem os processos de percepção, recepção e a explicação (Fausto Neto, 2010), amparados pelas pesquisas que elegem o método qualitativo. Trata-se, na perspectiva da Psicologia social, daquelas pesquisas em que, quer nas suas discussões, quer nas análises de dados coletados estão presentes “o passado, presente, futuro, história, sonhos, etc. dos indivíduos envolvidos, e, cujo resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas e todas as gerações”. (Gomes, 2017, p. 126). Em resumo, o nosso objetivo é fazer da midiatização como uma chave hermenêutica para compreensão e interpretação da representação social de agressividade enquanto fenômeno social entre os adolescentes angolanos, já que a midiatização se organiza em torno ao consumo relacionado com as produções de sentido social parafraseando Baudrillard (1981).

O nosso papel investigativo consistiu, justamente na interação e no envolvimento com a temática e com os indivíduos da amostra, visando compreender todo o processo que partindo da percepção, passando pela recepção e consumo dos conteúdos desemboca na

retroalimentação dos circuitos da produção dos bens da indústria cultural, na ambiência da circulação midiática. Inferimos que, por este caminho talvez esta pesquisa possa abrir-nos pistas enriquecedoras tais como: Primeiro - o acesso à uma oferta de oportunidade profunda que pode nos ajudar na leitura e na compreensão das práticas e dos discursos dos adolescentes angolanos imersos na cultura midiática; Segundo - o mergulho nas ofertas de práticas, nos discursos e nas oportunidades criadas pela circulação dos bens da indústria cultural midiática lidas e interpretadas segundo as perspectivas dos adolescentes nos permita um distanciamento da preocupação com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Portanto, interessa-nos como foco de investigação uma leitura da realidade a partir do que Chizzotti (1995, p. 79) ousou chamar de uma “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Na esteira deste autor, como pesquisador estamos levantando a hipótese de que talvez o conhecimento não se reduza a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. Mas, que tanto o “eu” do sujeito-observador quanto o “eu” do sujeito-observado, são parte integrante do processo da construção de conhecimento e ambos interpretam os fenômenos. Ao fazê-lo os dois “eus” assumem o papel de atores reconstrutores dos mesmos e, imprimindo neles as suas subjetividades atribuem-lhes novos significados. Nesta ambiência interacional ocorrem disputas e conflitos de espaço entre dois “eus”. E talvez o objeto passe a ser uma entidade que sofra mutações devido às múltiplas afetações na ambiência midiática. Como se não bastasse estas múltiplas afetações, também as condições e as formas de produção sofrem alterações em vista ao consumo.

Portanto, qualquer estudo que se pretenda fazer a respeito de objeto “produto midiática” não passa senão pelos processos tentativos e de conjeturas exploratórias. Daí que foi fundamental, na investigação destes objetos, a incorporação dos contextos sócio históricos e culturais dos sujeitos produtores e consumidores, as condições de produção e de circulação. Só assim se conseguiu fazer uma investigação aberta às leituras de leituras e significados outros que segundo Moscovici (2003) e Fausto Neto (2008) podem ser localizadas nas bordas de todo o processo social investigativo. Ademais o tema sobre a representação social de agressividade em adolescentes, além da complexidade em si, ele constituiu uma problemática desafiadora devido à quase inexistência de abordagem nesta área em Angola. A ser assim, a nossa pretensão não foi de resolver o problema social e nem “formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” como diria Gil (1999, p. 43) sobre a representação social de agressividade em Angola entre os adolescentes, mas caracteriza-la, a partir de uma visão geral aproximativa.

Apoiados nesse autor, assumimo-nos como pesquisador explorador que “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (Gil, 1999, p. 43).

Nesta lógica de raciocínio, sob a perspectiva da TRS, a partir de Megargee e Hokanson (1976), que demonstraram em sua análise, a variabilidade do nível de expressão de agressão, como resposta a várias condições ambientais e sociais, inferimos que a RS de agressividade talvez esteja relacionada a um conflito de disputas de campos psicossociais construídos nas interfaces e no ambiente interpessoal ou no meio social. (Moscovici, 2003). Estes conflitos de disputas de campos psicossociais, na época atual, seriam transformados em vilões das tramas, em pautas de discussões e de debates dos estudiosos, atravessando campos e práticas sociais (Michaud, 1989) com o advento da Web 2.0 na década de 1960.

No âmbito dos processos sociais, estes conflitos, ao serem expostos no mundo super e hiper-conectado, são convertidos em produto no mercado de consumo dos bens da indústria cultural midiática. Esta superexposição e consumo podem oferecer-nos a possibilidade de inferir que talvez a mídia se configure como uma indústria transformadora da violência e da agressividade em produto de consumo (mercadoria-signo).

#### 1.2.3.1 Categorias: RS, violência/agressividade, adolescência, sexo (masculino e feminino), consumo, DMs, vídeos, internet (YouTube)

Retomando a ideia da interdisciplinaridade, a escolha desses conceitos inscreve essa investigação nas pesquisas qualitativas. No contexto das RS, o que nos interessa não foi a obtenção dos dados quantitativos, mas, no seu processo. Assim, por decisão pessoal tenhamos optado pela pesquisa qualitativa, apesar das críticas quanto às possibilidades de “envolvimento emocional do pesquisador”. (Minayo, 2001, p. 14). Como forma de minimizar possíveis críticas estabelecemos um processo que, parafraseando Bogdan (apud Triviños, 1987) da manifestação e observação, passou pela descrição e terminou na construção de inferências, indutivas, dedutivas e abduativas.

#### 1.2.3.2 Aproximação e localização da amostra da pesquisa de campo

Como forma de nos acercar do nosso objeto de pesquisa, na qualidade de pesquisador participante, no contexto da sociedade angolana não seria possível a aproximação do objeto de pesquisa sem antes estabelecer um mapa topográfico que nos ofertasse e oportunizasse



maior acessibilidade ao objeto de pesquisa. Por meio desse mapa delimitamos como campo de pesquisa o colégio Nossa Senhora da Conceição, uma instituição religiosa católica pertencente às irmãs de Santa Doroteia, localizada na Cidade de Benguela em Angola.

#### *1.2.3.2.1 Descrição do campo da pesquisa*

Segundo relatos do jornal da CEAST<sup>9</sup> “O Apostolado”, o colégio Nossa Senhora da Conceição teria historicamente a sua gênese em 1934 quando em 13 de outubro, Dom Moisés Alves de Pinho, então bispo de Angola e Congo, solicitava à irmã Maria da Gloria Arraiano, a também então madre superiora da província de Lisboa, a abertura de uma casa religiosa que se dedicasse ao ensino para a sua diocese. O objetivo do pedido do prelado era conseguir uma congregação feminina que suprisse a falta de colégios voltados à educação de meninas. Em 1937, Dom Moisés reforça o convite à Madre Superiora Maria da Gloria Arraiano afirmando que se importasse, usando de diplomacia, com os de Benguela, pois já tinham comprado casa e estão a contar com as Irmãs. Dentro de pouco tempo, o convite é reforçado pelo Dr. Germano Antunes do Amaral. E então, a todo o vapor colonial, a instituição abraça a causa e destaca para a nova missão quatro freiras Doroteias que chegam a Benguela no dia 10 de abril de 1939, data da fundação e abertura do colégio por meio das irmãs Maria da Glória Arraiano, Maria Luísa Esteves, Maria da Graça Cabral Cavaleiro e Margarida Ferreira. Nesse ano, apesar de algumas dificuldades, as Irmãs deram o seu melhor e conseguiram abrir as primeiras salas de aulas, atendendo às necessidades da época. Para além do ensino acadêmico a irmãs, também se dedicaram a lecionar a disciplina de formação humana crista e catequese.

Ao fim do primeiro ano, por conta dos resultados satisfatórios que obtiveram elas viram-se obrigadas a subir o número de meninas de 48 para 81 e a ampliar o espaço construindo novas salas. Assim, em 31 de maio de 1947 foi feita a bênção da primeira pedra para o edifício do colégio, concluído 10 anos depois com as alas direita e esquerda interligadas pela capela e o pavilhão para os pianos. O ano de 1959 foi consagrado à construção da Casa de Trabalho (Lar Santa Paula) e em 1960 o ginásio desportivo.

Em toda a sua logística arquitetônica, o colégio visava, na época, em um sistema de internato e semi-internato, a educação de “boas donas de casa”. quando adultas e de modo geral para a inclusão social de crianças e meninas das classes pobres e completamente abandonadas. Com o tempo houve a necessidade de se adequar ao sistema global de ensino no país. E o colégio teve que adotar os cursos dos Liceus e a instrução primária ser para as escolas oficiais. Todavia, devido aos desdobramentos da guerra civil e da lei da nacionalização do ensino em Angola em 1978, as Irmãs deixaram o colégio, que passou a ser

gerido pelo Ministério da Educação como propriedade estatal. Devido às mudanças políticas do país, a pedido de D. Óscar Braga, Bispo da diocese de Benguela, o colégio foi entregue à respectiva Congregação das Doroteias. No ano de 1991 com o processo da assinatura do processo da paz o colégio foi reaberto. Porém, não apenas para atender as meninas e sim, também meninos, ou seja, todas as crianças e adolescentes do ensino primário. Atualmente está em funcionamento com os três níveis do ensino: I, II e III, totalizando, aproximadamente, 2 mil alunos.

O enfoque dessa descrição topográfica ou delimitativa, objetiva, como anunciado, pode nos permitir fazer um tensionamento relacional com o nosso objeto de pesquisa e então cognominar a instituição de ensino como o nosso campo de pesquisa. Por conseguinte, tomaremos de empréstimo o conceito de campo, amplamente desenvolvido por Bourdieu em suas obras, tais como “O poder simbólico” (1989), “As regras da arte (1992) e sobretudo a obra “Os usos sociais da ciência” (2004). Na obra “O poder simbólico”, o autor entende “campo” como um lugar de tomadas de posições, as lutas, as tensões, o poder (Bourdieu, 1989). Para Bourdieu (2004, p. 22-23), todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. A importância de discutirmos essa questão consiste justamente no fato de que no âmbito da mediação, o campo converte-se no espaço fomentador do “fluxo” e do “contrafluxo”. Braga (2011a, p. 07) descreve como “a necessidade de previsão da escuta possível na composição da “fala” a ser posta em circulação”. Ainda seguindo o parecer deste autor, supomos que, observando o que ocorre no contrafluxo, possamos produzir, epistemologicamente, conhecimento “a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos”, na interação social com os adolescentes que os constituem e os fazem existir, pelas relações que aí estabelecem. Nessas interações sociais, a compreensão do conceito de campo pode revelar-nos o que os adolescentes em estudo “podem ou não fazer” e “dizer”, através da estrutura socio-histórica-cultural e das suas “relações objetivas”. (Bourdieu, 2004, p. 23).

Nesse processo constituinte, Braga (2016, p. 16) observa “trajetórias epistemológicas”, às vezes flutuante, que sugerem uma diversidade extraordinária de questões. Para o efeito, organizamos essa trajetória em três níveis sendo o “primeiro o nível epistemológico, depois o nível teórico-metodológico, e finalmente o nível tático, material”. Focados nestes três níveis podemos perceber uma trajetória investigativa interacional no campo da pesquisa científica. Pelo que tudo indica no primeiro nível se destacam as reflexões sobre o conhecimento produzido numa perspectiva programática e de sistemas de pensamento. No segundo, estariam traçadas as estratégias de construção do conhecimento na área das ciências humanas e sociais.

Nesta área seriam feitas as reflexões teóricas, a produção de conjecturas. Assume-se, desta forma a elaboração de hipóteses e posições teóricas e desdobramentos em pesquisas. Por fim, no terceiro nível faz-se uma abordagem material na qual se operam os exercício de técnicas de observação, da obtenção de dados, cujo percurso vai da construção do problema, passando pela busca de indicadores e terminando no trabalho de interpretação.

Vala (1993, p. 354) em seus estudos identifica, reconhece e confere o lugar ocupado pelas RS como aquele que “não só se alimentam de teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas”. Nesse sentido elas se convertem em uma ciência pautada pela ação do senso comum, de base conceitual ampla e claramente relacionada aos objetos empíricos privilegiados durante os processos de análise. Todavia, em nosso entender, os processos de análise dos objetos empíricos devem considerar os atravessamentos, as descontinuidades ou fissuras e as rupturas observadas nos fenômenos analisados pelo pesquisador. Outro elemento a considerar durante os processos de análise é a categoria tempo e os contextos socio-históricos. Isso ajudaria a definir a RS como a ciência inscrita na realidade cotidiana, do tempo e do mundo vivido baseada nos modelos da intersubjetividade e da interação social. (Moscovici, 2003). Assim, enquanto ciência do tempo ela procura interpretar as transformações de um presente marcado por três instantaneidades: o agora mesmo, o agora e o estando agora. (Heller, 2000).

Na visão de Heller (2000), o agora mesmo, em relação ao passado e ao futuro no sentido ordinário, denota ação e mostra o tempo passando para frente e para trás. Por sua vez, o agora mostra a relação com um passado que já terminou e é único (os tempos idos), sendo uma fronteira entre o que aconteceu e o que ainda não aconteceu. O agora indica a intersecção do ser na sequência do mundo da vida, ou seja, em um tempo que se situa entre o começo e o fim. (Heller, 2000). Já o presente seria o estando agora, denotando que se está encerrado num tempo e num espaço, entre o começo e o fim, mas sobretudo num agora mesmo, isto é, a ação humana num tempo presente que passa durando. É esse tempo durando, denotado na atitude contemporânea dos estudos de comunicação, que deve ser considerado como categoria teórica fundamental. Esse mesmo estando agora mostra a ação comum, denominada por Heller (2000), de conjuntividade, o comum humano, aspecto metodológico fundamental da comunicação, como também enfatiza Sodré (2013).

Portanto, estudar as RS de cenas de violência e agressividade à luz da Mídiação e dos processos sociais parece, e com justa razão, equivaler a trilhar pelos atalhos que exigem

idas e vindas (Braga, 2012a), considerando os contextos sócio-históricos e culturais das sociedades nos quais eles ocorrem e das práticas quotidianas dos seus indivíduos.

#### *1.2.3.2.1.1 Delimitação e descrição da amostra de pesquisa*

No contexto desta pesquisa, entendemos que “para dar conta do estudo das interações entre os adolescentes que consomem os conteúdos violentos na internet acerca da representação social da agressividade, no contexto da sociedade angolana, onde começam a imperar as “redes de conexões” nos últimos anos, conforme Rüdiger (2007) devemos escolher e fechar a amostra. Com o fechamento da amostra queremos significar o conjunto que subsidiará a análise e interpretação dos dados.

Elaborarmos uma pesquisa que não generalizou os resultados, mas que obteve um rico conteúdo ao recolher muitas informações, em nossa pesquisa optamos por um estudo que observou a circulação da agressividade por meio da seleção de um caso. Este caso foi constituído por 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, da idade entre 14 e 16 anos, dos ensinos fundamental e médio, que julgamos compartilharem um conjunto comum de características de interesse para o problema sob investigação. E que também pudessem apresentar particularidades decorrentes da diferença de sexo. A ideia foi, de acordo com Andrade (2009, p. 14-15), por meio dos Focus Grupos, possibilitar uma “oportunidade de discussão e o aparecimento de uma decisão ou opinião coletivas” que por sua vez, “marcam as características do agrupamento elementar chamado público”. Por essa vertente, adotamos em nossa pesquisa uma amostra não-probabilística (intencional), feita a partir da nossa experiência de investigadores no campo de pesquisa, numa empiria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e a unidade de análise, ou seja, o corpus a ser estudado. (Pires, 2008).

A partir de Sodré (2011) e Gomes (2017), nas interfaces entre o objeto de estudo e unidade de análise, se considerarmos as “práticas socioculturais” ditas comunicacionais ou “midiáticas” pós-moderna, vem se instituindo como que um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, um “bios midiático”. Sem o estabelecimento de um vínculo de causa e efeito, esta leitura apenas se tornaria possível sob angulações da forma como a cultura das novas tecnologias (Faxina e Gomes, 2016; Gomes, 2017) está atravessando os campos e as práticas sociais dos indivíduos (Moscovici, 2003; Jodelet, 1992).

Nesse contexto situacional e interacional, inferimos que a consciência do lugar que cada um dos adolescentes ocupa na estrutura social (Maldavsky, 1977; Moscovici, 2003) e

acadêmica poder servir de marco indicador sobre qual seja a sua tomada de posição (Freud, 1915b/1988; Aulagnier, 1975).

Como critério da seleção desse grupo, para nossa conveniência, foram incluídos na pesquisa os adolescentes que possuem a faixa etária de 14 a 16 anos, alunos matriculados e de frequência escolar regular no Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela; adolescentes usuários da internet através de um dispositivo midiático e, por fim possuem um perfil numa das redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Instagram, YouYube. Todavia, por decisão “ad libitum”<sup>10</sup> nossa, optamos por observar os processos da RS do fenômeno da agressividade a partir do material que acessam na plataforma do YouYube.

Por meio desses critérios, nossa conjectura indicou a partir das respostas às perguntas que foram feitas no questionário de aplicação coletiva, possamos delimitar pontos comuns e diferentes, e observar os processos sobre a construção de circuitos e as estratégias socio simbólicas constitutivas e midiáticas da circulação da agressividade nos discursos e práticas desses adolescentes. Por esse viés, a partir de Fausto Neto (2010; 2016) e Braga (2011a; 2017) projetamos construir uma arquitetura metodológica de processualidades mais complexas que meras relações, antes pontuais e lineares entre o emissor e o receptor, por exemplo. Tratou-se de fazer alusão à um cenário em mutações constantes à mercê das lógicas articuladoras entre participantes e processos comunicacionais, que se construíram em torno de fórmulas de participação organizadas em arquiteturas dinâmicas e múltiplas, afetações cada vez mais complexas no âmbito da circulação midiática. Portanto, tornou-se relevante a escolha de instrumentos e técnicas que nos ajudaram na percepção e observação dessas processualidades, que foram feitas por meio da descrição e análises constituintes acerca do que se estabiliza e se desestabiliza, conforme a própria dinâmica da vida na sociedade angolana, agora em midiatização.

#### **1.2.4 Construção das Técnicas de Recolha de Dados**

Depois de tudo que vimos até agora, pensamos que os indícios articulados e as inferências aqui viabilizadas podem constituir-se no material expressivo, na formulação do “modelo compreensivo” do fenômeno social, por meio da observação e da descrição reconstrutiva do objeto sustentados pelos três tipos de raciocínios. Dessa forma, sob o ponto de vista da midiatização e dos processos sociais, o nosso olhar de pesquisadores estará mais próximo das “lógicas processuais básicas que fazem o objeto ‘funcionar’ tanto em sua organização interna (articulação entre as partes) como nas relações com contextos e outras situações com que este entra relevantemente em relação”. (Braga, 2016, p. 93-94). No

contexto do nosso objeto de pesquisa e dada a sua complexidade de que a qualidade do processo de observação descritivo/inferencial dependerá da nossa percepção acerca dos fenômenos que pretendemos observar, e de uma possível aproximação aos sentidos gerados nas próprias interações observadas. Tendo como meio orquestrante a problematização formulada acerca do objeto, das teorias que acionamos, só então será efetuado o processo de escrita dos relatos da pesquisa. Pretendemos ainda informar que durante o processo da observação não omitimos aspectos relevantes que poderiam passar despercebidos, bem como fizemos o possível para evitar as subjetividades que poderiam deixar perceber apenas os detalhes que nos interessariam. Pelo fato de não termos regras gerais apriorísticas, na discricção dos observáveis, adotamos os “critérios ad-hoc ou tentativos” (Braga, 2016), que nos auxiliaram no levantamento das marcas ou indícios. Por sua vez essas marcas nos permitiram distinguir os elementos essenciais dos acidentais, em função das lógicas interacionais internas da situação em que ocorrem e de suas relações com o contexto de cada adolescente que compõe a amostra da pesquisa.

#### 1.2.4.1 Etapas da pesquisa de campo: processos interacionais entre o “eu” do pesquisador e o “eu” do pesquisado

No contexto da sociedade angolana e na perspectiva da midiaticização como ambiência, dada a complexidade da temática em estudo, depois da delimitação do objeto e da sua problematização, foi necessário tomar a decisão da seleção de possíveis técnicas e métodos disponíveis no campo científico. De acordo com Tjora (2006) e Threlfall (1999), essas técnicas científicas interativas são propícias para estudar o comportamento dos indivíduos consumidores. O objetivo é a escolha racional e reflexiva de um instrumento que oportunize condições de operacionalização das variáveis e a articulação dos objetivos do tema e do objeto de estudo.

Essa posição teórico-metodológica transversal consistiu no estabelecimento de uma tensão epistemológica que envolve um processo que parte da seleção dos indícios, passando pela observação, descrição, classificação e categorização cultural dos fenômenos sociais observados, por meio das teorias e abordagens elaboradas pelos investigadores do campo da comunicação e daqueles que estão nas bordas da midiaticização. Ou seja, almejamos uma pesquisa que instaurou uma plataforma epistemológica e interacional entre as inferências indutivas e criativas, construídas a partir dos indícios e as inferências dedutivas, extraídas de conceitos e teorias de autores da área das ciências humanas e sociais.

Dessa forma, o nosso objetivo foi estreitar as relações com o objeto de estudo, visando um “nós” em construção acerca dos fenômenos observados nos empíricos. Para tal, metodologicamente fizemos a convocação de autores de diversos campos do saber, conforme a fundamentação teórica. Para, numa abertura dialógica, encontrarmos um denominador comum que nos permita estabelecer um estudo correlacional (práticas – teorias) acerca da circulação da agressividade em adolescentes angolanos que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (Youtube). Como estratégia dividimos a pesquisa em quatro etapas fundamentais:

- a) Etapa 1: a primeira consistiu no uso e apropriação de teorias e conceitos previamente formalizados por pesquisadores na área do conhecimento sobre o contexto socio-histórico-cultural e as novas tecnologias da informação e Comunicação em Angola; sobre a agressividade, sobre a adolescência, os processos de produção, consumo e circulação dos conteúdos midiáticos;
- b) Etapa 2: aplicação coletiva da entrevista com perguntas livres e abertas, que foi aplicada ao grupo de adolescentes que participaram da pesquisa. Ainda neste tópico elaboramos três termos de consentimento livre, conforme os anexos 1,2 e 3: um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi submetido aos pais dos adolescentes, um Termo de Autorização para os Menores (TAM) para os adolescentes, e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEM), submetido aos produtores dos vídeos a ser observados respectivamente;
- c) Etapa 3: fizemos a aplicação coletiva do questionário. O objetivo dessa técnica foi a recolha de dados que ajudassem a estudar a circulação e representação social da agressividade em adolescentes que consomem os conteúdos violentos nos vídeos que circulam na internet; conhecer e compreender o histórico sociofamiliar de cada adolescente. A técnica estava estruturada em forma de perguntas individuais concretas, para evitar a contaminação ou influências nas respostas, de aproximadamente 30 perguntas. O objetivo foi recolher dados sobre a filiação, sobre as motivações que levam os adolescentes a escolherem e assistirem certos gêneros de vídeos da internet (Youtube); saber os tipos de dispositivos midiáticos (DM) que usam; saber a forma como os usam, aonde e com quem; investigar a quantidade das horas diárias e semanais que os adolescentes acessam a internet; verificar se os conteúdos que assistem e/ou acessam, contêm algumas cenas violentas; compreender o que eles entendem por cenas violentas e agressivas; saber

que representações os adolescentes fazem da violência e de agressividade midiáticas; o que os adolescentes fazem circular nas suas páginas pessoais da internet. Ademais, nos interessou indagar sobre a possibilidade de haver comportamentos agressivos e violentos no contexto familiar, escolar e assim por diante.

- d) Etapa 4: armação do Focus Group composto por 80 adolescentes. Para efeito, foi realizado uma discussão/debate semidirigida sobre a agressividade e a violência entre os adolescentes, considerando os resultados obtidos no questionário quanto ao tema em estudo. Por meio de uma metodologia modelada e dirigida, essa técnica serviu para observar nos relatos dos adolescentes os diferentes pontos de vista sobre os conteúdos exibidos. E, para a sua operacionalização, dos vídeos do campo de observação sobre as disrupções e defasagens, selecionamos três vídeos, nomeadamente: os adolescentes entram em pancadarias no Bela Shopping, e os dois da operação policial. Após a seleção, os vídeos foram exibidos aos adolescentes com a finalidade de observar e anotar os comportamentos de cada um deles. Logo após essa técnica, introduzimos os tópicos de temas previamente selecionados, tais como: a circulação, a representação social da agressividade e da violência, as políticas para combater o uso de armas de fogo e a criminalidade em geral, os vídeos na internet, os adolescentes e o uso dos dispositivos midiáticos.

Assim sendo, como já o referimos anteriormente, pensamos ter o primeiro contato com a instituição, os pais e os adolescentes em vista da seleção e familiarização com as pessoas que compõem a amostra da pesquisa e que responderão as entrevistas. Segundo autores como Weiers (1988), Yin (1990) e Babbie (2001), a familiarização com os adolescentes da pesquisa visa a nossa aproximação social entre pesquisador e pesquisado, entre observador e observado, permitindo que as pessoas fiquem mais à vontade e se sintam mais seguras na recolha dos dados. A nossa ideia era de que por meio das entrevistas e do Focus Group chegássemos à percepção e à observação dos fenômenos em fluxo no espaço social. Esta observação, por seu turno, pode se configurar como uma técnica que sugere um aprofundamento necessário para a aplicação das entrevistas e discussões no Focus Group. Por esse viés, a combinação da técnica da observação dos fenômenos sociais presentes nos indícios (práticas – ações), selecionados por meio das entrevistas (discursos, teorias) e das discussões do Focus Group constituiu ferramentas e estratégias para as análises descritivas e exploratórias, cujo objetivo é construir inferências indutivas. As inferências poderão suscitar o



estabelecimento de interligações discursivas entre as inferências indutivas e dedutivas a respeito de um nós em construção, através de um outro conjunto, as abduativas, considerando as possíveis singularidades e generalizações, sobre a RS do fenômeno da agressividade na ambiência midiática na sociedade angolana.

Resumindo, metodologicamente por este caminho acreditamos que as RS de agressividade e violência apenas possam ser percebidas e observada nas falas destes adolescentes, através da capacidade de escuta que não reduza os espaços simbólicos viabilizados pela associação livre. Se ao adolescente cabe relatar tudo o que lhe ocorre sem deixar de revelar algo que lhe pareça insignificante, à nós enquanto observadores caberá escutá-lo sem o privilégio, a priori, de qualquer elemento de seu discurso como afirma Alonso (1988, p. 02).

No seio da associação livre vai se produzindo um deslocamento da imagem, do fato como fixo, e este vai se incluindo em múltiplas imagens caleidoscópicas cujas combinações possíveis se multiplicam e onde o ritmo, a cadência, a intensidade maior de alguns fonemas, a excitação explícita no gaguejar de uma palavra, o sentido duvidoso de uma frase mal construída, tudo isso vai dando tonalidades diferentes a estas figuras que não passam despercebidas à escuta sutil da atenção flutuante. Ao mesmo tempo, ao ser escutado pelo analista, o próprio sujeito que fala se escuta.

#### *1.2.4.1.1 O uso dos “lírios do campo”<sup>11</sup> como estado de arte científica*

Usamos a expressão “lírios do campo” como metáfora para nos aproximarmos do nosso objeto de pesquisa. Para o efeito passaremos a entendemo-la como todo um conjunto de materiais, que segundo as teses formuladas de Günther (2006) e Paterson, Bottorff e Hewat (2003), nos podem ajudar na observação, descrição, levantamento de dados sobre o objeto de pesquisa em vista a constituição de inferências e formulação de hipótese visando a construção de um “nós epistemológico”<sup>12</sup>.

Assim sendo, em processo tentativo, nosso objetivo foi, por meio de observação participante, perceber e descrever os indícios ou marcas, que nos permitem inferir e localizar quais passos estão sendo dados na sociedade angolana como forma de implementações e das articulações políticas, rumo ao desenvolvimento humano e social (Vygotsky, 1984; Valsiner, 1988; Góes, 1991), sobretudo no sector das TICs.

Para o efeito, usamos os como disparadores os vídeos, produzidos por atores sociais angolanos e em circulação na internet. Assim, de comum acordo com os teóricos da Comunicação social, sobretudo na área de Mídiação e Processos Sociais (Verón, 2001; Braga, 2012a; Fausto Neto, 2013; Gomes, 2017; Ferreira, 2007) esses materiais foram

produzidos e postos em circulação nas redes sociais pelas instituições canônicas e não canônicas na plataforma do YouTube. Portanto, os “lírios do campo” serão constituídos por um total de 4 vídeos, produzidos em Angola e postos em circulação pelas instituições oficiais e não oficiais. A nossa percepção inferencial, embora ainda genérica, era de que os resultados das entrevistas, discussões e das observações dos vídeos, assumidos como práticas discursivas dos sujeitos em um determinado contexto social, possibilitariam a construção de teorias sobre o que surge das interações sociais frente ao mercado da produção, dos usos e consumo dos bens da indústria das novas TICs.

E então em meio à uma sociedade pós-guerra, como nos revela o contexto socio-histórico e cultural no qual se inserimos o objeto da pesquisa, encontramos um contraponto para a pertinência da investigação sobre a circulação midiática do fenômeno de agressividade em Angola. Metodologicamente falando, pretendíamos desencadear um processo observacional e descritivo, cujos desdobramentos obedeceriam a uma estrutura composta por três movimentos:

- a) O primeiro movimento foi de observar e perceber nos discursos institucionais relatos, que pudessem servir de marcos de uma sociedade em integração na esfera de consumo dos bens da Indústria Cultural, das novas tecnologias de informação e comunicação (sociedade dos usos dos meios – contratação dos serviços de Telefonia Móvel, internet e TV à Cabo). Para o efeito selecionamos nas redes sociais o vídeo intitulado: “Movitel Geração M”. Este vídeo institucional de 1 minuto e 1 segundo de duração, foi produzido e posto em circulação pela UNITEL no seu canal “mvcfalacomigo<sup>13</sup>”, no dia 23 de outubro de 2013. Em dezembro de 2017, quando o selecionamos e capturamos, ele possuía 9.364 visualizações, 30 curtidas das quais 28 positivas, 2 negativas e sem qualquer compartilhamento. Com a licença padrão do YouTube insere-se na categoria de ciência e tecnologia. Sob o pretexto condicional, antes de acessar o vídeo, o internauta se depara com o texto que o convida a fazer um auto-retrato, ou seja, a buscar identificação cultural e/ou a lutar pelo reconhecimento através daqueles que fazem parte da “Geração M”: “Se és da Geração M – se não vives sem Facebook, Instagram, YouTube e toda a internet – este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”! O vídeo ao traçar fazer anúncio dos pacotes da Internet e a disponibilização de serviços plataformas: “Facebook, Instagram, YouTube”, tem como objetivo não só o

comércio dos produtos da indústria cultural midiática, mas também, a integração do público angolano dos usos e apropriações dos DMs.

- b) O segundo movimento referiu-se aos usos e apropriação dos dispositivos sociotécnicos-discursivos: “adeus ao amador” (atores sociais). Portanto, visando a verificação dos processos, dos desdobramentos das TICs e dos usos e apropriações das competências sociotécnicas nas interações sociais pelos sujeitos. E, como marco indiciário destacamos o vídeo: Primeiro Dailly vlog #1. Este vídeo de, 9 minutos e 37 segundos “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” foi posto em fluxo na rede no dia 19 de abril de 2016 no canal de Adilson Manuel. O canal é intitulado “PROIBIDO VER”, contém 6.856 inscritos, e situa-se na categoria de pessoas e blogs com a licença padrão do Youtube e apresenta como trilha sonora a música: "Tá Doce" de Cef, Young Double, Lil Saint & Big Nelo (iTunes). Até fevereiro de 2018, data da sua seleção e captura, o vídeo foi visualizado 3.156 vezes. Dos que visualizaram o vídeo, 3153 pessoas gostaram, 3 não e 53 deixaram comentários diversos. Nenhum dos que o visualizaram fez o compartilhamento. No vídeo o adolescente se assume como protagonista não só do vídeo em si, mas perpassa por todos os campos e assume vários pais sociais.
- c) O terceiro movimento, corresponderia não só aos usos e apropriações das TICs, mas, e sobretudo, aquele da circulação de práticas e do fluxo adiante por meio das redes sociais. A nossa hipótese aqui foi de que durante o processo da retroalimentação, dos fluxos adiante, ocorram defasagens e disrupções de práticas sociais dependendo dos contextos socio-históricos e culturais dos sujeitos envolvidos (atores sociais, produtores e consumidores dos bens da cultura midiática). Aqui selecionámos três vídeos:
- 1º. Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping. O vídeo é inserido na categoria de Notícias e Política no YouTube, e foi posto em circulação na rede por um ator social desconhecido e foi replicado por canais e agências oficiais noticiosas de Angola, a exemplo do Jornal da TV ZIMBO, que reposta o vídeo anônimo em seu canal no dia 28 de maio de 2013. Até fevereiro de 2018, o canal contava com 17.725 inscritos e o vídeo fora visualizado 53.995 vezes, continha 8 comentários e das 180 curtidas, 148 gostaram e 32 não. o vídeo descreve as cenas de violência em um dia de sábado à noite, envolvendo adolescentes e não só, na praça de alimentação, num Centro de Comercial em Talatona. O flagrante foi

registado por um cidadão com um telemóvel. Os causadores da confusão não foram identificados e não há relatos de pessoas feridas ou danos materiais.

2º. Megaoperação Policial. O vídeo foi matéria do Jornal Nacional da TPA que vai ao ar de segunda a sábado na República de Angola, depois de posto em circulação na rede por Samir Gomes, em seu canal que conta com 28.546 pessoas inscritas. Enquadrado na categoria de Notícias e Política está licenciado pelo YouTube na internet desde 6 de janeiro de 2012. O vídeo de 3 minutos e 37 segundos, até março de 2018, contava com 146.271 visualizações, 235 curtidas, das quais 214 positivas e 21 negativas, 113 comentários. O vídeo em formato de reportagem/documentário jornalístico foi apresentado por dois repórteres apresentadores do telejornal e contou com a participação de âncoras, alguns populares e incorporação policial. Eles abrem o programa com uma trilha sonora, e o primeiro jornalista anuncia o tema do jornal dizendo: “O crime não compensa. No telejornal de hoje vamos falar da megaoperação realizada no município do Kilamba Kiaxi. E na sequência desta operação foram detidos mais de 80 elementos”. Em seguida, o âncora em Off faz um preambulo sobre a situação da criminalidade na cidade de Luanda e não só, mas também em alguns municípios da Província. A sua fala é intercalada com as imagens dos objetivos roubados. No final do vídeo o repórter faz a apresentação do relatório ou balanço policial segundo o qual foram apreendidos.

3º. Jornal Nacional – Criminalidade. O vídeo foi produzido em Nov de 2012. Tal como o vídeo anterior, também constituiu a matéria do Jornal Nacional de Angola que vai ao ar de segunda a Sábado na emissora da TPA. Está inserido na categoria de entretenimento, gênero documental e apresenta como tema o combate ao crime, e foi posto em circulação por Samir Gomes no seu canal. Até março de 2018, o canal do autor do vídeo posto em circulação no dia 28 de novembro de 2012, contava com 28.546 inscritos, tinha 44.467 visualizações, 89 curtidas sendo 80 positivas e 9 negativas e 5 comentários. Com a licença do YouTube, o vídeo está inserido na categoria de entretenimento. Tomando as práticas sociais como conto de ancoragem entre este e o anterior vídeo, já na abertura do jornal os tele internautas são acometidos às imagens de adolescentes manipulando os dispositivos bélicos. Em seguida, já dentro da unidade policial, apresenta no total de 196 adolescentes e jovens, apreendidos, acusados pela polícia como sendo os causadores da violência. Sem dizer as causas dos supostos crimes, a repórter apenas anuncia os crimes cometidos pelos adolescentes.

Elucidados por Hartmut Günther (2006, p. 201), entendemos que tanto “os documentos, os diários, os vídeos como as gravações poderiam ser usadas como um conjunto de material e de meios de registros observáveis acerca de comportamentos, manifestações e das subjetividades humanas. Dando sequência, o autor, justificou a escolha e seleção desses materiais como uma estratégia de observação para “analisar comportamentos descontextualizados, comportamentos simultâneos e comportamentos não-verbais, que são difíceis de observar e analisar em tempo real”. Desse modo, reduzem possíveis distorções na análise. O uso de vídeo também pode ser indicado para estudos nos quais o objeto é fruto de relações humanas complexas – comportamentos individuais e grupais, o ambiente, a linguagem não verbal, entre outros aspectos – cuja observação e análise não seriam possíveis por um único observador e/ou a possibilidade de rever o fenômeno, atentando para diferentes aspectos, o que traz maior confiabilidade para a discussão (Pinheiro, Kakehashi, & Angelo, 2005). Para os autores, a escolha e o uso de vídeos como método de observação participante deve considerar, entre outros aspectos, as características pessoais e habilidades do pesquisador, a indicação para determinadas questões de pesquisa, o tempo para a realização da mesma, os equipamentos e habilidades técnicas dos operadores dos mesmos, as questões éticas relacionadas.

Em nosso entendimento preliminar, inferimos que, considerando os possíveis choques interacionais entre os desdobramentos dos acontecimentos socio-históricos e culturais das sociedades tradicionais e a cultura midiática, esses vídeos podem conter marcas que nos ofereçam indícios sobre a forma como ocorrem os protocolos, as lógicas da produção e de consumo dos bens da indústria da cultura em Angola. Nesse contexto, destacando-se a circulação da problemática da agressividade entre os adolescentes imersos na ambiência da midiaticização. Dessa maneira, a seleção dos vídeos obedeceu aos seguintes critérios: contextos de produção; sujeitos consumidores; características específicas do conteúdo em circulação; plataforma em que acontece a circulação na internet; e esferas das instituições ofertantes (privadas ou públicas).

Para além dessa justificativa, convém informar também que escolhemos os vídeos em função da inexistência, no contexto angolano, de abordagens que pudessem servir de referências bibliográficas ao estudo do tema. E para tanto, julgamos que a observação participante dos vídeos em circulação nas redes sociais em Angola, sobretudo na plataforma do Youtube, pode constituir uma fonte alternativa capaz de fornecer pistas emergentes a construção dessas representações sobre violência entre os adolescentes.

Conforme Verón (1978), na ambiência midiática é possível observar a transferência de signos entre A e B (emissor e receptor), e entre as condições de produção e de reconhecimento de um determinado conjunto signifiante não há coincidência. Ainda segundo Verón e Fouquier (1985, p. 102), a presença das manifestações sociotecnológico-discursivas aumenta a distância entre produção e recepção e, ao mesmo tempo, “confirmam a defasagem, esta descontinuidade entre análise em produção e análise em recepção, bem como a importância de esforços destinados para os articular”.

Segundo Fausto Neto (2013, p. 64), isso implica perseguirmos um processo comunicacional “atravessado por uma assimetria constitutiva e irreversível, entre Produção/Recepção” (P/R)”. Ou seja, estamos, portanto, transitando entre aquele território em que “os sentidos se enunciariam a partir de uma dinâmica caracterizada mais por indeterminações do que convergências”. Esse território pode ser definido como a zona híbrida, obscura, de embates conflitivos e divergentes de transferência de signos entre Emissor/Receptor (E/R) e P/R.

Relendo Verón e Fouquier (1985), Fausto Neto (2013, p. 64) afirma que essa zona corresponderia a um modelo constitutivo de circulação, no qual “os signos são transformados em sentidos, ao passar por um trabalho de dois circuitos produtivos (E/R, P/R) que operam segundo lógicas e condições distintas, cujos efeitos não seriam conhecidos previamente e nem se efetivariam, unilateralmente”, mas no âmbito de feixes de relações sócio-discursivas entre os dois níveis. Esses feixes de relações desajustados e desconhecidos entre E/R e P/R constituem o marco (DO) indiciário, ou seja, o Discurso do Objeto (DO) e do trabalho do observador por meio das Gramática de Produção e de Reconhecimento (GM).

No contexto dessa pesquisa adotamos como DO os três movimentos percebidos durante a exibição dos observáveis. Assim, retomando o parecer de Verón (1991, p. 18) nessa pesquisa abordamos os processos que envolvem “a produção do discurso e a sua recepção”, uma vez que “a análise em produção e em recepção não coincide jamais”. Ademais dando continuidade, o autor ao fazer críticas ao esquema tradicional de comunicação, (produção – recepção), diz que “um discurso não determina apenas um efeito, mas um campo de efeitos”. E estes, por sua vez, dependem também das distinções das gramáticas, enquanto “regras sobre a produção de um discurso (gramática de produção = GP) e aquelas (gramática de reconhecimento = GR) que visam determinar as condições sobre as quais um discurso é susceptível de produzir efeitos”. (Verón, 1991, p. 180).

Sob essa perspectiva, inferimos que os estudos sobre indivíduos, considerando os polos Estímulo/Resposta ou Percepção/Recepção, nos permite pensar nas relações que eles

estabelecem entre si em suas práticas. E, portanto, adotemos uma postura epistemológica que vise não à homogeneização e uniformização, mas o que provém das interfaces, os vínculos construídos entre “produção-reconhecimento”, entre “produtores e receptores”. (Verón & Boutaud, 2007, p. 170). Eis, por assim dizer, o ponto fulcral das zonas obscuras, das divergências e, principalmente, da complexidade no estudo das relações entre P/R, das práticas sociais, e que nos apontam modos diferentes de ver a recepção na perspectiva dos “múltiplos mercados discursivos, que circulam na sociedade através dos meios”. (Verón, 1998, p. 95). E é nesse contexto que também deve emergir o conceito de “contrato de leitura”, defendido por Fausto Neto (2007), que une no tempo uma mídia e os seus consumidores, cujo objetivo, seria para Verón (1998; 2004) identificar e a descrever as “maneiras de dizer”.

Portanto, em meio a esse emaranhado de feixes complexos, no contexto da mediação, o nosso foco é desenvolver uma metodologia que nos permita compreender as pluralidades dos contratos de leituras, as interpretações, as gramáticas de produção e de reconhecimento (GP e GR) na sociedade angolana, ou seja, as RS “entidades quase tangível” (RS). (Moscovici, 2003, p. 10). Entendemos que a compreensão dessas pluralidades apenas seja possível, considerando os resultados dos estudos empíricos sobre a circulação discursiva, feitos por Verón (2007). E, então infirmos que o primeiro passo a fazer seja afastarmo-nos do processo linear e investir no processo da não linearidade do processo comunicativo. Por fim, Fausto Neto (2016, p. 72), estudioso e contemporâneo deste, é do parecer de que os efeitos sobre a questão metodológica na investigação da circulação discursiva de Verón (2013, p. 294-295), possam ser observados e sintetizados em três momentos:

- a) a singularidade do modelo, à luz do contexto (da mediação) atual; b) o reconhecimento de que a questão do desajuste entre P/R se torna mais complexo, uma vez que o esquema da defasagem produção/reconhecimento pressupõe que ambos os polos da circulação estão operando lógicas qualitativamente diferentes [...] que nunca as discuti de maneira direta” e c) interroga o [...] que são estas lógicas? [...] de onde provêm? [...] por que são diferentes?

Por sua vez, Faxina e Gomes (2016, p. 16), em meio aos desafios epistemológicos das gramáticas da circulação discursivas, diferentemente de Verón (2013) e de Fausto Neto (2016) propõem um mapa sistêmico interacional entre as instâncias midiáticas, os processos socioculturais e os processos de significação. Para o autor, os desdobramentos dos processos sociais na sua dinâmica comunicacional teriam como chave de leitura a “relação entre o contado e o resultado”. Continuando para o autor, eles constituem “o marco dos processos midiáticos” que na interação permitem a construção do sentido social levada a cabo por indivíduos e sociedades por meio dos dispositivos enunciativos da informação. Percebemos,

aqui, que Faxina e Gomes (2016) aludem a um processo de significação e de sentido social, que no âmbito da circulação requer e ou apela pela construção do discurso nas suas diversas configurações – tanto construções verbais como não verbais (por imagens, gestos e ações).

Assim, no quadro da circulação midiática a mídia cria para nós inúmeras possibilidades sociais de escolher determinados conceitos, imagens e gestos com os quais elabora um processo enunciativo, estes permitem a comunicação com e para a sociedade e desenvolve “uma dinâmica de processos socioculturais”. Dessa maneira, fazendo recurso ao pensamento de Moscovici (2003) e de Faxina e Gomes (2016), para quem as relações, as inter-relações, as correlações, as conexões e as interconexões “acontecem num movimento de dupla mão entre os três polos dos processos midiáticos” (a mídia, os processos de significação e os processos socioculturais), podemos concluir citando Bourdieu (2000, p. 135) que RS possa equivaler à:

Um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função do sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele (espaço social) conforme o volume e o peso global do capital do conjunto das suas posses.

Segundo Canclini (1997, p. 17), a ambiência das múltiplas afetações, provocada pelos fluxos do capital econômico, entre as diferentes esferas sociais, “mudou o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo e sobre pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais: tradição-modernidade, norte-sul, local-global”. Assim, na tentativa metodológica de superar as zonas obscuras e divergências, trazemos Pierce (2003), sob a visão semiótica, o autor propõe e apresenta o signo numa dimensão triádica, sendo seus constituintes: 1) signo; 2) objeto; 3) interpretante, mas numa correlação entre as três. O autor explica que, entre signo-interpretante e interpretante-objeto, as relações são causais. Porém, entre signo e objeto não há relação de pertinência, porque arbitrária. O signo não pertence ao objeto e nem este ao signo, mas cabe ao interpretante o papel orquestrador da relação inexistente entre o signo e objeto.

Para o autor, a palavra signo abrange uma dimensão bastante elástica, podendo ser uma palavra, uma ação, um pensamento ou qualquer coisa que admita um interpretante, com o qual mantém uma relação de duplo termo. O surgimento do signo torna-se possível por causa e a partir de um interpretante, ou seja, sobretudo na sua correlação entre o representamen (representante) que corresponde a “Primeridade”, o objeto que equivale a “Secundidade” e o interpretante que se refere à “Terceiridade”. A partir daqui, podemos inferir que sempre que



houver a correlação triádica, ela tenha como objetivo responder às relações de espontaneidade ou potencialidade: existência ou factualidade; generalidade ou convencionalidade, sendo que a terceira relação implica a segunda que, por sua vez, apela pela primeira. Dito de outra forma, como categoria lógica, ambos (primeiridade e segundidade) incluem-se na terceiridade.

Na tentativa de definir o que seja o signo, Pierce (2003) considera que o signo é aquilo que, sob determinado aspecto, representa alguma coisa para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. Nessa operação é gerado o interpretante. Aquilo que o signo representa é denominado seu objeto e a representação caracteriza-se pela relação entre o signo e o objeto. Representar é estar no lugar de outro, de tal forma que, para uma mente interpretante, o signo é tratado como sendo o próprio objeto, em determinados aspectos. Portanto, tudo indica que, para Peirce, o termo representação envolve necessariamente uma relação triádica, que é um esquema do processo contínuo de geração dos signos. O processo representativo se define pelas relações imbricadas que se estabelecem entre signo-objeto-interpretante, nas quais os termos atuam determinando ou sendo determinados pelos outros elementos da tríade.

Santaella (2002, p. 112), imersa na semiótica proposta por Peirce (processo de ação do signo), mais concretamente a partir da fenomenologia e objetivando o estudo da Primeiridade, de Segundidade e Terceiridade, afirma que todo o trabalho de investigação de qualquer espécie que surgir de uma constatação de um fenômeno:

Toda investigação de qualquer espécie que seja, nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Quando um hábito de pensamento ou crença é rompido, o objetivo é se chegar a um outro hábito ou crença que se prove estável, quer dizer, que evite a surpresa e que estabeleça um novo hábito. Essa atividade de passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e, conseqüentemente, estabelecimento de um hábito estável é o que Pierce chamou de investigação.

Ferreira (2016, p. 203) observa potencialidades, no diagrama do signo proposto por Peirce, que funcionam como referências básicas para se entender não só o pensamento, mas também conferir à ciência e ao adjetivo científico uma significação de grande abrangência que se complexifica mais no âmbito da circulação midiática. Para o autor, a midiatização revela as diferenciações dos processos de significação. Nesse sentido, a semiose pode funcionar como uma “infraestrutura do processo de significação” que pode levar a defasagens por meio de uma “parafernália superestrutural – constituindo uma cultura específica”. Como exemplo das defasagens, o pesquisador cita a superestrutura, analisada por Verón (2007, p. 04) ao dizer: “a

interação discursiva conforme o modelo canônico, em que atores, instituições midiáticas e instituições midiáticas estão em interação”.

Ferreira (2016) instaura uma tensão entre a potência da diferenciação (bio-psico-socio-histórica) e a capacidade social de realizar as trocas de forma cooperativa, colaborativa ou ritualística e hierárquica por tratar-se do processo semelhante ao que Piaget (1973) chamou de processo de significação biológico, psicológico e social. Assim, nas interfaces entre os campos da Psicologia, da Semiótica peirceana e Comunicação Social (mídiação), tudo indica que o processo de significação social não exista por si só, sendo compreendido como um processo de diferenciação de operações que mobiliza ícones, índices e símbolos sociais. Ele passaria pelos sistemas de inteligibilidade (cognição, percepções, intuições etc.) da espécie, que constroem normas, valores e discursos que regulariam a diferenciação.

Portanto, no quadro de uma diferenciação genética construída socialmente, não só pelo processo de significação, mas também pelos sistemas de inteligibilidade da ambiência da circulação midiática, estudar o fenômeno da RS da agressividade entre adolescentes, talvez apenas seja possível adotando os desdobramentos que, impreterivelmente, assumam a metodologia de idas e vindas defendida por Braga (2012a). Tudo indica não haver, nas interações discursivas, uma relação de generalidade, convencionalidade ou lei que não suponha um universo de existentes ou de fatos; como também as correlações parecem não se estabelecerem caso não houver potência significativa que lhes confira realidade. Apenas por meio de metáforas e representações podemos emitir juízos sobre os processos implicados na construção de inferências, a respeito dessa realidade que Pierce (2003) chamou de signo inalienavelmente social. Assim sendo RS podem ser definidas como aqueles comportamentos observados e descritos a partir dos territórios limítrofes ou das bordas dos fenômenos psicológicos e sociais. (Aulagnier, 1975).

#### *1.2.4.1.2 A técnica da observação*

A observação como técnica de investigação científica pode configurar-se como um elemento fundamental para a pesquisa, na medida em que a partir dela é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir hipóteses, definir as variáveis, coletar dados e analisá-los cientificamente. Gil (1999), Rúdio (2002) e também Sommer e Sommer (2002) concordam em afirmar que a observação é a aplicação dos sentidos humanos para obter determinada informação sobre aspectos da realidade. Para eles, o termo observação possui um sentido mais amplo. Não se trata apenas de ver, mas também de examinar, sendo um dos meios mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos.

Uma das vantagens do método da observação é, segundo Sommer e Sommer (2002), caso realizado de forma discreta e no mundo real, os comportamentos observados dos usuários, pois serão mais espontâneos e naturais do que se forem realizados em laboratórios ou ambientes controlados.

A observação pode ser utilizada como uma etapa para complementar outros procedimentos investigativos. Como técnica de investigação, ela pode permitir ainda a detecção e obtenção de informações por vezes não apreendidas por outros métodos. Porém, para a obtenção e detecção dos melhores resultados, é necessário um rigor específico que a diferencie da observação comum, informal. É o que se denomina de observação científica. Para que se alcance o efeito desejado, é necessário que o observador tenha em mente os objetivos específicos e o problema de sua pesquisa com base ou amparado pelos “contextos sociais”, bem como a influência dos mesmos sobre as relações humanas. (Cano & Sampaio, 2007). Para evitar as influências e as possíveis contaminações ocasionadas pelo conhecimento e crenças do pesquisador que podem gerar desvios, recomenda-se que as observações sejam gravadas. Embora os autores estejam cientes de que outros métodos também possam gerar desvios, eles reconhecem a gravação como umas das formas de resguardar a fidedignidade dos dados.

De qualquer forma, uma das debilidades dessa técnica é não se ter como afirmar nem como negar que o conhecimento prévio do pesquisador influencia os casos escolhidos para serem observados. Ou seja, o conhecimento tácito do pesquisador pode ou não afetar as observações que serão registradas em anotações de campo, sejam elas gravadas ou escritas em diários. Como forma de reafirmação acerca da rigorosidade do método, Lüdke e André (1986, p. 25) afirmam que, “para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”. É por meio desse preparo que a ação do observador deverá responder de maneira satisfatória a particularidades de algumas questões de pesquisa e, igualmente, apresentar algumas características específicas, como: possibilidade de coleta de dados durante longos períodos; coletar as informações de maneira discreta e reservada, a fim de evitar que as respostas sejam inverídicas; coletar informações que possibilitem uma predição do fenômeno e produzir dados que possam ser aplicados em larga escala, ou seja, em vez de trazer regularidades de uma característica para generalização, deve ser passível de, se necessário, comparar com diversos outros casos. (Bechker, 1972). Segundo Marconi e Lakatos (1992), a técnica de observação pode ser aplicada direta ou indiretamente.

#### *1.2.4.1.2.1 A observação participante*

A observação participante, oriunda do campo da etnografia e mais tarde utilizada pelos sociólogos, é interpretada e utilizada de várias maneiras por diversos pesquisadores (Paterson, Bottorff, & Hewat, 2003). Ela possibilita ao pesquisador e aos participantes desenvolver relacionamento e confiança, necessários para os participantes revelarem “os bastidores das realidades” de sua experiência, que geralmente são escondidos aos estranhos. Aqui, o observador torna-se parte da situação a observar. O pesquisador inserido no meio serve-se das anotações que toma no campo acerca do comportamento quer verbal e quer não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, de imagens, dos áudios e vídeos disponíveis. (Moreira, 2004). Ela consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. O observador assume, até certo ponto, o papel de membro do grupo.

Nessa perspectiva, podemos dizer que esse método permite a geração de hipóteses que, uma vez confrontadas com o problema investigado, possibilitam conhecer o fenômeno observado a partir de seu interior. Introduzida pelos antropólogos no estudo das chamadas “sociedades primitivas”, ela pode ser de duas formas: natural, quando o observador é parte do grupo que investiga; artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar a investigação. (Marconi & Lakatos, 1992). No primeiro caso, por vezes, podem ser percebidos pontos do fenômeno que não seriam evidenciados fora do campo natural, o que pode ser uma condição favorável à validação externa. Assim, cada pesquisador, tomando cuidados e atenção para não tornar sua pesquisa tendenciosa, deverá decidir se revelará ou não que está observando o grupo.

Estruturalmente, quando se fala da observação como método científico, Reyna (2005) e Belei et al. (2008) reconhecem e descrevem cinco componentes indispensáveis para a coleta e tratamento de dados: o objeto de observação; o sujeito de observação; as condições de observação; os meios de observação; e o sistema de conhecimentos a partir do qual se formula o objetivo da observação. Ainda na visão desses autores, este tipo de observação pode ser aplicado no lugar aonde o fenômeno naturalmente ocorre ou em laboratório.

Devido à complexidade do nosso tema e do objeto que escolhemos para o nosso estudo, julgamos por bem fazer uso do método da observação participante. Isso se justifica pelo fato de, nos últimos anos, ser o mais utilizado pelos pesquisadores na coleta de dados, tanto sobre as características dos participantes que não são facilmente acessíveis por meio de outros métodos, quanto pela identificação dos resultados de práticas específicas, e

documentação dos processos fisiológicos e psicológicos. (Paterson, Bottorff, & Hewat, 2003). A utilização desse método torna possível coletar informações sobre a forma como os adolescentes reproduzem, representam e se representam em suas práticas na nova ambiência criada pelos processos sociais da mídiatização. Por outro lado, estamos convictos de que encontraremos dificuldades nas análises e interpretação dos dados por tratar-se de uma situação de complexidade acentuadamente grande. Agrava o fato de que a presença do pesquisador como observador participante pode fazer perder a objetividade e influenciar ou viciar o material observado e os dados coletados.

Eis que surgem perguntas: como definir o observável (material) e o que nele deve ser observado? Que métodos devem ser adotados para se observar o observável? Para responder a estas perguntas, partimos do pressuposto de que os materiais e as situações que interessam a uma pesquisa inserida no campo da Comunicação, sobretudo em mídiatização e processos sociais, podem ser complexos e abrangentes por razões que lhes são próprias. Assim, podemos concluir que envolvam relações de matriz contextuais múltiplas. Consequentemente, nossa premissa fundante é que apenas com uma problematização elaborada, uma definição dos objetivos da pesquisa bem precisa e concisa, a formulação das hipóteses norteadoras sobre os ângulos preferenciais dos objetos e sobre os contextos pertinentes, seja possível determinar a tomada de decisão pelo material a ser observado e o que observar nesse mesmo material. Para tanto, a entrevista foi uma técnica que nos auxiliou na recolha de dados.

#### *1.2.4.1.3 O uso da entrevista como técnica de recolha de dados na pesquisa científica*

Enquanto pesquisadores objetivamos, com o uso desta técnica, recolher as marcas de experiências vividas pelos oitenta (80) adolescentes deixadas em seus relatos. Ou seja, conforme em meio as estruturas processuais dos discursos de vida deles e nas interfaces dos campos da Psicologia, da Sociologia e da Educação (Jovchelovitch & Bauer, 2000; Weller, 2009), pretendemos direcionar a nossa atenção nas marcas narrativas que “moldam (suas) biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social”. (Weller & Otte, 2014, p. 338). Estamos tomando como objeto de estudo as marcas oriundas do campo social, o que pressupõe um comprometimento com a relevância social. Isto é, por outras palavras estabelecer um contrato de não interferência com os achados da investigação, mais que permita uma aproximação, “uma relação de acordo entre a observação, descrição e interpretação, entre o observador e o participante, entre o relator e sua audiência”. (Van Lier, 1988, p. 46).

Neste sentido como apontam Jovtchelovitch e Bauer (2000), o nosso procedimento foi o de direcionamento ou interferência no relato do entrevistado, que constrói histórias priorizando o seu ponto de vista sobre experiências e acontecimentos concretizados em sua trajetória de vida e nos contextos sociais nos quais se insere e atua. Portanto, na qualidade de pesquisador participante, usaremos da mesma língua, deixando de lado momentaneamente o nosso capital cultural para que ambos, pesquisador e pesquisado possamos estabelecer uma relação dialógica, quebrando a possível violência simbólica que pode ser exercida por meio do lugar de fala de cada um. Para o efeito, enquanto pesquisador, durante a entrevista procuramos estar atentos e prontos a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais, como de agradecimento, de incentivo. O nosso objetivo com essa postura foi proporcionar aos pesquisados bem-estar para que falassem sem constrangimento de sua vida e de seus problemas para obtermos discursos extraordinários a respeito das suas práticas, dentro de um clima natural, livre e descontraído. Em uma sequência conversacional e do pensamento lógico, suscitaremos que as perguntas funcionarão como disparadores, ativando a memória dos entrevistados, o que poderá ajudar na recolha dos dados objetivados.

Fazendo recurso aos desdobramentos discursivos de Gil (1999), diremos que o uso e a apropriação da entrevista como instrumento de coleta de dados nesta pesquisa se configuram como um patenteamento da investigação numa das mais flexíveis técnicas de que dispõem as ciências sociais e humanas na atualidade.

O tipo de entrevista estruturada e formalizada como a que mais corresponde às demandas na recolha dos dados que visamos em nossa pesquisa. Porém, devido à falta de um rigor metodológico universal na constituição das perguntas para a elaboração das entrevistas, achamos por bem seguir as orientações traçadas por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999). Para os autores, o pesquisador não necessita seguir o método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos. Para os autores, o importante é que qualquer método que for utilizado deve seja aplicado com rigor.

Nesta pesquisa concebemos a entrevista como parte de um processo relacional e circular onde, proeminentemente, o entrevistado exerce um papel de agente ativo no acontecer da interação e responsável por sua modelagem. Quer dizer, os indivíduos envolvidos no processo da entrevista (entrevistador e entrevistados) estarão imbuídos em jogo interacional de trocas simbólicas. Por sua natureza, exige de ambos um leque de conhecimento sobre modos de fazer e agir com o outro, através de intercâmbios ricos em gestos simbólicos que, por sua vez, transcendem a instância verbal, encadeando as ações uns dos outros e atualizando

constantemente as condutas habitualmente assumidas. Seja em contatos pretensamente dialógicos ou não, em situações mediadas ou face a face, a técnica da entrevista propõe que as nuances da experiência social (individual e coletiva) exerçam fundamental função nos modos disponíveis de “fazer com e do como fazer” desses sujeitos.

É sobre este “fazer com e o como fazer” que, epistemologicamente amparados pelos aportes da midiatização e dos processos sociais, incidirá o nosso esforço metodológico. Mas julgamos de capital importância apelar por algumas das reflexões realizadas pelos dois autores tais como Edgar Morin (1973) e Medina (1995). Detendo-nos sobre as reflexões desses autores, observamos consistentes contribuições que nos podem auxiliar na compreensão das configurações tipológicas das entrevistas, principalmente no diz respeito às interações existentes entre o entrevistador e o entrevistado. No texto intitulado “a entrevista nas ciências sociais e na radiotelevisã”, Morin (1973) é do parecer de que na entrevista, diferentemente das conversas cotidianas, o foco aparentemente principal é o conteúdo informativo da fala do ator social entrevistado. Porém, em diversas situações, tanto no domínio das Ciências Humanas quanto no das interações efetivadas nos meios de comunicação de massa, a interação transcende as bordas do propósito inicial, se estendendo rumo a um interesse pela relação psicoafetiva em si. Este processo, julgamos estar associado ao fato de que, embora o roteiro da entrevista seja pautado por interesses profissionais, ele não deixa de integrar a comunicação humana, que evidentemente transcende em muito a mera transmissão maquinal de informações. Nessa ambiência a entrevista pode ser concebida como ponto de contato, como um fator e pulsão de socialização que agrega indivíduos isolados para uma forma de estar com o outro. Trata-se daquele encontro em que os dois “eus” (eu do entrevistador e do entrevistado) vivenciam a satisfação; onde, ainda que num instante sociável, ocorre o desvencilhamento “das realidades da vida social e do mero processo de socialização como valor e como felicidade”. (Simmel, 2006, p. 64).

No contexto da sociedade angolana, a reflexão de Morin (1973), sobretudo no capítulo sobre “A entrevista na radio-televisão e no cinema”, instigou-nos enquanto entrevistador a criar e provocar situações que estimulassem o entrevistado (sem esquecer-se de escutá-lo) a sair de si mesmo numa ação dialética libertadora. Pois se trata de um país que foi dilacerado pela guerra civil e, sobretudo, por trocas incipientes de significado simbólico, com mediadores limitados por pressões políticas, econômicas e financeiras. Ou seja, concentrados no lócus da comunicação de massa e demandando uma trilha promissora para o florescimento de uma sociedade mais disposta ao reconhecimento da alteridade, Morin (1973, p. 13) impulsionou-nos a voltar o nosso olhar epistemológico às “entrevistas-rito” e aquela

“anedótica”, e às entrevistas “dialógicas” e “neoconfissões” visando “desmanchar a comédia, rasgar a máscara, arrancar o entrevistado da sua reserva, forçá-lo nas suas trincheiras, ora, pelo contrário, deixá-lo falar e calar-se”.

Entendemos que, no estágio atual angolano, como aconteceu nas “sociedades dos meios”, a sociedade enfrenta um choque tensional frenético constante entre os campos sociais que, para Fausto Neto (2009, p. 02):

disputam os processos de construção dos seus mercados discursivos, nos quais a luta pelo trabalho de produção de sentido complexifica-se com a intervenção de novos processos e dispositivos (midiáticos) tecno-discursivos na organização dos protocolos de interação e de organização da vida social.

Por estas angulações, os fluxos discursivos midiáticos constituem-se como prática de um determinado campo. O campo das mídias, segundo competências e operações de várias ordens, destacando aquelas de caráter discursivo, com a possibilidade transbordar, emigrar para dinâmicas novas, que se configuram como processos sociais midiáticos. Portanto, trata-se daqueles processos que se formam e se estruturam em torno da existência e da ação de dispositivos sócio-técnico-discursivos, agenciando a conformidade de novos procedimentos de comunicação. Prosseguindo, Fausto Neto (2009, p. 06) entende que, os desdobramentos as dinâmicas interacionais midiática alteram as lógicas determinísticas da comunicação lineares. Na nova sociedade:

A linearidade dá lugar à heterogeneidade. Dissolve-se a existência de uma noção de equilíbrio entre atos da comunicação, especialmente seus vínculos de simetria na medida as intenções que os engendram não são controladas. Não podem os mesmos se impor unilateralmente, apesar de estarem submetidos às regras e processos produtivos coerentes, que visam, afinal orientar a atividade racional dos seus lugares de enunciação. (Fausto Neto, 2009, p. 06).

No contexto angolano concordamos, portanto com a parecer de Gomes (2006, p. 113), quando define que a sociedade atual vive uma mudança, pois “está surgindo um novo modo de ser no mundo representado pela midiatização da sociedade”.

Por essa razão, mergulhado também ele nessa nova ambiência, o entrevistador deve investir em sua própria personalidade, “para saber atuar numa inter-relação criadora” (Medina, 1995, p. 10), bem como ser “polivalente, capaz de ser provocador e ao mesmo tempo auditor” (Morin, 1973, p. 13) sem contrapor o conceito: conteúdo/relação e digital/analógico. Na interação, ambos são permanentemente combinados e traduzidos um no outro metalinguisticamente na ambiência da midiatização.



Nessa ambiência concebemos ser de fundamental importância que o entrevistador conheça quais os distintos contextos de mediação, as composições dos comportamentos dos atores e seus controles de expressividade e se conectem as peculiaridades situacionais. John Thompson (1998) ajuda-nos a observar e idealizar a possibilidade da existência de três choques interacionais cruzados de relações na ambiência da mediação: interação face a face: aqui os participantes se situam no mesmo lugar e espaço dialogicamente e desenvolvem uma ação conjunta. O controle da pontuação rítmica e a sondagem dos gestos significativos se dão simultaneamente de forma sinestésica; interação mediada: corresponderia àquela realizada via telefone e implicaria a não presença física dos coparticipantes em um mesmo ambiente. Portanto, o governo e a expressão de determinados estímulos e gestos significativos terá como ponto de convergência o som, seja na observação do ambiente ou atenção a modulação de voz do participante; a quase interação mediada: esta por sua vez, não faz sequer uma insinuação, nem presença física e tão pouco temporal dos atores. Aqui não se sabe qual é o “eu” do outro e nem quantos “eus” dos outros são analisados. Quem percebe a existência deste “eu”, não pode oferecer gestos significativos que sirvam como retroativos às atividades empreendidas, dado a canhestridade da problemática em si.

Em vista disso, fundamentados nos aportes da mediação e nos processos sociais, a nossa pesquisa configura-se em uma demanda tentativa de pistas alternativas que nos ajudem a compreender a operacionalidade dessas atividades. Para tanto, ainda que canhestramente não saibamos o que poderemos encontrar, por enquanto o nosso desafio é o de construir uma entrevista que sirva como técnica de pesquisa. Respalhando-nos nas reflexões de Morin (1973), Medina (1995) e Thompson (1998), para quem a entrevista em comunicação social implica um processo dialógico entre os dois “eus”, objetivamos construir uma entrevista que combine uma sequência de perguntas e respostas e que tenha como pano de fundo um caráter de quase interação mediada.

Ou melhor, queremos entender estes dois “eus” não apenas como sujeitos, indivíduos, mas como todo o tecido social, já que, como frisa Gomes et al. (2009), o “processo de mediação social está estendendo uma imensa rede sobre o planeta, unificando vidas e compartilhando conhecimentos”. Assim, na direção desse autor, observamos que no contexto atual angolano esse novo fenômeno esteja criando problemas, que vão além da manifestação de autoridade tradicionais e, conseqüentemente, estejam constituindo novas redes de inter-relações, aumentando as responsabilidades que podem ser atribuídas a toda sociedade. Desta feita, estejamos perante um aforismo que nos obrigue, necessariamente, a enfrentar permutas comunicacionais ou “simétricas” e ou “complementares”, que se podem basear “na igualdade

ou na diferença”. (Watzlawick, Bea Vin, & Jackson, 1993, p. 64). Nesse âmbito, nossa hipótese é de que esse aforismo, atravessando todos os campos, esteja orquestrando, regulando governando todas as práticas sociais.

Em mirada complementar, um parceiro não imponha uma complementaridade ao outro, mas, sim, “comporta-se de modo a antever que suas ações simbólicas já sirvam de estímulos a pontuar a interação estabelecida na ocasião, fornecendo conjuntamente razões que justifiquem a definição da circunstância”. (Watzlawick, Bea Vin, & Jackson, 1993, p. 63). Nesse caso, complementaridade passaria a definir distintas atividades aos membros de determinadas situações, posições superiores de dominância simbólica e inferiores de submissão. Por sua vez as diferenças seriam ampliadas e as semelhanças postas distantes do embasamento principal de ação. Por seu torno a simetria relacional implicaria uma aproximação das afinidades e ao mesmo um distanciamento das divergências. Já as hierarquias consagradas, que ocorrem no fórum do espaço cotidiano, seriam comprimidas ao máximo possível, em prol de uma elucidação igualitária.

Portanto, considerando as tipologias de Morin (1973) e Medina (1995), no ambiente da mediatização essas duas instâncias interacionais parece invadirem os papéis e lugares ocupados pelos dois “eus”, tanto no vértice da espetacularização, quanto no do aprofundamento (dialogia). Pelo que tudo indica, o reconhecimento dos papéis discrepantes assumidos na interação é implícito por si só. Embora seja verdade que o uso do microfone, da câmera e de outros dispositivos, em consonância com a expressividade e postura do repórter e da empresa para o qual trabalha, já limita os tipos de intercâmbio possíveis para os participantes. Existe, porém, numa complementaridade mais rígida, os interagentes (entrevistador e entrevistado) podem ter consciência que a desconfirmação do “eu” do outro é decisiva. Pois, como pontua Morin (1973, p. 12), se por um lado há “os entrevistados vedetas, olímpicos ou detentores de grande crédito enquanto possuidores de prestígio oficial”, existem por outro, “entrevistadores autoritários que se exibem ou como detentores da informação” (Medina, 1995, p. 37), ou ainda na “condição de dominância simbólica na interação”. (Morin, 1973, p. 13). A nosso ver, a existência desses indícios constitui sentidos que uma vez ressignificados, se convertem em mestres de cerimônias dos estímulos dos atores sociais quanto às suas discursivas expressividades e aos modos como se devem se apresentar. Isso equivale a solicitar dos atores sociais um alinhamento (Goffman, 2002) interacional e conversacional na ambiência da mediatização.

Sem a pretensão triunfalista, estamos conscientes de que muitas das virtuais capacidades dialógicas da entrevista para Medina (1995) e Morin (1973) estão cristalizadas

numa comunicação que se faça simetricamente, entre os atores sociais, e não entre posições que cada um ocupa. Esta postura implica o rompimento das barreiras do outro rumo à sua humanização. Porque como afirma Medina (1995, p. 51), “só a humanização pode aflorar traços da personalidade e escavar o subsolo do eu”, e “tecendo a dialética da comunicação com o outro, feita no si a si”. (Morin, 1973, p. 16).

Portanto, as nossas primeiras inferências ainda que ensaísticas, são da observação e constatação de uma problemática complexa em construção que envolve as ações e as práticas dos atores sociais na ambiência da mediação.

A entrevista como técnica de pesquisa na ambiência da mediação e dos processos sociais pode ser possibilitadora do ser e sua força transformadora ao se concretizar no “entre”. O “entre” constitui um espaço de trocas interacionais simbólicas, algo que não pertence a nenhum dos participantes: pertence a ambos e os ultrapassa.

Na grande variedade de episódios interacionais de que participamos ou que observamos cotidianamente, nos episódios que investigamos em nossas pesquisas, e ainda naqueles que são relatados em estudos empíricos, vemos a comunicação como um trabalho de compartilhamento entre diferenças. Os motivos, os objetivos e os procedimentos podem variar indefinidamente, mas o processo de compartilhamento aparece sempre como um modo de enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente as diferenças – para algum fim prático qualquer, para objetivos simbólicos ou distantes, ou ainda pelo simples jogo da interação. (Braga, 2017, p. 20).

Entendemos a entrevista como um processo de compartilhamento ou de fazer agir criativamente as diferenças que ocorrem entre pessoas em prol da construção de um nós. Isto é, na interação, voltarmos-nos para o outro, para o mundo e, então, poderemos ver enquanto um “eu” e ao “outro” enquanto um “tu” que tem algo que pode ajudar o sujeito a construir a sua personalidade. Ou seja, a partir de Medina (1995, p. 51) podemos construir conjecturas que nos levam a crença de que, no encontro entre os dois “eus”, “mediatizado pelo dispositivo – com entrevista é possível atingir parâmetros humanizados”. A técnica da entrevista concebida como técnica de recolha dos depoimentos verbalizados, julgamos constituir um instrumento de carácter metodológico de extrema utilidade, por permitir um mergulho profundo no subsolo dos dois “eus”, e também possibilita o afloramento dos “traços da personalidade, comportamento, valores” e gestos. Cremos que por meio das observações nos discursos verbalizados e das ressignificações dos gestos significativos do “eu” (entrevistado), o “eu” (entrevistador) perceba a postura assumida pelo sujeito no processo do encontro, desfazendo os juízos temerários e as conclusões precipitadas ou desenvolver desbloqueios das barreiras inibidoras.

Nessa matriz, inferimos do entrevistador a sutileza para o tipo de contato estabelecido, numa situação dialógica, quando se fala em entrevista se configura muito a partir da intuição, entendida como uma projeção constante de interesse simbólico e um tato para perceber a recepção da demonstração no desbloqueio do fazer comunicativo do entrevistado. Para França (2008, p. 76), dentro desse processo intuitivo ocorre que “a provocação e o ajustamento recíproco, as dinâmicas comportamentais se fazem pelo estímulo gestual”, e nesse caso, podemos falar especificamente em uma “conversação de gestos” vertidos em “interação simbólica”. Aliás, “um olhar, uma palavra, um grito traem o sentimento sob a pose”. (Morin, 1973, p. 11). Portanto, a entrevista enquanto técnica de diálogo pode converter-se nas “próprias chaves de desbravamento do sujeito” (Medina, 1995, p. 13), dos dois “eus”. Ela configura-se no passo ilustrativo o mundo social concebido na pauta, que pode vir a ser potencialmente detentora de uma carga de interpretação dos fenômenos sociais.

Para o efeito, é necessário que no momento do encontro o espaço esteja disposto da melhor forma possível, para que a entrevista aconteça conforme o esperado e sem imprevistos que rompam os desígnios confabulados. Porque a atenção do entrevistador pode ser da melhor forma disponível e cumprindo o tempo exigido pela pesquisa, para evitar que cesuras arrebentem a realidade construída para o contato, ou ainda, em não propor perguntas que não se enquadrem naquilo que ele quer que o outro fale.

O entrevistador oferecerá gestos significativos que estimulem uma pontuação adequada da relação voltada ao seu encaminhamento, encadeando as ações do entrevistado (ainda que forçosamente) para que o mesmo se atente para dizer ou fazer algo não conflituoso ou que frustre as perspectivas da pauta. Tacitamente, o entrevistado deve concordar com esse esquema, se alinhando ao entrevistador num “eu do encontro” dramático, correspondendo aos estímulos e a complementaridade da relação, de modo a acomodar sua representação o mais próximo do virtualmente aguardado (ou pode não o fazer, se a entrevista vier a falhar ou se o sujeito

Portanto, na perspectiva da RS, as entrevistas passam a ser um procedimento de construção de dados de pesquisa, cujo objetivo é reconstruir acontecimentos sociais a partir dos relatos/narrativas dos informantes. (Schütze, 2010). Os dados recolhidos, uma vez transcritos, são transformados em textos que reproduzem, além da trajetória externa dos fatos, manifestas as reações internas do indivíduo que os experienciaram. Esses textos, segundo Schütze (2010, p. 213) apresentando “o processo social de desenvolvimento e mudança de uma identidade biográfica, sem intervenções ou supressões decorrentes da abordagem metodológica ou dos pressupostos teóricos do pesquisador”, podem proporcionar um material

de substancial importância para os propósitos investigativos da pesquisa em RS. Deste modo estamos usando analogias a fazer uso das metáforas epistemológicas “responsivas à vida social” (Moita Lopes, 2006), não enclausurada em uma “torre de marfim”, sem qualquer diálogo com o que ocorre no mundo real. (Rajagopalan, 2006).

Para além disso, a verificação do que ocorre no mundo real, no cotidiano obriga-nos a não somente confiarmos nas entrevistas e nas observações, para evitar o risco de, de trabalhar somente sobre discursos flutuantes como aconselham Jodelet (1986) e Sá (1998). Para tanto é necessário o recurso de todas as técnicas que viabilizem a análise de conteúdo de tipo temática objetivando relacionar as estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, considerando as variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção da mensagem. A essa técnica Moscovici (2003) e os seus seguidores tais como Sá (1998) e Jodelet (2001), chamamos processo de processos de ancoragem e objetivação, cujo objetivo é a discussão epistemológica das condições de produção e circulação de um dado fenômeno social. Para o efeito, além das entrevistas e das observações incluímos também os Focus Group como técnica de pesquisa das RS.

#### *1.2.4.1.4 O uso dos Focus Group como técnica da recolha de dados na pesquisa científica*

Observar o que as pessoas percebem, recepcionam e as formas como lidam com a realidade no seu cotidiano, parafraseando Camargo (2005), exige a adoção e utilização de vários métodos e de inovações metodológicas devido a sua complexidade pois cientificamente não encontra muita aceitação por passar a impressão de recolher dados do senso comum. Sobre o senso comum Moscovici (2012) se debruça na sua obra publicada em 1961, sobre a psicanálise, sua imagem e seu público. Nesta obra ele ao apresentar a Teoria das Representações Sociais, mostra a sua preocupação pelo conhecimento comumente negligenciado na esfera das ciências clássicas, direcionando foco das pesquisas para aqueles conhecimentos produzidos no cotidiano, nas relações entre os sujeitos em grupo e, nessa direção, visando a reafirmação do pensamento social. Ou seja, por mais que a ciência não queira reconhecer ou admitir, o autor ratifica na sua obra que no senso comum existe uma sociedade pensante e que tal pensamento não pode ser considerado inferior ao científico. Há indivíduos dotados de uma racionalidade contextuais, disponíveis de uma forma espontânea que pode contribuir na constituição das realidades sociais. Neste sentido, citando autores como Wagner, Hayes e Palacios (2011) e Braga (2016) o senso comum pode funcionar como um vasto reservatório de conhecimentos sobre a vida cotidiana. É neste sentido em que a aplicabilidade dos Focus Group se faz necessária no campo epistemológico.

Falar sobre o Focus Group como técnica de pesquisa científica remete-nos ao século passado, sobretudo por seguir a trilha desvendada pelos pesquisadores das áreas das Ciências Sociais. (Galego & Gomes, 2005). Porém, nos últimos anos parece ser comum, entre vários autores (Morgan, 1996; 1997), afirmar que a sua aplicação tem atravessado outros campos do saber científico, inclusive aqueles ligados ao estudo sobre o comportamento dos consumidores dos produtos da indústria cultural da informação e comunicação.

Não é nosso objetivo fazer uma abordagem sistemática e metodológica do Focus Group como técnica de pesquisa. Mas apenas destacar alguns aspectos de fases iniciais da sua inserção em projetos de investigação científica. A expressão Focus Group pode ser definida como um grupo de discussão em vista a recolha de dados. Nesse sentido, configura-se como técnica de pesquisa à par de outras, como por exemplo: a entrevista, o questionário e a observação participante, utilizadas em diferentes momentos do processo de investigação. Para o efeito, no campo científico é consenso entre autores a sua sistematização, sobretudo, quanto às vantagens e desvantagens durante o uso desta em comparação com outras técnicas ou métodos de recolha de dados (Morgan & Krueger, 1993). No dizer desses autores, essa comparação indica força motriz do seu uso em relação à outras técnicas ou métodos, na possibilidade de fornecer e ou providenciar insights sobre às origens de comportamentos complexos e suas motivações.

Na visão de Galego e Gomes (2005, p. 179), acima de tudo, o papel emancipador do uso dessa técnica é de que o Focus Group quando assumido como instrumento metodológico para a coleta de dados, permite que “no decorrer do processo de investigação o sujeito objeto de observação, vai transformando as suas estruturas cognitivas, através das relações recíprocas que estabelece no decorrer da operacionalização da técnica, auto-descobrimo-se e, portanto, emancipando-se”. Por sua vez, Morgan (1996) constata nesses últimos anos a utilização e combinação do Focus Group com outros métodos de investigação, sobretudo com entrevistas individuais e inquéritos na pesquisa científica. O autor salienta que tem aumentado o seu uso, especialmente nas análises efetuadas com base nos estudos empíricos de natureza sociológica. Para o autor esse aumento deve-se a sua peculiar capacidade de observação, do grau e da natureza dos acordos e dos desacordos entre os participantes da pesquisa. Assim, para este autor, os Focus Group passariam a apresentar três componentes fundamentais: os Focus Group são um método de investigação dirigido à recolha de dados. Esta corresponderia a fase inicial em que se proporia a gerar questões para um questionário; localiza a interação na discussão do grupo como a fonte dos dados. Aqui o foco consistiria na ajuda e na interpretação dos resultados obtidos num questionário; reconhece o papel ativo do

investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Por sua vez, essa fase seria aquela de discutir com os participantes os resultados obtidos. Essa discussão talvez possa conduzir o investigador a construção de novos insights e inferência.

Dando continuidade, Krueger e Casey (2009), para além das características anteriores, afirmam que os Focus Group possibilitam a focalização da discussão num dado assunto, ofertam um contributo maior na compreensão do tópico de interesse comum entre pesquisadores e pesquisados, pelo facto dos dois “eu” - “participantes”, possuírem alguma característica em comum e de relevância diante o tema em discussão. Em resumo, nesta pesquisa assumiremos como definição formulada pelos autores Krueger e Casey (2009, p. 15), que define Focus Group como “criaturas especiais no reino dos grupos, sendo que aquilo que os define e os distingue de outros tipos de grupo é o facto de serem dirigidos à recolha de dados qualitativos junto de pessoas com algum tipo de semelhança, numa situação de grupo, através de uma discussão focada”.

A partir daqui, concluímos que a apropriação e o uso do Focus Group como técnica, no estudo do fenómeno da RS midiática da violência/agressividade em adolescentes que consomem conteúdos violentos nos vídeos da internet, possa nos auxiliar na obtenção de informação sobre um tópico de interesse: na geração de hipóteses de investigação; na construção de novas ideias e conceitos; na percepção dos potenciais problemas sobre a agressividade; na compreensão sobre como os participantes percebem, recepcionam e representam o fenómeno da circulação da agressividade em suas práticas.

Estamos intuindo que, caso seja verdadeira a afirmação de Wagner (2000, p. 11), segundo a qual “a interação entre as pessoas, expressa e confirma as suas crenças subjacentes [...] RS é sempre uma unidade do que as pessoas pensam e do modo como fazem”, então, em consonância com as entrevistas, as observações, de acordo com estruturas interativas que regulam o conteúdo (Jovchelovitch, 2004), os Focus Group constituem uma técnica relevante que ajudará na explicitação dos implicamentos epistemológicos sobre os processos da RS de agressividade.

#### *1.2.4.1.4.1 Etapas da realização do Focus Group*

Na linha de raciocínio dos autores até agora consultados como técnica de recolha de dados, o Focus Group compreende um longo processo de interações, tanto do pesquisador com os pesquisados (grupo de discussão) e também destes entre si. À título de exemplo, autores como Bloor et al. (2001), Krueger e Casey (2009) e Morgan (1998) concebem que esse longo processo implica a tomada de várias decisões e tarefas subjacentes à

implementação. Ou seja, neste tópico, a partir de Morgan (1997), estamos projetando a construção de um instrumento metodológico que possibilite o estabelecimento de pontes interacionais confiáveis que visibilizem os dois lados de um iceberg. E isso não se faz senão por intermédio de um processo cujo início vai do planejamento, passa pela análise de dados e culmina na elaboração de hipóteses. (Mitchell & Branigan, 2000). Tentativamente classificaremos este longo processo em cinco etapas.

#### *1.2.4.1.4.1.1 Fase preparatória dos Focus Group*

Esta fase configura-se como a primeira do longo processo da aplicação do Focus Group como técnica de pesquisa científica ou simplesmente de planejamento. No contexto das interações dos adolescentes com os fluxos da cultura midiática, intuimos não se trata de uma simples problemática. E sim, uma problemática complexa, cuja profundidade exige voltar o olhar para a formulação de perguntas, sobre os processos e operações implicados na produção e na construção de sentido das ações e práticas sociais desses sujeitos. Isto nos levou a pensar em uma pesquisa que visasse, fundamentalmente, estabelecer uma discussão sobre um ambiente que se constitui e se constrói em uma relação dialética – tomando um corpo existencial no choque interacional entre um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra – e outro na dos usos dos meios, e que podem desencadear e configurar-se como cultura midiática, uma vez orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sociotécnicas, linguísticas e discursivas, na visão de Fausto Neto (2008), dentro da sociedade angolana. Essa cultura, por sua vez, pode também ofertar aos sujeitos com inúmeras possibilidades canhestras nas formas de perceber, de recepcionar e de interagir, e destes com os objetos à sua volta. Ou seja, isso implicou perseguir uma trilha de dúvidas e incertezas que, somente na relação dialética e conflituosa entre os aspetos sócio-históricos, cultural, social e à nova realidade circundante construímos inferências e levantamos algumas hipóteses.

Para tanto, o nosso objetivo foi observar e descrever nas discussões dos adolescentes que constituem o Focus Group, como se constituem os fluxos e circuitos ambientes da circulação do fenômeno de agressividade entre os adolescentes que assistem dos vídeos de violência na internet. E verificar a forma como a sociedade angolana está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação, e quais os significados que os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas nas redes sociais. Ou seja, a ênfase deste Focus Group, recai sobre a discussão acerca de como cada um dos adolescentes, mergulhados na ambiência midiática, percebe, recepciona, representa e se representa nos vídeos que contêm cenas de violência ofertados pela cultura midiática.



O nosso objetivo com este Focus Group foi a busca de insights (Morgan, 1998) novos de interesse comum, que pudessem emergir durante o processo das discussões entre os adolescentes. Trata-se de um processo estrutural de modelagem que de discussões genéricas desemboca naquelas mais específicas, por meio do uso da estratégia do funil. (Morgan, 1997).

No caso concreto desta pesquisa, por meio do Focus Group e da formulação e a aplicação dos tópicos de interesse comum, foram introduzidos por meio de um questionário sobre como estes adolescentes representam em suas práticas e discursos; que sentidos e significados atribuem aos conteúdos dos três vídeos selecionados. Para o efeito, após a exibição de cada um dos três vídeos aos 80 adolescentes da amostra, introduzimos perguntas como: depois de assistir a este vídeo, diga o que você percebeu e o que acha de tudo o que viu. Em relação à violência/agressividade dê a sua opinião sobre os momentos em que você acha que apareceram cenas de violência. Em sua opinião o que você acha que teria levado os adolescentes do vídeo a se envolverem em atos agressivos? O que você acha dos usos de armas de fogo e dos adolescentes que consomem drogas? Em sua opinião você acha que na cidade de Benguela existem adolescentes que fazem manuseios de armas de fogo e usam drogas? Se sim, diga o porquê eles o fazem; o que você acha das pessoas envolvidas no vídeo: a atuação da polícia; a atitude do Chá Preto que matou a senhora com armas de fogo; a mulher que foi apanhada a vender a liamba; do segurança que participou do assalto à empresa onde trabalhava; dos estrangeiros apreendidos durante a operação; e por último da atuação dos Bombeiros Voluntários durante os dois incêndios. Em sua opinião diga em poucas palavras qual seria a melhor forma de combater a criminalidade e a agressividade na sociedade angolana.

#### *1.2.4.1.4.1.2 Processos de recolha e análise de dados*

O Focus Group, parece constituir a fase de um árduo processo investigativo que exige do pesquisador uma atenção redobrada. Para o efeito, antes de tudo neste tópico, parafraseando Bloor et al. (2001), Galego e Gomes (2005) faremos recursos a filmagem, a observação participante, sobretudo, anotando as expressões faciais, gestos, tom de voz e os contextos em que os discursos foram proferidos e a transcrição de todo o material coletado. O objetivo aqui é a busca de uma visualização e reprodução o mais fiel possível do que ocorreu no grupo durante a introdução e discussão do tópico de interesse comum, visando uma aguçada percepção de todas as interações ocorridas ao longo da discussão do grupo, e é ela que constituirá a base de interpretação e de análise de dados.

A propósito da análise de dados do Focus Group, Morgan (1996; 1997) e Bloor et al. (2001) são do parecer de que esta técnica é usada em várias abordagens de análise dos dados qualitativos e de diversas formas. Porém deve ser sempre de modo sistemático, criterioso e rigoroso para evitar a dispersão ou a generalização dos resultados. Querendo categorizar estas diversas formas, os autores afirmam que de modo genérico este tipo de análise decorre ao longo de três etapas: 1 - codificação/indexação - a leitura que fazemos deste tópico é de que se trata de fazer uma leitura observacional aguçada do material que envolve não só a leitura e transcrição em si; 2 - em estabelecer um contrato de leitura que permita o desencadeamento processual, que permita a atribuição de categorias que reflitam os temas presentes no tópico introduzido de interesse comum, bem como a construção de tópicos emergenciais novos por meio de inferências durante o processo da discussão do Focus Group; 3 - armazenamento/recuperação - esta fase é dedicada à compilação de todos os extratos do texto subordinados à mesma categoria de modo a poder compará-los. Fazemos ressalva afirmando que esse tópico pode ser realizado manualmente pelo pesquisador ou por meio de programas informáticos construídos para tais finalidades; sem, porém, perder de vista os contextos de onde os referidos textos foram extraídos assim como os dos sujeitos envolvidos; interpretação: por sua vez esta fase corresponde àquela de uma leitura analítica, sistemática e criteriosa dos dados por meio de métodos específicos, tais como por exemplo a indução e dedução que levará o pesquisador a instaurar um processo construtivo de inferências abduativas.

### **1.2.5 Análise e tratamento de dados**

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, fazendo uma referência a Martins (2004, p. 289), a nossa unidade de análise configurou-se como um “microprocesso” que pretendeu investigação, um exame intensivo dos dados transformados em “ações sociais.

Estas ações sociais transformadas em unidade de análise obrigaram-nos a fazer uma reconsideração de alocação dos conteúdos e sua categorização. Esta categorização foi feita por meio de um processo iterativo característico do modelo circular típicas na pesquisa qualitativa. Para os pesquisadores Laville e Dionne (1999, p. 223), tal processo permitiu-nos fazer “uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados técnica e instrumentalmente”. Ou seja, trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma. Portanto, para estes autores a coleta, a organização numérica e operacionalização

de dados são uma ferramenta de grande valia para o tratamento e a análise com a ajuda dos instrumentos estatísticos.

No contexto da nossa pesquisa, a opção por estes autores, na análise dos relatos dos oitenta (80) adolescentes que participaram das discussões justifica-se pelas estruturas das suas abordagens que passamos a descrever. Laville e Dionne (1999) parecem insistirem no fato de que a análise de conteúdo seja aplicada aos dados recolhidos de transcrição de textos extraídos de discursos e relatos obtidos por meio de perguntas simples e abertas. Sem uma estrutura rígida, através das percepções do observador participante e uma reconstrução simultânea com os observados, esta análise visa esclarecer diferentes características e extrair sua significação. Ainda segundo os autores, trata-se de um processo longínquo que na realidade foi iniciado no ato da coleta dos materiais e a primeira organização. Ademais, tal coleta, orientada pela hipótese da pesquisa, “à medida que colhe informações, o pesquisador elabora sua percepção do fenômeno e se deixa guiar pelas especificidades do material selecionado”. (Laville & Dionne, 1999, p. 215).

Assim, norteados pela hipótese de que talvez os adolescentes que assistem os vídeos na Internet com conteúdos agressivos e violentos podem representar novas configurações de atos agressivos e violentos em seus discursos e práticas, somos do parecer de que estes autores ofertam à nossa pesquisa um subsídio norteador. Sobretudo pelo facto de sua proposta de análise de conteúdo apresentar as três etapas tais como, o recorte dos conteúdos, a definição das categorias analíticas e a categorização final das unidades de análise.

Para eles o recorte de conteúdos, configura-se como a primeira etapa na qual os relatos são decompostos para em seguida serem recompostos visando uma melhor expressão do sentido e da sua significação. Tais recortes precisam conter uma profundidade de conteúdo que destaque as ideias principais e destas ideias principais resulta as unidades de análises que, “consistem em fragmentos do discurso manifesto como palavras, expressões, frases ou ainda ideias referentes a temas recortados”. (Laville & Dionne, 1999, p. 216). Em sequência os autores destacam a etapa da definição das categorias analíticas. Nesta etapa ocorre o agrupamento dos elementos do conteúdo em graus de parentesco e sentido que serão organizadas sob as devidas categorias analíticas por meio de modelos seguintes: aberto, sem engessamento das categorias no início, todavia, sob a forma no curso da análise; modelo fechado, onde o pesquisador, por meio de suporte teórico decide as categorias que submeterá à prova da realidade; e por último vem o modelo misto. Aqui, no início o pesquisador seleciona um conjunto de categorias que acha pertinente para a sua pesquisa e que mais tarde serão modificadas durante os desdobramentos da sua análise. Uma vez modificadas o

pesquisador passa para a última fase da sua pesquisa que consiste na categorização final das unidades de análise. Esta corresponde à fase de uma análise de reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização a partir de um processo iterativo característico do modelo circular da pesquisa qualitativa. Esta etapa possibilita uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados. Trata-se de “considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma”. (Laville & Dionne, 1999, p. 223).

Por sua vez Bardin (2009, p. 121), apresenta como estrutura de análise que compreende um processo com três (3) etapas fundamentais, a saber: pré-análise; descrição analítica e; interpretação referencial. Segundo o autor, a pré-análise, consistiria na organização do material, ou seja, de todos os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, bem como outros materiais que podem contribuir, para uma melhor compreensão do fenômeno e a determinar corpus no qual, por meio da construção de inferências indutivas, o pesquisador concentrará a sua atenção investigativa. O segundo momento seria o da descrição analítica. Para ele nesta etapa os dados coletados recebem maior tratamento ao estabelecer relações com os referenciais teóricos e construções hipotéticas que darão espaço aos quadros e gráficos. O objetivo aqui é promover uma discussão sintética em vista as aproximações e distanciamentos de ideias. Ou seja, esta etapa também poderia ser definida como sendo a da construção de inferências dedutivas, por buscar sínteses coincidentes e diferentes de ideias. A terceira etapa, diz respeito à interpretação referencial. Por outras palavras, trata-se da fase de análise propriamente dita, onde o pesquisador, através do processo intuitivo, com embasamento em materiais empíricos, promove uma reflexão que estabeleça relações e conexões profundas de ideias, conceitos e teorias com a realidade percebida e observada nos relatos transcritos.

Portanto, sob a perspectiva das RS de agressividade, dos fluxos mercadológicos da capital midiático (produção, da circulação, do consumo) e dos usos e apropriações das lógicas dos dispositivos midiáticos, estas palavras, enquanto unidades de análise, configuram-se como verdadeiros arenas de saber e de poder, a ponto de equipararem-se ao conjunto de dispositivos interacionais nas sociedades em midiatização. Ou seja, em um processo tentativo de análise de conjuntura estas palavras remeteram-nos à ideia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto das representações. (Moscovici, 2003, p. 69).

E então, objetivando aproximação ao objeto das representações, partimos para o campo da pesquisa. E eis que, em meio a conversas e debates com pais e professores do

Colégio Nossa Senhora da Conceição, localizada em na cidade de Benguela, observamos e percebemos uma certa unanimidade nos diversos comentários, em seus discursos, no diz respeito à exposição excessiva dos dispositivos midiáticos ao consumo de vídeos na internet.

Como se não bastasse esta constatação, também constatei, nas conversas além do ambiente acadêmico e no âmbito do senso comum, relatos acerca da problemática em torno do conceito de adolescência associado a circulação crescente da agressividade, roubos e crimes diversificados. Todavia, como na altura o foco da pesquisa prendia-se às questões relacionadas ao campo da pedagogia, julguei pertinente o assunto mais não prioritário.

Perante tal situação e em processo tentativo de recolher dados empíricos que pudessem dar respaldo e respostas epistemológicas à problemática, encontrei certas dificuldades, visto não ter conseguido visualizar abordagens que desenvolvessem esses temas sob o viés da midiatização e dos processos sociais em Angola, salvo dados colhidos do UNPF<sup>14</sup> (2016). Segundo esta instituição, as crianças, adolescentes e jovens em Angola são a maioria e a camada que mais cresce proporcionalmente na África. Outro subsídio vem do Fórum da XIII da CMJPLOP<sup>15</sup> (2014). Este Fórum reconhece o crescente aumento de comportamentos agressivos entre adolescentes. Para Hugo Silva (2014) terminado o conflito armado angolano, e com o surgimento da inovação midiática global da convergência e comunicação em rede com a instalação da TVCABO (2014), e a distribuição da internet de banda larga que disponibiliza serviços interativos, a população infanto-juvenil passou a ter acesso aos conteúdos disponibilizados pelos meios de comunicação de massa por meio dos dispositivos midiáticos. É a partir da visão de Hugo Silva que eu pretendo posicionar o meu lugar de fala, enquanto pesquisador, amparado pelas angulações da midiatização e dos processos sociais.

Como pesquisador, o nosso objetivo é provocar uma discussão que aponte pistas acerca dos desdobramentos dos fenômenos observados dentro do contexto socio-histórico e cultural dos adolescentes. Assim, os desdobramentos desses fenômenos levam-me a convocar Vygotsky e Cole (1928/1998, p. 31), para quem “no processo do seu desenvolvimento, a criança não somente domina os conteúdos da experiência cultural, senão também os hábitos e as formas do comportamento cultural, os métodos culturais de raciocínio”.

#### 1.2.5.1 Processos de aplicação coletiva das entrevistas<sup>16</sup>

Conforme dissemos no capítulo da metodologia, este processo teve o seu início com o contato telefônico e depois através do envio, por e-mail, da carta de anuência à diretora do Colégio Nossa Senhora da Conceição, instituição de ensino, onde estudam os adolescentes que compõem a amostra. Tendo sido aceita a solicitação, começamos a trabalhar na

construção das entrevistas e por falta de referenciais teóricos, até data da pesquisa, selecionamos alguns vídeos em circulação nas redes sociais em Angola para servirem de disparadores das discussões no Focus Group. Como critério de seleção foi que fossem vídeos de produção nacional em circulação nas Redes Sociais (YouTube), que apresentassem ou cenas de violência e agressividade e, se enquadrassem nas esferas de consumo e de produção.

Em uma primeira fase pensávamos selecionar os vídeos e depois fazer perguntas aos produtores, sobre as condições de produção e quais razões os levaram a postá-los nas redes sociais. E para o efeito, elaboraríamos três Termos de Livre Consentimento Esclarecido: um Termos de Livre Consentimentos Esclarecidos (TCLE) para os produtores dos vídeos selecionados; um para os pais e ou encarregados de educação dos adolescentes e; um para os respectivos adolescentes. Porém, devido às características mutantes e híbridas, na esfera de produção e consumo dos bens da indústria cultural midiática e, sobretudo devido à nova ambiência, criada pelo desenvolvimento sociotécnico, tecnológico e cultural com o advento da Web e internet, achamos por bem descartar o primeiro termo. Na nossa decisão tivemos como referências autores como Castells (2003) que fala da sociedade dos fluxos e redes e de Jenkins (2008) que trata da convergência midiática.

Segundo eles, por “sui generis”, a internet cria para os indivíduos uma ambiência que possibilita a interatividade, participação e convergência midiática. Ainda para esses autores, essa ambiência é caracterizada pelas transformações de caráter sociotécnico, tecnológico e cultural dos meios de comunicação e seus produtos midiáticos. No passado as tecnologias comunicacionais tinham como único objetivo a distribuição dos conteúdos midiáticos. Hoje eles não só são produzidos pelas instituições em vista ao consumo, mas os consumidores também os reproduzem e os compartilham por meio dos usos e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnicas e tecnológicas de produção midiática, graças ao desenvolvimento das TICs sobretudo da ambiência da internet.

Tendo todo o material pronto para a pesquisa de campo, no dia 18 de maio de 2019 via aeroporto de Guarulhos, partimos do Brasil para Luanda / Angola e no dia 19 de Luanda para a Província de Benguela. Depois de quatro dias de readaptação ao fuso horário, no dia 22 de maio de 2019 deslocamo-nos para o colégio para o primeiro contato físico com a direção da Instituição de ensino, aonde realizámos a pesquisa. Ainda no mesmo dia passando pelas salas de aulas com o diretor pedagógico do instituto, conversamos informalmente com os adolescentes.

Nesse primeiro contato, o nosso objetivo era criar um ambiente de socialização e também de manifestação do nosso desejo de fazer uma entrevista com os adolescentes. Sem,

no entanto, manifestar o motivo da entrevista, observamos na fala deles certo, interesse em participar da entrevista. Entretanto queriam saber qual seria a finalidade da entrevista, e então explicamos o real motivo. Quando souberam que teria como finalidade colher dados sobre a circulação do fenômeno de agressividade midiática entre os adolescentes que consomem os conteúdos violentos nas redes sociais (Youtube), quase todos os adolescentes queriam participar da pesquisa. Devido à escassez do tempo interrompemos as conversas e retornamos para casa.

No dia seguinte (23/05/19) retornamos ao colégio para fazer a seleção da amostra, conforme referenciado no capítulo da metodologia. Para o efeito, sem o recurso de um instrumento específico, na seleção dos 80 adolescentes, optamos como requisito escolher aqueles adolescentes que possuem a idade entre 14 a 16 anos, matriculados em regime regular no Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela; que acessam a internet através de um dispositivo midiático e, por fim, que tenham um canal ou um perfil numa das redes sociais, nas plataformas como Facebook, WhatsApp, Instagram, YouTube. Desse modo, foram excluídos da amostra todos os adolescentes que não atendem aos requisitos delineados no processo seletivo.

Finalizada a seleção da amostra, composta no total por 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, promovemos uma conversa mais direcionada para as atividades da pesquisa. Em seguida entregamos aos selecionados os TCLE que foram preenchidos em casa por eles e pelos seus encarregados de educação. Ou seja, um Termo pelos adolescentes e outro pelos pais e ou responsáveis dos respectivos adolescentes, e que trouxeram no dia da aplicação coletiva das entrevistas individuais. Como já afirmamos, estes termos são basicamente um protocolo que, eticamente nos garantem a proteção legal e moral enquanto pesquisador. Os adolescentes e seus responsáveis têm a oportunidade de expressar o seu livre e claro consentimento em participar da pesquisa. Sendo assim, a conversa obtida com eles serviu de esclarecimento no intuito de evitar qualquer dúvida e ou a inibição. E também visou deixar que cada adolescente que participaria da pesquisa se sentisse à vontade e livre na hora de responder as perguntas, embora a técnica fosse de aplicação coletiva, a entrevista de aplicação coletiva foi estruturada em forma de questionário composta por 28 perguntas de múltiplas escolhas<sup>17</sup>.

O dia 27 de maio de 2019, pelas 10 horas da manhã, conforme ficou combinado, os adolescentes e a direção do Colégio Nossa Senhora da Conceição estavam no auditório da escola, acomodados em suas carteiras individuais, para a aplicação coletiva da entrevista. Após recolhermos os TCLE, em um ambiente de cordialidade e antes da aplicação das

entrevistas, explicamos aos adolescentes os procedimentos das suas respostas às questões. Dentre os pontos, destacamos a importância de cada participante responder todas as perguntas sem a preocupação de certo ou errado como ocorre nos dias de provas. E que cada adolescente poderia escrever livremente o que pensasse sobre cada pergunta da entrevista. Por questões de economia do tempo, estabelecemos para as 28 perguntas da entrevista o período limite de duas horas e o tempo mínimo de 45 minutos. Quanto às dúvidas que pudessem ocorrer durante a aplicação da técnica, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento. Ou seja, a qualquer momento eles poderiam nos chamar e também caso percebêssemos alguém com dificuldade poderíamos ir ao encontro dele. Também acordamos que caso o ambiente se tornasse constrangedor para a maior parte dos pesquisados, a aplicação da técnica poderia ser interrompida.

Na elaboração das entrevistas tomamos como ponto de referência o tecido rizomático construído por Faxina e Gomes (2016, p. 188), que configuram tanto o estado da “sociedade” atual quanto os “indivíduos” que a constituem, como “em midiatização”. Para eles, vive-se a “configuração de uma ambiência [...] em que o ser se estabelece na relação com o meio, de forma que um não possa ser pensando sem o outro”. “[...] Sublinha-se, configura-se um novo modo de ser e viver em sociedade”.

Nesta ordem de raciocínio, as entrevistas apresentam duas partes: uma que incide sobre os dados sociodemográficos e outra sobre os dados sociotécnico e tecnológicos interacionais, que a seguir passamos a descrever.

#### *1.2.5.1.1 Coleta e descrição de dados sócio demográficos e familiares dos adolescentes*

Autores como Oliveira (2003) e Jannuzzi (2017) compreendem que as estatísticas públicas, especialmente aquelas levantadas nos Censos Demográficos, têm sido fundamentais na formulação de políticas públicas e governamentais, ao permitirem a elaboração de diagnósticos socioeconômicos com abrangência temática, detalhe territorial e comparabilidade histórica. Continuando, para eles é através desses levantamentos que o pesquisador pode ter acesso aos indicadores de emprego, de renda e pobreza, de acesso domiciliar, ao saneamento básico, energia elétrica e pavimentação, ocupação, subocupação e desemprego de chefes de família, de evasão e atraso escolar de crianças, de analfabetismo de adultos. Para Jannuzzi (2017) esses indicadores são essenciais para o dimensionamento de demandas sociais, proposição de políticas e programas e para orientação do investimento público e privado em infraestrutura urbana e serviços.



Nesse sentido, os censos têm permitido avaliar a efetividade – ou não – da ação governamental em várias áreas setoriais. Portanto, o Censo Demográfico pode refletir a agenda de preocupações, a seu tempo, da sociedade e do governo, do momento de sua realização, além de projetar o sonho de cada nação no futuro imediato, ao explicitar novas demandas de políticas sociais sobre expansão da cultura midiática em Angola. Na visão de Hall (1997, p. 16), a cultura midiática pode fazer “deslocar o sujeito da sua posição” de mero produtor ou consumidor. Sob o ponto de vista angolano, isso pode implicar uma virada cultural, que nos obriga antes de tudo, a entender o passado do sujeito angolano para só depois identificar, à luz desta nova cultura aquilo é estável e emanador de sentido indenitário. E, conseqüentemente, nas interações, tensões e em choques culturais (Harris & Moran, 1979) estabelecer novas formas de ser e existir (Faxina & Gomes, 2016) na sociedade angolana.

Feito tal esclarecimento, o nosso foco é o estabelecimento de um Censo Demográfico em Angola por meio de uma amostragem em grau menor, porém passível de generalizações. Conforme a ordem das questões expostas, a primeira pergunta consistiu em saber as idades de cada adolescente numa faixa etária que vai dos 14 aos 16 anos de idade. Após a aplicação e recolha dos dados dos 80 adolescentes que compõem a amostra, em termos comparativos, mas não visando o sexo de cada um deles, os resultados apontam o seguinte: 43 adolescentes afirmaram terem quatorze 14 anos; 28 disseram que tinham 15 anos; e 10 adolescentes relataram que estavam com 16 anos de idade, respectivamente. Em um cálculo percentual representamos a respostas desses adolescentes por meio de um gráfico.

**Gráfico 1: Faixa Etária**



Fonte: elaborado pelo autor.

Atendo-nos ao gráfico percentual, concluímos que os adolescentes da faixa etária dos 14 anos constituem a maioria dos adolescentes pesquisados. A opção por esta faixa etária deve-se pelo fato de que os dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA,

2016), apontam que as crianças e adolescência constituem a maioria da camada populacional angolana e a que mais cresce na África. E, avançando, estabelece os grupos etários dos 0-14 anos e dos 15-24 anos de idade, como a representação de uma população extremamente jovem que corresponde a cerca de 65% da população residente, contrapondo-a abismalmente à 2% da população de idosos que tem 65 ou mais anos. O UNFPA reconhece que Angola, tal como em alguns países da África Subsaariana, tem um grande reservatório de talento jovem com oportunidade de renovar o capital social econômico, e vai continuar a desfrutar deste bônus nos próximos 15-20 anos. Com base nesses dados, julgamos ser necessário aprofundarmos o nosso nível de conhecimento acerca do conceito de adolescência.

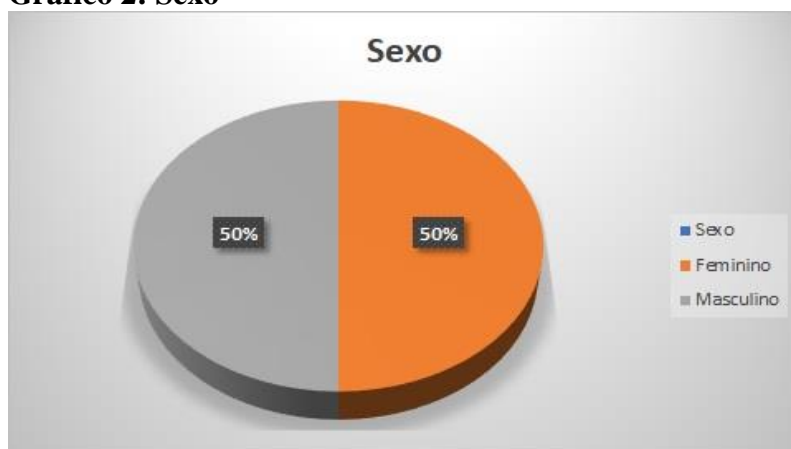
Etimologicamente falando, o conceito de adolescência perpassa gerações e séculos. Oriundo do latim “adolescere”, que significa crescer, e se configura como um “fenômeno que se apresenta incerto”, uma vez que “toda a estrutura social é sustentada por uma cultura e esta por sua vez determina aquela”. Neste sentido cada país, cultura ou sociedade pode impor “os ritos e as regras sobre quando começa e termina a adolescência”. (Quiroga, 2007, p. 25). De uma forma mais estruturada, o conceito aparece oficialmente a partir de Stanley Hall em 1904 e durante a década de 50, no século passado, tenha aparecido o fenômeno denominado “juventude transviada” ou “rebelde sem causa”. (Grossman, 1998). Autores como Coll, Bustos e Engel (2010) afirmam haver registros entre os indivíduos e nas literaturas, especialmente textos sobre educação. Segundo tais registros, embora nem sempre com características específicas, havia componentes psicológicos e fisiológicos associados à adolescência, independentemente do período histórico ou cultural. Assim, nas interfaces dos acontecimentos sociais, demográficos e culturais pareceu-nos ser possível definir adolescência como período distinto do desenvolvimento humano. Segundo a Organização Mundial de Saúde OMS (1965), a adolescência corresponderia a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos, definida como um período biopsicossocial.

A partir dos dados apontados pela OMS e considerando a complexidade incerta dessa faixa etária, nesta pesquisa pretendemos abordar o conceito de adolescência sob dois aspectos destacados por Quiroga (2007, p. 20). A autora divide a adolescência em: a) cronológico esquematizado: “Adolescência temprana” (8 aos 15); “a adolescência média” (15 aos 18) e a “adolescência tardia” (18 aos 28) anos respectivamente. Importa aqui falarmos da “adolescência média” por marcar a estabilização do processo de crescimento e permitir ao adolescente sair de casa em busca do outro, mediante um processo de deslocamento de investidas libidinais do corpo em direção ao objeto; b) aspecto antropológico, sobretudo na estrutura social a adolescência diz respeito a um tempo histórico e a um espaço geográfico.

A partir do conceito de moratória, Erickson (1976, p. 128) institucionalizou a adolescência e a caracterizou como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcavam como “um modo de vida entre a infância e a vida adulta”. A opção por esta faixa etária, deve-se pelo fato de, segundo o autor, uma fase especial do processo do desenvolvimento, no qual ocorre a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria, justa mente por marcar “um modo de vida entre a infância e a vida adulta”. Neste sentido o conceito passa a ser definido como psicossocial, marcado por choques interacionais. Primeiro como seu próprio corpo em transformação, vinculado à puberdade, e depois com a sociedade, vinculado ao processo cognitivo. Na perspectiva das RS o conceito de adolescência construído histórica e culturalmente e a ser caracterizada pelo modo como os indivíduos se representam e são representados nas interações sociais. Ou seja, ele aparece como reflexo dos aspectos corporais e psicológicos, sim, mais é sobretudo como produção e reprodução sócio histórica e cultural.

O nosso discurso sobre a adolescência é sustentado por uma visão dos dois gêneros (masculino e feminino) entre os 80 adolescentes pesquisados. Conforme o gráfico abaixo, foram selecionados 40 adolescentes do sexo masculino e 40 do feminino, respectivamente. Seguindo a colocação das carteiras no auditório onde ocorreu a aplicação da técnica, do número 1 até o 40 foram colocados os adolescentes do sexo masculino, e do número 41 até o 80 foram ocupadas pelas adolescentes do sexo feminino. Para além dos objetivos previstos na pesquisa, esta pergunta constitui-se como uma forma de dar vez e voz a cada um deles, a fim de que se pudessem dizer sobre qual sexo pertencia, como consta no gráfico abaixo.

**Gráfico 2: Sexo**



Fonte: elaborado pelo autor.

A opção pela escolha equilibrada visa compreender as especificidades das RS de agressividade, quanto ao sexo (masculino e feminino). De uma forma geral diremos que os

seres vivos apresentam características estruturais e funcionais peculiares e distintivas entre os machos e as fêmeas. O pesquisador Nogueira (2001) classifica os indivíduos segundo a anatomia humana e utiliza o termo sexo masculino e feminino para diferenciar se o indivíduo é macho ou fêmea, de acordo com os cromossomas expressos em seus órgãos genitais. Por sua vez Oliveira e Knoner (2005) categorizam as pessoas pelos sexos masculino e feminino a partir de papéis sociais distintos, porém, interdependentes um do outro. É pensando nessa interdependência que pensamos o conceito de adolescência. cremos que na sociedade dos fluxos dos bens da cultura da indústria das TICs, as informações sobre a circulação e consumo, bem como as consequências advindas desta cultura, os conceitos de sexo masculino e feminino, embora se construam em oposição nas interfaces, não signifiquem necessariamente contradição, luta, conflito ou desigualdade, mas interacional, na ambiência da midiaticização. Ou seja, compreendemos que na ambiência da midiaticização o conceito de gênero passa a ser interpretado, sem entrar no mérito das discussões terminológicas, antropológicas e psicológicas, como uma construção cultural e social que pode incluir diversos componentes, como identidade, valores, prestígio, regras, normas, comportamentos, sentimentos, entre outros.

Em questões que se prendem com o nível de escolaridade em Angola, foram inclusas no elenco das perguntas das entrevistas. Assim, em meio aos diversos componentes, trazemos aqui os dados sobre o nível de escolaridade dos 80 adolescentes que compõem a amostra. Após a recolha dos dados verificamos que 6 adolescentes, sendo que 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, responderam que estavam frequentando a 7ª Classe. Os adolescentes que frequentam a 8ª Classe somam um total de 25, dos quais 18 são do sexo masculino e 7 ao sexo feminino, respectivamente. Por último e em número maior estão os 49 adolescentes, dos quais 16 são do sexo masculino e 33 do sexo feminino estavam na 9ª Classe, conforme aparece no gráfico que apresentamos a seguir.

**Gráfico 3: Nível de Escolaridade**

Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico acima vem de encontro aos dados do PNUD<sup>18</sup> (2010) que reconhecem e revelam a importância das políticas de cooperação na área da educação visando todos os processos de desenvolvimento sócio econômico e cultural (Delors, 1996; Morin, 2002) em Angola. Em proporção vemos no gráfico certa crescente taxa do nível de escolaridade a medida em que a idade vai aumentando. Dos oitenta (80) adolescentes seis (6) com a idade de 14 anos estão fazendo a 7ª. Classe. Porém em termos comparativos os adolescentes do sexo masculino estão em primeiro lugar em proporção de um adolescente do sexo feminino. O mesmo se repete com os adolescentes com a idade dos 15 anos num total de 25. Dentre estes dezoito (18) adolescentes são do sexo masculino enquanto apenas sete (7) do sexo feminino frequentam a 8ª. Classe. Por seu turno, diferentemente dos dois primeiros grupos este era composto por 49 adolescentes, em termos escolar e etário, frequentava a 9ª. Classe e tinha 16 anos de idade. Dos quarenta e nove (49) adolescentes apenas dezesseis eram do sexo masculino e o restante, trinta e três (33) eram do sexo feminino. Tomando por base estes números podemos concluir que os adolescentes do sexo feminino somam uma ligeira vantagens sobre os do sexo masculino se comparado com os do sexo masculino em todos os grupos. Esta vantagem deve-se à tomada de consciência de uma taxa de analfabetismo na ordem dos 85%, uma das mais elevadas do mundo em Angola (PNUD-Angola, 2002, p. 26) até à independência. E, então, consciente desta dramática situação o novo governo tentou adotar nova ideologia que desse prioridade à educação, aplicando nessa área grandes investimentos. Tendo em vista a formação do novo cidadão angolano, com uma nova personalidade, moldada nos ideais nacionalistas, o Estado angolano achou por bem iniciar pela base com reestruturação do ensino primário que passou a compreender seis anos. O ensino primário deve ser frequentado a partir dos seis anos e seu término é previsto para os 11 anos. No entanto, a maioria das crianças entra tardiamente no sistema de ensino, acabando

também por terminá-lo mais tarde. Dados obtidos do IBEP<sup>19</sup> (Angola, 2010, p. 4), realizado em 2009, mostraram que o ensino primário tinha nesse ano uma taxa de ocupação por crianças entre 12 e 17 anos na ordem dos 58,5%. Esse fator representa um atraso para a própria criança, uma vez que, na mesma sala, se encontram crianças de idades muito variadas. Ou outro lado, o ensino secundário ficou estruturado em dois níveis: o 1º. nível (7ª, 8ª e 9ª classes) e o 2º. nível (10ª, 11ª e 12ª classes).

No contexto dos adolescentes que compõem a nossa amostra e frequentam as aulas do 1º nível, como o nome da cidade também corresponde ao da província, fizemos um levantamento para saber se todos os adolescentes eram naturais de Benguela. A pergunta oferecia aos alunos opções de respostas consoante ao local de nascimento. Assim, no concernente à esta pergunta 3 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, responderam que tinham nascido na cidade do Lobito; outros 3, todas do sexo feminino, na cidade da Cabumbela; 16 em outras cidades; e 58, dentre os quais 30 são do sexo masculino e 28 são do sexo feminino, nasceram na cidade de Benguela. Representamos abaixo o gráfico percentual.

**Gráfico 4: Cidade onde mora**



Fonte: elaborado pelo autor.

Este gráfico mostra-nos uma realidade que nos permite convocar Hall (2005, p. 48), e então observamos que é possível que se crie, nestes adolescentes, uma “identidade impregnada de representações, de referências visuais e simbólicas”. Estas são em grande parte relacionadas à forma como cada um deles se relaciona com os aspectos de circulação e convívio no ambiente escolar do colégio, embora a maior parte deles seja da cidade de Benguela. Nessa perspectiva, falar de “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente se torna uma fantasia” (Hall, 2005, p. 13), perante o processo interacional e representacional de referências visuais e simbólicas com a nova cultura em circulação no

ambiente escolar. Ou seja, o que antes era institucionalizado (identidade cultural), passa a ser uma “questão individual suscetível de ser retomada infinitamente”. (Hall, 2005, p. 95).

Falar em identidade equivale a sermos reconhecidos pelo que “somos em nossa diferença comunitária e histórica, pelo que nos distingue dos outros grupos”. (Lipovetsky, 2004, p. 95). Ou seja, em um mundo interconectado e fluido, a sedimentação identitária organizada em conjuntos estáveis, como etnias, nações e classes, passa a ser reestruturada “em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais”. (Canclini, 2001, p. 23). Para a mesma direção nos aponta Castells (2001, p. 22), que destaca que as “identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”, sendo que aqui se entende significado como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Isso parece sugerir a discussão interacional que levante a suspeita de que a construção da identidade surja nas interfaces entre os fluxos circulatórios dos objetos e os contextos socio-históricos e culturais.

Autores como Lefebvre (2001), Duarte (2002) e Augé (2005) chamam esses contextos como de lugares identitários, porções significadas do espaço social, compreendidas a partir de relações sociais e históricas. (Augé, 2005). Aproximando-nos de Hall (2005, p. 12), diremos que nesses lugares se operam um processo singular e subjetivo de codificação e decodificação através das significações, apropriações dos objetos da retroalimentação dos fixos e dos fluxos. Para o autor esse processo produz por sua vez o sujeito pós-moderno:

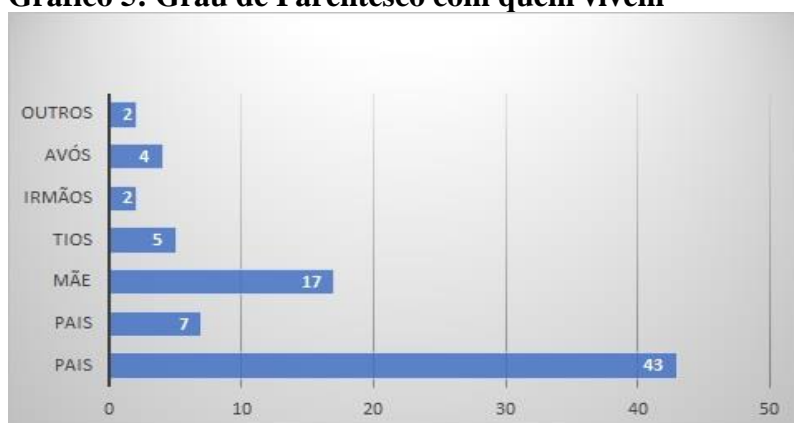
Conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (Hall, 2005, p. 12).

Nesse sentido, Hall (2005) explica que em meio aos fluxos e contrafluxos parece insurgir algo como “identidades múltiplas”, prenes significados dependendo das “posições” que um “sujeito” pode tomar, e ou dizer respeito à “questões individuais” (Freud, 1921/1996; Aulagnier, 1975; Maldavisky, 1977, 1986; Lipovetsky, 2004), que independem dos papéis que os indivíduos desempenham na sociedade, como pai, irmão, professor.

Após a Guerra Civil a República de Angola configura-se como um país soberano, regido por leis próprias através da Constituição da República ou do Código do Direito Civil. Em meio aos desdobramentos das leis, contidas no mesmo, figura o Código da Família Angolana. Segundo este, sobretudo em suas disposições gerais, os artigos 7 e 9, apontam como fontes das relações familiares o parentesco, o casamento, a união de fato e a afinidade.

E então como forma de saber os laços de parentesco de cada um dos 80 adolescentes, perguntamos sobre o grau de parentesco das pessoas com quem eles vivem. Surpreendente os dados recolhidos, pois apontam que 43, dos quais 25 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, moram com o pai e a mãe; 7, sendo 3 do sexo masculino e quatro 4 do sexo feminino, moram com o pai; 17, dos quais 5 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, moram somente com a mãe; 5, dentre os quais 2 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino, moram com os tios; 2, sendo 1 do sexo masculino e outro feminino, moram com os irmãos mais velhos; 4, dos quais três são do sexo masculino e 1 do sexo feminino, moram com os avós; e por último, 2 adolescentes do sexo feminino moram com outras pessoas não especificadas, como também podemos conferir percentualmente no gráfico abaixo.

**Gráfico 5: Grau de Parentesco com quem vivem**



Fonte: elaborado pelo autor.

Olhando para o gráfico, concluímos que em Angola ainda são conservados os padrões familiares e tradicionais, apesar de nas sociedades contemporâneas, não se encontrar modelos familiares únicos, de no que diz respeito ao desenvolvimento da educação dos filhos. Isso se deve às transformações nos papéis tradicionais da mãe e do pai e das novas configurações familiares. (Hintz, 2007). Em Angola, a família (pai, mãe e filhos) ainda ocupa um lugar intermediário entre a sociedade e o indivíduo. Ela ainda é o “útero social”, transformado em lugar singular de convivência, acolhimento, afeto, educação e de interações sociais.

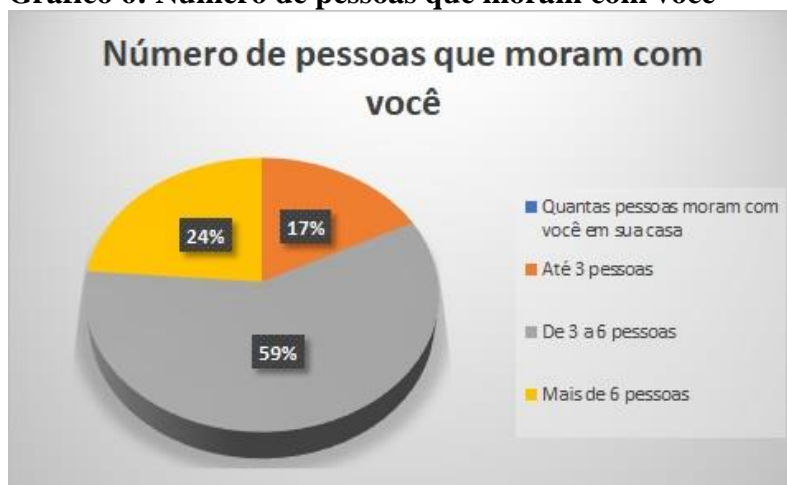
Ao falarmos das interações sociais, estamos entendendo, objetivando, adicionando ao meio físico (família) o espaço social (Freire, 1996; Sayla, 2012; Vygotsky, 1984), como de aprendizagem e de construção de identidades por meio de um conjunto de experiências individuais sobre o mundo, que agem sobre o meio cultural a que os sujeitos têm acesso. Portanto, inferimos que o comportamento de um indivíduo pode ser influenciado pelo contexto da família, da escola e da sociedade, contextos que interferem diretamente no aprendizado e no desenvolvimento infantil. (Kobarg, Sachetti, & Vieira, 2006; Rego, 2011).



Para Vygotsky (1989), é todo esse conjunto que impulsiona o processo das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Essas funções também acabam sendo responsáveis pela orquestração da constituição dos sujeitos enquanto membros de uma família.

Segundo os artigos que vão de I ao 6, do Código Angolano da Família, esta é definida como o núcleo fundamental da organização da sociedade, é objeto de proteção do Estado, quer se fundamente em casamento, quer em união de fato, cujo dever é contribuir para o bem-estar de todos os seus membros, a educação e o desenvolvimento harmonioso, no respeito pelos valores culturais, no espírito do amor ao trabalho e do combate às concepções ultrapassadas no seio do povo, da luta contra a exploração, a opressão e da fidelidade à Pátria e à Revolução. Ela deve ainda zelar pelo equilíbrio ético, moral, espiritual e psicológico de todos os seus membros, de forma que cada um possa realizar plenamente a sua personalidade e as suas aptidões, no interesse de toda a sociedade constituída, segundo dados estatísticos de 2019, composta por uma população de aproximadamente 30 milhões de habitantes e com um crescimento de 3,29% ao ano.

Estes 30 milhões de habitantes encontram-se agrupados em pequenos grupos, em formas de agregado familiar em que uma ou mais pessoas que partilham e usam os mesmos recursos e podem estar ou não relacionadas por parentesco. Como estratégias de penetração nesse complexo núcleo familiar, elaboramos uma pergunta que agrupasse os indivíduos em três grupos: um que vai de 1 a 3 membros; outro de 4 a 6 pessoas, e o terceiro composto por 6 ou mais indivíduos: a primeira opção foi respondida por 14 adolescentes, dos quais 6 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino; na segunda opção apuramos a resposta de 55 adolescentes, dos quais 35 eram do sexo masculino e 20 do sexo feminino; a última opção foi preenchida pelas respostas de 19 adolescentes, dentre eles 8 do sexo masculino e 11 do feminino.

**Gráfico 6: Número de pessoas que moram com você**

Fonte: elaborado pelo autor.

Os indicativos desse gráfico apontam para um agregado familiar populoso. No contexto da sociedade angolana, um país de rendimentos abaixo da linha de pobreza, linha essa que o Banco Mundial (BM) estabeleceu em 1 dólar americano (USD) por dia, interpretamos que em termos gerais, a maior parte desses adolescentes viva “numa condição de pobreza” (Giddens, 2001, p. 313), devido ao número maior de pessoas por família dentro da mesma casa.

Na visão de Capucha (1998; 2005) e Amaro (2003), a pobreza consistiria na falta de alguma coisa essencial para a mera sobrevivência. Para tanto, dependendo do local, das condições de vida, da quantidade das pessoas em casa e sobretudo da renda familiar, podemos estar perante uma situação de pobreza extrema (absoluta) ou pobreza relativa. Capucha (2005, p. 72-73), citando a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social, realizada em Copenhague, em 1995, onde foram debatidos os problemas e as possíveis soluções para o desenvolvimento social e do bem-estar humano de todos”, define a pobreza como “a condição caracterizada por uma privação severa de necessidades humanas básicas, incluindo saúde, comida, habitação, educação e informação”.

Nessa perspectiva, tomaremos a renda familiar como base para avaliarmos o nível de pobreza em Angola. Esta foi calculada a partir do comunicado oficial da Presidência da República de Angola, enviada à Comissão Económica do Conselho de Ministros, tornado público pela agência Lusa no dia 23 de fevereiro de 2019. Segundo o comunicado, o Governo Angolano estima que o salário-mínimo nacional no setor privado na área de agricultura é de 26.817 Kwanzas (74,54 euros). Para os trabalhadores ligados ao comércio da indústria extrativa de 32.181 Kwanzas (90,65 euros) e para os da função pública de segunda classe, categoria mais baixa na estrutura de carreiras do regime geral, de 33 mil Kwanzas (94,28

euros). Quanto aos cargos de direção e chefia, o chefe de secção, isto é, a função de chefia mais baixa, o salário é de 250 mil (714 euros). Por fim, o diretor nacional, cargo de chefia mais alto na função pública, o salário 394 mil Kwanzas (1.125 euros).

Com base nesses dados, indagamos aos oitenta (80) adolescentes que compõem a amostra, sobre o nível da renda familiar dos seus pais ou encarregados de educação. Os resultados da pergunta revelam que entre eles, 3 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino, em um conjunto de 11, são de pais, cuja renda familiar é tida como baixa; 27 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, somando ao todo 51 adolescentes são filhos de pais de uma renda familiar média.

**Gráfico 7: Renda dos Pais**



Fonte: elaborado pelo autor.

Os indicativos deste gráfico confirmam a nossa hipótese de que o colégio Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser uma instituição religiosa frequentada por alunos de pais da classe média alta. E então, passamos a entender o modo de vida como, conforme Guerra (1993, p. 70), a um “conjunto integrado de práticas articuladas a ‘representações do mundo’ e a ‘imaginários sociais’”, o que exige, a existência de um conceito aglutinador das lógicas estruturantes das práticas” na visão de Capucha (2005, p. 76). Neste sentido, assumimos a postura que percebe os modos de vida como elemento mediador que articula os recursos e constrangimentos associados à ocupação de uma determinada posição na estrutura social; como sistema de práticas quotidianas, de avaliações, de representações, de referências sociais e culturais e, por último, como escolhe de estratégias feitas pelos indivíduos no contexto das disponibilidades dos recursos e das limitações impostas por tais constrangimentos.

Ou seja, dependendo dos recursos a ele disponibilizados, podemos atribuir ao homem a característica de “ser social”. (Marx & Engels, 2007). Essa característica, que pode ser considerada antropológica e filosoficamente fundante, permite que ele organize todas as suas

práticas cotidianas. Na visão de Capucha (2005), essas práticas cotidianas compreendem quatro dimensões fundamentais: uma dimensão social – pertença de classe, relação com redes sociais, estruturas familiares; uma dimensão cultural – símbolos e orientações de vida; uma dimensão espacial – localizações dos contextos de interação; e uma dimensão temporal – trajetórias passadas ou virtuais.

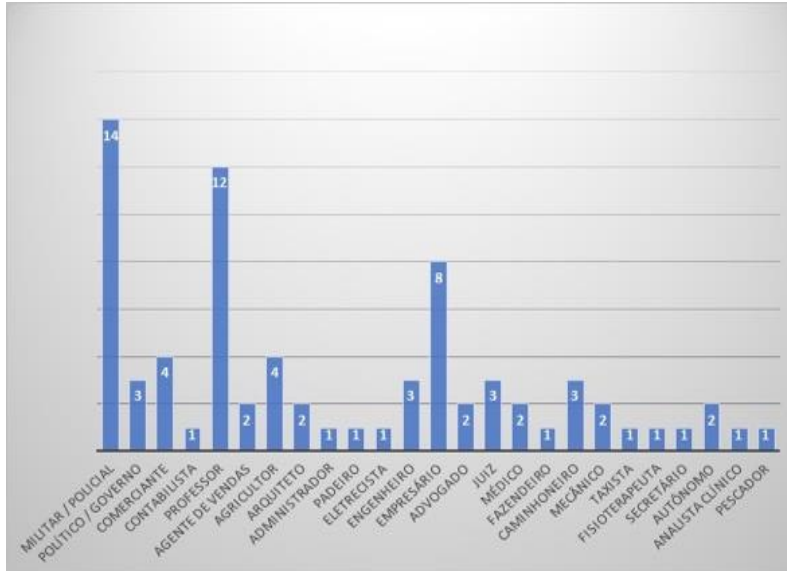
Movidos pela curiosidade epistemológica que nos oportunizasse o acesso sobre as práticas cotidianas dos pais dos adolescentes da amostra, formulamos uma pergunta sobre as ocupações profissionais para, a partir daí, podermos recolher dados que esclareçam possíveis dúvidas que ainda possam prevalecer quanto ao nível social desses adolescentes. Para ter clareza na descrição das respostas construímos dois gráficos percentuais: a) profissões dos pais e b) profissões das mães.

#### *1.2.5.1.1.1 Profissão dos progenitores paternos*

Dos 80 adolescentes, 14, dos quais 7 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, eram filhos de pai militar ou policial; 3, sendo todos do sexo masculino, eram filhos de políticos ou trabalhavam no Governo; 4 adolescentes, dos quais 1 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, eram filhos de comerciantes; 1 adolescente do sexo masculino era filho de um contabilista; 12 adolescentes, dos quais 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, eram filhos de professores; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de pais agentes de vendas; 4 adolescentes, sendo 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, eram filhos de agricultores; 2 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e outro do sexo feminino, eram filhos de arquitetos; 1 adolescente do sexo feminino era filho de um administrador; 1 adolescente do sexo masculino era filho de padeiro; 1 adolescente do sexo feminino era filha de eletricista; 3 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de engenheiros; 8 adolescentes, sendo que 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, eram filhos de empresários; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de advogados; 3 adolescentes, dos quais 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de juizes; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, eram filhos de médicos; 1 adolescente do sexo masculino era filho de fazendeiro; 3 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, eram filhos de caminheiros; 2 adolescentes, 1 do sexo masculino e o outro do sexo feminino, eram filhos de mecânicos; 1 adolescente do sexo masculino, filho de taxista; 1 adolescente do sexo feminino, filha de fisioterapeuta; 1 adolescente do sexo feminino, era filha de secretário; 2 adolescentes, ambos do sexo feminino, filhas de pais autônomos; 1

adolescente do sexo feminino, filha de analista clínico; e, por último, 1 adolescente, do sexo feminino, era filha de um pescador.

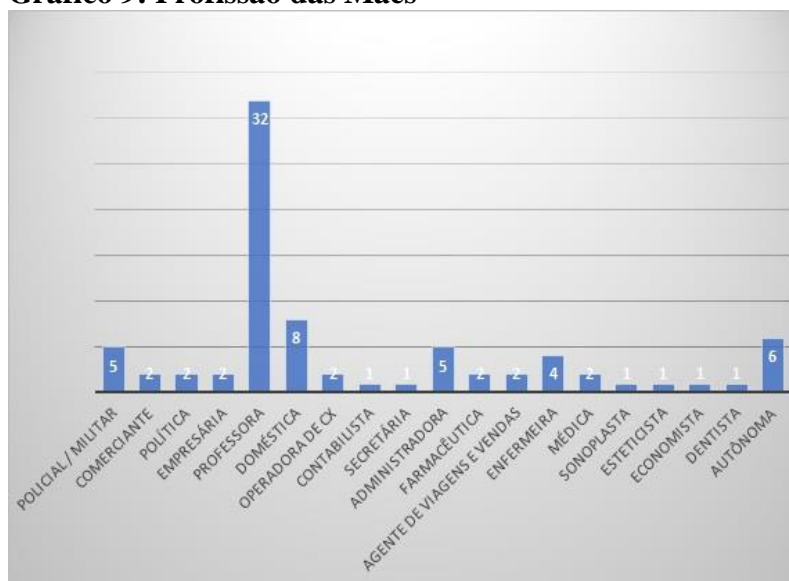
**Gráfico 8: Profissão dos Pais**



Fonte: elaborado pelo autor.

#### 1.2.5.1.1.2 Profissão das progenitoras maternas

Os dados coletados foram os seguintes: 5 adolescentes, dos quais 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, afirmaram serem filhos de policiais ou militares; 2 adolescentes, sendo 1 do sexo masculino e outra do sexo feminino, são filhos de comerciantes; 2 adolescentes, 1 do sexo masculino e outra do sexo feminino são filhos de políticas; outros 2, ambos do sexo masculino, são filhos de empresárias; 32 adolescentes, dos quais 13 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, são filhos de professoras; 6 adolescentes, onde 4 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, são filhos de domésticas; 1 adolescente, do sexo masculino, disse ser filho de uma operadora de caixa; outro adolescente, do sexo masculino, afirmou ser filho de uma contabilista; 1, do sexo feminino, disse que era filha de uma secretária; 5 adolescentes, dos quais 2 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino, afirmaram serem filhos de administradoras de empresas; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de farmacêuticas; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de agentes de viagens; 4 adolescentes, sendo que 3 são do sexo masculino e 1 do sexo feminino, são filhos de enfermeiras; 2 adolescentes, ambos do sexo masculino, são filhos de médicas; 3 adolescentes, todas do sexo feminino, informaram que eram filhas, respectivamente, de sonoplasta, esteticista e economista; 1 adolescente, do sexo masculino disse ser filho de um dentista; 4 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, são filhos de autônomas.

**Gráfico 9: Profissão das Mães**

Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados desta pergunta surpreendentemente forçaram a mergulhar em uma maré diversificada das profissões. Em uma leitura conjunta dos dois gráficos percentuais verificamos uma diversificação das profissões em Angola. Na nossa inferência primária é de que isso seja motivado pelo fim da guerra civil, ao processo da democratização do país e a abertura ao mercado empresarial e profissionalizante para cidadãos angolanos. Essa abertura possibilita-nos fazer uma leitura social do crescimento econômico de Angola, que, na visão de Thompson, Arthur e Formby (1993), Samuelson e Nordhaus (1988), Simonsen e Cysne (2000) tem como disparador uma série de conjunturas relacionadas com o nível de atividades, de empregos, de preços e de adoção de políticas de estabilização, centralizadas no comportamento da procura agregada de bens e serviços, no curto e longo prazo.

Porém, dentre a diversificação de profissões, concentramos a nossa atenção nas três profissões mais relatadas pelos adolescentes. Em ordem crescente, os filhos de pais professores(as) somam 44%; os adolescentes de pais militares ou policiais correspondem a 19%; o terceiro lugar, com 8%, é ocupado pelos adolescentes cujos pais são empresários e pelas mães domésticas, respectivamente. Tal constatação leva-nos a observar que a educação poderia ser uma das apostas do governo angolano a favor da cultura da paz e do desenvolvimento econômico e financeiro e social. Freire (1993) compreende que a educação é uma prática política e libertadora. E para tanto, é urgente aumentar o grau de consciência (do povo) dos problemas de seu tempo e espaço, para dar-lhes uma ideologia do desenvolvimento humano e social que permita uma qualidade de vida, como vimos anteriormente. Entre os possíveis indicadores, a qualidade de vida figura as estruturas habitacionais dos pais dos adolescentes que compõem a amostra. As estruturas habitacionais podem ser a metáfora e

representação de uma população que goza de uma “satisfação plena, física, mental, social e econômica dos seus moradores, utilizadores e visitantes, enfim uma cidade como uma grande casa acolhedora”. (Gomes, 2005, p. 02).

E, então, querendo saber sobre os tipos de moradia onde vivem os adolescentes, formulamos também uma interrogação de múltipla escolha. Das opções oferecidas, 18 adolescentes, dos quais 10 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino, responderam que moravam em apartamentos; 10 deles, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, afirmaram viverem em chalés; 5 adolescentes, dois do sexo masculino e três do sexo feminino, moravam em outros tipos de residências; 47, dos quais 23 eram do sexo masculino e 24 do sexo feminino, informaram que moravam em uma vivenda, como podemos conferir no gráfico que segue.

**Gráfico 10: Tipo de moradia em que vive**



Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o gráfico, percebemos que a maior parte dos adolescentes reside em vivendas. Porém retomando a ideia de Gomes (2005), diremos que o objetivo de falar da habitação adequada é suprir o direito essencial de moradia, de maneira que se possa viver dignamente tendo em vista os aspectos físicos, psicológicos, econômicos e sociais. compreendemos que a moradia digna seja aquela que esteja intrinsecamente ligada à segurança, acessibilidade, infraestrutura básica (água, energia e saneamento) e à disponibilidade de uso de serviços públicos (saúde, educação, transporte coletivo, coleta de lixo). Nesse sentido, tomaremos a definição da Agenda Habitat, através da declaração de Istambul, no parágrafo 43, e passaremos a conceber a habitação como:

O mais do que um telhado sobre a cabeça, a habitação adequada significa privacidade, espaço adequado, acesso físico, adequada segurança - incluindo a garantia de posse -, durabilidade e estabilidade da estrutura física, adequada iluminação, aquecimento e ventilação; o Adequada infraestrutura básica, fornecimento de água, saneamento e

tratamento de resíduos, apropriada qualidade ambiental e de saúde, adequada localização com relação ao trabalho e serviços básicos; o E que esses componentes tenham um custo acessível para todos. (Gomes, 2005, p. 13).

A consistência dessas variáveis pode nos ajudar a perceber os índices de pobreza e de desenvolvimento social dos sujeitos em uma dada sociedade. Na visão de Capucha (2005), Almeida et al. (1994), o fenômeno da pobreza e ou do desenvolvimento podem ser identificados através de oito tipos diferentes de modos de vida, baseados na maneira de ser e de agir como pobres e na configuração do seu espaço, nas relações familiares e como representam e privilegiam o passado, o presente e o futuro. Esses modos de vida são: destituição, restrição, transitoriedade, desafetação, dupla referência, poupança, confiabilidade e investimento na mobilidade. No contexto da nossa pesquisa, sem a pretensão de definir o que seja a violência concentramos a nossa atenção no fenômeno da agressividade no contexto do fim da guerra civil, da democratização do país e, sobretudo, na emergência da cultura midiática. Estamos objetivando uma leitura social que nas interfaces tenta superar o passado nefasto da guerra, e mergulha os atores sociais em um futuro, de certa forma incerto, (Capucha, 2005, p. 23) e de circuitos de afetações canhestras (Braga, 2011a). Esses atores sociais, com pouca ou nenhuma instrução e sem formação profissional, na maioria dos casos deslocados das suas zonas de origem e integrados em famílias desestruturadas, integrados neste novo modo de vida, podem ter um passado trágico marcado pela guerra, fome e morte.

#### *1.2.5.1.2 Dados sociotécnicos, tecnológicos e interacionais*

Segundo Faxina e Gomes (2016) e Castells (1999), as sociedades hoje estruturam-se a partir de um contexto de aceitação global da cultura sociotécnica, tecnológica e digital, que por sua vez vai reconfigurando o modo de ser, agir relacionar-se e existir dos indivíduos. Como se não bastasse isso, ela vai traçando e propondo novos modelos comunicacionais, uma nova história e novos destinos sociais. Em decorrência desses desdobramentos, inferimos que os dados sociodemográficos recolhidos e as inferências construídas podem ser compreendidos como operadores semânticos na pesquisa sobre os usos e apropriações, das lógicas advindas da midiatização e dos processos sociais em Angola.

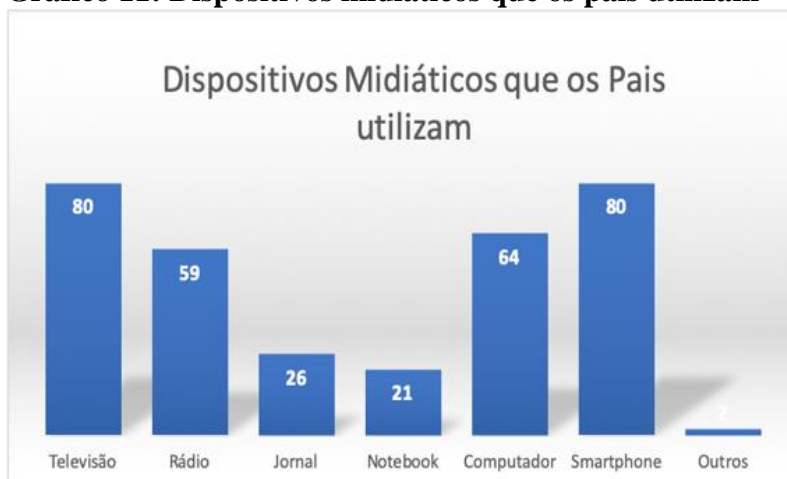
Nesse sentido, sustentados pelos aportes de autores já referenciados, dirigimo-nos aos adolescentes para questionar sobre quais os aparatos tecnológicos os seus pais usam durante os processos sociais e comunicacionais. Para facilitar as respostas dos adolescentes, elencamos alguns dispositivos midiáticos dando possibilidade de enumerarem outros. Informamos que eles poderiam assinalar mais do que um dispositivo, caso os pais usassem



mais do que um. Depois da aplicação da técnica aos 80 adolescentes, obtivemos os seguintes resultados: sem especificarem os horários e os tipos de programas televisivos, 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do feminino, afirmaram que seus pais assistem televisão em casa.

Dando sequência, como ocorreu com a TV, também, quanto ao uso do Smartphone, os 80 adolescentes disseram que seus pais utilizam o dispositivo. Em um total de 80 que responderam à pergunta, 64 adolescentes, sendo 30 do sexo masculino e 34 do sexo feminino, disseram que seus pais usam o computador para se comunicarem; quanto ao uso do rádio como meio de comunicação entre os pais, dos 80 adolescentes, 25 do sexo masculino e 34 do sexo feminino, relataram que seus pais utilizam o rádio, totalizando 59 adolescentes; no que diz respeito ao uso do jornal como meio de comunicação, dos 80 adolescentes, 26 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, confirmaram o uso do jornal pelos pais; no que tange ao uso de notebook, dos 80 adolescentes, só 21, sendo 16 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, responderam que seus pais se comunicavam por meio desse dispositivo. Por último, 2 adolescentes, todos do sexo masculino, além dos já citados, afirmaram que usavam outros tipos. Para todos os efeitos apresentamos o gráfico percentual a seguir.

**Gráfico 11: Dispositivos midiáticos que os pais utilizam**



Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados presentes no gráfico vão ao encontro do pensamento de Bourdieu (1996, p. 14), que percebe os dispositivos como parte integrante dos dispositivos comunicacionais de imprensa jornalística e são um potente instrumento de "manutenção da ordem simbólica".

Segundo dados obtidos tanto do PNUD (2005) quanto do Ministério do Planeamento de Angola (2010), após o conflito armado (2002), com o alcance da paz e estabilidade política, uma das prioridades do Executivo tem sido a reconstrução nacional, o

desenvolvimento socioeconômico e a melhoria das condições de vida das populações pela erradicação da pobreza. As políticas adotadas e as prioridades traçadas pelo governo e pelas diversas instituições devem-se à abertura do país ao mercado de produção, da circulação e do consumo dos bens da indústria cultural (Adorno & Horkheimer, 1986) das novas tecnologias de informação e comunicação. A partir da perspectiva de Penteado (1999), pensamos que o consumo dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa continuam a invadir o mundo particular dos angolanos, independentemente da sua localização geográfica e condição social.

A partir da perspectiva da midiaticização e dos processos sociais, compreendemos que o acesso e o consumo desses conteúdos podem provocar fluxo e contrafluxo (Braga, 2012a) migratório entre os indivíduos. Esse movimento vai das áreas rurais para as áreas urbanas, e delimita em Angola, um território de negociações híbridas, exemplificado por alguns autores como território de desencaixe (Giddens, 1991), de desterritorializado (Deleuze & Guattari, 1980), de espaços líquidos (Bauman, 2001) e de novos nomadismos (Maffesoli, 1997). Ainda relendo esses autores e considerando a “convergência de fatores sócio-tecnológicos disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais” (Fausto Neto, 2008, p. 92), podemos considerar que esteja ocorrendo em Angola algo parecido ao choque de limites fronteiriços: identidade, espaço físico, cultura, política e economia. Esse choque possibilita profundas e complexas alterações também na constituição societária, nas suas formas de vida e suas interações. Por conta disso, levantamos a hipótese de que os usos e as práticas de consumo desses conteúdos configurem aqueles símbolos, as metáforas e as representações de status sociais nos lares e famílias angolanas.

Na tentativa de comprovar a hipótese levantada, sem a preocupação de caracterizar os tipos de dispositivos midiáticos que os pais dos adolescentes têm em suas casas e nem a pretensão quantitativa dos mesmos, mas apenas em busca de uma visão genérica, formulamos uma outra pergunta. A pergunta consistiu em saber a quantidade dos aparelhos numa escala que vai de até 4 e para além de 5 DMs. Das respostas dos 80 adolescentes da amostra, os resultados revelam que 65, dos quais 30 trinta do sexo masculino e 35 do sexo feminino, responderam que em suas residências havia até 4 DMs, ao passo que apenas 16 adolescentes, sendo 10 do sexo masculino e 6 do feminino, responderam que havia em suas casas mais de 4 DMs, conforme o gráfico percentual aqui referenciado.

**Gráfico 12: Dispositivos midiáticos que há em casa**

Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico sugere que nos apropriemos do indicador da posição socioeconômica (PSE), extraído do inquérito organizado pela SOAS<sup>20</sup> e a FEC-UAN<sup>21</sup> em Angola, entre os anos 2016 e 2017 e acompanhado por pesquisa qualitativa até 2018. No inquérito, as instituições visaram fazer a avaliação do crescimento socioeconômico angolano no período de 2002 a 2013. Os dados recolhidos foram apresentados em forma de um relatório e teve como objetivo avaliação do relatório tendo como foco: as condições de emprego em Angola; a construção de obras públicas e; a indústria de materiais de construção. Embora os trabalhos de recolha de dados, análise e compilação estivesse a cargo de toda a equipe do projeto a IDCEA<sup>22</sup>, destacaram-se como principais responsáveis os pesquisadores Carlos Oya da SOAS e Fernandes Wanda da FEC-UAN. Segundo os dados apurados, o crescimento socioeconômico define-se através da posse dos bens econômicos e serve de vetor referencial de diferenciação entre os mais pobres e mais ricos. Indo além, o relatório ainda aponta que a posse de bens também permite definir uma posição socioeconômica, e a configurar em Angola uma realidade que oferta “legitimidade aos desejos de promoção e de diferenciação social”, na linguagem de Lipovistky (1989, p. 42), entre as classes baixa, média e alta.

Dessa forma, confrontando os dados coletados pelos pesquisadores com os relatos dos adolescentes da nossa amostra, podemos verificar que as quantidades dos dispositivos midiáticos percebidas nas casas onde vivem, possa ser uma metáfora de invenção e inovação sociotécnica e tecnológica, e ainda vincular a população à “ascensão econômica da burguesia”, sobretudo pelo consumo generalizado dos bens da cultural midiática. A cultura midiática é entendida, Baudrillard (2001) citado por Moreira (2003, p. 1208), como sendo “o produto regular e sempre renovado de um sistema midiático-cultural, cujos principais agentes

– os conglomerados midiáticos – colocam a sofisticação tecnológica a serviço da reprodução do mesmo, da "banalidade sintética, fabricada em circuito fechado e sob tela de control".

Nessa cultura não ocorre apenas a conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências, difundidos por meio da mídia. Mas também a criação, duplicação ou a recriação da realidade e o fluxo adiante, através do compartilhamento pelos usos dos dispositivos midiáticos, e competências sociotécnicas e tecnológicas, com outras pessoas fora do ambiente social e habitacional.

Sob essa perspectiva, pensamos indagar aos adolescentes da amostra sobre a localização geográfica onde estariam instalados os DMs em seus ambientes sociais e habitacionais. Como em outras perguntas, formulamos questões abertas de cunho alternativo, objetivando recolher respostas “outras” não previstas na armação do questionário. Após a aplicação da questão, os resultados recolhidos apontam que dos 80 adolescentes: 34 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, totalizando 69 adolescentes, responderam que os seus pais tinham DMs nos quartos; 32 do sexo masculino e 38 do sexo feminino, somando 70 adolescentes, disseram que tinham um DM na sala de estar; 38 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, totalizando 71 adolescentes, afirmaram que tinham um DM em seus quartos; 16 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, perfazendo 29 adolescentes, tinham um DM instalado nas cozinhas de suas casas; e por fim, apenas 20 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, responderam que tinham um DM instalado em outros locais da casa.

**Gráfico 13: Localização dos dispositivos midiáticos na casa**



Fonte: elaborado pelo autor.

Três lugares chamam a nossa atenção quanto à instalação dos DMs. Sem a discriminação dos tipos de DMs, nos deteremos apenas na redundância dos relatos dos adolescentes. Assim, chama-nos atenção em primeiro os 71 adolescentes que relataram terem

em seus quartos um DM; os 70 adolescentes que relataram que nas suas salas de estar havia um DM, e por fim os 69 adolescentes que relataram que os seus pais tinham um aparelho midiático em seus quartos. Será este dispositivo um aparelho de TV, um computador ou notebook ou um smartphone? Seja qual for a resposta, interpretamos que a presença desses aparatos tecnológicos nos quartos dos adolescentes reforça a importância que o aparelho tem assumido na vida dos angolanos.

Os DMs nos ambientes sociais e habitacionais da sociedade angolana estariam gerenciando “o espaço social, dissolvendo os antigos laços comunitários, produzindo consumidores em série e homogeneizando a cultura”. (Sodré, 1994, p. 45). Para Marcondes Filho (1994, p. 39), passam a ser não mais uma “janela para o mundo” e sim, “o próprio mundo” (grifo nosso). Desta forma, os usos dos dispositivos, e apropriações das lógicas sociotécnicas e tecnológicas permitem aos angolanos ter uma relação comunicacional com a cultura midiática. Segundo Sodré (1996, p. 30), envolve a travessia de ambiência, que compreende a um “gigantesco processo tecnológico e industrial que, absorve, neutraliza os conteúdos e dissolvendo a sociabilidade tradicional”. Em termos representacionais, ainda segundo Sodré (1994, p. 41), na sociedade em midiaticização os DMs ao permitirem o fluxo adiante dos produtos midiáticos transformam e fazem “desfilar os objetos do progresso técnico e do mais moderno consumo, procurando iniciar ou ajustar a consciências ao código e aos modelos, logo às significações que devem ser assimiladas para se ingressar plenamente nas esferas de gratificação social”. Entendemos que, talvez essa seja uma forma de que impõe ao sujeito-interagente a maneira especialíssima de ver o real.

Em meio a essas metáforas e representações do real, os sujeitos que se sentem incomodados bastariam desligar o aparelho ou ignorar a pessoa, ainda que vivendo na mesma casa ou estando juntos, enquanto, na relação tradicional humana seria diferente. Todavia, fazemos uma ressalva de que não se trata de abolir o convívio humano. Mas, conforme sugere Hamburger (1998, p. 441), “capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária”, que fornece um repertório comum, por meio do qual pessoas de diferentes classes sociais, gerações, sexos e regiões se posicionariam umas em relação às outras. Ou seja, ao contrário de afastar as pessoas, os DMs passariam a fazer parte de suas conversas, ser assunto comentado e criariam um novo modo de convívio, que agora passa a ser mediado pelos dispositivos midiáticos em uma escala social global. Dessa forma ocorreria uma certa invasão do espaço privado por temas públicos, e o tratamento de preocupações anteriormente restritas ao âmbito doméstico passariam agora a ser realizadas em

âmbito público pelo aparelho, conforme observado por Hamburger (2005), através do acesso à internet.

Com o objetivo de topografar o lugar do tráfego ou da navegação na internet dos adolescentes usuários e o local de utilização, formulamos uma questão. Assim, para esta pergunta destacamos em princípio três locais de prováveis usos da internet por eles, abrindo espaço para outros locais. Selecionamos os seguintes locais: casa, escola e Cyber Café ou Lan House. Dos 80 adolescentes da amostra, 72 deles, sendo 37 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, afirmaram que usam a internet em suas próprias residências. 38 deles, sendo 21 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, disseram que além de usarem em suas casas também usavam a internet na escola; em número ainda reduzido, 24, sendo 10 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, usam a internet nas Cyber Café ou Lan House; e 10, dentre os quais 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, informaram que usavam a internet em outros locais. Esses resultados permitiram-nos a construção do gráfico a seguir.

**Gráfico 14: Local onde faz uso da internet**



Fonte: elaborado pelo autor.

Atendo-nos aos dados colhidos dos relatos dos adolescentes, identificamos que o uso da internet em Angola é uma realidade inegável. Almada e Cogle (2006, p. 03) situam, historicamente, o uso de internet em Angola desde o ano de 1989, quando muitos estudantes angolanos receberam a bolsa para as áreas de Ciências e Tecnologias. Desde esse período, teve início o processo de implementação da internet em intercâmbio com Cuba, por meio do projeto elaborado pelo país em 1992, o “ALMARED”. Sabendo do contexto sócio-histórico angolano, o projeto, sem fins lucrativos, visava a inserção da comunicação por “Redes e internet na assimilação das novas tecnologias de comunicação via internet: Correio Eletrônico, Acesso Internet e Formação.” Após o regresso a Angola, começaram a trabalhar pela PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), para criar e trabalhar no

projeto de Rede de Desenvolvimento Sustentável - RIDS / SNDP. Esse movimento, segundo Almarada e Cogle (2006, p. 03), tinha como objetivo “a utilização de novos meios de Comunicação, nomeadamente o Correio Eletrônico, para a disseminação de informações ligadas ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável”.

A partir de 29 de outubro de 1996, Almada e Cogle (2006, p. 13) contam que, ultrapassadas as dificuldades de caráter técnico, começou a funcionar o link de saída internacional através da Angola Telecom, que deu acesso à FULL INTERNET. Almada e Cogle (2006) afirmam, ainda, que a primeira rede de correio eletrônico em Angola foi denominada de ANGONET, criada em 1994, sendo no começo como servidor, mas depois de algum tempo passou a ser operada como rede. Depois de três meses de experimentação, em dezembro de 1994, a ANGONET tinha 30 utilizadores; já em 1995 o número aumentou para 80; 65% eram ONGs e 20% utilizadores ligados a instituições do setor acadêmico. Em 1998, deu-se a implementação de tecnologia wireless internet (Radio Link 2,4/3,5 Ghz) no país, algo muito notório e viável. Em 1999 tem-se o surgimento dos Cybercafés; em 2005 tem-se o acesso à internet via Rede Movitel e em 2006 o lançamento de serviços de TV Cabo.

Na visão de Machado (2014, p. 1), a conexão dos cabos visa um aperfeiçoamento da internet entre os continentes, algo essencial no cotidiano, com possivelmente uma rede wifi rápida, objetivando, sob o “ponto de vista africano”, tornar Angola “um hub no continente e permitir a troca cultural on-line entre seus países”. Por esse viés, Almada e Cogle (2006) compreendem que o projeto “Angola Cables” tem avançado no que diz respeito ao uso da internet. Inclusive, tanto o próprio Ministério das Telecomunicações e Tecnologias de Informação angolano, como instituições no sector privado têm investido em projetos, seminários e eventos tais como “ANGOTIC<sup>23</sup>”, reunindo especialistas no setor de TICs para refletir sobre políticas e estratégias de desenvolvimento e investimentos.

Esses esforços se fazem notórios nos dados apurados dos relatos dos adolescentes da nossa amostra: 60% dos adolescentes entrevistados, além de outros lugares mencionados, possuem e acessam a internet em suas residências. A ser assim, verificamos que isso apenas foi possível graças às inovações de ferramentas técnicas e tecnológicas, quanto aos usos da internet em todos os campos e práticas sociais em Angola. Consequentemente, surgiu-nos a curiosidade de investigar sobre quais, em um universo de diversificadas ferramentas de usos, esses adolescentes preferem usar durante o dia, como forma de obter informações, meio de entretenimento e de interação com os seus pares e seus familiares.

Em suas respostas, os 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, responderam que os seus pais usam os smartphones. Quanto ao uso da TV

encontramos um menor número: apenas 4 adolescentes, de toda a amostra, não usam a TV. Todos os outros usam, ou seja, são no total 76, dos quais 36 do sexo masculino e 40 do sexo feminino. 33 adolescentes, sendo 12 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, relataram que também usam tabletes. No tocante ao uso de notebook, 30 deles, entre os quais 22 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, responderam positivamente. No concernente ao rádio, 9 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, informaram que usavam este veículo de comunicação, totalizando 30 adolescentes. Por fim, dos 80 adolescentes da amostra, apenas 19, sendo 8 do sexo masculino e 11 do feminino, utilizam o computador como dispositivo interacional.

**Gráfico 15: Dispositivos midiáticos que prefere usar**



Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme os demonstrativos do gráfico, percebemos que, assim como os seus pais, para os adolescentes angolanos, apesar das inovações tecnológicas, ainda o uso da televisão ocupa um lugar de destaque, perdendo apenas por 1%, sendo 29% em relação aos smartphones, seguido de 30% que usam tabletes. O uso de notebook e do rádio aparece empatado com 11%, e o computador ocupa a última colocação com apenas sete 7%. Ou seja, parafraseando Domingos Freitas (2017), os dados revelam que os adolescentes angolanos, usam mais os smartphones e a televisão do que outros DMs. No final da sua pesquisa, após os questionários aplicados aos adolescentes e jovens, o pesquisador chegou à conclusão de que, diferentemente dos meios de comunicação, rádio, televisão e jornal impresso, a televisão está no centro entre as práticas midiáticas dos mais novos, independentemente do gênero, da classe social e da localização territorial: “cerca de dois terços dos respondentes revelaram o uso frequente desse meio de comunicação”. (Freitas, 2017, p. 199).

Embora seja visível a predominância da televisão sobre os meios estudados por Freitas (2017), Silvio Koiti Sato (2015), na sua tese de doutorado em Comunicação, com o título: Mobilidade, comunicação e consumo: Expressões da telefonia celular em Angola, Brasil e



Portugal, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, identificou o crescimento no uso dos celulares<sup>24</sup> entre os angolanos, sobretudo, durante o acesso à internet.

Na busca de atualização desses dados, formulamos outra questão sobre quais os DMs os adolescentes da amostra mais utilizam. No final das entrevistas, todos os adolescentes relataram que usavam os smartphones para navegar na internet e nas redes sociais. Quanto ao uso do computador, dos 80, 70 adolescentes, sendo 37 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, responderam que usam esse dispositivo. Por outro lado, apuramos um total de 24 adolescentes que afirmaram usar o tablet, 7 do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Para o uso do notebook obtivemos 20 respostas, vindas de 4 adolescentes do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Por último, um número insignificante de apenas 5 adolescentes, sendo 4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, disseram que usavam outros tipos de DMs.

**Gráfico 16: Dispositivos midiáticos para acessar a internet**

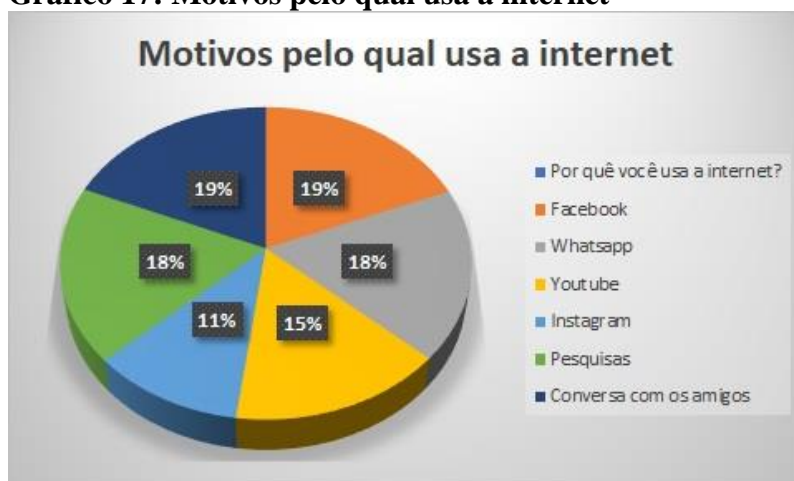


Fonte: elaborado pelo autor.

A primazia no uso dos smartphones, apontada no gráfico acima, se deve ao fato de que, com os avanços tecnológicos, cada vez mais esses aparatos tecnológicos se apresentam multifuncionais, reunindo câmera fotográfica, agenda de compromissos e contatos, rádio, TV digital, reprodutores de áudio e vídeo, navegadores GPS e de internet, entre outras aplicações. (Sato, 2015). Tal profusão de utilidades faz com que eles saiam disparados na frente dos demais DMs e permitam a circulação dos bens da cultura midiática. E como se não bastasse, reúnem informações acerca da trajetória de seus usuários: suas redes de contatos, mensagens recebidas e enviadas, fotos armazenadas, que compõem uma história compartilhada e editada coletivamente, permitindo o fluxo adiante, defendido por Braga (2012a), ou a ideia da cultura da conexão de Jenkins, Green e Ford (2014).

Em meio ao infundo universo de utilidade e funcionalidade, a nossa busca de curiosidades epistêmicas levou-nos a perguntar aos adolescentes sobre quais as razões que os levavam a usar ou a acessar a internet. Após a aplicação das entrevistas, os dados apontam que todos eles relataram usar a internet. Quanto à finalidade do uso da internet, entre os 80 adolescentes, 79 deles, dos quais 40 são do sexo masculino e 39 do sexo feminino, responderam que utilizavam a internet para acessar a página do Facebook para conversar com os amigos. Por outro lado, 78, sendo 41 do sexo masculino e 37 do sexo feminino, responderam que usam a internet para pesquisas. Quanto à opção do uso da internet para o acesso ao WhatsApp foram 76, sendo 40 do sexo masculino e 36 do sexo feminino; para o uso do YouTube foram no total 66, dos quais 35 do sexo masculino e 31 do sexo feminino; com menos pontuação está o uso da internet para o uso do Instagram, que recebeu 47 indicações, sendo 21 adolescentes do sexo masculino e 26 do sexo feminino.

**Gráfico 17: Motivos pelo qual usa a internet**



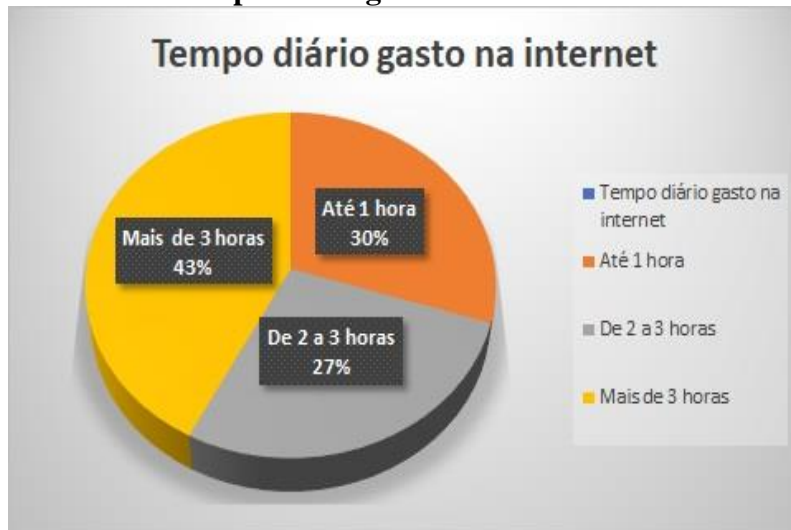
Fonte: elaborado pelo autor.

A distribuição quase que equitativa do gráfico demonstra o quanto os adolescentes angolanos acessam e consomem a internet por meio das redes sociais, embora se dê destaque, na ordem de pontuação durante as interações dos adolescentes com os seu pares, familiares, e durante as pesquisas, às plataformas do Facebook, WhatsApp, Google, YouTube e Instagram.

Dessa forma, querendo saber a quantidade das horas que cada um dos adolescentes usa ou navega na internet e nas redes sociais, perguntamos, e as opções de resposta eram: em um período que vai até 1 hora, de duas a três, e mais de três horas por dia. Os resultados obtidos são: 24 adolescentes, dos quais 12 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino, relataram que consumiam a internet até uma hora por dia. A soma dos adolescentes que consumiam a internet entre 2 a 3 horas por dia é de 22 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 9 do

sexo feminino; já o número dos adolescentes que consomem a internet mais de 3 horas por dia, subiu para 34, sendo 15 do sexo masculino e 19 do sexo feminino.

**Gráfico 18: Tempo diário gasto na internet**



Fonte: elaborado pelo autor.

Tomando os cálculos com base nos estudos realizados no Brasil (2015-2016), onde o percentual, dos 80% de adolescentes que usam a internet, subiu de 21% em 2014 para 66% em 2015; no Reino Unido, em 2015, os adolescentes de 8 a 15 anos passam em média 19 horas por semana na internet. E, os dados de 2016, segundo os quais os adolescentes angolanos ficavam conectado à internet em média durante 2 horas por dia, somando 14 horas por semana, o gráfico aponta em 2019 um aumento de mais de uma hora de consumo de internet. Todavia, acreditamos que esse aumento venha a subir nos próximos anos devido ao projeto que o Governo angolano lançou para os próximos 4 anos (2019-2020).

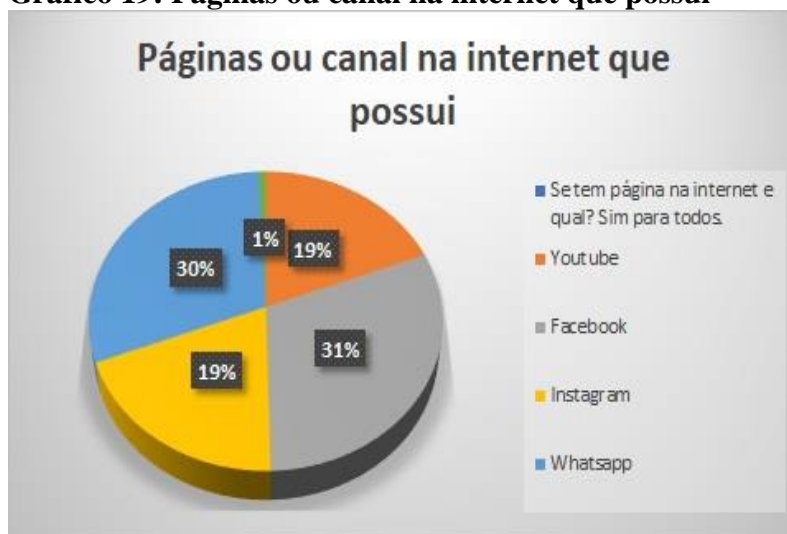
Segundo Laranjeira e Rios (2019), esse projeto do Governo angolano prevê atingir metas ambiciosas no setor das TICs, que pode colocar o país em uma posição de liderança em toda a África. Sobretudo, porque visa um crescimento de mais de 6,3 milhões de utilizadores de smartphones e de 6,9 milhões de utilizadores de internet, bem como uma taxa de penetração média nacional da telefonia móvel celular que atinja os 59,33% da população até 2022. Isso significa o estabelecimento de uma meta de consumo e acesso à internet, que equivale a cada 100 angolanos, 60 sejam utilizadores de smartphone, um aumento na ordem dos 14 pontos percentuais face à atual taxa de teledensidade, que é de apenas 45,43%. Este é um indicador que tem estado em queda desde 2014, com uma redução de 8,8 pontos percentuais em cinco anos.

Ou seja, na prática, essa meta implica um aumento de 48% no número de utilizadores de smartphones, que terão de passar dos 13.288.421 registrados em 2018, para mais de

19.630.00 em 2022. Dando sequência, na visão de Laranjeira e Rios (2019), o Governo pretende, em quatro anos celebrar mais de 6,3 milhões de contratos, a uma média anual superior a 1,5 milhões de novos utilizadores, bastante acima da tendência dos últimos anos. Outra meta ainda mais ambiciosa é a do número de utilizadores de internet que, segundo a meta do Governo, prevê o crescimento de 85%, "passando dos atuais 6,9 milhões para 12,8 milhões". No entanto, em uma análise de cálculos de expansão realizada pelo INACOM<sup>25</sup> e os dados estatísticas das projeções atualizadas do INE<sup>26</sup>, relativos a 2018, apontam a existência de apenas 5.927.715 utilizadores de internet. Isso significa que a meta do Governo para 2022 necessita de um crescimento de 116% face a esses dados, ou seja, quase mais de 6,9 milhões de utilizadores de 2019 a 2022.

Observando as metas traçadas pelo Governo angolano, a expansão e os dados estatísticos quanto ao consumo dos conteúdos midiáticos e o acesso à internet, consideramos que dos adolescentes da amostra pudéssemos abstrair algo sobre as interações e práticas sociais via diversas plataformas nas redes sociais. E então, a partir da perspectiva de Castells (2003, p. 7), "a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global", perguntamos se os (80) adolescentes possuíam um canal ou página nas redes sociais. Com exceção de ninguém todos responderam que sim, possuíam um canal ou uma página.

Perante a afirmativa de suas respostas, fomos provocados a saber em quais plataformas das redes sociais eles têm as suas páginas ou canais. Em termos comparativos, os 80 adolescentes responderam que usavam o Facebook e o WhatsApp, respectivamente. Quanto ao canal do YouTube, 50 adolescentes, dos quais 25 são do sexo masculino e também 25 do sexo feminino, disseram que têm um canal na plataforma. No que tange à página no Instagram, encontramos 27 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, somando 51 adolescentes. Apenas 1 do sexo masculino e uma do sexo feminino responderam que, para além das páginas elencadas, possuíam uma em outra plataforma da internet, conforme o gráfico a seguir.

**Gráfico 19: Páginas ou canal na internet que possui**

Fonte: elaborado pelo autor.

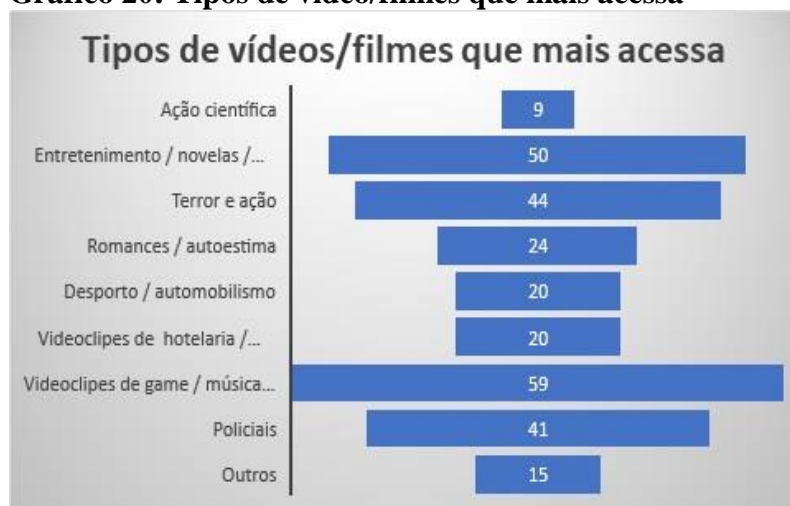
Os indicativos da pergunta e respostas dos adolescentes remete-nos a, tentativamente, inferir que a sociedade angolana esteja sendo integrada, sob o ponto de vista da globalização, na esfera de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, “organizados a partir de uma estratégia mundial e voltada para o mercado mundial”. (Ortiz, 1994, p. 16). Entendemos como produção a expansão dinâmica da economia de mercado capitalista dos bens sociotécnicos e tecnológicos da Informação e comunicação, a todos os âmbitos da vida social, em todos os países e regiões do mundo, ainda que de forma e em ritmos diferenciados, no caso de Angola. Nesse sentido, o domínio da informação e das tecnologias da informação “tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital”. (Moraes, 1998, p. 50). Destas engrenagens, cria-se uma possibilidade que nos leva a crer na internacionalização do mercado cultural de massa com a quebra das barreiras nacionais; a internacionalização da cultura popular, por meio da formação em Angola de uma “massa popular consumidora, sensível a determinadas mensagens, estilos e padrões globais” (Ortiz, 1994, p. 111); e por último, insurge-se uma forte concentração e fusão de empresas e capitais atuantes no campo da indústria cultural da informação em termos mundiais, que Herman e McChesney (1997) e Moraes (1998) chamam de oligopólios midiáticos.

Dessa forma, na busca de dados epistemológicos julgamos articular uma pergunta cujo objetivo é indagar aos adolescentes sobre que tipos de produtos da cultura de massa (filmes, vídeos com temas diversificados em fluxo na internet ou nas redes sociais) eles mais acessam ou consomem. Como ocorreu nas respostas anteriores, aqui também apuramos respostas diversificadas. Dos adolescentes ouvidos, 24 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, no total de 59 afirmaram que acessam os conteúdos de vídeos de game, de música e de fotografias. Já os que consomem conteúdos de entretenimento como novelas,

humor e comédia são no total 50 adolescentes, sendo 19 do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Em terceiro lugar aparecem os adolescentes que consomem os conteúdos com cenas de terror e ação, que, por sua vez, somam 44, sendo 23 do sexo masculino e 21 do sexo feminino.

O quarto lugar é ocupado pelos adolescentes que consomem conteúdos policiais, somando 41 adolescentes, dos quais 27 são do sexo masculino e 14 são do sexo feminino. Porém, os adolescentes que preferem consumir os conteúdos que apresentam como temas romances e autoestima, compreende um total de 24, sendo 9 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Por sua vez, os adolescentes que consomem os conteúdos desportivos e automobilísticos, somam um total de 20, sendo todos do sexo masculino. Na mesma quantidade, 20 adolescentes aparecem como os que consomem os conteúdos de hotelaria, gastronomia, culinária e beleza. Todavia, com uma diferença. Aqui apenas 1 adolescente do sexo masculino respondeu sim. As 19 são todas do sexo feminino. Outro grupo, de 15 adolescentes, é constituído por 8 adolescentes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que consomem outros temas e conteúdos. Em última escala, estão aqueles adolescentes que consomem conteúdos de ficção científica, formado por apenas 6 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, totalizando 9 adolescentes, conforme o gráfico abaixo.

**Gráfico 20: Tipos de vídeo/filmes que mais acessa**



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico acima inspira-nos a fazer um rebusco aos aportes de pesquisadores do campo da comunicação, sobretudo os da midiatização e dos processos sociais e, entender a mídia como “um domínio privilegiado para a produção de sentido da vida”. (Lopes, 2014, p. 66).

Essa produção de sentido da vida convoca Martín-Barbeiro (1989, p. 19), que define “a comunicação como processo que dos meios passa para as mediações e destas para um

sistema complexo”. Tal sistema, na visão de Braga (2006b, p. 10), pode ser entendido em dois níveis: “um estrutural, em que os processos sociais específicos (instituições) passam a se desenvolver, inteira ou parcialmente, seguindo as lógicas da mídia; outro supra-estrutural, em que a própria sociedade passa a ser determinadamente reconfigurada pela atividade da mídia”. Desse modo, para o autor a midiatização passa a ser um processo interacional de referência lacunar. Portanto, é por meio desse processo interacional de referência lacunar que os sujeitos podem expressar as suas subjetividades e as compartilham com os seus pares. Ou seja, na ambiência midiática não pode falar em controle.

Ademais, o acesso e consumo não representam uma passividade diante das imagens, ao contrário, se tornam cada vez mais ativos. Uma atividade que começou com o simples clique do dedo, e que se prolonga nas inúmeras possibilidades de interconexão ou o que o mesmo autor chama de fluxo adiante. (Braga, 2012a). Ou seja, a partir de Martin-Barbero (2006), diremos que as novas tecnologias da informação e comunicação permitem que os indivíduos produzam imagens que diluem os limites entre o que era tido como científico, e como figurativo ela une estas duas extremidades.

Nesse sentido, inaugura-se uma economia informacional e a ironia do figurativo, nas quais tudo o que se produz deixa de ter como lastro a sua errância estética e sua cumplicidade com a sedução. Isso parece fazer apologia à “sociedade de espetáculo” (Debord, 1997, p. 24), onde de uma maneira “difusa e deferida”, descontextualizada e “alguns graus de abstrações”, os sujeitos liberados de complexas redes, antes do uso de poucos, passam a produzir algo que seja interiorizado “por diferentes públicos”. (Braga, 2006b, p. 18). Em outras palavras, isso parece aludir ao fenômeno da deslegitimação e relativização de subuniversos ou campos sociais.

Em resumo, o não familiar “se expõe, logo tudo se torna aberto ao esquadramento, se torna “familiar” a todos”. (Moscovici, 2003; Braga, 2006). Se na sociedade tradicional a linguagem era o mecanismo que fazia circular experiências pessoais, permitindo que “o agente da experiência empírica a compartilhe com a comunidade” (Berger & Luckmann, 1987, p. 96), com os avanços tecnológicos e o uso dos dispositivos midiáticos esta função é atribuída “às imagens e aos sons”. (Braga, 2006, p. 18). Portanto, a apropriação das lógicas sociotécnicas e tecnológicas e os usos dos dispositivos midiáticos permitem a criação de um acervo dinâmico da interação social. Ou seja, os processos midiáticos de comunicação não se restringem ao “momento de contato”, podendo ser armazenados para futuro resgate e circulação social, o que gera uma interação complexa de participantes da sociedade e o acervo diverso de dados.

Perguntamos aos 80 adolescentes da amostra se em suas práticas costumavam produzir vídeos. Depois da aplicação das entrevistas e da recolha de dados, verificamos nos relatos que: 26 adolescentes do sexo masculino e 23 do sexo feminino, totalizando 49, disseram que às vezes eles produzem vídeos. Por outro lado, 12 adolescentes, sendo 4 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, informaram que nunca produziram vídeos. Logo em sequência, 11 adolescentes, dos quais quatro são do sexo masculino e 7 do sexo feminino, obtivemos informações de que pelo menos uma vez já produziram vídeos. Por último, em um total de 9 adolescentes, sendo 7 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, recolhemos dados de que estes adolescentes sempre produzem vídeos.

**Gráfico 21: Periodicidade de produção de vídeos**



Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados presentes no gráfico levam-nos a pensar, com os avanços tecnológicos que modernizam os campos e as práticas sociais, na existência, em Angola, de uma esfera de produção dos bens da cultura midiática, em configuração entre os adolescentes tendo como foco a sociedade de consumo. Nesse viés, o consumo pode ser considerado um importante eixo da cultura contemporânea, “no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades”. (Canclini, 2005 p. 14). Na mesma direção, Bauman (1999, p. 87-88) estabelece um deslocamento da ênfase na produção em direção ao consumo, ao dizer: “a sociedade moderna tem pouca necessidade de mão-de-obra industrial em massa e de exércitos recrutados; em vez disso, precisa engajar seus membros pela condição de consumidores”. Ou seja, os sujeitos da sociedade em midiatização são moldados e produzidos para consumir.

Portanto, diríamos que das interfaces, entre o universo do consumo e o campo midiático, emerge diretamente a esfera da produção de narrativas socioantropológicas, permitindo que todos os sujeitos participem dos processos de sociabilização e na promoção de

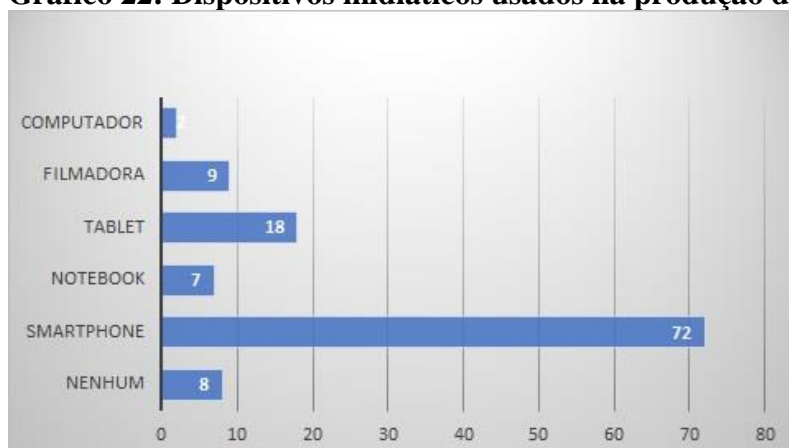


novas sensibilidades. Ela torna presente aqueles aspectos que Baudrillard (2003, p. 19), chamou de “imagéticos”, “imateriais” e “sígnicos”, que não consistem apenas em trocas pontuais de bens materiais propriamente ditos, senão que implicam “um envolvimento total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado”. Nesse envolvimento parece-nos reinar uma certa prática social de produção da mercadoria-signo ou de sentido, que pode ser inserida na esfera de consumo, porém, articuladas aos usos, lógicas e estratégias sociotécnicas e tecnológicas, originais da esfera de produção.

No processo de buscar pistas entre os adolescentes da amostra, que nos possibilitassem construir marcos sobre os usos dos DMs e apropriações das lógicas e gramáticas sociotécnica e tecnológicas, em vista das práticas sociais de consumo e de produção dos bens da cultura midiática, elaboramos uma outra pergunta: quais os aparelhos que você usa para produzir os seus vídeos?

Em decorrência desse questionamento entre os 80 adolescentes, como ocorreu em outras perguntas, também aqui encontramos uma diversificação das suas respostas. Porém, em termos graduais, o smartphone ocupam o primeiro lugar. Todos os 80 adolescentes, afirmaram que, durante o processo de uso e produção dos seus vídeos, usam esse dispositivo. Em segundo lugar, com 18 indicações, sendo 10 do sexo masculino e 8 adolescentes do sexo feminino, os adolescentes atribuíram o uso ao tablet. Quanto ao dispositivo filmadora, encontramos como usuário na produção de vídeos, apenas 4 adolescentes do sexo masculino e 5 do sexo feminino, somando 9 adolescentes. Já o notebook é usado como dispositivo de produção de vídeos por 7 adolescentes do sexo masculino, enquanto 1 do sexo masculino e o outra do sexo feminino, usam o computador. Por fim, 1 adolescente do sexo masculino e 7 do sexo feminino, informaram que não usam qualquer DMs para a produção de vídeos, conforme representado no gráfico que se segue abaixo.

**Gráfico 22: Dispositivos midiáticos usados na produção de vídeos**



Fonte: elaborado pelo autor.

Olhando para a pontuação do gráfico, e sob a perspectiva de Foucault (2001; 2008; 2009) e Agamben (2009), que compreendem o dispositivo como instância de controle, ganha relevo em nossa pesquisa o smartphone. De acordo com Foucault (2001), percebemos nos relatos dos adolescentes que o smartphone pode ser considerado como um dispositivo intrinsecamente ligado ao poder de governamentalidade das práticas sociais nas suas mais distintas formas de transferência, alienação ou representação e manifestação das vontades dos atores sociais.

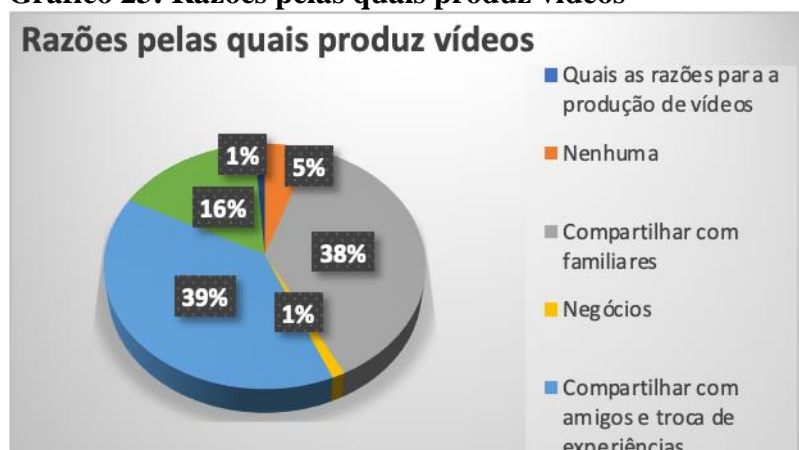
Por tais angulações, o smartphone parece assumir a postura descrita por Migliorin (2008, p. 30), como sendo de dispositivo filmico pensado como “a criação de um campo de atualizações possíveis, de acontecimentos, indivíduos, pensamentos, gestos, sons e imagens”. E passa a depender da atuação e das relações dos indivíduos. E, via internet, ele também passa a estabelecer possibilidades e condições das interações através das ferramentas com nomes específicos, conhecidos atualmente como mídias sociais. (Rossi, 2012).

Kotler e Keller (2012, p. 589) definem as mídias sociais como “um meio para os consumidores compartilharem textos, imagens e arquivos de áudio e vídeo entre si e com as empresas”. As mídias sociais dão às empresas voz e presença pública na Web, além de reforçarem outras atividades de comunicação. Por causa do seu imediatismo diário, elas também podem incentivar as instituições públicas ou privadas (atores sociais) a se manterem inovadoras e relevantes, segundo os seus objetivos.

Pretendendo saber sobre quais os objetivos que levam os adolescentes a produzirem os seus vídeos, formulamos também uma questão com seis opções, das quais apresentamos os resultados.

Do relato dos adolescentes participantes da amostra, em primeiro lugar estão 68, dentre os quais 37 são do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Segundo estes adolescentes, a produção dos seus vídeos tem como finalidade o compartilhamento com os amigos e as trocas de experiência via técnica. Em segundo lugar vem o grupo daqueles adolescentes que produzem os seus vídeos para compartilhar com os seus familiares. Estes, por sua vez, chegam a 65, sendo 37 do sexo masculino e 28 do sexo feminino. Em terceiro lugar, vem o grupo daqueles que produzem os seus vídeos como forma de diversão, em um total de 28 adolescentes, sendo 7 do sexo masculino e 21 do sexo feminino.

Em número equiparado, estão os 2 adolescentes, um do sexo masculino e uma do sexo feminino que produzem vídeos como forma de ganhar dinheiro e outras finalidades. É ainda de salientar que o número daqueles que não apresentam razão alguma para produzir os vídeos. Este número chega a 9, sendo 2 do sexo masculino e 7 do feminino.

**Gráfico 23: Razões pelas quais produz vídeos**

Fonte: elaborado pelo autor.

A diversidade de razões que levam os adolescentes a produzirem e compartilharem os seus vídeos com os familiares e amigos, sejam quais forem, suscitam em nós a configuração de uma ambiência de integração na esfera sociotécnica e tecnológica de produção dos bens de consumo da indústria cultural midiática em Angola. Nessa ambiência está em jogo as duas sociedades: consumo e produção de forma indissociável que, baseados em autores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer (1973), inferimos o surgimento de uma subjetividade forjada por uma forma social fetichista e mercadológica.

Estamos objetivando instaurar um discurso, relendo esses autores, que nos conduza a uma crença ideológica segundo a qual, desde os primórdios, a sociedade de consumo, com todos os seus fenômenos correlatos de homogeneização seja de total equivalência aos objetos tornados como mercadoria. E então, possamos perceber de longe mudanças nas “relações de produção” que, segundo Adorno (1992, p. 08), dependem “largamente do que se passa na ‘esfera do consumo’, mera forma de reflexão da produção e caricatura da verdadeira vida: na consciência e na inconsciência dos indivíduos”. Isso parece desenvolver uma abordagem que, na transversalidade, transponha o campo da Comunicação e estabelece interfaces com outras áreas do conhecimento, como por exemplo o campo da Psicologia.

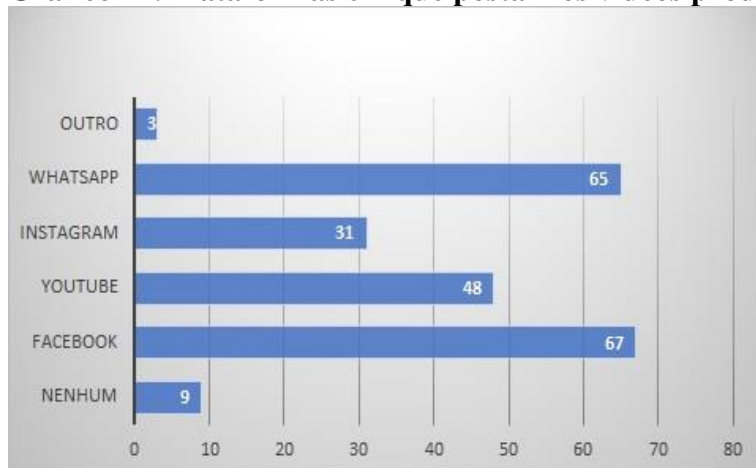
A partir daqui, mais do que falar em uma mera forma de reflexão produtiva e caricatural da verdadeira vida, poderíamos falar de uma representação, enquanto processo circulatório psíquico, que passaria a existir enquanto fatos conscientes, ou trazer de volta a “imagem latente de recordação”, a partir da perspectiva de autores do campo da Psicologia. (Freud, 1891/1996; Vygotsky, 1983; Moscovici, 2003; Pino, 1991).

Nesse sentido, aproximando-nos do campo da Psicologia, na problemática da produção, circulação e consumo dos bens da indústria cultural da informação e comunicação, estes autores podem nos fornecer dados sobre a percepção do modo como os indivíduos são

representados e se representam a si mesmo. Ou seja, isso pode permitir que sejam assumidos como metáfora da reprodução da sociedade onde eles estão inseridos.

Na dúvida, surgiu a necessidade de questionar sobre as plataformas da internet, ou seja, as redes sociais em que os 80 adolescentes da amostra fazem circular os vídeos por eles produzidos, a fim de identificarmos os fluxos circulatórios das referidas metáforas. Os dados recolhidos das entrevistas apontam os seguintes resultados: em primeiro lugar está a resposta de 67 adolescentes, sendo 38 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, que afirmam fazerem circular os vídeos no Facebook. Em segundo lugar, em um total de 65 adolescentes, dos quais 33 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, relataram que postam os seus vídeos no WhatsApp. Em terceiro lugar estão os adolescentes que fazem circular os seus vídeos no Youtube no total de 48 adolescentes, 28 do sexo masculino e 20 do sexo feminino. Os que postam os seus vídeos no Instagram somam 31 adolescentes, agrupados em 17 do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Em sequência estão os 3 adolescentes, 1 do sexo masculino e 2 do feminino, que fazem circular em outras plataformas. Já os que não postam em nenhuma rede social, são 2 adolescentes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que perfazem um total de 9.

**Gráfico 24: Plataformas em que postam os vídeos produzidos**



Fonte: elaborado pelo autor.

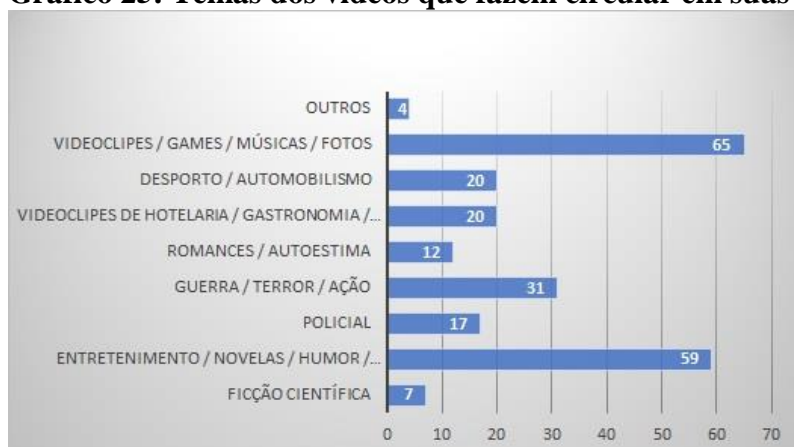
Ao olhar para este gráfico percebemos que Angola percebemos, diferentemente do que ocorreu entre os anos 2015, que segundo dados da pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Pew Research Center em 2018, que colocavam o Facebook na liderança das plataformas das Redes Sociais, mais utilizada e a mais popular entre os adolescentes, dos 13 aos 17 anos<sup>27</sup>, aparecendo com 71%, seguida do Instagram 72%, e do Snapchat 69% em 2018, o Facebook perdeu por YouTube em 2018. Nesta pesquisa, os adolescentes da mesma faixa etária que preferem usar o YouTube somam 85% enquanto 51% afirmaram que utilizavam o Facebook

com rede social nos seus relacionamentos. Portanto, à sombra da pesquisa norte-americana, observamos que no contexto angolano os adolescentes desta faixa etária, apresentam um retardo aproximadamente de 3 anos, em termos de usos das redes sociais. Ou seja, Angola, percebemos, que o Facebook lidera em Angola entre os adolescentes dos 14 aos 16 anos, com 67%, seguido do WathasApp com 65%, e em terceiro lugar aparece o YouTube com 48%.

Seja como for, os dados aqui apresentados, fazem uma apologia ao processo das metáforas sobre a domesticação das TICs (Silverstone, 2010), em Angola, tendo em conta que são adquiridas no domínio público e seguidamente tornadas parte da casa. (Lopes, 2011).

Conforme os dados demonstrativos até agora, a apropriação, os usos e os consumos da cultura das TICs e dos media têm reconfigurado as dinâmicas individuais e sociais, quer nos ambientes privados ou públicos (Silverstone & Hirsch, 1996) em Angola. Esta constatação levou-nos a questionar sobre os tipos de produtos (temas de vídeos) que cada adolescente que compõe a amostra faz circular na sua página das redes sociais.

Após a coleta dos dados verificamos que dos 80 adolescentes que responderam a entrevista, 65, sendo 28 do sexo masculino e 37 relataram que fazem circular os videoclipes de games, de músicas e de fotos. Dos 59 adolescentes pesquisados, 28 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, disseram que fazem circular nas suas páginas das redes sociais os vídeos de entretenimento, tais como novelas, humor e comédia. Já os adolescentes que fazem circular em suas páginas os vídeos, cujo conteúdo é de cenas de guerra, de terror e ação, somam um total de 31, dentre os quais 16 são do sexo masculino e 15 são do sexo feminino. Quanto aos adolescentes que postam os vídeos que contêm conteúdos relacionados ao ramo de hotelaria, de gastronomia, de culinária e beleza são iguais ao daqueles que são adeptos do automobilismo e desporto, somado 20. A diferença é que, do primeiro grupo apenas 1 adolescente é do sexo masculino e as demais, 19, são todos do sexo feminino. Quanto aos do segundo grupo, são os 20 do sexo masculino. Por seu turno, os adolescentes que fazem circular nas suas páginas conteúdos policiais, somam ao todo 17, dos quais quinze são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Já os adolescentes que colocam no fluxo os conteúdos românticos e de autoestima totalizam 12, dos quais 4 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. No que concerne aos adolescentes que fazem circular os conteúdos de ficção científica são 6, sendo 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Há ainda que considerar 4 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, que postam em suas páginas outros tipos de conteúdo.

**Gráfico 25: Temas dos vídeos que fazem circular em suas redes sociais**

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados deste gráfico são suficientes para perceber, entre os adolescentes angolanos, o movimento de apropriação das tecnologias da comunicação, colocando a cultura midiática no centro das relações sociais. (Castells, 2009; Cardoso, 2014). E são um certificado de credibilidade, também no contexto angolano, ao que Deuze (2014, p. 05) escreveu: “nós vivemos na mídia. A mídia é para nós como a água é para o peixe”. Portanto, assim como ocorre em outras partes do mundo, também em Angola, tudo indica que mídia se torne cada vez mais “parte de todo o nosso lazer, nosso aprender, trabalhar e amar”. (Deuze, 2014, p. 6). Ou seja, vivemos numa sociedade em rede com uma “estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação”. (Castells & Cardoso, 2005, p. 20).

Portanto, dando sequência à visão dos autores, paulatinamente percebemos em Angola a configuração de uma sociedade “hiper social, não uma sociedade de isolamento”, em que “as pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades”. (Castells & Cardoso, 2005, p. 23).

Sob esta perspectiva, redesenha-se uma ambiência social em Angola que pode ser chamada de sociedade em midiatização que, segundo Ferreira (2006), pode ser pensada a partir das relações e intersecções entre dispositivos, processos sociais e processos de comunicação. Quer dizer, isso diz respeito ao processo no qual as tecnologias midiáticas, técnicas, lógicas, estratégicas de linguagem, operações sociotécnicas e demais protocolos das mídias (Fausto Neto, 2008) até então exclusivos do campo midiático, estão em cruzamentos entre dispositivos técnicos midiáticos (Rodrigues, 1997; Veron, 2011) campos e atores sociais (Rosa, 2012; Braga, 2011a; 2012a), meios de comunicação social e sociedade (Gomes, 2016). Isso se estrutura-se de forma direta e se torna, conflitivamente, parte das lógicas orquestradoras de funcionamento da malha social. (Sodré, 2002).

A partir dos aportes destes autores induziram-nos a pensar na possibilidade de uma intensificação tecnológica, voltada para processos de conexões e de fluxos mercadológicos. Estas, por sua vez, podem ir transformando o estatuto dos meios, fazendo com que deixem de ser apenas mediadores. Assim, se convertem numa estrutura maior e em um ambiente de operações que, por meio de zonas de contato e circuitos de múltiplas afetações entre os sujeitos e instituições, permitem o fluxo adiante, através de processos representacionais, de interpretações e de significados cujas consequências podem ser canhestras. (Braga, 2011a).

#### *1.2.5.1.3 Percepção de fluxos midiáticos de cenas de violência e agressividade entre adolescentes*

De tudo o que até agora observamos e percebemos no relato dos adolescentes que compõem a amostra, a partir de Thompson (2007), concluímos que o desenvolvimento da indústria de comunicação de massa tenha papel central na constituição e entendimento das sociedades modernas, permanecendo onipresente na vida pública e privada cotidiana e, contemporaneamente, dominando a produção e circulação das formas simbólicas.

Nesse sentido, a produção e a circulação das formas simbólicas, por parte das instituições midiáticas (públicas e privadas), têm um importante papel na manutenção dos sistemas de dominação e de consumo e, conseqüentemente, podem “criar novos tipos de ação e interação, novos tipos de relações sociais”, políticas e econômicas “que se difundem no tempo e no espaço” (Thompson, 2007, p. 342), transformando a vida e a cultura em um espetáculo, nos países subdesenvolvidos e no mundo globalizado.

Todavia, respaldados em Wolf, Lozoff e Davis (1985) e Ruótolo (1993), longe de sustentar a lei da causa e efeito, pois para estes autores, a eficácia e persuasão dos estímulos (mensagem = causa) dependem do processo formado pela personalidade (processos psicológicos) para obter a resposta (efeito). O foco dos estudos nas abordagens acerca dos fenômenos sociais, na ambiência da midiatização e dos processos sociais, já não recai sobre os efeitos.

Conseqüentemente, seguindo Wolf (1995, p. 42-63) em sua “abordagem empírica de campo ou ‘dos efeitos limitados’”, este tópico configura-se em uma pesquisa empírica sociológica, e embora o objetivo continue sendo a compreensão dos efeitos da circulação midiática dos conteúdos agressivos e violentos, ela aborda o assunto em um nível de alta complexidade. Trata-se de, tentativamente, propor-se a estabelecer interações, metáforas, aproximações e associações entre os processos dos fluxos da comunicação de massa e as características do contexto socio-histórico e cultural dos sujeitos e onde eles acontecem. A ser

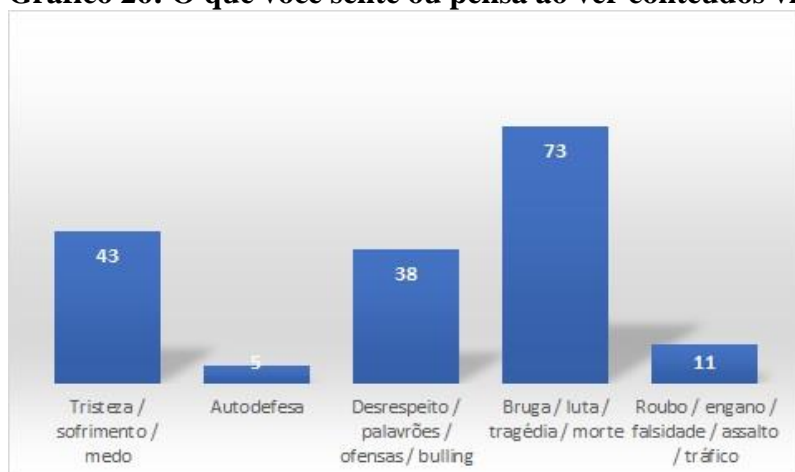
assim, mais do que perguntar sobre “o que é que os Mass Media fazem às pessoas?”, o foco volta-se para os atores sociais e então a pergunta ‘o que é que as pessoas fazem com os Mass Media?’”.

Com a pergunta colocada dessa forma, acreditamos abrir espaço para uma gramática interpretativa que pode transformar e adaptar o significado da mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário até mudar, por vezes, radicalmente, o sentido da própria mensagem. Ou seja, aproximando-nos de Fausto Neto (2006), estamos objetivando aprofundar-nos na compreensão das contribuições do status do campo das mídias e da midiaticização, procurando mostrar que o trabalho enunciativo dos media já não mais se restringe a “construir realidade”, mas deslocar a ênfase dessa tessitura para evidenciar a “realidade da construção”.

Portanto, objetivando colher dados sobre como os adolescentes percebem, recepcionam e ressignificam a violência midiática, em circulação nos vídeos que consomem nas redes sociais através dos seus dispositivos midiáticos, formulamos a questão sobre: o que você pensa e como você se sente quando ouve, escuta, palavras agressivas ou assiste cenas com conteúdo violento na internet? Propusemos como opções expressões de manifestações de atos agressivos ou violentos, tais como: tristeza / sofrimento / medo; autodefesa; desrespeito / palavrões / ofensa / bullying; briga / luta / tragédia / morte; e roubo / falsidade / engano / tráfico / assalto. Demos aos 80 adolescentes a possibilidade de marcarem mais que uma opção, caso assim o achassem necessário. No final da aplicação da técnica, os resultados apurados apontam que: 73 adolescentes, dos quais 35 são do sexo masculino e 38, pensam em briga / luta / tragédia / morte. Em ternos sequenciais, 43 adolescentes, sendo 14 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, afirmaram que sentem tristeza / sofrimento / medo. Em terceiro lugar estão os adolescentes que quando ouvem falar de violência e agressividade pensam em desrespeito / palavrões / ofensas / bullying, totalizando 38, sendo 20 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Por outro lado, estão os 11 adolescentes do sexo masculino, que pensam em roubo / engano / falsidade / assalto / tráfico ao ouvirem falar de violência e agressividade. Por último, estão os 5 adolescentes, sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, que pensam em autodefesa. Para qualquer efeito, representamos os dados por meio do gráfico a seguir.



**Gráfico 26: O que você sente ou pensa ao ver conteúdos violentos e agressivos?**



Fonte: elaborado pelo autor.

Lançando o nosso olhar nos relatos transformados em gráfico, percebemos que para a maioria dos adolescentes as cenas de violência e a agressividade podem ser traduzidas, com maior pontuação (73% das respostas), por brigas, lutas, tragédias e mortes. No contexto da sociedade angolana, essa pontuação, talvez de longe, nos permitem rememorar as imagens-totens (Rosa, 2012) do conflito armado (1975 - 2002), ainda que esses adolescentes não tenham vivido no tempo da guerra civil. Estamos apoiando as nossas suposições nos relatos dos adolescentes que responderam serem filhos de pais e netos de militares e policiais, e para tanto, intuimos que alguns desses pais tenham participado do conflito armado em Angola. Se tivéssemos perguntado aos adolescentes, sobre por exemplo, quem tivesse parente que participou da Guerra Civil, supomos que talvez, inferíssemos através dos conceitos de tristeza, sofrimento e medo, desrespeito, palavrões, bullying, as nefastas consequências do conflito armado angolano, conforme aparecem representadas no gráfico percentual como sendo de 43% e 38%.

No contexto de uma sociedade pós-guerra e relendo autores tais como Bourdieu (1980; 1984; 1987; 1989) e Moscovici (2003), inferimos que as imagens que esses adolescentes reconstróem sobre as cenas de violência e de agressividade revestem-se de um capital simbólico. Intuímos, na perspectiva desses autores, que as imagens construídas pelos adolescentes, ao rememorem a realidade social da guerra em Angola, propõem rupturas com dicotomias que poderiam ser limitadoras dos estudos de fenômenos sociais, como subjetividade versus objetividade, indivíduo versus sociedade.

Nesse sentido, sob o ponto de vista construtivista, a pergunta formulada pode ser considerada como um espaço social, um campo de lutas, de reconhecimento e de mudanças, no qual a dimensão simbólica é construtora e produtora de realidades por meio das práticas. Em outras palavras, estamos, sob angulações técnicas, tecnológicas e sobretudo da

mediatização, acreditando na possibilidade das interações entre os efeitos do mundo material (campos e seus capitais) e as formas simbólicas que, afetando o psiquismo humano, permitem ressignificar e atribuir novos sentidos aos objetos e ao mundo.

Assim, no âmbito da mediatização e dos processos sociais, a circulação dos conteúdos violentos da indústria cultural pode ou não provocar situações interacionais e reações canhestras entre atores sociais. Estas reações podem agir de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis. (Michaud, 1989; Sodré, 2002). Ao levantarmos a hipótese de causar danos em graus variáveis ou não, estamos construtivamente a supor que, talvez, tudo dependa da integridade física ou moral dos sujeitos interagentes (atores sociais), de suas posses e ou participações, quer física, quer simbólicas ou culturais, acoplados aos usos e às lógicas sociotécnicas, tecnológicas e discursivas.

Aproximando-nos de Ferreira (2006), diremos que os usos dessas lógicas constituem o dispositivo que atualiza os agenciamentos do visível e do dizível, do antropológico e também das próprias técnicas e tecnológicas. Nesse sentido, parece que mais do que falar de um esquema de estímulo e resposta ou de causa e efeito, trata-se aqui de um conjunto de relações, intersecções e de interações entre dispositivos midiáticos, processos sociais e processos de comunicação. Ainda, de acordo com Ferreira (2006), tais relações, intersecções e interações não se reduzem nem “à experiência mediada”, nem à “experiência mediatizada” (Habermas, 2003), mas compõem uma dialética adaptativa entre processos de objetivação e subjetivação. (Piaget, 1983; Moscovici, 2003).

Com o objetivo de colher relatos sobre as interações entre os efeitos do mundo material (campos e seus capitais) – cenas de violência e agressividade e as formas simbólicas, perguntamos a cada um dos adolescentes se já se envolveu em cenas ou situações de agressividade. Dos 80 adolescentes, 7 deles, sendo um do sexo masculino e 5 do sexo feminino, disseram que nunca se envolveram em cenas ou situações que expressem comportamentos agressivos. E 73 confessaram que já terem se envolvido. Desse número, 39 são do sexo masculino e 34 são do sexo feminino. Isso equivale a um cálculo percentual de que 9% dos adolescentes nunca se envolveu, contra 91% que disseram já ter se envolvido em cenas de agressividade.

**Gráfico 27: Envolvimento com violência ou agressividade**

Fonte: elaborado pelo autor.

Olhando para este gráfico, percebemos o quanto o fenômeno da violência e agressividade é um dos grandes desafios enfrentados na atualidade em Angola, uma sociedade em vias de midiatização. À medida que se configura como um recorte no âmbito social de conflitos (Minayo, Souza & Assis, 2005), e uma série de resistências e choques interacionais, dentro de uma teia de relações e atravessamento de campos (Braga, 2012b) e práticas, ela perpassa o cotidiano de todos de forma muitas vezes atordoante. Esses conflitos e choques interacionais podem ser classificados como violência física, sexual, psicológica e negligência, que resultam em acidentes, mortes e traumas tanto no corpo do próprio sujeito quanto no de seu semelhante.

Nesse sentido podemos afirmar que a violência apresenta uma estrutura de caráter relacional, multicausal e polissêmico. Esse seu caráter faz com que, independentemente do seu nível social, econômico, religioso ou cultural, a violência é eminentemente um fenômeno sócio-histórico. (Brito & Souza, 2005). Entendido como fenômeno sócio-histórico ela apresenta origens e manifestações complexo de definir. Para tanto, para Minayo, Souza e Assis (2005, p. 15) ela “não pode ser analisada nem tratada fora da sociedade que a produz em sua especificidade interna e em sua particularidade histórica”. Assim, no contexto angolano, julgamos que abordar esse tema na atualidade exige um certo repensar o sujeito pós-moderno, marcado pelo desenvolvimento tecnológico da informação e da comunicação de massa (José Filho, 1988) e as novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo da informática (Lévy, 1999). Quanto aos veículos de comunicação de massa, eles afirmam serem estes os que mais interagem com o sujeito e podem proporcionar a renovação da identidade por meio de representações, imitações e assimilações. O indivíduo, enquanto sujeito social, pelo processo de ancoragem, pode usar como referência, para construção da sua realidade, experiências e esquemas de pensamentos impostos pelas representações da linguagem e da

cultura midiática, as mais consumidas pelas crianças e adolescentes. (Cohen, 2008; Gomide, 2000).

Ademais, os 91% por cento, dos relatos adolescentes, representados no Gráfico 27, faz-nos pensar nos possíveis tipos de cenas agressivas e ou violentas nos quais eles adolescentes já tiveram envolvimento. Recolhidas as respostas, contabilizamos um total de 73, sendo que, 39 do sexo masculino e 34 do sexo feminino, que informaram já terem se envolvido em cenas de agressão física. Em termos genéricos, os adolescentes do sexo masculino, no que diz respeito à agressão física, tendem a ser mais violentos do que os do sexo feminino. Já os que se envolveram em cenas de agressão verbal contabilizam 63, sendo 29 do sexo masculino e 34 do sexo feminino. Aqui ocorre o inverso. Os adolescentes do sexo feminino tendem a ser mais agressivos dos que os do sexo masculino. Em pequena escala, estão 8 adolescentes, dentre os quais 1 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, que relataram nunca terem se envolvido com em qualquer tipo de cenas de agressividade. Alguns adolescentes responderam que já se envolveram em cenas de agressão emocional ou simbólica, totalizando 12 ao todo, dos quais 7 são do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

**Gráfico 28: Tipo de violência que já se envolveu**



Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados apurados e presentes neste gráfico confirmam os relatos dos pais e dos professores, segundo os quais os índices dos fluxos de violência e de agressividade vêm aumentando entre os adolescentes angolanos. Retomando o conceito formulado por Yves Michaud (1989, p. 11), passaremos a configurar a existência da situação de cenas de violência e de agressividade quando um ou vários atores sociais “agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”. Essa definição introduz o conceito de violência a intencionalidade, ou

seja, sugere-nos caracterizar a violência e a agressividade como um ato intencional de fazer mal a alguém.

## **2 PARTE II - PROCESSOS SOCIOIDEOLÓGICOS E MERCADOLÓGICOS: DISPUTAS E LUTA PELO RECONHECIMENTO NAS ESFERAS DE CONSUMO E PRODUÇÃO**

Na perspectiva das RS e sob os aportes da midiatização e dos processos sociais, será a intencionalidade do ato a condição “sine qua non” para a existência de violência ou da agressividade? Fora dos holofotes da midiatização diríamos que talvez sim e talvez não. A nossa primeira conjectura é de que, no contexto de uma sociedade em fluxos mercadológicos contínuos dos produtos da indústria, das novas tecnologias da informática e comunicação seja necessário estudar a circulação da agressividade sem considerar as interações sociotécnicas tecnológicas; sem a valorização das múltiplas afetações e circunstâncias em que atos com desfechos violentos e com danos reais e simbólicos a uma ou mais pessoas e, sobretudo sem incluir um rol ações não previstas.

Para tanto, este capítulo configura-se como um processo tentativo de acionamento das lógicas e gramáticas das múltiplas afetações nas interfaces dos processos sociais midiáticos. O objetivo é a busca de possíveis aproximações, deslocamentos e disrupções nas práticas dos atores sociais. Longe de tentarmos sustentar um discurso baseado nos processos de causas e efeitos, temos como objetivo instaurar uma abordagem que, partindo dos efeitos, das manifestações de matrizes diversificadas ou plataformas diferentes, nos remeta a repensar a problemática social de agressividade, a partir dos desdobramentos e interações dos sujeitos com a cultura sociotécnica e tecnológica midiática.

Nessa abordagem, Fausto Neto (2008) esclarece que vivemos em uma fase em as mídias não mais são meros instrumentos pelos quais diversos campos sociais se articulam, mas uma realidade complexa, uma ambiência que proporciona novas operações de sentido. Dessa forma, todos os saberes são frequentemente confrontados, potencializando a complexidade da questão da causalidade na ambiência midiática. Assim, escapa-nos a pretensão de teorizar o conceito de violência de forma objetiva, mas por ser uma realidade social, apenas podemos, tentativamente, estabelecer conjecturas a partir de observações empíricas nos diferentes campos e práticas. Isso será possível considerando as diferentes dimensões que constituem a vida social, a qual compreendemos sob duas dimensões: material e simbólica. Esta última constitui a orquestra e o rito para a variabilidade sócio-histórica e cultural. A partir dessa perspectiva, levantamos a hipótese de ser possível considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é considerado como violência varie segundo a natureza da sociedade. Por essas angulações a realidade empírica da violência configura-se como um fenômeno polissêmico e plural, no contexto da sociedade dos fluxos de

informações como aparece no quadro abaixo apurados das entrevistas de aplicação coletiva com os adolescentes.

**Quadro 1: Níveis de compreensão do fenômeno da violência e agressividade**

	<b>Nível de compreensão</b>	<b>Porcentagem</b>
1º	Briga; luta; tragédia; morte	73%
2º	Tristeza; sofrimento; medo	43%
3º	Desrespeito; palavrões; ofensas; bullying	38%
4º	Roubo; engano; falsidade; assalto; tráfico	11%
5º	Autodefesa	5%

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados presentes nesse quadro confirmam que os adolescentes angolanos enfrentam uma ambiência de excesso de informações, a imagens e ao acesso às individualidades dos sujeitos que em suas práticas manifestam cenas que relatam como sendo a RS da violência e agressividade atreladas às novas tecnologias da comunicação. E quanto ao sexo, os dados revelaram que os adolescentes do sexo masculino apresentam um certo índice maior em relação aos adolescentes do sexo feminino conforme o quadro abaixo

**Quadro 2: Índice de violência por sexo**

	<b>Sexo</b>	<b>Adolescentes</b>	<b>Porcentagem</b>
1º	Masculino	39	38,09%
2º	Feminino	34	33,09%

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima concebido a partir dos dados dos relatos dos adolescentes em interação com as novas tecnologias levaram-nos a convocar autores do campo das mídias. Dentre eles fizemos menção à Augé (2006) e Rodrigues (1990). Segundo eles o campo dos media, sobretudo, as novas tecnologias da comunicação e informação encurtam as distâncias e rompem com as barreiras, universalizam o saber por meio do imediatismo e da instantaneidade midiática. E, aquilo que antes era taxado como de exclusividade masculina passa a ser compartilhado entre ambos os sexos a ponto de não haver um abismo gigantesco entre homens e mulheres como era visto anteriormente. Portanto, o quadro acima insere-nos dentro dessa universalização do saber sobre a RS da violência e agressividade, como parte da cultura midiática em circulação na sociedade angolana.

Assim concluímos que está ocorrendo um atravessamento simultâneo, um período que pode ser caracterizado como: de abandono do funcionalismo, construído sobre bases firmes de acontecimentos observáveis na filosofia da ciência; de lugar da superação dos velhos tabus; da

substituição do livro pela tela dos DMs e, por último, de transição do discurso para a representação que pode desembocar no enfrentamento de uma crise das hierarquias de conhecimentos e de subjetividades. Na visão de Lyon (1998), este último se configura como metáfora do protagonismo dos meios de comunicação na vida pessoal e social dos indivíduos. Em busca desse protagonismo os relatos obtidos dos adolescentes que responderam as entrevistas a maior parte têm a Internet instalada em suas residências como demonstrado abaixo.

**Quadro 3: Local de acesso à Internet**

	Local de acesso	Porcentagem
1º	Casa	50%
2º	Escola	26%
3º	Lan House	17%
4º	Outro	7%

Fonte: elaborado pelo autor.

Em vista disso, cremos que uma nova espécie de sociedade e um novo estágio de conflito está sendo inaugurado em Angola, especialmente na corrida pelo uso da Internet devido a situação sócio-histórica e cultural. Este, por sua vez, suscita e obriga-nos a enfrentar questões cruciais, tais como: Como as novas tecnologias de informação e comunicação e o consumo dos produtos da cultura midiática afetam os sujeitos e as instituições na sociedade angolana? Observando os relatos presentes nas respostas dos 80 adolescentes da amostra, percebemos a existência de uma realidade que, segundo Rodrigues (1990), pode ser descrita sob o prisma de duas sociedades ao mesmo tempo.

Essas duas sociedades embora ambas estejam conectadas é preciso, porém destacar que a disposição dos recursos sóciotécnicos e tecnológicos interferem no acesso à Internet e as redes sociais em geral. Todavia, é fundamental dizer que em primeiro lugar estaria se configurando em Angola uma sociedade midiática que conceberia os meios como um subsistema responsável por realizar funções sociais (informação, entretenimento e vigilância, entre outras). Nessa primeira sociedade, o campo dos media atuaria como mobilizador do debate público e da produção de sentidos entre os demais campos sociais. Os sujeitos e instituições disputariam a sua visibilidade através das representações das cenas em circulação nos meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, revistas e jornais impressos) como forma de legitimidade social.

Assim, pelos usos e apropriações das técnicas e tecnologias midiáticas, os sujeitos e as instituições aprenderiam “a se familiarizar com as múltiplas possibilidades de assumir



identidades, mais conscientes se tornam de suas reais necessidades e aspirações” (Honneth, 1995, p. 229), findo o conflito armado em Angola. A sociedade estaria a escrever-se no campo dos media que, por “meio dos complexos dispositivos técnicos de mediação” e pelas capacidades adjacentes imporia “regras de comportamento” em “vistas a mobilização de todos os campos e práticas sociais para o respeito as suas ordens e valores”. (Rodrigues, 1999, p. 01). Para nós, isso ficou muito claro pelos diversificados motivos que levam os adolescentes a acessar as páginas da Internet, como observamos em seus relatos.

#### **Quadro 4: Motivos do uso da Internet**

	Redes Sociais	Porcentagem
1º	Facebook	19%
2º	WhatShapp	18%
3º	Conversa com amigos	19%
4º	Pesquisas	18%
5º	YouTube	15%
6º	Instagram	11%

Fonte: elaborado pelo autor.

Esse quadro permitiu-nos inferir que das funções sociais, ou da sociedade dos meios (Martín-Barbero, 1987), Angola vai se configurando em uma sociedade eminentemente midiaticizada, onde as instituições, mídias e atores individuais sofrem mútuas afetações e de matriz não linear. Estudiosos da midiaticização e dos processos sociais, sobretudo, Verón (1997) Ferreira (2006) e Braga (2011a), compreendem o processo de midiaticização das sociedades como fruto dos avanços tecnológicos, mas que se reveste de um tecido de natureza organizacional complexo, heterogêneo e descontínuo. Na perspectiva de Fausto Neto (2008) e Gomes (2017), as novas tecnologias ofertam novas possibilidades soociotécnicas que, por sua vez, nos levaram a inferir que não basta para os sujeitos estarem visíveis, é preciso interagir através dos dispositivos. Para o feito em termos de usos os dados obtidos dos relatos dos adolescentes que responderam as entrevistas, relevaram que os Smartphones lideram a lista.

**Quadro 5: DMs de uso e acesso à Internet**

	DMs	Porcentagem
1º	Smartphone	30%
2º	TV	29%
3º	Tablet	12%
4º	Notebook	11%
5º	Rádio	11%
6º	Computador	7%

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir disso, constatamos que os desenvolvimentos tecnológicos se transformam em força motriz não só para um maior alcance e relevância das mídias, mas também dos acontecimentos que, na visão de Braga (2011a), podem acarretar “consequências canhestras”, direta ou indiretamente nos modos de percepção, recepção e atuação dos sujeitos sobre a realidade. Desse modo, o espaço público adquire uma nova configuração na qual predomina o que Jenkins (2008) chamou de “Cultura da Convergência”. Esta compreenderia fundamentalmente três conceitos: a convergência midiática, a inteligência coletiva e a cultura participativa, como podemos perceber nos relatos abstraídos das entrevistas de aplicação coletiva aos adolescentes.

Tomando como perspectiva o conceito de convergência midiática formulado por Jenkins (2008), este tem como característica principal o cruzamento de mídias alternativas, de massa e a hibridização de conteúdos de novas e velhas mídias que ocasionam outras formas de relações entre as tecnologias, indústria, mercados, gêneros e públicos. Porém, no contexto sócio-histórico e cultural dos adolescentes e da população angolana, essa convergência midiática parece estar longe de ser atingida. Igualmente, cremos que qualquer investigação que se pretenda fazer no âmbito das RS tendo como disparadores a midiatização e os processos sociais, discorrer sob um terreno movediço e de alta complexidade. Trata-se de enveredar um caminho arriscado que considere todas as características das mutações sociotécnicas e tecnológicas que, não só se afetam como também transformam os modelos de influência e os efeitos dos discursos. (Duarte & Aires, 2008). Essa postura força-nos a lançar mão às rupturas de regências não lineares e deterministas que atravessam o discurso, a técnica, a cultura e domínios relevantes para o campo da comunicação (Ferreira, 2008) ou a cultura da mídia e o triunfo do espetáculo na contemporaneidade. (Kellner, 2006). Isso equivale a compreender e assumir, como postulado investigativo, a afirmação de Fausto Neto (2008, p. 92) ao afirmar que a “constituição e o funcionamento das práticas e lógicas da

sociedade estão atravessadas e permeadas por pressupostos do que se denomina a cultura da mídia”.

## 2.1 ACIONAMENTO DAS LÓGICAS INTERACIONAIS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS ENTRE OS ATORES: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A cultura da mídia encontra-se no interior dos processos de todos os campos sociais por meio das suas lógicas e dinâmicas tecno-discursivas, que Martín-Barbero (1997) descreveu como fenômenos transcendentais, na sua obra “dos meios às mediações”. Na mesma direção está Fausto Neto (2006, p. 09) ao pontuar que, “as operações de midiaticização afetam largamente práticas institucionais que se valem de suas lógicas e de suas operações para produzir as possibilidades de novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos”. De uma forma desenfreada percebemos em Angola um tecido de complexas relações da mídia e uma invasão totalizante dos dispositivos tecnológicos de produção, de criação e de difusão midiática que, nos leva a uma concepção sistêmica de alteração “qualitativamente da esfera humana”. (Faxina & Gomes, 2016, p. 180).

Julgamos que reconhecer um “movimento inverso” dos sistemas representacionais subjetivos, que tem na convergência sociotécnica e tecnológica uma das principais responsáveis, nos permita fazer uma rearticulação dos processos de visibilidade dos fenômenos sociais. Ademais, como afirma Fausto Neto (2008, p. 96), a midiaticização cria uma ambiência que “institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições midiáticas e os atores sociais”, entre os produtores e consumidores, entre instituições, entre plataformas e redes sociais. Depois de tudo que observamos nos relatos dos adolescentes que responderam as entrevistas, os dados apontam que todos os adolescentes que participaram da pesquisa usam a internet. Esses dados permitem-nos, com a abertura da sociedade angolana às novas tecnologias, generalizar os dados e afirmar que a sociedade angolana está em ascensão quanto aos usos da internet.

Em um processo de idas e vindas, queremos retomar aqui o discurso que sustentamos ao traçar os objetivos, ao problematizar o tema da pesquisa e ao elaborar as técnicas de pesquisa. Recordamos que havíamos objetivado recolher dados que pudessem apresentar uma meta sobre o que produzem e fazem circular nas suas páginas das redes sociais; quais os recursos tecnológicos que utilizam (ferramentas digitais) em suas práticas nas redes sociais; e o porquê os adolescentes angolanos utilizarem a internet e os recursos tecnológicos. Naquela altura, havíamos escolhido como campo de observação (circuito ambiente) da circulação do

fenômeno de agressividade entre os adolescentes, que consomem conteúdos violentos na internet, a plataforma do YouTube. Para o efeito, havíamos tomado como base os estudos realizados por Pew Research Center, em 2018, segundo a qual, em grau comparativo, o Facebook havia deixado de ser a rede social mais utilizada e mais popular entre os adolescentes dos 13 aos 17 anos, em relação ao YouTube, ao WhatsApp e ao Instagram.

Porém, em meio à múltiplas afetações e feixes interacionais entre as esferas de produção, circulação e consumo, embora na esfera do consumo e em suas práticas todos os adolescentes usassem a internet, quanto as plataformas utilizadas nas redes sociais encontramos resultados contrários as nossas expectativas para os adolescentes angolanos. Ou seja, no contexto angolano, conforme os dados apurados das entrevistas entre os adolescentes o Facebook ocupa o primeiro lugar.

**Quadro 6: Redes Sociais mais usadas pelos adolescentes em Angola**

	<b>Redes Sociais</b>	<b>Porcentagem</b>
1º	Facebook	67%
2º	WatShapp	65%
3º	YouTube	48%
4º	Instagram	31%
5º	Outros	3%

Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto a finalidade do consumo das redes sociais, diferentemente dos resultados da pesquisa realizada nos Estados Unidos, quanto à finalidade da utilização da internet, os dados recolhidos das entrevistas de aplicação coletivas, dos 80 adolescentes da amostra, com a idade compreendida entre os 14 aos 16 anos, apontam que: 79, dos quais 40 são do sexo masculino e 39 do sexo feminino, utilizavam o Facebook para conversar com os amigos; 78, sendo 38 do sexo masculino e 40 do sexo feminino, usavam a internet para pesquisas; 76 dentre os quais 40 do sexo masculino e 36 do sexo feminino, usavam para o WhatsApp; 66, dos quais 35 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, para o uso do YouTube; o uso para o Instagram aparece com 47 indicações, dos quais 21 adolescentes são do sexo masculino e 26 do sexo feminino.

No que diz respeito a posse das redes sociais, os 80 adolescentes responderam que tinham uma página na Facebook e usavam o WhatsApp; em terceiro lugar estava colocado o Instagram, contando 27 adolescentes do sexo masculino e 24 do sexo feminino, num total de 51; e em último figurava a plataforma do YouTube com 50 adolescentes, dos quais 25 do sexo masculino e também 25 do sexo feminino. Quanto ao circuito ambiente da circulação das

práticas sociais desses adolescentes, também o Facebook constitui a plataforma das redes sociais mais utilizados, seguida da do WhatsApp. Só depois a plataforma do YouTube, perdendo apenas para a do Instagram.

Atendo-nos a essas observações, concordamos com Honneth (2001, p. 54), ao afirmar que as “regras que organizam a distribuição dos bens materiais derivem do grau de estima social que os grupos desfrutam de acordo com a hierarquia de valores institucionalizada”. E por conta disso, na ambiência da midiatização as disputas e conflitos por produção, consumo e circulação dos bens não buscam a aplicação de regras causais previamente institucionalizadas, a não ser que sejam lutas simbólicas pela legitimidade de dispositivos culturais que valorizem suas práticas, atributos e contribuições. (Honneth, 2001, p. 54). Essa interpretação justifica-se pelo fato de que, durante o processo da recolha e leitura dos dados para além do caso da plataforma do Facebook em detrimento do YouTube, também nos relatos dos adolescentes conseguimos perceber com clareza como ocorre as disputas, os atravessamentos, as múltiplas afetações entre os adolescentes que consomem os bens da cultura midiática, exceto algumas semelhanças. Nesse sentido, sugerimos a projeção de uma nova ferramenta que nos permita observar e perceber indícios e descrever as marcas por meio do acompanhamento no fluxo comunicacional. E, a partir daí, por meio dos Focus Group, construímos inferências acerca do que na ambiência da sociedade da informação (Castells, 2001), emerge das interfaces e múltiplas afetações (Fausto Neto, 2008), por meio de circuitos interacionais e fluxos adiante. (Braga, 2011a; 2017).

### **2.1.1 Formulação, introdução das questões para as discussões nos Focus Group e recolha de dados**

Quanto tudo estava preparado demos início aos procedimentos da exibição dos vídeos e em segundo, de uma forma calma e descontraída, introduzimos a primeira questão. Estruturalmente nela a ideia é saber do adolescente o que ele percebeu e sobre o que ele achava de tudo o que tinha visto no vídeo. Solicitamos: por suas próprias palavras fale um pouco o que você percebeu e diga o que acha a cerca do que viu nestes vídeos.

Depois da discussão em torno desta questão, obtivemos dos relatos dos oitenta (80) adolescentes apresentamos os resultados em forma de três quadros obedecendo a seguinte estrutura<sup>28</sup>: a partir da fala dos adolescentes, no primeiro quadro selecionamos e transcrevemos, os textos na íntegra, os relatos que se repetiram mais de uma vez; já no segundo quadro estão as frases mais evidenciadas e; por último o terceiro quando onde foram colocadas as palavras-chave.

**Quadro 7: Correspondente a primeira questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes**

Eu não consegui identificar e nem explicar qual foi a origem de toda aquela confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia;  
 Pelo que eu vi a luta mesmo foi pesada. Mas ao fim de tudo o adolescente mereceu;  
 Epa, pelo que eu pude ver aí houve uma rajada de chapadas que se estendeu até para quem não tinha nada a ver com a confusão;  
 Foi feia a violência. Agora o que me só não sei explicar porque tinha muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando com celulares. Vê se pode;  
 Professor, eu quero falar é sobre o uso das armas de fogo. Acho que os adolescentes não deviam usar armas de fogo, pelo simples fato de seu uso incentiva de certo modo todo tipo de criminalidade. E não só parece trazer de volta o contexto da guerra que Angola viveu. Sobre tudo me lembro que o meu pai me contou que no tempo dele muitos criança eram obrigadas a pegarem em armas de fogo para combaterem contra os inimigos que vinham a atacar as pessoas;  
 O consumo das drogas está a estragar a nossa população, A população angolana era harmoniosa. Desde que começou o comércio e o consumo das drogas na sociedade angolana são bem notórias as suas consequências. Violência, agressividade, roubos, assaltos e mortes.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 8: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

Não sei a origem da confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia;  
 A luta mesmo foi pesada;  
 Pelo que pude ver aí houve uma rajada de chapadas;  
 Foi feia a violência;  
 Vi muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando;  
 O uso das armas de fogo incentiva de certo modo todo o tipo de criminalidade;  
 Parece trazer o contexto da guerra em Angola;  
 O consumo das drogas está a estragar a nossa população;  
 O comércio e o consumo de droga provocam consequências tais como violência, agressividade, roubos, assaltos e mortes.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 9: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas**

Confusão; agressividade; briga; luta; pesada; rajada; chapadas; violência; feia; filmar; armas; criminalidade; guerra; consumo; drogas; estrago; comércio; violência; roubos; assaltos; mortes.

Fonte: elaborado pelo autor.

2 - Nesta segunda questão o nosso objetivo foi identificar nos relatos e sobretudo na visão dos adolescentes da amostra, os momentos em que durante a exibição dos vídeos, apareciam cenas relacionadas à violência e agressividade. E para tanto, a pergunta de discussão foi introduzida da seguinte maneira: Em relação a agressividade, dê a sua opinião sobre os momentos em que você acha que apareceram cenas de violência. Depois das discussões e da recolha do material transcrito, como ocorreu na primeira questão, apresentamos os seguintes resultados:

**Quadro 10: Correspondente a segunda questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes**

O professor, viu ne? Eu acho que é aquele momento quando começaram a bater no gatuno e criou uma confusão geral no Shopping;  
 Para mim foi quando apareceram aquelas cenas de agressão física;  
 Para mim foi muito triste ver a destruição da praça de alimentação: as cadeiras sendo jogadas e mesas empurradas e vidros partidos. Professor foi triste mesmo;  
 Além do que os outros já falaram eu acho aqueles rapazes de moto quando um deles manipulou a pistola foi uma cena de violência muito forte;  
 Quando um rapaz falou que matou a senhora com arma de fogo;  
 Eu fico muito indignado quando vejo pessoas que roubam as coisas dos outros. Tipo aquele segurança que roubou computador, aqueles rapazes que foram presos porque assaltaram.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 11: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

Naquele momento quando começaram a bater no gatuno;  
 Naqueles cenas de agressão física;  
 Para mim foi muito triste ver a destruição da praça de alimentação;  
 Aqueles rapazes de moto um deles manipulando a pistola foi uma cena de violência forte;  
 Eu acho que foi quando um rapaz disse que matou a senhora com arma de fogo;  
 Aquele segurança que roubou computador e aqueles rapazes que foram presos porque assaltaram.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 12: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas**

Bater; gatuno; cenas; agressão; física; violência; forte; destruição; praça de alimentação; manipulação; pistola; matar; arma de fogo; roubo; computador; prisão; assalto.

Fonte: elaborado pelo autor.

3 - Em sequência a terceira questão foi formulada tendo como objetivo saber o que os oitenta (80) adolescentes da amostra achavam sobre o que teria provocado o desencadeamento de atos violentos e agressivos entre os adolescentes na praça de alimentação no Shopping e também sobre o envolvimento dos adolescentes em brigas, assassinatos, roubos, assaltos, tráfico e consumo de drogas conforme outros dois vídeos exibidos: na sua opinião o que você acha que teria levado os adolescentes dos vídeos a se envolverem em brigas, assassinatos, roubos e assaltos, tráfico e consumo de droga? Dentre os vários relatos e pareceres dos oitenta (80) adolescentes da amostra apuramos como razões que teriam levado os personagens a envolver-se nas diversas situações observadas nos vídeos os relatos descritos e colocados no quadro que se segue:

**Quadro 13: Correspondente a terceira questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes**

Eu acho que estavam perseguindo uma pessoa que roubou e daí começou toda a confusão até para quem não tinha nada a ver;

Alguém deu conta dos movimentos de um assaltante e imediatamente foi espancado criando uma confusão total na praça de alimentação;

Eu acho que o que leva as pessoas a cometerem vários tipos de crimes é porque falta condições de vida digna, condições que supram suas necessidades. E mesmo que eles não queiram, as necessidades obrigam-nos a entrar no mundo do crime, tipo a mulher que estava a vender maconha;

Um dos fatores que leva muitos adolescentes a entrarem no mundo das drogas é a má governação, ou seja, a corrupção em Angola. Nos tempos atualmente maus governadores. A prova disso são as manifestações que estamos tendo contra o atual governador de Benguela; Quanto ao uso das drogas eu digo que é fácil entrar no mundo das drogas devido as influências e as amizades. Não digo que todo o mundo segue a barca de cada um dos amigos. Mas pelas influências nós podemos facilmente entrar nesta vida e dificilmente conseguimos sair. Uns acabam por perder a própria vida, como por exemplo a pouco tempo ocorreu a morte de uma adolescente que morreu porque consumiu muita droga; eu penso que também os adolescentes e jovens consomem drogas para fugir das suas realidades. Ou seja, eles vivem mal, em condições péssimas e para tentarem se livrar e esquecerem dessa realidade eles consomem as drogas com incentivo;

Eu acho que o que leva os adolescentes ao uso de drogas e a criminalidade é a falta de oportunidade;

Muitos adolescentes e jovens que fazem uso de drogas e que se envolvem com o mundo do crime estão a acolher o que plantam antes. Por falta de obediência, não seguiram o conselho dos seus pais para por exemplo estudar ou se esforçarem para serem alguém na vida. Alguns contavam com o apoio dos pais. Viviam só a custa do que os pais lhes davam. Agora que se calhar perderam os seus pais, sem suporte, sem alguém a quem possam recorrer e não tenho onde tirar recorrem a criminalidade tirando vida de pessoas inocentes como vimos no vídeo. Arranjam confusão, se metem em brigas. Eles querem ganhar a vida facilmente querem uma vida de qualidade. Só vivem de aparências.

Fonte: elaborado pelo autor.



**Quadro 14: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

Estavam perseguindo uma pessoa que roubou e daí começo toda a confusão até para quem não tinha nada a ver;  
 Alguém deu conto dos movimentos e um assaltante e imediatamente foi espancado criando uma confusão total; falta de condições de vida digna;  
 Falta de condições que supram as suas necessidades;  
 Mesmo que eles não queiram, as necessidades obrigam-nos a entrar no mundo do crime, tipo a mulher que estava a vender maconha;  
 Um dos fatores que leva muitos adolescentes a entrarem no mundo das drogas é a má governação, ou seja, a corrupção em Angola;  
 É fácil entrar no mundo das drogas devido as influências e as amizades;  
 Os adolescentes e jovens consomem drogas para fugir das suas realidades;  
 Eles vivem mal, em condições péssimas e para tentarem se livrar e esquecerem dessa realidade eles consomem as drogas com incentivo;  
 O que leva os adolescentes ao uso de drogas e a criminalidade é a falta de oportunidade;  
 Muitos adolescentes e jovens que fazem uso de drogas e que se envolvem com o mundo do crime estão a acolher o que plantam antes;  
 Por falta de obediência aos pais, não seguiram o conselho dos seus pais agora estão pagando.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 15: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas**

Perseguição; ladrão; confusão; movimento; assaltante; espancamento; condições de vida; suprimimento; necessidades; uso; comércio; drogas; corrupção; má governação; más influências = 2; más Amizades; fuga da realidade = 2; falta de oportunidade; falta de obediência.

Fonte: elaborado pelo autor.

4 - No meio dos personagens envolvidos nas situações diversas observadas nos vídeos chamaram-nos atenção a atuação da Polícia Nacional por meio da realização de duas operações que resultaram a detenção de adolescentes, jovens, adultos e inclusive alguns estrangeiros e a apreensão de diversos materiais. Objetivando qual seria a percepção da atuação da Polícia Nacional quer no combate ao consumo das drogas e a venda de arma de fogo pelos adolescentes introduzimos a discussão através da seguinte pergunta: O que vocês acham da atuação da Polícia Nacional quanto ao combate à venda de armas de fogo e dos adolescentes que fazem o consumo de drogas pelos adolescentes? Como nos casos anteriores também aqui após a recolha e descrição dos relatos apuramos os textos abaixo:

**Quadro 16: Correspondente a quarta questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes**

Eu acho que foi excelente. Porém eu acho que o culpado de tudo isso é a próprio governo ou estado. Porque acho no meu ver, ne?, o governo tem que tomar medidas sérias no uso da arma de fogo.

O departamento das FAAs, da Polícia e SINFO, tinham que deixar as armas no lugar de serviço e não nas casas dos militares e policiais. Isto porque muitos policiais e militares consomem álcool. E quando tu estás sob o efeito do álcool, podes fazer qualquer tipo de aposta. Posso vender o meu carro, que está lá em casa ou dar a minha alma para um meliante como aquele rapaz que comprou a arma por 10.000.00 Kz. Isto não pode acontecer. Então, arma fica no lugar de serviço já que o País não está mais em guerra. Fica melhor assim, só se usa a arma fora da unidade policial ou militar quando vão fazer uma busca e apreensão. A arma na casa do policial não. Porque um dia pode matar o vizinho por abuso de autoridade como as vezes a gente vê por aí. Só porque é policial ele não vai cumprir prisão;

A imigração ilegal ocorre devido a falta de condições mínimas para a sobrevivência nos seus países de origem. Mas também por ser devido a corrupção. Porque quando, por exemplo um estrangeiro chega no país, basta ter dinheiro e entregar aos policiais ele entra com facilidade. As vezes até sem documentos. A polícia não trabalha mais como antigamente em Angola, no tempo de Agostinho Neto. Eles agora só querem gasosa (cachê = suborno).

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 17: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

Acho que a atuação da polícia foi excelente. O culpado de tudo isso é o próprio governo ou Estado;

O departamento das FAAs, da Polícia e SINFO, tinham que deixar as armas no lugar de serviço e não nas casas dos militares e policiais. Isto porque muitos policiais e militares consomem álcool;

Posso vender o meu carro, que está lá em casa ou dar a minha arma para um meliante como aquele rapaz que comprou a arma por 10.000.00 Kz;

A imigração ilegal ocorre devido a falta de condições mínimas para a sobrevivência nos seus países de origem;

As também por ser devido a corrupção. Porque quando, por exemplo um estrangeiro chega no país, basta ter dinheiro e entregar aos policiais ele entra com facilidade.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 18: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas**

Atuação; polícia; Estado; culpado; armas; serviço; militares; consumo; álcool; venda; fogo; má governação; política; compra; falta de condições; sobrevivência; imigração ilegal; corrupção; corrupção; busca de sobrevivência.

Fonte: elaborado pelo autor.

5 - A última questão de debate no Focus Group visou à discussão sobre possíveis saídas do combate aos diversos atos observados nos vídeos que podem constituir-se como vetores ou facilitadores da venda de armas de fogo, da proliferação da violência e do consumo de drogas pelos adolescentes e todos os personagens envolvidos em cenas diversos crimes em Angola. Por sua vez a questão foi colocada desta maneira: na sua opinião qual seria a melhor forma de combater o consumo de drogas e a criminalidade em Angola? Como em outras

questões, depois das discussões e transcrição dos relatos dos adolescentes construímos o quadro que apresentamos aqui.

**Quadro 19: Correspondente a quarta questão que contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes**

Eu acho que o governo deveria criar não só postos de empregos para eles, mas programas de apoio para ocupá-los. Porque quando eles ficam sem fazer nada para além de não terem dinheiro para sustentar as suas necessidades, eles ficam vadiando, organizam-se em grupos e gangues tipo o que vimos no vídeo da briga no Shopping, ocupam o seu tempo com outras coisas que se calhar não são nada boas para a sociedade;

O governo deve arranjar um emprego, ou promover programas educacionais no sentido de conscientizá-los sobre a importância de auto sustentabilidade, julgo ser o caminho;

É verdade que alguns adolescentes lavam carros. Mas alguns fumam liamba, bebem e roubam. Então na minha opinião o governo deveria promover políticas públicas e criar programas de apoio ou casas de recuperação para as pessoas que fazem uso de drogas e de todo o tipo de criminalidade;

Se tivéssemos pessoas que têm mais estudos e obediência à boa gerência governativa e tem uma visão para o futuro de pessoas eu acho que o índice de desemprego, da criminalidade e do consumo de drogas teria diminuído;

Para mim a produção e o comércio da maconha é também um dos fatores que leva os adolescentes a consumir as drogas. Nós sabemos que a maconha é uma planta. Se cortássemos a plantação dela, acho que muita gente deixaria de consumir.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 20: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

O governo deveria criar empregos e programas de apoio para ocupar os jovens;

Alguns adolescentes lavam carros;

Alguns fumam liamba, bebem e roubam;

Eles ficam vadiando, organizam-se em grupos e gangues tipo o que vimos no vídeo da briga no Shopping;

O governo deve arranjar um emprego para os adolescentes e jovens, ou promover programas educacionais no sentido de conscientizá-los sobre a importância de auto sustentabilidade, julgo ser o caminho;

O governo deveria promover políticas públicas e criar programas de apoio ou casas de recuperação para as pessoas que fazem uso de drogas e de todo o tipo de criminalidade;

Se tivéssemos pessoas que têm mais estudos e obediência à boa gerência governativa e tem uma visão para o futuro;

Para mim a produção e o comércio da maconha é também um dos fatores que leva os adolescentes a consumir as drogas.

Fonte: elaborado pelo autor.

**Quadro 21: Palavras-chave construídas a partir das frases mais evidenciadas**

Adolescentes; lavação de carros; fumar; Liamba/Maconha; bebedeira; roubo; organização; grupos; gangues; brigas; shopping; empregos; uso; consumo; programas educacionais; programas de apoio; programas de conscientização; promoção; políticas públicas; criminalidade; auto sustentabilidade; casas de recuperação; estudo; gerencia governativa; visão; futuro; produção; comércio; consumo; drogas.

Fonte: elaborado pelo autor.

Através de associações e agrupamento de ideias, dos objetivos, das ações e dos objetos que expressem o mesmo sentido ou significado, nos relatos dos oitenta (80) adolescentes,

queremos concentrarmos a nossa atenção na terceira seção de cada uma das cinco questões. A transcrição e a constituição das palavras-chave com os relatos, podem ofertar-nos marcas e indícios que transformados em categorias, permitem uma interação social (Vygotsky & Cole, 1998), e a percepção das RS sobre o objeto de estudo.

Atendo-nos às palavras deste autor, inferimos que estas palavras-chave se forem transformadas em categorias e associadas aos dados recolhidos das entrevistas dos mesmos adolescentes, podem constituir-se em um dispositivo interacional de referência, segundo Braga (2006, p. 02). Por outras palavras, em um processo de choque interacional “de referência”, caberá em um determinado âmbito, são estas categorias que dão o tom” aos “processos subsumidos – que funcionam ou passam a funcionar segundo suas lógicas” e acabam por integrar o indivíduo. E conseqüentemente criam a possibilidade deste indivíduo, por meio dos processos de objetivação e ancoragem, reconhece-se como parte histórica deste mundo.

Na esfera das RS, esta inserção e reconhecimento pode dar-se em vários níveis tais como no intelectual, ideológico, político e simbólico. Assim, estas palavras-chaves parecem estar preenchidas de significados e revestidas de uma natureza múltipla em termos conceituais e figurativos. Tanto elas nos podem fazer compreender todo o sentido de uma figura, quanto toda a figura de um sentido. Portanto, parafraseando Moscovici (2003) tateando, estamos a mergulhar em cheio naquele processo de modo intercambiável, que transforma um objeto abstrato de natureza conceitual em outro imagético denominado pelo autor de objetivação e ancoragem.

### **2.1.2 Percepção de três movimentos nas interfaces das lógicas sociocultural midiática.**

Em meio a estes processos tentativos de acompanhar o objeto da pesquisa, durante a exibição dos três (3) vídeos que serviram de disparadores das discussões dos Focus Group, percebemos nos adolescentes algo que nos levou a inferir constituição de três movimentos, cujos detalhes nos deixaram apreensivos e que gostaríamos de destacar. Por fim em forma de quadro julgamos importante estruturá-los da seguinte maneira:

#### **Quadro 22: Os três movimentos observados durante a exibição dos vídeos**

1º Movimento	Insinuação de socos e chutes” nas cadeiras, assobios e gritarias: isso mesmo”, “vai”, “dá-lhe”, “toma”.
2º Movimento	Olhar inerte, passivo, contemplativo, sem ação, hipnotizarão contemplativo, inerte.
3º Movimento	Captura de imagem com os smartphone.

Fonte: elaborado pelo autor.

O destaque destes três movimentos ancorados em Foucault (2000b, p. 71) e Deleuze (1990, p. 159), objetiva compreender de que modo funcionam as lógicas de afetações na ambiência midiática; identificar os marcos que apontem para as possibilidades de construção ou desconstrução, de resistência e de luta contra ou a favor das novas formas de saber e de poder, no contexto em que os três vídeos foram exibidos.

Neste sentido, como os relatos dos oitenta (80) adolescentes aqui também estes vídeos e os três movimentos são tomados como dispositivos interacionais de referência e de enunciação, como afirmamos anteriormente. Ou seja, passam a constituir um dispositivo de alta complexidade ao assumir-se ao mesmo tempo como objeto e instrumento de enunciação sócio discursiva e subjetiva para os oitenta (80) adolescentes. Assim, em forma de quadro apresentamos os três movimentos observados e os seus desdobramentos no contexto dos usos e do consumo da cultura midiática.

Retomando a visão de Braga (2006), em meio a dúvidas e incertezas, ao serem considerados como dispositivos interacionais de referência e considerando as suas lógicas, no contexto destes adolescentes que tons e processos estariam subsumidos nestes três movimentos? No contexto da circulação do capital midiático e da semiótica, que metáforas e signos estariam subjacentes nestes três movimentos? Ou seja, que tipo de sociedade está sendo reproduzida em cada um dos três grupos de adolescentes através das suas práticas e o que esperam fazer com as suas produções? Que possibilidades estes três movimentos nos oferecem para estabelecer uma relação com os dados recolhidos dos relatos e das discussões dos Focus Group? Quais foram os critérios que teriam motivado a criação e ou a divisão dos adolescentes em três grupos? Que significados realmente os adolescentes atribuem as cenas em circulação nos vídeos exibidos? Estas perguntas colocam-nos na trilha de uma realidade construída entre choques de macroestruturas sociais compostas por indivíduos, grupos e campos em um fluxo interacional permanente.

Em uma leitura de conjunto percebemos o quanto é difícil o acesso interpretativo dos três movimentos. Deste modo, apelando pelos autores tais como Charaudeau (2006) e Deleuze (1990) e, sobretudo, tomando por referência as possibilidades de ordem sócio técnica tecnológica e cultural midiático, talvez somente adotando uma postura dialética, que faça interagir os sujeitos com os objetivos através dos meios técnicos, possamos ter algum sucesso nessa caminhada.

Portanto, por um viés transmedotológica e interdisciplinar a ideia é a partir dos três movimentos instaurar um diálogo em torno das atitudes e práticas dos adolescentes. Porém, para evitar a dispersão e a perda do foco nas RS de agressividade no contexto da cultura

mediática, tomamos como campus de observação o grupo de adolescentes que capturaram as imagens com os seus Smartphones por meio das seguintes perguntas: “Por que vocês capturaram as imagens com os vossos Smartphones? O que vocês vão fazer com estas imagens? E onde vão colocar?”

Na linha do que defendem Adorno e Horkheimer (1985) o objetivo destas perguntas é buscar marcos que nos ajudem a construir inferências a respeito dos usos e apropriações das lógicas sócio técnica, tecnológica cultural e interacional durante o consumo dos bens do capital midiático. Por outro lado, objetivamos, observar e perceber aqueles indícios que possam estar difusos e subjacentes nos relatos dos adolescentes, acerca das possíveis representações sociais sobre a agressividade midiática. Desta feita, seguindo os passos dos procedimentos da recolha e transcrição dos relatos acerca dos três movimentos observados conforme quadro abaixo:

**Quadro 23: Contém os Textos na íntegra extraídos dos relatos dos adolescentes, após a exibição dos vídeos**

Professor, gostei da porrada do Shopping. Então eu filmei o vídeo para colocar na minha página do YouTube. Depois eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo;  
 Eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do facebook, Instagram e do youtube;  
 Eu gosto assistir os vídeos de lutas pesadas;  
 Então filmei com o meu celular para mais tarde assistir em minha casa;  
 Tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos;  
 Estes são da hora, por isso vão para a coleção.

Fonte: elaborado pelo autor.

Concentrando a nossa atenção nestas frases percebemos e identificamos e com muita contundência frases e palavras mais evidenciadas que, em termos semióticos pertencem ao mesmo conjunto ou que tenham o mesmo sentido e significado. Por semelhanças semióticas, havemos por bem, agrupamos estas frases em três grupos.

**Quadro 24: Correspondente as frases mais evidenciadas nos textos na íntegra**

1º	Vídeos de lutas pesadas + gostei da porrada + são da hora + vão para a coleção + professor vá lá + curta o meu vídeo.
2º	Tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos + colocar na minha página do Youtube + para compartilhar com os meus amigos do Facebook, do Instagram e do YouTube.
3º	Eu filmei o vídeo com o meu celular + eu gosto de filmei para mais tarde assistir sozinho os vídeos em casa.

Fonte: elaborado pelo autor.

No contexto da indústria cultural os relatos dos oitenta (80) adolescentes recolhidos tanto das entrevistas, das discussões dos Focus Group quanto dos três movimentos, do ponto de vista das políticas e das ideologias mercadológicas e dos fluxos do capital da cultura

mediática que nos remetem ao conceito de dispositivo. Trata-se de um dispositivo de “complexa interação de ações” segundo Giddens (2005, p. 33). Para tanto, querendo dar um formato a este dispositivo construímos um quadro com todas as palavras-chave ou conceitos retirados dos relatos dos oitenta (80) adolescentes que participaram da pesquisa.

**Quadro 25: Relato das práticas e dos usos /dispositivos interacionais de referência**

Usos e Práticas sociais midiáticas	Compartilhar; postar; filmar; assistir; editar; curtir; selecionar.
Internet/Redes Sociais/plataforma	Canal; casa; página; Shopping; praça de alimentação; Empresa; Instagram; YouTube; Facebook; WhatsApp.
Dispositivos Interacionais	Arma de fogo; pistola; Smartphone; computador; Tablete.
Instituições Tradicionais	Estado; Governo; Família; Escola; Polícia; Militar; Segurança; Guarda.
Práticas institucionais	Produção; comércio/circulação (compra/venda); consumo; promoção; ordem; segurança; políticas públicas; prisão; perseguição; programas educacionais; programas de auto sustentabilidade; centro de reabilitação e apoio; programas de conscientização; corrupção; manipulação; má governação; más políticas.
Novas Instituições	Adolescentes; organização; grupos; gangues; imigrantes; assaltantes; gatuno; ladrão.
Práticas sociais das novas instituições	Agressividade; violência; porrada; lutas; espetáculo; guerra; consumo; destruição; briga; bater; luta pesada, feia e forte; rajada de chapada; confusão total; espancamento; assalto; Morte; estrago; roubo; disparos; agressão física; más influências; más amizades; Imigração ilegal; criminalidade; falta de emprego; fuga da realidade; falta de condições; suprimimento de necessidade; sobrevivência; falta de obediência; falta de oportunidade.
Produtos/capital em circulação para o consumo (compra e venda)	Vídeos; maconha; liamba; droga; álcool filmes; motos; computadores.

Fonte: elaborado pelo autor.

Relendo Cuin e Gresle (1994, p.264), que nas pesquisas sociológicas, sugerem um estudo com o foco “no estruturalismo genético, acionalismo, modelo estratégico e individualismo metodológico”, este quadro instiga-nos a projetar e metaforizar os conceitos de violência e agressividade como sintoma social. Esses autores, permitem-nos estabelecer um contrato de leitura com Kusnetzoff (1982) ao falarmos dos adolescentes que consomem os conteúdos que circula nas redes sociais. E, por meio desse autor, a instaurarmos um processo que vai do registro imaginário a ilusão, do sempre igual, da imagem a semelhança do outro. Ou seja, estamos a inferir por essas angulações a existência do processo do registro simbólico que pode permitir a compreensão do diferente, da noção de cultura, do ordenamento social e

da denúncia de que não se é semelhante. Todavia, que todos estamos incluídos em leis universais que nos governam. Destarte todas as ações de agentes/atores sociais, parafraseando Freud (1915b/1988) são assumidas como polo de atração e de representação dos conteúdos que perfazem o recalque originário no inconsciente.

Dessa forma, pensamos não nos podemos silenciar frente a essa nova ambiência, que se configura como sintoma social. Aliás, na teoria psicanalítica “a palavra recalçada está intimamente vinculada à violência e à dor. Não se fala o que dói e a violência silencia”. (Berlinck & Rodriguez, 1987, p. 10). As palavras destes autores abrem-nos pistas para uma articulação que vincule os conceitos de violência e agressividade aos sintomas de um campo social composto pelas subjetividades. (Bourdieu, 1983). Trata-se daquele campo, onde os agentes ocupam determinadas posições, segundo a distribuição dos diferentes tipos de capital (político, ideológico, cultural, econômico) que por sua vez podem ser reveladoras de relações sociais canhestras. Ou seja, sob a égide da psicanálise, os relatos destes adolescentes, passam a configurar aquelas formulações preponderantemente biologizante (Freud, 1915b/1988; 1921; Aulagnier, 1975; Maldavsky, 1977; 1986) sobre uma nova ambiência em construção nas interações sociais e os fluxos da cultura midiática circulação entre as diferentes esferas

Portanto, a estrutura e o conteúdo desta tabela atenta-nos entabular um debate psicológico sócio-discursivo cujos desdobramentos podem desembocar na dialética intersubjetiva da luta pelo reconhecimento, quanto a dinâmica de dominação e de poder nas interações sociais. Na tentativa de estabelecer o debate dialético intersubjetivo, de reconhecimento e da dinâmica de dominação e poder, vamos retomar os três movimentos percebidos durante a exibição dos vídeos que serviram de disparadores dos Focus Group.

Em uma leitura interpretativa, ainda que incipiente, à luz de Hegel (1995a), Mead (1982), Marx e Engels (2007) e Honneth (2009) os três movimentos permitem-nos perceber e construir uma estrutura com três esferas (amor, direito e eticidade), onde os indivíduos buscariam a confirmação das suas autonomias e individualidades. Para o efeito conforme concebido por Mead (1982, p. 91) estes três movimentos assumiriam uma figura do sistema teórico do “interacionismo simbólico”. Segundo o autor, na perspectiva da Midiatização e dos Processos Sociais:

O corpo não é um Eu, como tal, só se converte em pessoa quando há desenvolvimento de uma mente dentro do contexto da experiência social [...]. A mente surge através da comunicação, por uma conversação de gestos em um processo social ou contexto de experiência – e não a comunicação através da mente.



Nessa linha de raciocínio, a construção da mente ocorre numa dimensão relacional entre o eu a situação através de uma série de códigos e símbolos abertos à interpretação pelos indivíduos. Assim os contextos sócio históricos e culturais em que os indivíduos vivem e as formas, como os indivíduos percebem, recepção e interpretam os objetos/realidades, representa a ideia, a política e ideologia que há por trás de deles e também as reações que provocam nos outros indivíduos. Por outras palavras, os vídeos exibidos aos adolescentes configuram-se em símbolos significantes: em primeiro lugar responde a um significado na experiência dos policiais que, tentavam impor a ordem e conter o tráfico de drogas e a criminalidade, a experiência dos seguranças, dos adolescentes envolvidos em pancadarias, roubos, assaltos, dos que capturaram as imagens com os seus celulares e daqueles que presenciaram o tumulto na praça de alimentação; em segundo lugar também evoca esse significado para os adolescentes que assistiram os vídeos e sem intervenção do pesquisador reagindo resultou constituição de três movimentos.

Neste sentido, concordamos com Blumer (1982, p. 02) para quem a noção do significado é um produto social que emana das atividades de natureza do interacionismo simbólico como base analítica de três premissas:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele. A segunda é que o significado dessas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho.

Este “interacionismo simbólico”, reforçaria a crítica analítica da alienação do trabalho no capitalismo industrial feita por Marx e Engels (2007). Neste caso, aproximando-nos da ideia original de Hegel estaríamos a constituir uma ponte entre a realidade emergente nos três movimentos e o ponto de vista de Mead (1982), fazendo, portanto, a apologia aos movimentos que se configuram como luta pelo reconhecimento dos indivíduos nas esferas sociais. Por outras palavras, isto equivaleria a tornar presente a teoria a hegeliana da intersubjetividade. Porém, na ótica das interações sociais, o foco consistiria busca de características comuns e no reconhecimento de valores expostos, reconhecidos e compartilhados na ambiência da circulação midiática entre os sujeitos. Portanto, em termos analógicos, os três movimentos associados aos conteúdos dos quadros levam-nos a pensar que, talvez as práticas dos indivíduos (agentes/atores sociais) estejam sutilmente sendo orquestradas pelas lógicas dos dispositivos midiáticos nas suas distintas esferas no fluxo mercadológico.

### 3 PARTE III - DISPUTAS INTERACIONAIS NAS ESFERAS DO CAPITAL SOCIOTÉCNICO HISTÓRICO CULTURAL MIDIÁTICO: EMERGÊNCIA DE NOVAS AMBIÊNCIA EPISTEMOLOGIAS

Estudar as Representações Sociais nas esferas de produção, circulação e consumo do capital da cultura midiática sugere-nos ter como campo de observação os discursos, as ideologias, políticas e as práticas sociais dos sujeitos. E como disparadores acionar as lógicas sócio-técnica tecnológicas e culturais por meio dos dispositivos interacionais e midiáticos. Estamos levantando uma hipótese que sustente a ideia de que talvez por este caminho encontremos um terreno fértil e potencializadora da construção das subjetivações no contexto da sociedade angolana, em interação com a cultura midiática. Desta maneira, iniciamos retomando os autores citados no marco substantivo, por exemplo Deleuze (1990) Ferreira (2006) e Foucault (2000a). Para estes autores o conceito de dispositivo tem como missão identificar os acoplamentos e deslizamentos que opera sobre diversas interfaces onde, uma deixa de ser vista somada a outra, mas sim que uma desloca a outra e tudo ocorre em múltiplas recorrências. Trata-se daqueles deslocamentos onde interações entre linguagem e sociedade; entre sociedade e tecnologias de comunicação e informação; e, finalmente, entre tecnologia, técnica e linguagem.

Portanto, à luz das RS os dados coletados dos Focus Group e as inferências que construímos a partir dos três movimentos que percebemos durante a exibição dos vídeos fizeram com que retomássemos o conceito do dispositivo midiático. E o pudéssemos apresentar sob três dimensões: sócioantropológica, semio-linguística, tecno-tecnológica, que passamos a representar em forma de diagrama:

**Figura 3: Diagrama dos DMs elaborado pelo pesquisador**



Fonte: elaborado pelo autor.

Este diagrama apresenta uma estrutura discursiva de articulações díspares e forma um conjunto de relações flexíveis definidas por Foucault (2000a, p. 244) como um:

conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

Desta forma, estamos certos de que, o dispositivo entendido como circuito interacional entre as práticas e os campos sociais estabelece atravessamentos entre os indivíduos e um forte instrumento das novas empirias e epistemologias. Portanto, esta terceira parte da nossa pesquisa objetiva estabelecer uma discussão teórica dos conceitos de subjetividade e sociabilidade a fim de refletirmos sobre o como os indivíduos constroem as relações sociais nas sociedades em midiaticização. No contexto da pesquisa, o nosso objetivo é verificar como os novos sujeitos (adolescentes) sociais estão sendo inseridos e como interagem com as novas e tradicionais formas de representação da realidade na era da cultura midiática. cremos que o processo de significação e atribuição de sentido, é, desde os tempos remotos, inerente ao ser humano e corresponde basicamente, sob o ponto de vista comunicacional, à esfera da produção e compartilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas. Todavia, segundo Gomes (2017, p. 66) como o desenvolvimento da palavra, da escrita e das tecnologias digitais ocorre em todo mundo uma mudança epocal no modo de pensar e agir, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social:

Surge uma nova ecologia comunicacional: um bios virtual. Mais do que uma tecno-interação, está surgindo, conforme já dito, um novo modo de ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade. Esse novo modo de ser no mundo assume o deslocamento das pessoas do palco (onde são sujeitos e atores) para a plateia (onde sua atitude é passiva).

Esse cenário, advindo dos componentes do campo midiático, acaba por afetar e atravessar todos os campos e práticas sociais, já que os atores individuais e coletivos passam a utilizar as tecnologias como mediadoras de suas práticas diárias (re)criando novas formas de subjetividade e sociabilidade. Isto vai de encontro ao que Fausto Neto (2010, p. 01) pontua quanto à complexificação dos papéis dos sujeitos nas esferas de “produção e consumo de mensagens segundo novas dinâmicas de interfaces”.

### 3.1 A MIDIATIZAÇÃO DA CULTURA: A ENUNCIÇÃO DE POSSÍVEIS NOVAS SUBJETIVIDADE

Conforme os vídeos que serviram dos lírios do campo, sob a perspectiva do consumo, os adolescentes vivenciam uma nova ambiência cultural onde eles são convidados a expressar as suas subjetividades (Foucault, 1999; Vigotski, 2003) na interação a cultura midiática. Assim, enquanto expressão das subjetividades, os bens de consumo podem ser classificados como instrumentos de cultura material que permitem a discriminação pública e visual de

categorias sociais como constatamos nas imagens dos vídeos: Jovens entram em pancadarias no centro comercial de Talatona em Luanda, Megaoperação Policial e Jornal Nacional – Criminalidade. As imagens dos adolescentes no Shopping confirmam o que aponta Barbosa (2008) a respeito do consumo ao definir a origem do consumo. Para ele “o consumo deriva do latim *consumere*, que significa usar tudo, esgotar e destruir”. Foi justamente que podemos inferir da trilha sonora do Institucional “Movicel Geração M” que, interagindo com a cultura midiática se autoidentifica como uma geração multiconsumidora:

Eu sou da geração M, do Facebook, do Youtube, da internet”. “Eu sou da geração Smartphone, sou de uma geração que promete; eu sou da geração Instagram, da sociedade de informação; eu sou da geração que mexeu com o mundo na palma da mão; eu sou da geração sempre on, de a vida é vivida ao segundo; eu sou da geração que cresceu com a qual aberto ao mundo; eu sou da geração do futuro, aquela que vai além; eu sou da geração que vai longe; eu sou da geração M.

Por outro lado, no institucional “Movicel Geração M”, transparece a definição elaborada por Barbosa e Campbell (2007, p. 21) que entendendo o conceito de consumo como originário do inglês, *consummation*, que significa somar e adicionar”. Vemos assim que o conceito de consumo abre margens para um processo que pode transformar, orientar o comportamento, regular a vida e classificar os indivíduos coletiva e individualmente, parafraseando Bourdieu (2001). Relendo o pensamento do autor, podemos afirmar que eles, os bens de consumo são formadores e determinantes de estilos de vida e revelam que as trocas econômicas são trocas simbólicas, onde a busca da satisfação das necessidades classifica o classificador como afirma Featherstone (1995, p. 33):

A cultura de consumo usa imagens, signos e bens simbólicos evocativos de sonhos, desejos e fantasias que sugerem a autenticidade em dar prazer a si mesmo, de maneira narcisística e não aos outros. Os novos heróis da cultura de consumo, em vez de adotarem um estilo de vida de maneira irrefletida, perante a tradição ou o hábito, transformam o estilo em um projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, aparência e disposições corporais destinados a compor esse mesmo estilo de vida.

Por seu turno Bauman (2010), ao estudar as estratégias das instituições ligadas ao mercado (produção-circulação-consumo) dos bens do capital midiático elabora um "esquema sistêmico aberto" para ver os sentimentos gerados antes e depois do fato. Por meio do estudo do mercado, concluiu que as instituições estabelecem relações com os indivíduos, com as suas práticas de consumo, desvalorizando e substituindo as antigas ofertas para introduzir novas

criando as necessidades cuja finalidade é um novo estilo de vida. Estas estratégicas ficam claras nos vídeos “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” e “Movicel Geração M”.

Focados no institucional “Movicel Geração M”, percebemos uma forte apelação pela memória da identidade cultural do povo angolano, agora mergulhado na cultura midiática. A trilha sonora do institucional formula um convite população jovem para o ingresso à “Geração M”: “se és da Geração M - se não vives sem Facebook, Instagram, Youtube e toda a Internet - este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”. Diferentemente do nível de compreensão do conceito de identificação cultural (Canclini, 1999; Hall, 2003), aqui o institucional “Geração M”, pode ser interpretado como: signo do consumo dos produtos (aparatos sócio técnico e tecnológicos) comercializado pela companhia de telefonia móvel, Movicel:

como metáfora da inserção dos adolescentes, na esfera do consumo e da produção dos bens (produtos e serviços) da indústria da Cultura Midiática, por meio dos usos dos Dispositivos Midiáticos e apropriações das lógicas, e das gramáticas das novas TIC's.

Neste sentido, correndo certos riscos, podemos sumariamente falando, afirmar que, no contexto do consumo do capital da Indústria Cultural midiático no contexto dos adolescentes angolanos, o conteúdo do institucional “Movicel Geração M”, faz-nos perceber elementos que nos levam a concluir que talvez o conceito de cultura tradicional esteja sendo tensionado e questionado. Sugerindo em seu lugar algo construído social, através de compartilhamento dos conteúdos na ambiência dos midiáticos entre as novas gerações em Angola. Ideologicamente falando, o institucional sorrateiramente sugere-nos a instauração de um discurso apologético sobre a cultura do descarte do passado e projeção de novos horizontes. Este discurso talvez estimule duas lutas: identidade cultural e a integração na esfera de consumo. Nessa última esfera, segundo Bauman (2010) e Bourdieu (2011), os signos e símbolos são articulados para estabelecer novas relações com o consumidor, porém, como um dever disfarçado de privilégio para o capitalismo.

A partir daqui julgamos que estudar as formas como os indivíduos manifestam as suas subjetividades através dos dispositivos interacionais de referenciais (signos e símbolos) que consomem nas interações com a cultura midiática, constitui uma temática complexa. Por isso, adotando uma metodologia transversal e interdisciplinar que nos permita mergulhar da Psicologia Científica. (Watson, 1998). Considerando os contextos sócio históricos e culturais de Angola, cremos que o uso e a apropriação desta teoria pelas Representações Sociais (Moscovici, 2003) possibilitarão condições de produção e significação sobre das práticas

sociais e dos relatos dos adolescentes angolanos cenas de violência e agressividade entre os adolescentes.

O conceito de cultura, sob o ponto de vista epistemológico, evoca interesses, enfoques e campos semânticos transversais e multidisciplinares tais como comunicação, psicologia, sociologia, antropologia, história, administração, economia, política entre outras chegando inclusive a ser substituído por termos mentalidade, espírito, tradição e ideologia (Cuche, 2002, p. 203). Porém, para Santos (1994, p. 83) “o conceito de cultura é originário do verbo latino colere (colher)” que, a partir do século XIX, passou a ser reformulado e a compreender duas concepções básicas, segundo Ullmann (1991, p. 84): a primeira atrelada “ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade”. Dessa forma ela passa a tratar da totalidade das características de uma realidade social de uma nação; e a segunda é parecida à primeira, porém, refere-se “ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”. Ou seja, trata-se das maneiras de ser e existir na sociedade. (Gomes, 2017).

Nesta perspectiva, a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. Portanto, em sentido amplo, cultura designaria o *modus vivendi* que os homens, reunidos em sociedade, desenvolveram e desenvolvem. Em sentido restrito, cultura significa o *modus vivendi* e transformador global de que participa determinado povo como ator tal como apareceu nos discursos dos adolescentes do vídeo de Ladilson:

*Não liguem o meu bairro tem bwé de água [...]. Não mostre isso [...] não! Isso é só um improviso. Editamos [...]. Esse bairro não é nosso. Só estamos a passar. É mentira!” [...] “Não mostre isso. Xé não mostre isso. Pocha. Não mostre este mambo”. [...] “vou mostrar o que é se é isso que tem.*

Percebemos nos relatos desses adolescentes, indícios que nos levaram a conclusão de que, tendo como matriz produtora a natureza, a cultura vai além desta. Ela não é dada naturalmente, não é decorrência de leis físicas ou biológicas, mas constitui-se numa construção sócio histórica e cultural como bem frisou Ullmann (1991).

Assim, parafraseando esse autor, eu diria que a cultura assume um caráter eminentemente libertador, promotor, transformador, coibidora, desvencilhadora e restringedora ao impor freios. A cultura não permite apenas que eu descreva e compreenda uma realidade, mas me aponta caminhos para sua modificação, levando-me a entender o processo histórico que produz a sociedade – e a própria cultura –, as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade. Isso nos pareceu claro na fala do adolescente Ladilson:

*quero adotar este novo estivo de vida para o meu canal. Acompanhe um cochi (pouco) do que um gajo faz. Um gajo não é famoso, mas faz nada de especial. Mas aquele bocado mesmo [...] se quiserem mais é só deixar aí em baixo [...]. Se gostaram do vídeo e não das pessoas que estão aqui também comentem para passa a lhes tirar dos vídeos. Yá?*

O estudo da cultura configura-se de grande valia, para o entendimento dos processos das transformações das sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção de nossas identidades culturais. Ao falar de identidades culturais, estamos querendo enfatizar o sentimento de pertencimento a uma cultura nacional. Dito de outro modo, aquela cultura em que nascemos e que nos absorvamos ao longo da vida. Porém, queremos chamar atenção, para não sermos mal interpretados ou como alguém que entende identidade como algo natural, geneticamente herdado, mas como algo construído. Hall (1999, p. 50) assim a define: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Portanto, vemos que, para este autor, a identidade pode mudar de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, não sendo automática. Relendo este autor percebemos, na sua abordagem, três concepções de sujeito, bem como as respectivas identidades: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O mesmo teórico é de parecer que, à medida que o mundo moderno se torna mais complexo, emerge a consciência de que esta essência interior do sujeito, que determinava sua identidade, vai se diluindo. Aos poucos vai se configurando um novo conceito de sujeito que deixa de ser autônomo e autossuficiente, para ser um projeto em construção com outras pessoas que lhe medeiam os valores e símbolos – a cultura. Nesta interação com os outros, os valores e símbolos, a identidade passa a ser, ela também, fruto da interação entre o sujeito e a sociedade. Com esta visão chegamos à definição sociológica do sujeito. Todavia para nós este modelo passa a ser perturbado e colocado em questão ao defrontar-se com as constantes flutuações e mudanças bruscas e rápidas, devido às características dos modelos sociológicos interativos provocados pelo desenvolvimento Tecnológicos da Informação e Comunicação.

Estamos sendo blindados, em nossa dissertação, pelas gênesis destes modelos sociológicos e interativos que, na primeira metade do século XX com o advento da Web 2.0, começaram a ser perturbados por mutações estruturais e institucionais. A noção de um sujeito como tendo uma identidade unificada e estável entra em colapso, numa crise estrutural e institucional. Ela passa a ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume

identidades “outras” em diferentes momentos. O conceito de identidade passa a ser vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Desse modo, a identidade unificada, completa, segura e coerente transforma-se em fantasia segundo Hall (1999, p. 13), pois “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, a sociedade ou os indivíduos são confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderiam se identificar”. Perante esta postura, concluímos que o fenômeno implementação da Internet, da comunicação em redes, da convergência midiática (Jenkins, 2008) e a circulação dos produtos da indústria cultural podem permitir o deslocamento das identidades culturais, a sua desintegração, homogeneização e, conseqüentemente, os seus enfraquecimentos. Ademais, “à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas às influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. (Hall, 1999, p. 74). A ser o caso, o confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade e a forma como um indivíduo se relaciona com o seu passado, presente e suas relações de sociedade constitui a fluidez e a dinamicidade cultural e identitária. Conseqüentemente, na lógica do mecanismo adaptativo e cumulativo, a cultura sofre mudanças, os traços tradicionais se perdem, outros se adicionam, em velocidades distintas nas diferentes sociedades em midiatização.

Foi, portanto, no contexto da sociedade angolana que, sustentados por esta estrutura organizacional, que passaremos a desenvolvimento a nossa pesquisa. Acreditamos que esta estrutura organizacional pode configurar-se como uma ferramenta de grande valia na construção das relações sociais, dos sentidos e dos significados por meio dos relatos de expectativas e experiências dos sujeitos em sociedade. Desta maneira nesta pesquisa que concebemos como de caráter qualitativa, adotamos uma engenharia que opta pelo uso de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (Minayo, 2001, p. 14). A nosso ver, isso corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos apenas à operacionalização de variáveis dada a sua complexidade. Tratamos de enveredar por um caminho que nos ofertasse um subsídio complementar na leitura, na escuta e na compreensão da realidade angolana enquanto construção social.



Em nossos processos tentativos e inferenciais estamos confiantes de que esta visão justifique a metodologia adotada para o estudo de análise dos dados coletados nesta pesquisa. Assim como julgamos ter obtido por meio da aplicação das entrevistas livres. Conforme traçado no primeiro capítulo o nosso objetivo foi buscar a compreensão acerca do “como” e os “porquês” que levam os adolescentes a produzirem o que produzem e a fazê-lo circular nas redes sociais (YouTube e Facebook) em Angola. Nesse sentido destacamos o relato de dois adolescentes: “professor, gostei da porrada do Shopping. Então eu filmei o vídeo para colocar na minha página do YouTube. Depois eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”; “Eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube”.

Portanto, em uma visão ensaística, inferimos que os conteúdos produzidos, postos em circulação nestas redes sociais, podem ser concebidos como representações construídas social, culturalmente, e para tal, prenes de significados. Desta forma, passamos a vincular e a definir o conceito de representações aos contextos sócio histórica e cultural. Esta postura nos aproxima de Moscovici (2003, p. 09-21) que define as representações como “uma forma de conhecimento prático que conecta um sujeito a um objeto [...] e servem para os sujeitos agirem no mundo e nos outros”. Desta feita, nos meandros dos contratos de leitura de mundos e das suas ressignificações, o conhecimento passa a surgir de “onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão e satisfação ou frustração”. Na visão deste autor, as representações não passam de “conceitos perdidos” e “entidades quase tangíveis que circulam, se entrecruzam e que se cristalizam continuamente, através de palavras, gestos, ou de reuniões, no mundo cotidiano” de acordo os relatos dos adolescentes: “Ya, filmamos só para saber. De graça de graça foi adiado infelizmente por motivos técnicos. Mas, eh... fiquem atentos ao canal”. Por esse viés foi possível estabelecer uma interação com Moscovici (2003), sobretudo, quanto aos conceitos perdidos. E, na busca destes conceitos perdidos e entidades, os sujeitos são impelidos a empreender uma luta pelo seu reconhecimento por meio dos processos de ancoragem, apropriações e ressignificações como evidenciado por Ladilson: “não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes sociais que estão aí na descrição”.

Portanto, o discurso desse adolescente pareceu fazer parte daqueles processos que podem outorgar às representações um valor equiparado ao conceito de cultura. Este conceito ao longo dos anos tem sido objeto de discussão por pesquisadores de diversos campos do saber. Mas é sobretudo no século XVIII e a partir dos estudos do antropólogo inglês Taylor, Shultz e Doverspike (2005) que ganha primazia nos ambientes acadêmicos. Alguns

pesquisadores o concebem como a maneira de representar o mundo e de entendê-lo (Lévi-Strauss, 1976; Hall, 1997; Geertz, 1989); outros como tudo aquilo que o homem produz com o intuito de atingir seus objetivos, seja material ou não (Marx, 1984); outros ainda como um sistema de práticas mediadas pelas relações que se estabelecem dentro de uma sociedade, abarcando aquelas entre indivíduos e também entre indivíduos e instituições. (Bourdieu, 1983).

No contexto dessa pesquisa os adolescentes relataram que alguns consumiam as drogas “para fugir das suas realidades”; [...] os adolescentes vivem mal, em condições péssimas e para tentarem se livrar e esquecerem dessa realidade eles consomem as drogas com incentivo”. Neste sentido, cultura resultaria das interações entre os indivíduos de cada sociedade. E poderia ser definido como modo de “ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura”. (Laraia, 2002, p. 68). E então a cultura seria como uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade. Ela determinaria como nos vestimos, o que é considerado adequado ou não em uma sociedade e como nos comportamos em relação aos demais.

Por fim, nossas ações seriam mediadas por aquilo que percebemos e recebemos através da socialização. Estamos, portanto, atribuindo uma nova forma de entender e descrever o conceito de cultural. Mais do que relacionada à erudição, ao letramento, ela passa a corresponder à um conjunto de significados atribuídos e compartilhados por uma comunidade. A sua razão de ser está no consumo não mercantil, na utilidade prazerosa e produtiva dos objetos que cria, não em sua originalidade ou no lucro que resulte da venda. Em suma, o “seu valor supremo é a representação e a satisfação solidária de desejos coletivos” (Canclini, 1984, p. 49) dos sujeitos.

Portanto, a partir dos resultados obtidos das entrevistas e das discussões dos Focus Group, com os oitenta (80) adolescentes, que participaram da coleta de dados, no que tange aos usos e apropriações sócio técnica tecnológica cultural e interacional construímos o gráfico que em termos representativos demonstramos abaixo:

**Gráfico 29: Usos e apropriações sociotécnicas tecnológicas, culturais e interacionais<sup>29</sup>**



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir deste gráfico, longe de adotarmos mecanismos metodológicos que definam o conceito de agressividade e de violência, o nosso objetivo foi observacionalmente perseguir, em meio aos relatos dos adolescentes e os vídeos, os fluxos sociais e os âmbitos dos desdobramentos sócio técnico e tecnológico nas práticas comunicacionais (Fausto Neto, 2006) na sociedade angolana. Ou seja, isso não é mais do que fazer uma marcha inversa que dê lugar à uma demanda de algo que podemos chamar de choque interacional e cultural na ambiência midiática.

Estamos acreditando na possibilidade da existência de um espraiamento de desdobramentos sistemáticos, oriundos dos dispositivos interacional de referência no processo informativo-comunicacionais que, em uma velocidade e qualidades ímpar com o advento da Internet em Angola, interliga os campos e as práticas sociais. Não duvidamos que seja graças à esta interligação que Castells (1998) desenvolve a sua teoria sobre a “sociedade de fluxos” ou “sociedade da informação” como relataram os adolescentes em seus discursos.

O autor observa como objetivo da sua teoria a redução de custo e aumento de lucros da Indústria Cultural, enquanto fornecedora do substrato material para o processo de globalização econômica, política e cultural. E, nas interfases com este autor, passamos a entender este processo como a produção, circulação e consumo de bens e serviços que nas interfaces sustenta as engrenagens hegemônicas da cultura midiática.

Autores como Giddens (2002), Fausto Neto (2006) e Sodré (2002), situam a gênese da Cultura Midiática, naquele momento em que a sociedade dos meios (Martín-Barbero, 1987), transportadora de novos sentidos e significados, emigra para a sociedade midiaticizada. Relendo estes autores, podemos definir a Cultura Midiática como o produto regular e sempre renovado de um sistema midiático-cultural, cujos principais agentes são os conglomerados midiáticos.

Estes agentes têm como objetivo provocar e sustentar a sofisticação tecnológica a serviço da reprodução do mesmo, da “banalidade sintética, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle” (Baudrillard, 2001) social.

Na ambiência da Cultura Midiática não há apenas a conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências, difundidos por meio da mídia, mas existem múltiplas afetações, representações, assimilações, imitações, apropriações; ressignificações; recriações e a retroalimentação fluxológica e discursiva dos mesmos bens culturais.

Por conseguinte, o gráfico por nós construído, em uma visão estrutural interna, sócio técnica e tecnológica nos faz perceber indicativos científicos que reflitam algo como que, traços da vida cotidiana dos adolescentes angolanos. Sem a pretensão generalista estes indicativos ajudam a sustentar um discurso que talvez mergulhe os adolescentes angolanos numa processualidade social ampla, complexa, de virtualização e telerrealização, cujos desdobramentos podem desembocar no conjunto das transformações bios-midiáticas”. (Sodré, 2002; Gomes, 2017). Já na visão de Berger e Luckmann (1987) este conjunto metaforicamente falando, constitui toda uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido, na medida em que forma um mundo coerente. E como tal, envolve os processos simbólicos e metafóricos de interpretação da realidade social e dos sentidos que subjetivamente os indivíduos podem atribuir à esta realidade social. Ou seja, trata-se de processos de significações referentes a diferentes realidades, mas, relacionadas à interpretação dos agentes sociais.

Portando, inferimos que pensar na mediação da cultura e na Cultura Midiática em Angola significa desprender-se da ideia paradigmática das teorias da comunicação tradicionais, segundo as quais, os processos de evolução tecnológica rumo à convergência dos meios de comunicação resultaria em uma homogeneização da sociedade. Portanto, a nosso ver, não se trata aqui de uma homogeneização da sociedade, dos gostos e dos padrões em Angola, mas sim de instaurações de processos de embates sócio técnico tecnológico e interacionais cujos desdobramentos inscrevem os sujeitos na esfera da Cultura Midiática.

### **3.1.1 A conglomeração dos sujeitos em torno das Redes Sociais em Angola**

No âmbito da mediação e dos processos sociais, falar das comunidades virtuais equivale a aludir a configuração das novas estratégias adotadas pelas instituições e grupos midiáticos, nas disputas pelo mercado e pela rentabilização, no âmbito global, do capital econômico e financeiro. Na visão de Ianni (1997, p. 115-116), “a globalização do capitalismo

deve ser vista como um vasto e complexo processo, que se concretiza em diferentes níveis e múltiplas situações” que interagem entre si, rompendo as barreiras entre “o local, o nacional, o regional e o mundial”. O autor ainda aponta o surgimento de “novas realidades, exigindo a reestruturação dos subsistemas econômicos nacionais, em conformidade com as capacidades destes, com as possibilidades da regionalização e com as potencialidades da globalização”. Assim, como podemos observar nos indícios do institucional “Movicel Geração M” (out., 2013), as instituições mantenedoras do capital econômico estendem e aplicam as suas estruturas comerciais visando a expansão do mercado de consumo dos seus produtos e serviços.

Para o efeito, tanto instituições do poder público quanto privado organizam-se e investem na modernização e nas novas tecnologias, incorporando em suas práticas comerciais as lógicas midiáticas, visando a criação de expectativas credíveis junto da sociedade angolana como observamos no “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (abr., 2016) representado o setor privado e ou dos atores sociais. Paulatinamente a sociedade angolana vai se configurando em uma sociedade onde podemos perceber a existência de um público que, reage positivamente ao mercado e ocorre a desterritorialização dos fluxos mercadológicos. Todavia, ocorre em Angola, reações e fenômenos entre os sujeitos consumidores, não previsto pelas instituições canônicas, haja vista que na comunicação em redes e sobretudo, na ambiência da midiatização, os consumidores assumem uma postura totalidade acrítica que absorve os produtos midiáticos “como uma esponja absorve a água”. (Thompson, 2008, p. 31). Ocorre o que Braga (2011a) define como fluxo adiante ou os contra fluxos mercadológicos.

Visando a observação in loco, desta constatação, após a pesquisa de campo os dados recolhidos, chamam-nos a atenção pelo fato de que, sem minimizar os outros DM (Computador, Notebook, Rádio, Jornal), todos os oitenta (80) adolescentes submetidos à entrevista de aplicação coletiva informaram que os seus pais usam tanto a TV quanto os Smartphones, conforme aparece referenciado no gráfico 11. Porém quanto ao acesso a Internet, os dados apontam que (40%) quarenta por cento dos adolescentes acessam a Internet por meio dos Smartphone e (35%) trinta por cento, através dos Computadores.

Perguntado sobre os motivos que levam os adolescentes a usarem a Internet os resultados apontam diversificadas razões destacando-se as interações com os amigos através das redes sociais (Facebook, WhatSapp, YouTube, Instagram) e também como uma das ferramentas de pesquisa. No que concerne ao tempo de uso da Internet, em temos percentuais número dos adolescentes que ficavam navegando por mais de (4) quatro horas atinge (43%) seguido pelos que ficam até uma (1) hora com (30%) por cento e por último aparecem (27%)

por cento dos de duas (2) a três (3) horas por dia, respectivamente como também podemos observar no gráfico 18. Objetivando observar e perceber como a sociedade angolana está interagindo com a Cultura da Comunicação em rede por meio da Internet interrogamos os (80) oitenta adolescentes. Após a recolha dos dados os resultados presentes no gráfico 19 revelam a existência de uma sociedade eminentemente conectada nas redes sociais com maior preponderância o Facebook (31%) trinta e um por cento, seguida do WhatsApp (30%) por cento. O Youtube e Intagram aparecem empatados com (19%) por cento respectivamente.

Atendo-nos aos dados coletados percebemos em Angola como que a configuração de uma sociedade em intenso processo de integração na esfera do consumo dos bens da Indústria nas novas tecnologias de Informação por um lado. Por outro, este processo forçou-nos quer quiséssemos quer não a enfrentar dos vastos e complexos níveis de conglomerados nas redes sociais e das comunidades virtuais, sobretudo, quando nos deparamos com o jingle do institucional Geração M: “Se és da Geração M – se não vives sem Facebook, Instagram, Youtube e toda a internet – este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”! Entretanto, o problema que levantamos foi: será que a sociedade angolana está preparada suficientemente para enfrentar, superar os desafios inerentes e ou, advindas destes complexos níveis de conglomerados das redes sociais? Para responder à pergunta buscamos abordagens teóricas sobre a temática em Angola.

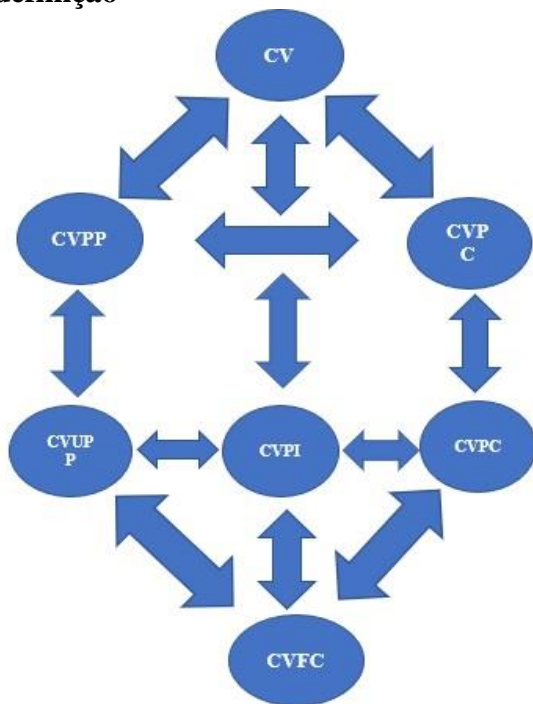
Porém, encontramos uma certa dificuldade que nos levou a fazer uma apropriação dos vídeos em circulação nas redes sociais, cujos conteúdos descrevemos nos segunda parte desta tese. Como sustentação teórica convocar autores como Wasserman e Faust (1994), Rheingold (1996), Wenger (1998), Illera (2007), Recuero (2009) e Coll, Bustos e Engel (2010). Segundo estes autores, as redes sociais envolvem atravessamentos e feixes de relações que nos permite estabelecer uma relação com os “esquemas congênitos” defendidos por Freud (1918/1988, p. 108) que, usando metáforas, ordenariam as impressões vitais nas sociedades em midiatização. Desta forma, os conteúdos em circulação nas redes sociais constituiriam o núcleo do inconsciente e obrigariam como afirma Maldavsky (1986), o instinto ordenar o sistema representacional e a manifesta-se através de duas verdades: pulsional e sensorial. Na ambiência dialética e interacional com estes conteúdos, as fantasias primordiais se transformariam em esquemas formais de vivências e conteúdos para as pulsões como aparece no institucional “Geração M”:

Eu sou da Geração M, do Facebook, do Youtube, da internet”. “Eu sou da geração Smartphone, sou de uma geração que promete; eu sou da geração

Instagram, da sociedade de informação; eu sou da geração que mexeu com o mundo na palma da mão; eu sou da geração sempre on, de a vida é vivida ao segundo; eu sou da geração que cresceu com a qual aberto ao mundo; eu sou da geração do futuro, aquela que vai além; eu sou da geração que vai longe; eu sou da geração M.

Porém, deduzimos que esse relato não se configura como a instauração do processo de causa e efeito porque cada uma delas das frases, como afirma Aulagnier (1975, p. 26) impõe uma “estrutural relacional que lhe é própria aos elementos que representa, lei segundo a qual funciona a psique”. Percebemos ainda, nos relatos dos adolescentes, a existência de atravessamentos e interações discursivas entre campos e práticas sociais tanto de produção quanto de consumo dos bens da cultura midiática, tais como: “então, filmei com o meu celular para mais tarde assistir em minha casa”; “tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos”; “estes são da hora, por isso vão para a coleção”. Nesta ordem de ideias a representação social compreenderia às estruturas e esquemas de matriz complexa e de múltiplas afetações e passaríamos a concordar com Freud (1911/1988, p. 226) quando diz que “o processo do pensar se constitui desde o representar”. A partir do parecer destes autores construímos o diagrama abaixo como metáfora de um processo interacional complexo cuja dinâmica oferece uma difícil definição como sugerimos no esquema diagramático abaixo.

**Figura 4: Esquema do diagrama<sup>30</sup> dos processos interacionais midiáticos de difícil definição**



Fonte: elaborado pelo autor.

Com a construção deste diagrama objetivamos a instaurar um processo interpretativo das dinâmicas complexas das redes sociais e das possíveis inter-relações entre os sujeitos, sob a perspectiva das RS em Angola. Em meio a esta complexidade, parafraseando Hiltz e Wellman (1997), Illera (2007) Coll, Bustos e Engel (2010), definimos as redes sociais como sendo as comunidades de redes de laços interpessoais que possibilitam a sociabilidade, apoio, integração e identidade social, entre outros aspetos.

Neste sentido, elas passam a ser grupos de pessoas com características ou interesses comuns que compartilham objetivos específicos e dividem um espaço geográfico. Portanto participar de uma comunidade virtual é um ato de geração mútua de autonomia. Um meio pelo qual os indivíduos, pelos usos dos DM, expressam as suas identidades, trocam experiências, compartilham-nas e as reconstruídas por meio de um processo colaborativo em redes virtuais. Graças a este processo colaborativo, surgem, segundo Rheingold (1996, p. 18) as chamadas comunidades virtuais, compreendendo os agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate o levam a diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações sociais no ciberespaço”. E então eis que surgem as comunidades virtuais cujo objetivo principal é conquistar novos amigos, compartilhar informações e possibilitar a vivência de novas experiências nas redes sociais. Porém, é preciso frisar que entre comunidades virtuais e redes sociais existe diferença, não em termos dos atores sociais, mas sim nos elementos de conexão, segundo Recuero (2009). As redes sociais são mais fluidas que as comunidades virtuais que necessitam da predominância de interações cooperativas, para gerar e manter sua estrutura de comunidade.

Esta diferença, no âmbito da circulação midiática, talvez possa constituir, por sua vez, comunidades outras que invisivelmente estejam nas bordas das redes sociais (Fausto Neto, 2010). E, levando em consideração os contratos e as interações dos “eus” (atores sociais) nos diferentes campos e esferas, por meio das lógicas midiáticas nas redes sociais, torna-se possível não só a circulação do capital financeiro e econômico via redes sociais, mas também os deslocamentos dos atores de uma esfera para outra e vice-versa (esfera de produção / esfera de consumo). Dessa forma definiremos a rede social como um conjunto de dois elementos: atores sociais (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman & Faust, 1994; Hiltz & Wellman, 1997) tendo em vista a comunicação. Parafraseando Duarte e Aires (2008), isso elabora um diagrama de uma engenharia estrutural predominantemente dinâmica, autogerativa e de alta complexidade, que necessariamente deve envolver uma linguagem sócio-técnica-tecnológica, cultural e simbólica, prenhe de relações de poder e geradora de um produto tipologicamente morfológica e imaterial. Sob



angulações dos agendamentos dos fluxos, dos contra-fluxos midiáticos e a partir de leitura ainda incipiente, podemos perceber alterações na forma de conceber e conceituar uma comunidade. Essas alterações ocorrem justamente porque os atores sociais de uma comunidade local sofrem influências dos fluxos globais do mercado dos produtos, das novas TICs que os impõem uma situação dialética: (P/R<sup>31</sup>).

No ambiente virtual esta integração no fluxo global de P/R talvez nos outorgue uma percepção do conceito de consumo cuja natureza seja de uma esfera imaterial. Por esse véis, compartilhando da posição de Canclini (2003), entendemos a globalização como fluxos que transitam por uma relação dinâmica entre o local e o global através das redes sociais. Nesse sentido, discussões a respeito da globalização e todos os fenômenos que lhe são inerentes devem perpassar pela análise das práticas dos agentes locais. Portanto, parafraseando autores como Braga (2012a) e Fausto Neto (2007), a globalização seria então resultado de múltiplos embates, movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, que implicam diversas conexões locais-globais de ordem social mercadológica. Ou seja, as práticas comerciais, frutos dos fluxos interacionais entre diversos “eus” (Comunidade Virtual de Produção / Comunidade Virtual de Consumo), pelas políticas de extensão e integração na sociedade de consumo local e global, realoja e delimita o território e a postura dos sujeitos no mercado. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que essas políticas, promulgadas por instituições comerciais que orquestram os fluxos e distribuição por todo o globo a cultura de consumo dos produtos, elas também podem ser utilizadas pelos atores sociais (comunidade virtual de consumo), como em um contraponto para retroalimentar os fluxos cujos efeitos e consequências são canhestras e diversas. (Braga, 2012a). Os atores sociais mergulhados nessa ambiência, podem orientar-se com base em referências globais, fruto das TIC's (Castells, 1999), para mudar a forma da organização social (Giddens, 1991) e das relações de poder político e econômico, ou assumirem posturas e comportamentos antissociais (Sodré, 2002). Portanto, a retroalimentação dos fluxos na ambiência da cultura midiática pode visar tanto a solidificação da cultura global, como servir de movimentos de resistência para preservar as estruturas locais (Karababa & Ger, 2011) frente as influências externas. Esses movimentos podem ser signos ou metáforas de conflitos sociais, ou lutas pelo reconhecimento, defendidos por Honneth (2011, p. 24) como “uma oportunidade de consumação da liberdade de todos os sujeitos singulares na sociedade de consumo”.

Portanto, fugindo do determinismo e do neoliberalismo de Ohmae (1996), os fluxos e contra-fluxos globais do mercado de consumo dos produtos das novas TIC's, sejam aquelas metáforas de processos sócio-históricos e culturais nos quais podemos reconhecer

descontinuidades; onde as rupturas estruturais e práticas sociais quer globais, nacionais e quer locais, decorrentes da globalização sócio-técnica-tecnológicas descrevem e fazem emergir uma nova realidade social, histórica, política e econômica com relações multilaterais. Isso equivale a dizer: estamos enfrentando uma ambiência que forja nos indivíduos “um novo modo de ser no mundo”. (Gomes, 2016). Trata-se, por conseguinte, daquele ambiente que profeticamente se insurge como um novo modelo social marcado, segundo Castells (2001, p. 17) pela cultura de virtualidade real. Para ele esta cultura é construída a partir de “um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes”.

Mediante os fluxos e contra-fluxos, a cultura da virtualidade permite-nos convocar Weber (1987, p. 77). Segundo este a comunidade é o “resultado de ligações, emocionais ou tradicionais” de interesses voltadas para uma ação social e solidária. Luta pelos interesses comuns nos espaços de fluxos e contrafluxos contínuos, não só podem converter a comunidade virtual em um território de embates, conflitos sociais, como foi salientado pelos autores já referenciados, como também ser um espaço de aprendizagem. Pois, se de um lado observamos as comunidades, a luta pela expansão e rentabilidade do capital financeiro por parte das empresas ligadas às novas TICs, a luta pelo reconhecimento na esfera de consumo dos produtos da indústria cultural tecnológica, por outro lado, é possível associar as comunidades virtuais à uma instituição de aprendizagem. E para tanto, no estudo das práticas sociais dos indivíduos destas comunidades, a ênfase deve ser dada aos processos interacionais de interdisciplinaridade, que envolvam aspetos como: a construção do conhecimento e as práticas de aprendizagem; a aceitação crescente de enfoques, pressupostos e teorias psicológicas e psicoeducacionais que destacam a importância dos fatores contextuais, sociais, culturais, relacionais e colaborativos; ao acelerado desenvolvimento das TICs, assim como sua ubiquidade e sua incorporação progressiva em praticamente todos os âmbitos da vida cotidiana; e por último à preocupação pela transformação e qualificação dos sistemas educacionais e das escolas.

Esse ponto de vista, partindo do pressuposto de que as comunidades virtuais em que os indivíduos se unem em torno de um mesmo tema ou interesse, trabalham juntas para encontrar meios de resistência, de sustentabilidade, de reafirmação de suas identidades mediatizados pelos aparatos sócio-técnico-tecnológicos, semiolinguístico discursivos e interacionais. (Ferreira, 2006).

Para esse autor, o dispositivo consiste em uma rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, tais como: o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; e a relação entre discurso e a prática, as ideias e as ações, atitudes e comportamentos como para nós ficou claro nos relatos de um dos adolescentes:

*eu não consegui identificar e nem explicar qual foi a origem de toda aquela confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia; pelo que eu vi a luta mesmo foi pesada. Mas ao fim de tudo o adolescente mereceu”. Epa, pelo que eu pude ver aí houve uma rajada de chapadas que se estendeu até para quem não tinha nada a ver com a confusão; foi feia a violência. Agora o que me só não sei explicar porque tinha muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando com celulares. Vê se pode.*

O discurso desse adolescente assume-se como um dispositivo, um mecanismo de poder e de força com múltiplas dimensões em jogo, que podem ser de controle, de inclusão ou de exclusão. Pode ainda ser considerado como um amálgama que mistura o enunciável e o visível; palavras e as coisas; discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e formação não-discursiva.

Portanto, usando metáforas, tomamos as comunidades virtuais como dispositivos, máquinas concretas que com as relações que estabelecem e misturam, geram sentidos na sociedade. Os desdobramentos podem desencadear na configuração da sustentabilidade cultural, e na criação de novas identidades dos seus membros por meios dos usos e das práticas compartilhadas nas redes sociais. Portanto, no contexto da comunicação, por meio das redes sociais, as comunidades virtuais instauram um processo interacional entre a aprendizagem, a vida pessoal e a vida social. Ou seja, estamos nos aproximando de autores como Vygostky (1996) e Freire (1996), que destacam na ação pedagógica a importância da dimensão dos contextos sócio-históricos e culturais. E, portanto, um estudo acerca dos fenômenos sociais, que afetam os indivíduos em interação nas comunidades virtuais, parece ser impossível, sem o recurso à um dispositivo interacional triádico, priorize os sistemas das relações sociais. Este sistema não pode ser feito sem a valorização da ação dos sujeitos na sociedade, as ferramentas por eles utilizadas e as linguagens como instrumentos de expressão das suas subjetividades. Neste sentido, estudar as práticas sociais compartilhadas em redes sociais pode constituir uma ferramenta sobre os deferentes pontos de vista de mundo.

### 3.1.1.1 As práticas de compartilhamento como uma nova forma de representação do mundo na ambiência midiática

Segundo Lemos (2002) vivemos na era da geração sócio técnico tecnológica que, com certeza traz enormes transformações e alterações na relação espaço-temporal devido ao ambiente virtual, desenvolve novas práticas comunicacionais e estabelece novas formas interacionais entre os sujeitos. A perda em que a era nova era vai se globalizando diversas instituições encontram formas de explorar o mercado social que, feliz ou infelizmente, encontra grande aceitação, sobretudo, nas camadas populacionais mais jovens. Uma das estratégias usadas para a exploração e expansão deste mercado foi o surgimento do ciberespaço e a criação das Redes Sociais. Na visão de Wellman apud Recuero (2009, p. 93) o ciberespaço e as Redes Sociais surgem “como uma forma dominante de organização social. Como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas”, ao permitirem a interação social de forma espontânea, o compartilhamento de opiniões e a colaboração, desenvolvendo deste modo a inteligência coletiva. Parafraseando Lévy (1998), a ampliação deste espaço proporciona uma comunicação de todos para todos e o agrupamento de indivíduos por centros de interesses. Costa et al. (2003, p. 73), classifica as Redes Sociais como a “forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos, sem hierarquia”. Na horizontalidade não há a detenção do monopólio do poder comunicacional por um indivíduo e nem isolamento entre indivíduos. Aliás, a ausência da detenção deste monopólio e do isolamento não só mantém a estrutura da rede em si, como permite o aumento das competências sociais. Portanto, parafraseando Romanó (2003) percebemos a confirmação das práticas sociais dos usos da Internet. Ou seja, o desaparecimento do monopólio do poder comunicacional e do isolamento pode diminuir o receio da crítica, aumentar a autoconfiança, a autoestima e a integração no grupo. Pode fortalecer o sentimento de solidariedade e o respeito mútuo. Por estas angulações aproximando-nos de Lima Junior (2009, p. 97), definimos a Rede Social como a:

forma de comunicação mediada por computador com acesso à internet, que permite a criação, o compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente.

E, retomando o parecer de Castells (1999), as redes passam a configurar para nós nova organização social, cujas lógicas dependendo dos contextos e dos lugares dos sujeitos, podem modificar a operação e os resultados das produções, da experiência, do poder e da cultura. Por

outras palavras: estamos diante da quebra de paradigmas e assumindo uma nova postura diante da realidade e concordamos com Freire (1996) e Braga (2016), para quem a leitura do mundo é tão somente subjetiva.

Por meio da metáfora, das Redes Sociais os indivíduos conseguem compartilhar e colaborativamente trocar experiências das suas leituras e visões a cerca deste mundo. Neste sentido, apoiados em Buzzetto-More (2012, p. 64) concentramos o conceito de Redes Sociais na Internet em dois elementos fundamentais :os atores (os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) definidas como “aplicativos de computador que possibilitam um arranjo complexo de nós conectados (pessoas) através de ferramentas para armazenar e apresentar informação, bem como comunicar, conectar e interagir com outras pessoas”. Ou seja, trata-se de um serviço baseado na Web, cujo objetivo é:

construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema determinado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e (3) visualizar e percorrer suas listas de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. (Boyd & Ellison, 2007, p. 211).

Sob a perspectiva das RS, a definição destas autoras nos permite entabular um diálogo a partir dos perfis de relacionamentos nas Redes, criados pelos os adolescentes, observar as suas práticas, os conteúdos que compartilham; saber as redes de relacionamentos e os fluxos de acesso. Podemos inclusive, instaurar uma discussão epistemológica, sobre, por exemplo, o tema da RS da violência/agressividade entre os adolescentes, na ambiência da circulação midiática.

Para todos os efeitos no estudo do tema em questão, fazendo referência a Freitas (1997), podemos estabelecer um materialismo sócio-histórico-dialético entre Moscovici (2003) e Bakhtin (2010) como um novo olhar e na leitura de mundo. De acordo com Freitas, “o eu para Bakhtin, só existe numa relação com o outro. [...] suas próprias palavras são um resultado de incorporação de palavras alheias”. (Freitas, 1997, p. 09). Em uma mirada marxista e filosófica da Linguagem, Bakhtin e Voloshinov (2010, p. 117) destacam a importância do outro no processo da enunciação:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.

Uma vez que a enunciação é assumida como dispositivo interacional entre dois “eus”, situados de forma social, cultural e histórica, podemos concluir que a palavra (enunciado) sempre se dirige a um interlocutor. Para tanto a sua compreensão necessita de um território comum entre ele e o locutor. Ela vem de alguém e se dirigindo para alguém, constituindo o dialogismo. Assim sendo, entendemos que, tanto para Moscovici (2003) quanto para Bakhtin e Voloshinov (2010), o dialogismo tem a sua fundamentação nos contextos sócio histórico e culturais da linguagem. Ela é produzida e compreendida enquanto inserida dentro do contexto sócio cultural e históricos que no nosso caso são as cenas de violência e agressividade na Internet (YouTube).

Nos relatos dos adolescentes observamos os verbos “like” ou “curte”, “tenho um canal no YouTube”, “vai lá e curta”. Estas palavras podem representar diferentes significados. Estes significados tanto nos podem levar aos vídeos exibidos quanto às práticas dos adolescentes assim como outros conteúdos que os adolescentes consomem na Internet conforme os gostos, os interesses e os seus grupos sociais.

Portanto, cremos que assim como para Moscovici (2003) as RS são constituídas por conceitos perdidos, assim para Bakhtin (2010), toda palavra é impregnada de palavras de outros. Em uma ambiência polifônica e heteroglossia dialogizada os indivíduos representam o mundo a sua volta. Para Bakhtin:

Nosso discurso, isto é, todos os enunciados (inclusive obras citadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (Bakhtin, 2010, p. 294).

Na perspectiva de Moscovici (2003, p. 46) isto equivale a uma tentativa de “compreender e comunicar o já sabido”, instrumentalizá-lo, ressignificando-o dando-lhe novo sentido, através de sistemas de valores, ideias e práticas duplamente:

Estabelecer uma ordem que possibilite as pessoas orientarem-se em seu mundo material e social e controlá-los; possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (Moscovici, 2003, p. 21).

Moscovici (2003, p. 56) introduz o conceito familiar e não familiar, afirmando que “a presença real de algo ausente, a exatidão relativa de um objeto é o que caracteriza a não familiaridade”. Algo parece ser visível sem o ser: ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e, no entanto, ser inacessível. Consequentemente, o “não familiar atrai e intriga as

peças e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, alarma-as, obriga-as a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”. (Moscovici, 2003, p. 56).

Em midiaticização, estas hipóteses podem funcionar como uma espécie de manipulação do pensamento e da estruturação da realidade, tornando-se semelhantes aos métodos de controle comportamental e de propaganda, que exercem uma coerção forçada em todos àqueles a quem estão dirigidos. Porém, nos processos das representações “as coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário assume a realidade de algo visto e tangível”. (Moscovici, 2003, p. 61). Então, o não familiar se transforma em familiar, transferindo-o a esfera particular, onde se compara e se interpreta, reproduz em coisa visível, tocável e controlável. As RS acarretariam então duas consequências (Moscovici, 2003, p. 70):

exclui a ideia de pensamento ou percepção que não possua a ancoragem, pois “todo o sistema de classificações e relações entre sistemas pressupõe uma posição específica, um ponto de vista baseado no consenso. Os sistemas de classificação e de nomeação não são, simplesmente, meios de graduar e de rotular pessoas ou objetos considerados como entidades discretas. Estes sistemas classificatórios visam “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade e formar opiniões.

Neste caso, as representações passam a assemelhar-se àquelas teorias ordenadas ao redor de “uma série de proposições que possibilitam a classificação, descrição das características dos objetos e a explicação dos sentimentos e ações objetivados dos sujeitos”. (Moscovici, 2003, p. 209-210). E, objetivar significará descobrir a qualidade icônica de uma ideia, imagem ou conceito produzido por alguém; comparar uma ideia com a outra, representar algo como enchê-lo de conteúdo. Isto significa construir a subjetividade do indivíduo já que as representações “são partilhadas, penetram e influenciam a mente subjetivamente [...], não são pensadas por eles [...], elas são repensadas, recitadas e representadas”. (Moscovici, 2003, p. 37).

Jodelet (1992, p. 377), supõe uma base de representação partilhada coletivamente como afirma um dos adolescentes: “eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube”. Por aqui entendemos que o indivíduo realiza a integração cognitiva do objeto representado, que possibilita a significação, ressignificação e a construção de “novos elementos numa rede de categorias e significados mais familiares”, via processo de ancoragem através dos usos e das práticas sociais. Todavia, este processo intervém nas relações simbólicas existentes nos conglomerados e das práticas de compartilhamentos nas Redes Sociais. Por essas angulações concordando com Doise (1992, p.

189), chegamos a conclusão de que o processo das relações simbólicas de representação do objeto ocorre através de três modalidades:

ancoragem do tipo psicológico que diz respeito às crenças ou valores gerais que podem organizar as relações simbólicas com o outro; ancoragem do tipo psicossociológico que inscreve os conteúdos das representações sociais na maneira como os indivíduos se situam simbolicamente nas relações sociais e nas divisões posicionais e categoriais próprias a um campo social definido; ancoragem do tipo sociológico que se refere à maneira como as relações simbólicas entre grupos intervêm na apropriação do objeto.

Os sujeitos interagem com os objetos pela ancoragem e enfrentam “zonas de interpenetração e contato” (Fausto Neto, 2010; Luhmann, 2005) de alta complexidade no ato representacional da realidade social. Por estas angulações o significado passa a não ser inerente aos objetos, mas é construído e produzido. Ele é como que o resultado de uma prática significativa, por meio de qual os objetos adquirirem sentido. Ou seja, estamos reconhecendo o caráter público e sócio histórico da representação que, estabelecendo uma interação com autores de cunho sócio histórico cultural tais como Berger e Luckmann (1987) e Hall (1997) nos fazem inferir que o homem possua uma natureza social, uma vez que nasce em um ambiente carregado de valores culturais que são simbolicamente compartilhados na ambiência da mediação.

Portanto, metaforicamente falando, tudo indica que para estes autores tanto o conceito de objeto quanto o de sujeito passam a ser construídos através do sistema representacional dos signos. Por este viés o conceito de identidades dos sujeitos possa escrever-se, igualmente por meio de uma dinâmica interacional e como afirma Vera França (2004, p. 12), seja concebida como uma noção móvel e multifacetada e que também se realiza na ordem das representações. Segundo a autora “é preciso buscá-las nas práticas comunicativas, na arena móvel de enunciações”. (França, 2004, p. 12).

Estas arenas de enunciações, no contexto angolano são constituídas pelos relatos de Ladilson Manuel como ficou claro no seu vídeo: “Primerio Dailly vkg# 1”. Nesse vídeo o adolescente, em um tom de famoso jornalista, coloca-se no rol das instituições de mídia canônica. Em meio a uma sociedade iminentemente corrupta, desigual e que aos poucos vem adotando uma política capitalista, inscreve o tanto o seu discurso quanto a sua prática na sociedade de produção e consumo dos bens da indústria da cultura midiática, dizendo:

*Ya, filmamos só para saber. De graça de graça foi adiado infelizmente por motivos técnicos. Mas, eh... fiquem atentos ao canal. Eu tenho que ir embora. Então, se gostaria deste vídeo e querem ver mais vezes comentem aqui embaixo.*



*Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes sociais que estão aí na descrição. Por agora é tudo. Fu, fu, fu, fuiii. Fala que foste por mim! Laton: Fuiiiii.*

Na mesma direção estão os relatos de alguns dos oitenta (80) adolescentes, retirado das discussões do Focus Group. Interrogado sobre o porquê ele tinha capturado as imagens com o seu Smartphone, um dos adolescentes respondeu: *“filmei este vídeo para colocar na minha página do Youtube”*; ou outro disse: *“filmei para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do Youtube”*; o terceiro afirmou: *“tenho um canal no Youtube onde eu posto os meus vídeos”*; *“Quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”*.

Atendo-nos aos relatos destes adolescentes percebemos dentre tantas significações discursivas uma tentativa de busca de reconhecimento na esfera sócio política e econômica do país e, conseqüentemente novas pistas abertas à diversas epistemologias. Portanto, sugere-nos a leitura de outro lado que nos faz inferir, em volto à uma sociedade de consumo da cultura móvel, a incursão de algo novo comparável ao que ocorre nas lutas pela demarcação de um território simbólico, disputas pelos diferentes espaços de falas. (Lemos, 2008; 2009). Todavia, estas palavras na ambiência da midiatização não são antagônicas e mais, nos espaços virtuais elas estão prenes de cumplicidades e cruzamentos.

Por estas duas angulações, tudo indica que por detrás dos relatos destes adolescentes há uma tentativa de construir a identidade nos espaços virtuais. Aqui, fazendo um rebusco trazemos fizemos menção ao conteúdo do institucional da Movicel: “Geração M” que convida as novas gerações a fazer o autorretrato de si mesmo na ambiência do mundo digital. Este convite autor retrátil, não seria nada mais nada menos do que a busca do reconhecimento e identificação (Canclini, 1999; Hall, 2003) através do consumo da cultural midiática através dos Dispositivos Midiáticos (Ferreira, 2007; Braga, 2012a): *“se és da Geração M - se não vives sem Facebook, Instagram, YouTube e toda a Internet - este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme”!*

O uso dos DM e consumo dos produtos e os serviços da Internet, nas plataformas “Facebook, Instagram, YouTube”, invoca a existência de um processo construção em redes comunicacionais (discursos e práticas) de uma identidade móvel e flutuante que os adolescentes estabelecem em interação com a nova cultura. Essa nova cultura expressa-se através da convergência midiática na visão de Jenkins (2008), da sociedade da informação e em redes para Castells (2009; 2010) e ou da sociedade dos meios como extensão do homem de McLuhan (1998). Seguindo em direção a perspectiva de Sodré (2002) e de Fausto Neto (2007) essa nova cultura fez-nos pensar naquela ambiência criada pelos processos sociais da

mediatização onde os sujeitos, independentemente dos lugares que ocupam (Foucault, 1999; Maldavisk, 1977) vão construindo flutuantes identidades.

No contexto dessa pesquisa a construção dessas novas identidades foi concebida a partir do convite aos adolescentes e não só, mas a toda a sociedade angolana através da trilha sonora:

*Eu sou da geração M, do Facebook, do YouTube, da internet. Eu sou da geração Smartphone, sou de uma geração que promete; eu sou da geração Instagram, da sociedade de informação; eu sou da geração que mexeu com o mundo na palma da mão; eu sou da geração sempre on, de a vida é vivida ao segundo; eu sou da geração que cresceu com a qual aberto ao mundo; eu sou da geração do futuro, aquela que vai além; eu sou da geração que vai longe; eu sou da geração M.*

Essa trilha sonora constitui-se como uma a enunciação discursiva para o consumo da cultura midiática, fazendo flutuar o conceito de identidade. Ou seja, a nova cultura rompe com as três divisões do conceito de identidade formuladas por Hall (2000). Os consumidores dessa nova cultura são ao mesmo tempo sujeitos do iluminismo, sujeitos sociológico e sujeitos pós-moderno. A sua identidade ganha uma “celebração móvel” e “volátil” (Hall, 2000, p. 13), formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Em suma ela é situacional. E por ser situacional ela está na mão e no mundo. Ao mesmo tempo é zero e cem, completo e incompleto. Torna-se interessante neste sentido a preferência que Hall (2000, p. 112) que situa o conceito de identidade como estratégico, posicional, representacional e por isso mesmo simbólico.

As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso [...]. Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações.

Neste caso passamos a conceber a representação como uma construção simbólica e intersubjetiva que pode auxiliar os sujeitos a compreenderem o contexto em que vivem. Parafraseando Fausto Neto (2008) e Braga (2012a) esta compreensão apenas se torna possível, graças aos contratos e negociações que estes sujeitos estabelecem com o mundo dos objetos quer sejam subjetivos quer intersubjetivos ou sociais através dos signos que os representam.

Portanto, dependendo dos contextos sócio histórico culturais, pelo uso da linguagem e das práticas discursivas (relatos e ações) midiáticas eles podem construir as suas identidades e reafirmam seus pertencimentos como relatam os adolescentes em conflitos de buscas de reafirmação social no vídeo “Daily Vlog” do “Proibido Ver” de Ladilson: *“não liguem o meu bairro tem bwé de água [...]. Não mostre isso [...] não! Isso é só um improviso. Editamos [...]. Esse bairro não é nosso. Só estamos a passar. É mentira!” [...]* *“Não mostre isso. Xé não mostre isso. Pocha. Não mostre este mambo”*. [...] *“vou mostrar o que é se é isso que tem”*.

A partir desses relatos concluímos que, sob os holofotes da midiatização, as identidades talvez tenham a ver com as questões da utilização dos recursos sócio históricos da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual “nos queremos tornar”. Isto equivale a perguntar sobre o “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (Hall, 2000, p. 108) na ambiência dos fluxos midiáticos? As respostas à estas interrogações podem ofertar narrativas sobre os sentidos que conferimos ao mundo, a nossa inserção neste mundo e o nosso lugar psíquico. Neste sentido, os processos midiáticos podem constituir-se em narrativas simbólicas capazes de orientar as formulações subjetivas e intersubjetivas acerca das representações e identidades. ou usando metáforas elas convertem-se como afirma França (2006, p. 43) em janelas para o mundo:

A janela mostra e esconde, incorpora o dentro e o fora. Ela entra e transforma nossa intimidade doméstica; ela abre para fora e nos dá acesso ao mundo exterior. Mas não é exatamente ‘o mundo’ que passa em frente de uma janela – é a rua, a hibridação confusa e perigosamente instável das ruas.

Os processos midiáticos obrigam-nos a tomar medidas cautelares, pois pelo que tudo indica que os objetos em circulação não são em si realidades referenciadas. Elas são e envolvem elementos visuais, auditivos e verbalmente de construção simbólica e social. Ou seja, são frutos de “uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo [...] que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. (Halbwachs, 1990, p. 81-82).

Nesta perspectiva, usando metáforas, manter o que está vivo ou pode viver na consciência do grupo que as mantém, abre-nos uma luz no fundo do túnel que nos faz lembrar das imagens que em circulação no inconsciente dependendo dos contextos e dos lugares psíquicos<sup>32</sup>, ocupados pelos sujeitos (atores sociais) postulados por Freud (1901/1988) na sua Primeira: Tópica. Segundo o autor, os lugares psíquicos corresponderiam as três instâncias do

aparelho psíquico nomeadamente “o inconsciente, o pré-consciente e o consciente” que, sob o ponto de vista dinâmico, estão em constante conflito de forças de desejos inconscientes. Se por um lado elas lutam para ser manifestas emergindo no campo consciente. Por outro lado, existem forças que lutam contra para não satisfação desses desejos e os mantem recalcado no inconsciente. Nos anos posteriores Freud (1915b/1988) ao reformular a teoria do aparelho psíquico, postula a Segunda Tópica categorizando as três instâncias (lugares psíquicos) em Id, Ego e Superego.

Kusnezoff (1982, p. 127-129), relendo as duas Tópicas postuladas por Freud chega à conclusão de que a Segunda Tópica não anula a Primeira. Mas percebe um território de atravessamentos, de embates e disputas indetermináveis e infínitos, onde as instâncias Cs, Pcs e Ics, corresponderiam aos atributos e as qualidades; Ego passaria a integrar o Consciente, Pré-consciente e Inconsciente; o Superego assumiria a função de uma pequena parte Pré-Consciente, e o resto se constituiria o Inconsciente; por sua vez, o Id ocuparia todo o Inconsciente.

A leitura de Kusnezoff (1982), sob o ponto de vista dos Dispositivos Midiáticos, oferta-nos uma possibilidade de percebemos na Segunda Tópica freudiana a postulação de um novo sistema que dá ao aparelho psíquico um aspecto antropomórfico interacional. Em termos analógicos, a teoria do aparelho psíquico e os fenômenos sociais que envolvem a vida dos sujeitos, o novo sistema com as suas múltiplas afetações e disputas entre as três instâncias, pode constituir uma grande valia.

Na ambiência da mediação, o superego e o Pré-Consciente funcionariam como o dispositivo "sádico" interacional, orquestradora das disputas e das lutas pela busca do reconhecimento nas esferas sociais e permitiriam o fluxo adiante. Assim, por meio da interpretação simbólica e representação social, os objetos corresponderiam as imagens (objetos = produtos) que, em circulação nas redes sociais, podem ser tomadas como marcos e indícios que permitem fazer uma leitura sobre o mundo onde os sujeitos estão mergulhados. Entretanto, como afirma Freire (1985) uma vez que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, não ignoramos a interpretação e representação deste o mundo (os objetos = produtos) em movimento para os sujeitos depende dos seus contextos. Portanto, a construção do conhecimento sobre o fenômeno social surge epistemologicamente da percepção crítica, da recepção, da interpretação simbólica e da representação social e o compartilhamento da palavra (objeto/produto = produzido/consumido pelos indivíduos (atores sociais). Isto vai de encontro à afirmação de Nasio (1993, p. 50) segundo a qual a interpretação e representação do inconsciente (objeto/produto) se revela em um ato que surpreende e ultrapassa a intenção

daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a sua verdade. O “dizer mais” (simbolização/representação) produz e faz com que o inconsciente (objeto/produto) exista e, para que o ato existencial se efetive é necessário a presença de um outro sujeito (interpretante) que o escute (Braga, 2012b), o reconheça e o descodifique. Para o efeito, no intuito de lutar pela busca do reconhecimento na esfera das práticas de produção, pensamos justificar-se o discurso do adolescente Adilson: “acompanhe um cochi (pouco) do que um gajo faz. Um gajo não é famoso, mas não faz nada de especial. Mas aquele bocado mesmo [...] se quiserem mais é só deixar aí em baixo [...]. Se gostaram do vídeo e não das pessoas que estão aqui também comentem para passa a lhes tirar dos vídeos. Yá?”.

Portanto, no relato deste adolescente percebemos a instauração de um discurso que se constitui como um dispositivo midiático de enunciação e interpelação das desigualdades sociais entre os países do primeiro mundo e do terceiro mundo. Nesse contexto, como exemplo dos países economicamente fortes o adolescente cita os Estados Unidos de América: “Acabei de receber agora uma mensagem do Obama. Ah. Obama perguntou qual é a ideia? Não vou responder”. Satiricamente, o adolescente autoidentifica-se como um personagem que apesar dos pesares está prenhe de capacidades para se inserir tanto no mercado de produção quanto os americanos. Mas que as políticas e ideologias capitalistas, as estruturas e os sistemas da corrupção generalizada nos países do terceiro mundo faz a vida cada vez mais cara e as pessoas cada vez mais pobres como transparece no discurso do adolescente Ladilsom: “*como vocês podem ver estou ocupado. Estou a gravar vídeo*”. [...] “*Se ele tiver Kuk (poder), me ligue. Porra. Ele que me ligue. Ele está comendo os impostos. Se eu lhe ligar vão me cobrar impostos*”. [...] “*deitar lixo é cumbú (dinheiro), luz é cumbú, banhar na praia é cumbú. Xé*”.

De uma forma metafórica podemos dizer que esse discurso, por um lado se constitui como a representação social de uma violência revoltante e absurda devido a existência de uma elite nacional e estrangeira detentora das rendas vidas da extração e da exploração de matérias primas. No contexto angolano essas matérias primas são sobretudo o petróleo, os diamantes, a importação e o comércio, a especulação imobiliária e a construção civil, mercado dominado pelas potências estrangeiras sobretudo pelos Estados Unidos de América em detrimento da maior parte da população angolana que vive na pobre e na miséria. Ainda no discurso do adolescente ficou mais do que evidente que a situação das disputas interacionais do mercado dessas matérias primas esvaziou o poder das autoridades governamentais na garantia dos direitos fundamentais. No discurso do adolescente inferimos como violação esses direitos a

falta e fraqueza de infraestrutura sanitária, habitacional e educativa; de saúde e de higiene pública, de distribuição de água potável, de eletricidade e de vários outros serviços essenciais em Angola. Portanto o discurso desse adolescente pode ser um dispositivo sóciopolítico e ideológico e a RS de luta pela busca de reconhecimento e a garantia das condições vida da população angolana.

### 3.1.1.2 Dos usos e apropriações dos DM às enunciações das subjetividades como busca de reconhecimento

Em meio a mutações paradigmáticas do conceito de mídia como dispositivo interacional de referência a pesquisadora Noelle-Neumann (apud Wolf, 2003, p. 138), ao abordar questões que se prendem às formas como aos indivíduos representam a realidade, inclui os dispositivos midiáticos no rol dos “processos pelos quais os indivíduos modificam as suas próprias representações da realidade social”. Por isso, nas interfaces dos processos midiáticos, diversos autores caracterizam a era contemporânea como medicêntrica e bio-mediática. (Braga, 2012a; Sodré, 2002; Faxina & Gomes, 2016). A partir da visão destes autores, podemos inferir que talvez a processualidade própria da intera o social, uma vez mediatizada, atravesse e redirecione não são os campos, mas também as demais práticas sociais, contribuindo para atualiza es do processo social e para a constru o da realidade.

Portanto, no âmbito RS e da mediatiza o ocorrem muta es que obrigam qualquer pesquisador a fazer uma revisita o empírica e teórica do conceito de dispositivo enquanto espaço de disputas e de lutas de reconhecimento, onde os sujeitos sofrem pressões existenciais nas esferas de consumo e de produ o. Ou seja, se por um lado eles são concebidos como consumidores, por outro são forçados a produzirem sob o ponto de vista da indústria capitalista. Se, parafraseando Berkeley (1685-1753), existir   ser percebido, na esfera do capitalismo existir   consumir e produzir ao mesmo tempo, como observamos nos vídeos “Movicel Gera o M” (out., 2013) e “PRIMEIRO DAILY VLOG #1” (abr., 2016). Em uma leitura de conjunto nestes vídeos   possível visualizar marcas que interagem com Hall (2005) e Kellner (2001) quanto às muta es e expressividades das subjetividades e constru o de novas identidades nas sociedades pós-modernas. Cada indivíduo luta pela sua inser o quer na esfera do consumo quer naquela de produ o. Nos relatos dos adolescentes que capturaram as cenas de violência: “professor, filmei estes vídeos porque tenho um canal no YouTube, vai lá e curta” e sobretudo no Primeiro Dailly vlog #1, “PROIBIDO VER” de Ladilson Manuel, percebemos a configura o da sociedade do “like” e do “Self” explicada na medida em que os indivíduos correspondem aos atores sociais cujas identidades segundo Vieira (2009, p. 39).

são moldadas pelas práticas, relações e narrativas comuns da sociedade em que estão imersos. [...] o self é construído por fins que ele não escolhe, mas que descobre em função de sua existência incorporada em contextos culturais compartilhados. Trata-se, portanto, de buscar desvendar os nexos existentes entre a experiência do reconhecimento [...] e a formação da identidade, apresentando duas formas interligadas do discurso do reconhecimento: a esfera íntima [...] e a esfera pública – e a interpretação de que a identidade se constitui num diálogo aberto.

Em suas práticas, tanto os relatos dos oitenta (80) adolescentes quanto no de Adilson, foram inseridos na esfera pública do consumo e da produção através de políticas e ideologias institucionais tais como, o vídeo “Movicel Geração M”. E por meio da interpretação dos signos dos usos e apropriações somos como que forçamos a buscar a sua visibilidade neste espaço público, forjando deste modo um novo tipo de identidade, no caso a virtual: “Quero adotar este novo estivo de vida para o meu canal. Acompanhe um cochi (pouco) do que um gajo faz. Um gajo não é famoso, mas faz nada de especial. Mas aquele bocado mesmo [...] se quiserem mais é só deixar aí em baixo [...]”.

Neste sentido, as interações dos adolescentes com a cultura midiática, ancorados em Martín-Barbero (2006, p. 54) faz-nos crer na existência de uma ambiência social que reconfigura e altera a realidade dos adolescentes em algo simbólico. Para Gomes (2017), este processo pode contribuir fortemente para “uma época de grandes mudanças”, sim, mas, corresponde “uma grande mudança de época”. Ou seja, a revolução tecnológica introduz nas sociedades não tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relações entre os processos simbólicos que, constituem o patrimônio cultural, bem como as formas de produção e distribuição dos bens e serviços. Trata-se de um modo de produzir, confusamente associado a um novo modo que os sujeitos usam para se comunicarem. Este novo modo transforma a produção do conhecimento em uma espécie de força hegemônica do capital econômico.

Neste sentido ter alguma noção sobre os discursos das subjetividades que, para Woodward (2007, p. 55), incluem “as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições”, tem a ver com o saber os lugares ocupados pelos sujeitos nas esferas sociais. Até porque, conforme este autor, “as posições que assumimos” e “com as quais nos identificamos constituem a nossa identidade” na sociedade. São estas posições que estabelece a limite divisório, por exemplo, nas esferas de produção e de consumo. Porém, não isoladamente, porque no contexto dos fluxos do capital da indústria cultural os indivíduos de ambas as esferas enfrentam zonas que se conflitam e, suas identidades, se afetam mutuamente. Por outras palavras há entre as duas esferas uma força intencional: a de devorar

a identidade e a recusa a ser devorado permitindo deste modo o fluxo e o contra fluxo contínuo, no âmbito das migrações, mobilidades, fluxos, interpenetrações e trocas simbólicas na cultura midiática, conforme o parecer de Bauman (2005).

Sob angulações estes autores, podemos afirmar que a essência da identidade talvez possa ser construída a partir dos vínculos que, não sendo mais instáveis, conectam conflitivamente as pessoas umas às outras, dando a cada uma a liberdade de escolher a identidade que queira. Indo além, Bauman (2005) é do parecer de que na modernidade líquida, aos indivíduos é garantido o direito de não só escolher, mas também de inventar a sua identidade, como observamos do relato do adolescente angolano: “quero adotar o meu estilo de vida”. Neste relato o adolescente nos sugere fazer um abandono deslocamento que torne ultrapassada e transforma o conceito de identidade cultural de Hall (2006, p. 09). Mais do que sustentar um discurso sobre identidade cultural, deve-se discursar-se sobre pluri-identidades culturais (Bauman, 2005, p. 08) que acaba gerando a ideia da “perda de sentido de si estável”. Para Bauman (2003, p. 78) isso ocorre porque, metaforicamente falando na “proximidade virtual sem nada mais que o apertar de um botão, o real pode ser encerrado num clique”. Portanto, sucede no ambiente virtual “a descentralização dos sujeitos” tanto em seus lugares de fala no mundo social quando de si mesmo, desencadeando “a crise de identidade” de (Hall, 2006, p. 09).

Neste sentido, podemos concluir que a crise de identidade encontra no fluxo da cultura midiática o seu agente constitutivo discursivo e ideológico cujo, campo de tessitura são as interações sociais e as relações que eles estabelecem com os objetos ou a realidade a sua volta, dentro de um contexto histórico e cultural. Por aqui a pesquisa transcende o campo da Psicologia e também da comunicação, na interdisciplinaridade, sugere-nos a convocação de autores que se debruçam sobre os processos da percepção e recepção no campo da linguagem.

Desta feita, na perspectiva de Orlandi (2004, p. 70) a materialidade discursiva dos fatos, deve-se a sua historicidade, uma vez que, “a história se inscreve na língua que esta significa”, e, ao se trabalhar com os sentidos inerentes ao discurso, constituir-se-á a noção de historicidade. Ou seja, podemos dizer que, na perspectiva discursiva, a noção de historicidade deriva da noção de história, sendo resultante da inscrição da história na língua. Segundo Orlandi (2004, p. 55), “as noções de história e de historicidade são distintas”, porém, considera que há uma “ligação entre a história lá fora e a historicidade do texto (a trama de sentidos nele), mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo”. Assim, o sujeito pela interpelação de sua ideologia-histórica pode, perceber e identificar os sentidos e por meio dos processos interpretativos os significa, atribuindo-lhe



novos sentidos. Ademais, segundo Pêcheux (1997), toda linguagem é formada pelo interdiscurso (memória, o já-dito) que resulta no intradiscurso (o já escrito).

Desta forma, o decido discurso sobre a violência na praça de alimentação do Bela Shopping de Talatona em Luanda, estava atravessado pelo do adolescente não conhecido que assaltou uma loja também não identificada e, conseqüentemente atingiu também pessoas não identificadas: “estavam perseguindo uma pessoa que roubou e daí começo toda a confusão até para quem não tinha nada a ver”. Ou seja, esse discurso pareceu-nos ir de encontro ao que Moscovici (2003) pontua como tornar familiar algo não familiar, o que nos leva a afirmar que, a relação entre o sujeito e a linguagem ganha corpo existencial em uma estrutura sócio histórico interacional. Ela é constituída na ilusão do sujeito de ser a fonte do que diz, quando, na verdade, ele retoma sentidos pré-existentes, por meio das interações e das RS que podemos representar através das categorias construídas a partir dos relatos dos adolescentes: “roubo; gangue; briga; morte; emprego; uso; arma de fogo, consumo; droga; corrupção”.

Porém, parafraseando Orlandi (2001; 2004), estes conceitos para terem sentido é preciso que eles tenham sentido anterior para alguém. Pois somente o sujeito percebe, capta, “entra” no sentido e não o inverso. Em resumo, as RS se baseiam nos discursos dos sujeitos já formulados e existentes histórica e culturalmente. Nessa mesma direção, Pêcheux (1997, p. 214) diz: Os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Essa interpelação supõe um desdobramento, que constitui o sujeito do discurso, de forma que um é o locutor, ou aquele a que se habituou chamar o “sujeito de enunciação”, na medida em que lhe é “atribuído o encargo pelos conteúdos colocados” – portanto, o sujeito que toma posição, com total conhecimento de causa, total responsabilidade, etc. - e o outro termo representa “o chamado sujeito universal, sujeito da ciência ou do que se pretende como tal”. Por exemplo, um dos adolescentes idealiza o sujeito universal e da ciência como sendo o departamento da segurança nacional para a instauração da ordem na sociedade angolana ao dizer:

*O departamento das FAAs, da Polícia e SINFO, tinham que deixar as armas no lugar de serviço e não nas casas dos militares e policiais. Isto porque muitos policiais e militares consomem álcool. E quando tu estás sob o efeito do álcool, podes fazer qualquer tipo de aposta. Posso vender o meu carro, que está lá em casa ou dar a minha alma para um meliante como aquele rapaz que comprou a arma por 10.000.00 Kz. Isto não pode acontecer. Então, arma fica no lugar de serviço já que o País não está mais em guerra. Fica melhor assim, só se usa a arma fora da unidade policial ou militar quando vão fazer uma busca e apreensão. A arma na casa do policial não. Porque um dia pode matar o vizinho*

*por abuso de autoridade como as vezes a gente vê por aí. Só porque é policial ele não vai cumprir prisão.*

Portanto, este sujeito da ciência, sob o ponto de vista da circulação midiática dos bens da indústria cultural, pode configurar-se em produto de consumo. Importa-nos observar que, na ambiência da circulação midiática ocorre um processo de desdobramento que segundo Pêcheux (1997) e Fausto Neto (2008), corresponde, efetivamente, à relação, entre o discurso ‘pré-construído’ (interpelação ideológica) e articulação ou ‘efeito-transverso’ (interdiscurso que determina a dominação da forma-sujeito). Além do mais o sujeito ao pronunciar um enunciado e ao colocá-lo no fluxo adiante (Braga, 2012b) precisam tomar consciência de sua incontrollabilidade. Pois, conforme Cazarin (1997), “um mesmo enunciado pode produzir efeitos de sentidos diversos conforme as condições sócio histórico culturais de sua enunciação” e dos enunciadores.

Desta forma, vemos que, parafraseando Pêcheux (2003), os nossos discursos passam a ser sujeitos a equívocos interpretativos necessários para constituição da língua. Eles se tornam capazes de deslocamento, deslizes dizendo que todo o enunciado seja intrinsecamente suscetível de tornar-se outro diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro, oferecendo cedendo lugar à várias interpretações, na ambiência da midiáticação todo o enunciado se torna polissêmico e de múltiplas vozes. (Gomes, 2016; Fausto Neto, 2011).

Portanto insurge-se aqui uma cadeia pertinente e observacional de ‘efeitos paradoxais’ induzidos por essas práticas na forma-sujeito, enquanto relação de desdobramento entre ‘sujeito da enunciação’ e ‘sujeito-universal’ na ambiência da midiáticação. Esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades de alcances canhestras (Braga, 2012a), duas das quais são evidentes: a primeira diz respeito à superposição entre ‘sujeito da enunciação’ (enunciar/produtor) e o ‘sujeito universal’ (receptor/objeto = consumidor/produto); ou seja, de forma consentida e livre o sujeito toma posição e em seu discurso se identifica com o produto e se molda em função do produto, criando, aceitando e ou reconfigurando as novas identidades. Ou seja, toda a identidade é construída a partir da matéria-prima que segundo Castells (1999, p. 23) é fornecida pela:

História, Geografia, Biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço.

Vemos no discurso do autor certa rejeição da noção da identidade como algo fixo ou dado, e sim composta por um processo social de negociações, construída e constantemente recriada. É por isso que, retornando a Pêcheux (2009, p. 190) não seria “o Homem que produz os conhecimentos científicos”. Mas, sim, “são os homens, em sociedade e na história, isto é, é a atividade humana social e histórica”.

Portanto, o conceito de identidade necessariamente implica a presença de um outro, o de alteridade, entendida como a relação entre o eu e o outro. (Machado & Hernandez, 2004). A ser o caso, somente na e pela mediação dos outros o eu, pode refletir sobre si mesmo. (Jovchelovitch, 1998). Esse processo inexistente quando o outro é um estranho, quando não temos referências suficientes para decodificar as mensagens mediante as quais ele nos atribui significados e nos diz quem nós somos. Ou seja, parafraseando Erikson (1968), a identidade passa a corresponder ao “senso da realidade do eu dentro da realidade social”, haja vista que o indivíduo usa as respostas dos outros para formar imagens de si mesmo, de maneira que se enxerga como pensa que os outros o veem.

Entretanto o processo da luta pela construção da imagem de si, nas respostas dos outros, pode originar-se, no indivíduo, uma forte ansiedade identitária, definida por Zaharna (1989, p. 511) como o “self-shock ou 'choque do eu””. Segundo o autor, isso ocorre porque o indivíduo além de desenvolver permanentemente novos comportamentos, depara-se repetidamente com um outro que não entende, carece dos códigos necessários para lê-lo. Portanto, estamos perante raízes de um fenômeno que se encontra na relação íntima entre o eu, o outro e os comportamentos cujos desdobramentos podem ser descritos da seguinte maneira:

Trata-se da intrusão de novas e, às vezes, conflitantes autoidentidades que o indivíduo encontra quando se depara com um Outro culturalmente diferente. As relações conturbadas com o Outro e as ambiguidades comportamentais filtram-se, em última instância, em uma relação conturbada com o eu. Essas relações difíceis afetam a capacidade do indivíduo de se apoiar em autoidentidades reconhecíveis e consistentes. A sensação de "coisa errada" não é mais sobre ambiguidades com o Outro ou ambiguidades comportamentais, e sim sobre ambiguidades com o eu. (Zaharna, 1989, p. 511).

Os resultados recolhidos da observação e descrição tanto dos vídeos quanto dos relatos dos oitenta (80) adolescentes levam-nos a pensar, no contexto sócio histórico técnico tecnológico e cultural angolanos, na configuração de uma diversidade de identidades que, nos permite falar de Choque Cultural. (Oberg, 1960). A materialidade desse Choque Cultural fica

claro nos três movimentos que percebemos durante o processo da descrição dos empíricos dos exibimos três vídeos aos adolescentes que apresentamos no seguinte quadro.

**Quadro 26: Lutas e disputas interacionais no mercado de consumo e produção dos bens da indústria cultural midiática**

Movimentos	Esferas	Instituições	Contextos	Práticas Sociais	Usos e apropriações DM	Palavras-chave
1º	Produtores / Consumidores = Emissão/Recepção	Estado; Empresários; Comerciantes; FAAs; Policiais; Adolescentes;	Inserção e Disputas interacionais de mercado dos bens da Indústria Cultural na Sociedade angolana	Lutar; Consumir; Corromper; Beber; Gritar; Assobiar; Drogar; Roupar; Destruir; Prender; Comprar; Vender; Traficar; Chutar; Espancar; Assaltar; Matar;	Armas de Fogo; Armas brancas; Socos; Shopping; Empresas; Lojas; Chutes; Smartphone; Tablete; Computadores; Internet; Facebook; YouTube; WhatsApp; Intagram	Cultura Midiática; Produção; Comércio; Consumo; Guerra civil; Corrupção; Mal Governação; Falta de Políticas Públicas; Assobios; Gritarias; Tráfico; Droga; Álcool; Roubos; Assaltos; Maconha; Confusão; Criminalidade; Espancamento; Mortes; Agressividade; Violência
2º	Consumidores	Sociedade Civil	Mercado dos produtos da Indústria Cultural Midiática (Vídeos)	Consumir; Assistir;	DMs	Cultura Midiática; Violência; Agressividade; Consumo; Espetáculo; Prazer; Crise; Frustração
3º	Consumidores; Produtores.	Atores Sociais; Adolescentes; organização; grupos; gangues; imigrantes; assaltantes; gatunos; ladrões.	Consumo e Produção dos bens da Cultura Midiática	Consumir; Resignificar; Representar; Reproduzir; Compartilhar;	DMs; Redes Sociais	Cultura Midiática; Violência; Agressividade; Consumo; Adaptação; Resignificação; Representação; Reprodução; Compartilhamento;

Fonte: elaborado pelo autor.

Concentrados nesse quadro e sobretudo nas palavras-chaves, retomamos alguns conceitos, que classificamos como categorias da pesquisa nomeadamente: Representação Social, Violência/Agressividade, Adolescência, sexo (masculino e feminino), Consumo, DMs, Vídeos, Internet (YouTube).

Portanto, em uma leitura conjunta e estrutural, o conteúdo desse quadro e as categorias constituídas permitiram-nos concluir que, os nossos empíricos fazem uma apelação às disputas entre o esforço e a ansiedade produzidos na interação entre os atores sociais, através

do contato com a cultura midiática. Notamos que, na reação dos três movimentos constituídos naturalmente pelos adolescentes, atrelado à disputa estava como que um sentimento de perda, de confusão e impotência. Este sentimento, por sua vez, pode aportar na perda de informações culturais e regras sociais previamente constituídas na sociedade tradicional.

Nesta ordem de raciocínio, não importa quão “cabeça aberta” ou o tamanho da boa vontade do indivíduo, da segurança, do Estado, do Governo, dos pais, da escola. O indivíduo em Choque Cultural passa por um processo que desencadeia reações diversas, podendo ocorrer um turbilhão de frustrações e ansiedades. Segundo Oberg (1954) o Choque Cultural apresenta uma arquitetura de quatro fases: Fase da lua-de-mel; O estágio de frustração ou crise; O estágio de ajuste e ou adaptações e; Estágio de aculturação. Estas fases provocam no indivíduo, primeiro uma reação de rejeição daquilo que causa desconforto, devido à dificuldade de assimilar os novos padrões. Pelo fato de o indivíduo ficar sem saber discernir o que é apropriado e o que não é ele experimenta ou a viver uma sensação de descontentamento moral ou estético.

Autores como Kato, Pereira e Pimentel (2005) são do parecer de no Choque Cultural o indivíduo enfrente uma luta de processos adaptativo da nova cultura. Trata-se de um processo em que o indivíduo passa por uma exclusiva e profunda experiência pessoal. (Haslberger, 2005). Uma experiência que não afeta todas as pessoas da mesma forma e nem mesmo, ao repetir-se, na mesma pessoa. (Pedersen, 1995). Por ser uma experiência pessoal e intransferível, acarreta consigo consequências drásticas para o indivíduo cujas consequências, como diria Braga (2012), são canhestras. Porém, no pensamento de Oberg (1960) podemos abstrair seis aspectos negativos do choque cultural, incluindo: tensão resultante do esforço na adaptação psicológica; um sentimento de perda ou de privação referindo-se à perda de família, amigos antigos, status, cargo e/ou propriedades; uma rejeição da ou pela nova cultura; uma confusão na definição do lugar, expectativas, sentimentos e identidade própria; uma ansiedade inesperada, nojo, ou indignação sobre as diferenças culturais entre os antigos e os novos caminhos; um sentimento de impotência como resultado de não lidar bem no novo ambiente.

A partir daqui, em um mirado sócio técnico tecnológico, histórico, cultural e epistemológico, explicações mais recentes, ancorados em Pedersen (1995), interpretamos o choque cultural, como aquele período de ajustamento, de embates e disputas em crescimento e desenvolvimento. Neste sentido, por mais doloroso que seja, por mais perdidos que os indivíduos pareçam estar o choque cultural pode resultar em introspecções positivas e até mesmo essenciais que qual mestre de cerimônias determina os ritos de casamento entre duas

pessoas apaixonadas. Ou seja, citando autores como Martín-Barbero (1997), Fausto Neto (2008), Braga (2011a) Gomes e Faxina (2016), Ferreira (2007) e da Rosa (2012), as nossas conclusões são de que o processo da construção das novas identidades culturais ocorre dentro de uma ambiência orquestrada e agenciada por conflito entre as duas culturas em choque, através dos usos, apropriações, significações e representações sociais.

As oposições deste choque cultural “não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas”, onde uma recebe uma carga negativa e a outra positiva, na visão de Derrida (1993, p. 45). Trata-se isso sim, de um confronto nos processos de significações e representações, de “uma forma de conhecimento prático que conecta um sujeito a um objeto [...] e servem para os sujeitos agirem no mundo e nos outros”. (Moscocivi, 2003, p. 21). Ademais, para Moscocivi (2003, p. 09), o conhecimento pode surgir de “onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão e satisfação ou frustração”.

Para o efeito, Moscocivi (2003, p. 10) introduz a TRS, compreendo-as como “conceitos perdidos” e “entidades quase tangíveis que circulam, entrecruzam-se e se cristalizam continuamente, através de palavras, gestos, ou de reuniões, no mundo cotidiano”. A sua percepção e construção acontecem num complexo processo de “idas-e-vindas entre os diversos campos” sociais. (Braga, 2001, p. 28). Ou seja, o processo de diferenciação entre os indivíduos quer subjetiva quer objetivamente é construído, segundo Vieira (2009, p. 71), “no processo mesmo de sua manifestação”, isto é, ela não é uma entidade ou expressão de um estoque cultural acumulado, “é um fluxo de representações articuladas, nas entrelinhas das identidades externas, totalizantes e essencialistas – a nação, a classe operária, os negros, os migrantes etc. Isto vem de encontro à ideia defendida por Moscovici (2003) nas RS. Portanto, o conceito de identidade surge como uma articulação de diversos fatores, oriundas de um processo histórico, econômico e político que exige a leitura de mundo onde os indivíduos expressam as suas subjetividades.

### 3.2 AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NAS INTERFACES SOCIOTÉCNICO CULTURAL MIDIÁTICA

Este tópico convida-nos a voltar para os dados recolhidos das entrevistas e dos três movimentos observados entre os adolescentes. Porém não para descrevê-los novamente e sim, usando metáfora e analogia para iniciar um processo de análise de RS. Essa análise configura-se como uma forma de nos aprofundar na problemática da violência/agressividade que no contexto das sociedades em midiatização tensiona todos os campos do saber na atualidade. O

objetivo deste tensionamento como se pode observar nos relatos dos adolescentes e também nos vídeos, é justamente a busca de pistas emergentes que pode constituir a materialidade da construção de um nós epistemológico acerca da RS de agressividade em adolescentes que consomem conteúdos violentos e agressivos na Internet pelos DM em Angola. Em termos de conclusivos, passaremos agora a fazer como que um confronto entre os relatos dos adolescentes (unidades de análise), as imagens e alguns conceitos e teorias de autores que se debruçam sobre temas de violência/agressividade, adolescência, Mídiação e Processos Sociais.

No contexto desta pesquisa a conjugação das manifestações futuras obriga-nos a estabelecer contratos de leitura e interpretação da representação social da agressividade com pesquisadores tais como Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p. 70) que definem a violência como “uma reação coletiva provocada pelo acúmulo de frustrações de indivíduos que, num momento dado, por se identificarem num mesmo conflito adquirem uma pertença”; Martuccelli (1999, p. 169-170) para quem “a sociedade repousa sobre a partilha de valores, que se tornam normas, transformadas por sua vez em personalidade [...] o ator violento é sempre alguém que não foi corretamente socializado”, e; Arendt (2001, p. 58-59) que compreende a violência e a agressividade como “domínio de Ninguém “e onde reina “uma tirania sem tirano”. Ou seja, parafraseando Merton (1949), Durkheim (1999; 2000), Feshbach (1971) e Debord (1997) o nosso objetivo foi discutir os aspectos gerais psicossociais da violência e agressividade segundo. Estes autores são do parecer de que a problemática da violência/agressividade esteja presente na história da humanidade desde as origens e ao longo dos tempos vem sendo assunto de debates entre os estudiosos. Ainda relendo estes autores podemos observar e perceber que a definição conceitual tem recebido inúmeros contributos e também sofrido mutações conforme os objetivos e as abordagens dos pesquisadores em todas as épocas.

Portanto, em meio a proliferação literária e mutações constantes que o conceito vem sobretudo ao longo da história da humanidade presumimos que seja difícil definir o que seja violência/agressividade. Se em si, o assunto já é complexo, torna-se ainda mais quando associado aos fluxos mercadológicos do capital da indústria cultural midiática. As nossas hipóteses fundamentaram-se, portanto, no vídeo: “*Os jovens entram em pancadarias na praça de alimentação do centro comercial de Talatona*”, onde percebemos sorrateiramente a presença de um enredo de como operam as lógicas do capital econômico.

Tanto nos relatos do jovem que presenciou a briga e pediu o anonimato em seu depoimento, quanto nas atitudes dos seguranças do Belas Shopping, que não conseguiu conter

o tumulto assim como nos próprios adolescentes envolvidos em pancadarias. Vamos retomar a descrição do vídeo. Estamos em pleno noite em um dia de Sábado, dia de descanso e o fluxo de indivíduos em direção ao centro comercial no Belas Shopping em Talatona. O jornalista introduz a matéria dizendo: “de súbito, os jovens entram em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping. e “um jovem que prefere não ser identificado conta o que presenciou”. O jovem anônimo: *“parecia ser uma luta de gangues gigantes de rapazes. Eh... eu não sei de concreto qual era a razão da luta. Só sei que foi um tumulto total”*. *“Tinha senhoras grávidas, bebês, os seguranças parecem 2 ou 3, não conseguiram apaziguar a situação”*. *“Eles estavam lá e tentavam mesmo. Mas só que eram insuficientes”*. *“As pessoas corriam de um lado para o outro. Algo inexplicável”*. *“Só visto mesmo”*. Terminando o depoimento do jovem o jornalista dá continuidade à reportagem: *“os causadores da confusão não foram identificados e não há relatos de pessoas feridas ou danos materiais”*; *“a segurança tenta acalmar os ânimos. Mas sem qualquer resultado. Não consegue controlar a situação”*.

Por um lado, ouvem-se gritos e assobios de adolescentes que nos remetem ao espetáculo em uma sala de filme do Shopping, uma dúzia de adolescentes com os seus Smartphones, capturando imagens das pancadarias entre os adolescentes nos provoca a pensar em um estúdio de produção cinematográfica ao ar livre na praça de alimentação. Por outro lado, vemos mesas e cadeiras sendo arremessadas de um lado para o outro e pancadarias entre os adolescentes. Sem precedentes, instaura-se, no local, um cenário caótico, de extrema anomia, que foge ao controle de tudo e de todos. Os indivíduos (Instituições oficiais e não oficiais) não conseguem medir as causas e efeitos.

O vídeo foi produzido e posto em circulação por um autor desconhecido em sua página das redes sociais, portanto no fluxo adiante de Braga (2012). Depois foi capturado por um jornalista da TVZIMBO e transformado em pauta do Jornal Nacional em Angola no caso concreto, deste vídeo converte-se em uma peça teatral de alta complexidade e de um cenário caótico que nos remete a três sociedades concomitantemente: a primeira a sociedade dos usos e apropriações das lógicas e gramática sócio técnica tecnológicas (Fausto Neto, 2008; Rosa, 2012), e discursivas defendida por Ferreira (2007) e Gomes (2017) conforme descrevemos nos tópicos anteriores; a segundo a sociedade de espetáculo de Debord (1997) e a terceira a sociedade de anomia na visão de Durkheim (1999; 2000) e Merton (1949) simultaneamente. Ademais, por analogia, como vimos, na ambiência da produção, circulação midiática e consumo dos bens da Indústria Cultural, as cenas de agressividade e violência que circulam e



que os indivíduos consomem nas Redes Sociais pelos DMs, podem ser associados aos produtos de consumo midiático.

Na visão Jenkins (2009), o consumo dos produtos midiáticos, em uma interação mediada por regras confusas no tocante aos papéis e poderes dos indivíduos envolvidos, pode suscitar a cultura participativa. Isso equivale a dizer que nesta nova forma de consumir fica anulada ou excluída a antiga percepção de produtores e consumidores de mídia como indivíduos separados. Propõe-se aqui uma nova esfera, onde, segundo o mesmo Jenkins (2009, p. 31) “alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros”. Encontramos na visão deste autor uma pista emergente que suscita o conceito de agressividade como sendo de caráter social e simbólico de alta complexidade tal como aparece nos discursos dos adolescentes, depois de assistirem os três vídeos: pancadarias na praça de alimentação no Bela Shopping; Megaoperação Policial e Jornal Nacional – Criminalidade:

Eu não consegui identificar e nem explicar qual foi a origem de toda aquela confusão e agressividade. Só sei que a briga foi feia; pelo que eu vi a luta mesmo foi pesada. Mas ao fim de tudo o adolescente mereceu; Epa, pelo que eu pude ver aí houve uma rajada de chapadas que se estendeu até para quem não tinha nada a ver com a confusão.

A partir desses relatos podemos concluir que as RS correspondem ao trabalho de lembranças daquilo que está ausente, que está em falta, sinalizando uma ausência (Käes, 2001) e se constituem como traço e reprodução de um objeto perdido. (Moscovici, 2003). Nas interfaces com a Psicanálise as RS correspondem ao que Freud (1916/1988) designou de atos falhos.

O uso do conceito dos atos falhos freudianos permitiu-nos levantar a hipótese de que talvez tanto o público e os adolescentes envolvidos em pancadarias na praça de alimentação quanto os adolescentes que assistiram os vídeos, possam atribuir às ações algo que eles não conseguiram realizar bem, por sua impotência, incapacidade, como derivadas de sua distração, ocorridas por acaso e ou, ainda por motivos alheios à sua vontade.

Em suma na perspectiva da RS, relendo Freud, podemos afirmar que talvez os atos falhos sejam a representação e tenham um compromisso entre a intenção do sujeito e o que nele está recalcado. Ou seja, em uma mirada psicanalítica os atos falhos podem ser interpretados como metáforas, representações e manifestações de algo em impotência ou de uma experiência vivida pelo sujeito como expressou um dos adolescentes:

*Eu acho que os adolescentes não deviam usar armas de fogo, pelo simples fato de seu uso incentiva de certo modo todo tipo de criminalidade. E não só parece trazer de volta o contexto da guerra que Angola viveu. Sobretudo me lembro que o meu pai me contou que no tempo dele muitos criança eram obrigadas a pegarem em armas de fogo para combaterem contra os inimigos que vinham a atacar as pessoas.*

Sendo assim, o ato falho é um ato bem-sucedido ao nível do inconsciente, pois o desejo inconsciente realiza-se nele de uma forma clara e visível. Neste sentido, os atos falhos não só, seriam necessários, mas, e, sobretudo instauram um processo todo ele aberto ao debate.

Desta forma, podemos dizer que à partida, as imagens dos adolescentes com os DM fazendo filmagens das cenas de violência e agressividade, a postagem e a captura do vídeo, na página das Redes Sociais de um jovem anônimo, remetem-nos à uma sociedade dos usos e apropriações das lógicas defendidas pelos pesquisadores da linha de pesquisa da Mídiação e dos Processos Sociais (sociedade em mediação). Porém, os desdobramentos dos desafios acirram-se ao aproximarmos-nos da zona cinzenta onde o conceito de agressividade é associado aos fluxos mercadológicos ou dos bens de consumo produzidos para as mídias sociais onde as cenas de agressividade passam ser consumidas social e midiaticamente. Para um dos adolescentes se de um lado “foi feia a violência”, por outro lado confessa a complexidade das práticas sociais: “agora o que só não sei explicar porque tinha muitas pessoas que ao em vez de tentar acudir, defender ou impedir que aquela agressividade chegasse ao extremo, elas ficaram filmando com celulares. Vê se pode”. Desta forma abordar questões que se prendem aos conteúdos violentos e agressivos que os adolescentes angolanos consomem nas redes sociais, torna-se uma problemática desafiadora cuja tônica investigativa passa necessariamente pelos lugares psíquicos dos indivíduos envolvidos, e não no fenômeno em si. Portanto, a nossa postura fundamentou-se na forma da espetacularização midiática da “violência, agressividade, roubos, assaltos e mortes” e também na produção e usos dos bens simbólicos de consumo midiático tal como relatado pelos adolescentes:

*“Professor, eu quero falar é sobre o uso das armas de fogo. O consumo das drogas está a estragar a nossa população. A população angolana era harmoniosa. Desde que começou o comércio e o consumo das drogas na sociedade angolana são bem notórias as suas consequências”.*

### **3.2.1 A espetacularização e as simulações da violência e agressividade nas práticas sociais midiáticas**

Angola vive um período histórico, no qual podemos empiricamente falando afirmar que as práticas dos simulacros na produção, circulação e consumo fazem coincidir todo o real com os modelos de simulações, e os produtos são produzidos com células miniaturizadas de modelos de comando, pelos usos e apropriação das lógicas de produção passam a ser reproduzidos e postos no fluxo adiante. Para Baudrillard (1981), a sociedade contemporânea enfrenta momentos históricos da negação do real e da verdade. Ou seja, estamos na era da simulação, que, segundo ele se inicia:

com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir – tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e à geração simulada das diferenças. (Baudrillard, 1981, p. 09).

Relendo este texto, percebemos uma cadeia interacional que aproxima a simulação de um modelo de realidade a ser explorado, modificado e tornado fantasmático que, dada a sua configuração, embora seja de difícil e complexa identificação, nos permite distinguir o que é real naquilo que é simulacro, definido por Baudrillard (1981, p. 13) como algo “nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referências e circunstâncias se encontram em lado nenhum.”

Segundo Braga (2012a, p. 40-41), na ambiência da midiaticização os conceitos espetáculo e de simulação dos produtos (mercadorias) constituem o macro-ambiente das interações sociais. Isso nos faz pensar que o simulacro não seja algo fora da realidade ou que constitui uma outra realidade, mas algo que fazendo parte do real, e é justamente sendo uma cópia do real que ele deve o seu corpus existencial. Portanto, na medida em que as interfaces sociais entre produção e reprodução (produtor e consumidor) se desencadeiam crescentemente, será possível a percepção de um “modelo conversacional” que “se desloca” para um processo de “fluxo contínuo” e sempre adiante. “Nessas circunstâncias, já não é tão

simples distinguir ‘pontos iniciais’ e ‘pontos de chegada’, produção e recepção como instâncias separadas” (Braga, 2012b, p. 40-41), mas existe um corpus difuso e de alta cumplicidade.

Na ambiência midiática os conceitos de simulação e de espetáculo passam a invadir a sociedade como “instrumentação que convém a seu automovimento total” (Debord, 1997, p. 24) ao induzir os indivíduos ao que Marx (1983) designou de alienação, ou seja, de não-participação. É também nesse sentido em que o conceito marxista de alienação possa nos ajudar na busca de compreensão do que seja a sociedade do espetáculo. Para Debord (1997) o espetáculo aliena os indivíduos ao criar condições de uma degradação, que vai do “ser” pré-moderno ao “ter” capitalista, típico da modernidade, para chegar ao “parecer” do espetáculo. Essa evolução significa o empobrecimento da vida cotidiana (mundo vivido), fragmentado em esferas cada vez mais separadas. Tudo o que antes era visto, experimentado e vivido se afasta do consciente para o inconsciente de onde emergem, graças ao superego em forma de imagens, representações e símbolos.

Portanto, o conceito de espetáculo, sob o ponto de vista midiático, pode ser descrito como aquele momento em que, sob as lógicas do poder do capital econômico e também político, as vedetes exercem a função de viver e representar todos os aspectos importantes da vida dos quais os indivíduos reais estão separados, incapacitados de viver diretamente. Ou seja, o seu objetivo é tomar conta de todas as dimensões da vida social humana. Na ambiência midiática, o espetáculo, considerado como produto de consumo, passaria então a corresponder aquele momento em que a mercadoria midiática “chega à ocupação total da vida social”. (Debord, 1997, p. 41). Os indivíduos sem a possibilidade de escolhas são forçados e consumir os produtos espetacularmente, como podemos observar nos adolescentes inertes perante as cenas de violência nos vídeos exibidos ou os seguranças perante as pancadarias na praça de alimentação.

Sob o ponto de vista sociológico, a sociedade do espetáculo seria a ausência do direito de escolhas que é negada as massas exploradas pela ditadura econômica. Esta ausência ou negação do direito à escolha, talvez possa engrossar o caldo, que Bourdieu (2003, p. 07-08) chama de violência simbólica. Segundo o autor, essa violência resulta no poder simbólico, e é entendida como uma violência que penetra em suas vítimas de modo “suave, insensível e invisível”, que se exerce “pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”.

Portanto, nas circunstâncias de poder e dominação simbólica, a resistência parece tornar-se difícil, por ser para Bourdieu e Eagleton (2007, p. 270) “algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela”. O exemplo típico é formado por um dos três movimentos que observamos durante a exibição dos vídeos aos oitenta (80) adolescentes da amostra. O espetáculo enquanto produto de poder simbólico apresenta a imagem imposta do bem que “concentra-se num único homem, que é a garantia de sua coesão totalitária”. E, na falta de mercadorias a consumir, consome-se a imagem do líder, num sentido aceitável para a exploração absoluta: “Se cada chinês deve aprender Mao, e assim ser Mao, é que ele não tem mais nada para ser”.

Por outro lado, ela baseia-se na violência física, como adverte Debord (1997, p. 64): “Lá onde domina o espetacular concentrado poderia também dominar a polícia”. O entendimento do autor pode ser considerado como metáforas, tanto da atuação dos adolescentes do primeiro vídeo envolvidos em pancadarias no Bela Shopping, quanto as operações empreendidas pela Polícia Nacional angolana nos dois vídeos seguintes. Porém, a ditadura do fluxo adiante faz com que a presença da polícia e o poder da segurança resulta em fracasso. É impossível localizar a origem e as causas, bem como prever as consequências e conter os embates e desdobramentos dos efeitos da agressividade no ambiente da sociedade de espetáculo. O que se pode fazer é apenas acionar estratégias que usem como métodos de investigação o uso das representações simbólicas.

Para todos os efeitos fazemos recurso aos três movimentos dentre os 80 adolescentes durante o processo da exibição dos disparadores (vídeos) das questões de debates dos Focus Group. Porém o nosso foco com estes movimentos é o primeiro, dos adolescentes que insinuam socos, chutes nas cadeiras, e, entre assobios e gritarias dizem: “isso mesmo”, “vai”, “dá-lhe”, “toma”. A esse primeiro movimento e as expressões desses adolescentes associadas aos arremessos de mesas e cadeiras dos jovens em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping, mais as expressões: “vídeos de lutas pesadas”; “gostei da porrada”; “são da hora”; “vão para a coleção”; “professor vá lá e curta o meu vídeo”; assim como o grupo de adolescentes que, silenciosamente, seguia os movimentos dos atores e das cenas com os olhos do segundo movimento, aproximam-nos do conceito de “ancoragem” de Moscovici (2003, p. 71).

Para o autor, ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. Ou seja, em um processo tentativo e com uma leitura interpretativa por meio

de associações de imagens do vídeo: “Os jovens entram em pancadaria no Shopping” e as expressões desses adolescentes, podemos estabelecer um protocolo de leitura que inscreve ambos os adolescentes, metaforicamente falando, à sociedade do espetáculo de Debord (1997). Até porque, em apenas 30 segundos do vídeo, os adolescentes por meio de atitudes, gestos, gritos e falas, quase que espontaneamente, pareciam estar imersos em uma nave ou mundo espacial habitado por “máquinas inteligentes que proporcionam aos “teleinternautas” um espetáculo prazeroso; ao mesmo tempo perante máquinas que lhes mantêm reféns e hipnotizados ou sem reação, passando a impressão de impotência e de insaciabilidade.

Sob o ponto de vista do consumo de produtos audiovisuais, as expressões “são da hora” e “vão para a coleção”, sugerem-nos que na ambiência do consumo dos produtos midiáticos, os consumidores, embora tenham a necessidades e desejo infinitos, eles se contrapõem às suas possibilidades finitas e limitadas de satisfazê-los, eles apenas consomem e guardam o que querem. Ademais, Gade (1998, p. 10), ao abordar a teoria econômica do consumo explica que no “processo de escolha, o homem tende a maximizar o consumo, isto é, havendo um limite para seus desejos, procurará escolher dentro de suas possibilidades aquilo que lhe dê o máximo de prazer”.

O ato de escolher o que dá o máximo de prazer ao consumidor, no quadro de sociedades demarcadas pela cultura dos “fluxos” e pela “informação” (Castells, 1998) acaba sendo crucial no universo audiovisual contemporâneo. A mercê da revolução digital, perpetrada pela exacerbação do mundo capitalista através da indústria cultural, faz com que os produtores sondem o mercado de consumo e dos consumidores. E para o efeito façam múltiplas ofertas. E em meio a tantas ofertas, os indivíduos acabam não sabendo distinguir quais os produtos a consumir, a não ser aqueles que a mídia lhes oferece e do que jeito que lhes oferece. Assim, as expressões abstraídas dos relatos dos oitenta (80) adolescentes: estes são da hora” e “vão para a coleção”; “vou assisti-los mais tarde” e “vou compartilhar com os meus amigos”, são uma representação inconsciente da dinâmica e hegemonia do capitalismo global da “indústria da comunicação” através da “produção e distribuição de conteúdos”. (Herman & Mcchesney, 1997, p. 69-70). Porém, os discursos destes adolescentes não estão presos as estruturas do determinismo econômico e nem eles analisaram “as fontes, às quais deve mais do parece à primeira vista” como diria Jappe (1999, p. 17) dos vídeos. O nosso objetivo é, a partir da esfera do mundo vivido, ir além, a fim de compreender de que forma, as condições modernas de produção se anunciam como uma imensa acumulação do vivido que transforma a mercadoria em simulacros. (Baudrillard, 1981). Por sua vez, em meio aos

simulacros criados pelo poder capitalista (Marx, 1983), Debord (1997, p. 13-14) ao definir a vida da sociedade atual é da produção de espetáculos”:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Para todos os efeitos, acreditamos que os conceitos de simulacro e de espetáculo sejam de caráter fundamental para compreender circulação e as representações da agressividade na sociedade angolana contemporânea, pretensamente midiática. Por meio das TICs, as sociedades dos espetáculos transformam o mundo vivido em imagens que representam os indivíduos angolanos. Isso ocorre ao criar um mundo de imagens autonomizadas que escapam ao controle do homem ao permitir “o fluxo adiante” (Braga, 2012a) e “o movimento autônomo do não-vivo”. (Debord, 1997, p. 08). Continuando, afirma que a vitrine da sociedade do espetáculo, sua face mais visível, seu monólogo ininterrupto e auto-elogioso, é composta pelo complexo sistema midiático. Este complexo sistema no contexto angolano, com o fim do conflito civil armado, à mercê da ambiência da midiatização, impõe à toda a sociedade um modelo socialmente dominante, como uma afirmação onipresente da lógica da produção industrial e do consumo de massa, presença permanente das justificações do sistema do capitalismo econômico.

O sistema ocupa todo tempo livre do indivíduo, das mais variadas formas de produtos espetaculares: informação, lazer e compartilhamento das práticas sociais. Essas formas espetaculares de produzir os bens de consumo social, na visão de Debord (1997, p. 67), são baseadas na ilusória satisfação “que a mercadoria abundante, já não se possa dar no uso” e sim em signos abstratos de prestígios, atribuídos a ela pela publicidade dos produtos.

Nesse contexto, a partir de Sales (2004, p. 2) podemos concluir que a publicidade parece ter apreendido muito bem as lições do mundo platônico, onde tudo passa a ser constituído por cópias dos lugares e corpos do mundo inteligível, um mundo superior, ideal, das essências e da matemática.

É assim que os corpos enlouquecidos que povoam o mundo sensível ganham contornos e limites, recebem uma ordem. Esta distinção funda o que mais tarde acabaremos por conhecer como representação, uma vez que estas cópias mantêm-se à imagem e semelhança de seus modelos (não são eles, mas são como eles, interiorizando uma semelhança com a identidade superior da Ideia), já que aceitaram ser-lhes conformes.

Na perspectiva Baudrillard (1981), como ocorre em todo o mundo, a publicidade, por meio de trocas simbólicas entre produtores e consumidores, vai introduzindo na sociedade angolana uma espécie de histeria da produção e da reprodução através de simulacros, de simulação e de inúmeras representações no âmbito social. Essa histeria torna difícil o processo de identificação tanto dos perfis dos produtores, quanto dos consumidores e da veracidade ou a qualidade dos produtos.

Fazendo a apropriação da expressão crítica de Herman e McChesney (1997), no contexto da sociedade angolana, os conteúdos dos vídeos no contexto dos fluxos midiáticos são as RS dos novos missionários do capitalismo corporativo tal como podemos perceber no relato de um dos adolescentes:

*Professor, gostei da porrada do Shopping. Então eu filmei o vídeo para colocar na minha página do YouTube. Tenho um canal no youtube onde eu posto os meus vídeos; depois eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo; eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube.*

Sob essa perspectiva, entendemos que tais conteúdos, forcem os indivíduos a perseguirem a estratégia de uma guerra industrial global midiática que Moraes (1998, p. 72) descreve como:

- a) ofensividade máxima na guerra industrial e mercadológica em qualquer hemisfério;
- b) centralização decisória e tecnoprodutiva, conglomeração setorial e desterritorialização das unidades de consumo;
- c) dispersão transcontinental dos negócios [...];
- d) investimentos maciços em tecnologias digitais que estimulem a convergência [...];
- e) acordos e joint ventures [...] inclusive com grupos regionais de mídia, visando à otimização comercial de programações, bens e serviços.

A partir do que descreve Morais, os três movimentos constituídos entre os adolescentes durante a exibição dos vídeos, por sua vez, em termos aforísticos, podem ser adotados como RS das categorias fundamentais do marxismo hegeliano de Lukács (1960) e Marx (1983), sobre a alienação, falsa consciência, reificação, fetichismo da mercadoria, forma-mercadoria, valor de troca, trabalho abstrato e caráter violência e agressividade simbólica.

### **3.2.2 A RS da violência e agressividade na cultura da mobilidade**

Antes de falar da RS violência e agressividade na cultura da mobilidade detemo-nos do termo mobilidade. O conceito foi tomado de empréstimo do campo da medicina e da



biologia que quer dizer a capacidade de movimento (Bonss & Kesselring, 2004 apud Kellerman, 2006). Na ambiência das RS dos fluxos midiáticos dos objetos ou fenômenos, tais como a violência e agressividade, a capacidade desta cultura varia de acordo com os indivíduos ou grupo social e as estruturas de poder. Para Lemos (2008, p. 108) nas sociedades em midiatização há uma “correlação e ampliação dos poderes já que quanto maior a potência de mobilidade informacional-virtual, maior é a mobilidade física e o acesso a objetos e tecnologias”. No discurso deste autor transparece uma proposta que pode nos sugerir pensar que a mobilidade informacional seja correlata à potência (motility) da mobilidade física. Embora a potência ou a capacidade da mobilidade varie de acordo os contextos sócio históricos, culturais e os lugares psíquicos ocupados pelos indivíduos, em termos classificatórios Bonss e Kesselring (2004 apud Kellerman, 2006, p. 55) propõem 5 formatos históricos da mobilidade: a mobilidade tradicional (até o fim do século XVIII); a mobilidade territorial (surgimento do Estado Nação no século XIX); a mobilidade globalizada (com os meios de transporte e comunicação do século XX); a mobilidade virtualizada, com as redes telemáticas e a mobilidade dos dispositivos de conexão móvel e sem fio. Assim a partir estes 5 formatos de mobilidade, podemos afirmar que a cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas e abre espaços para uma ressignificação do lugar onde ocorriam os fluxos comunicacionais anteriormente fechados, de contenção e de atração. (Mumford, 1988). Assim sendo, abre-se uma nova concepção que aponta os lugares de circulação e de dispersão, de exterioridades, de privacidade e de indiferença, um lugar de “inquietação” (Caiafa, 2007), de turbulência e de “choque cultural” (Harris & Moran, 1979) como observamos nos vídeos e nos relatos dos adolescentes.

À título de exemplos, no vídeo “jovens entram em pancadarias no Shopping” foi possível observar, sem precedente a orquestração dos princípios fundamentais da cultura da mobilidade: os tumultos e as movimentações de pessoas, o arregaço e destruição dos objetos, o uso dos Smartphones e a gritos e assobios. Em outros vídeos, percebemos a instauração de uma sociedade anômica: como a mobilidade em sua dimensão física (adolescentes envolvidos em pancadarias, mulher envolvida no tráfico de maconha; segurança de empresa participando em assaltos e roubos de armas de fogo, artigos e materiais diversos prendidos pela polícia; e por último a presença clandestina de estrangeiros no país que configuram a crime sobre a imigração ilegal; Impotência do Estado diante do crime organizado - Não obstante os discursos dos responsáveis das duas operações policiais.

No espaço virtual, estas duas dimensões, por um lado não só gera, nos pesquisadores, mas também nos os oitenta (80) adolescentes da amostra uma ambiência que pode ajudar na

definição da política, da cultura, da sociabilidade e da subjetividade dos indivíduos angolanos ao tensionar os espaços privados e públicos. Mas também, como diria Simmel (1988), ao mesmo tempo, aproxima e distancia os indivíduos, ao associar a curiosidade e a apatia. Em termos metafóricos poderíamos dizer que percebemos nos indícios (vídeos = práticas e discursos = relatos) um processo comunicacional que se estabelece de forma dinâmica, de compulsão social, que mescla o pensamento de desterritorialização pela informação virtual e preservação das subjetividades.

Segundo Deleuze e Guattari (1980), o conceito de mobilidade encontraria aqui a sua ubiquação fundante. Por este véis, comunicar passa a implicar certo deslocar-se de um lugar para o outro. E o Smartphone, configurado em Dispositivo Midiático (DM), corresponderia a mídia que possibilita a interação do indivíduo com o “eu” do outro, com o espaço e o tempo simultaneamente. A comunicação não só implicaria movimento de informação, mas também com o advento das novas tecnologias e, sobretudo, pelos processos de ancoragem, dos usos e apropriações dos aparatos sócio técnico tecnológico, instaura movimentos de ressignificação e construção de sentido. (Moscovici, 2003). Foi justamente isso que podemos depreender de um dos relatos dos adolescentes: “estes são da hora, por isso vão para a coleção”; “eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube”.

Portanto, à luz das RS, os relatos desses adolescentes levaram-nos inferir que os usos e as apropriações dessas ferramentas tecnológicas, uma vez combinadas e integradas nas práticas sociais, possibilitam a apreensão e representação da realidade, o desenvolvimento de potencialidades dos indivíduos, e diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes. (Moran, 2007). Isto implica enveredar por uma dialética que associa ao mesmo tempo a saída de si, no diálogo com o “eu” outro e do fluxo de mensagens carregadas por diversos suportes, dos quais destacamos o YouTube e Facebook. Assim, situados no campo das RS, a partir dos discursos dos adolescentes, concluímos que estes suportes na ambiência da mobilidade global e virtual apresentam como tarefa: tornar familiar algo não familiar. (Moscovici, 2003). E no contexto dos fluxos e desdobramentos dos conteúdos midiáticos com cenas violentas e agressivas podem se transformar em novos areópagos de violência, disputas de sentido e construção social ao ofertar possibilidade de movimentação de informações através dos usos das novas mídias que designamos de Dispositivos Midiáticos. Ou seja, como observamos nos relatos dos adolescentes, na cultura da mobilidade os Dispositivos Midiáticos revelam-nos todo o processo que vai do espaço de produção, de subjetividade dos produtores e dos consumidores e termina na sociabilidade ou compartilhamentos dos produtos.

Deste modo os Dispositivos Midiáticos podem aumentar a possibilidade de consumir, produzir e a circulação dos produtos. Porém, contrariamente às representações coletivas fixas e imutáveis na sociedade da cultura da mobilidade as instituições produzem mercadorias líquidas (Bauman, 2001) para o consumo dos indivíduos. Por outras palavras vivemos na era da cultura do nomadismo (Maffesoli, 1997) que se constitui em redes de poderes, pessoas, objetos, tecnologias em permanente tensão e movimentos: híbridos, atores-rede, como propõe Latour (2005). Retomando a ideia do nomadismo, Attali (2003) aponta para a cibercultura como um novo tipo de nomadismo chamado de “virtual”, cujos endereços primordiais não territoriais foram, o “e-mail” e o “número do celular” para mais tarde serem o “GPS”, “Notebooks” e agora “Smartphones”. Deleuze e Guattari (1980) definem o “nômade” como “aquele que passa pelos pontos, que busca o que está entre ele”, visando as melhores condições de vida.

Na esteira destes autores, o contexto sócio histórico técnico tecnológico e cultural angolano e considerando tanto os indícios quanto os relatos dos oitenta (80) adolescentes que participaram da pesquisa a hipótese que levantamos foi confirmada. A nova ambiência midiática tem transformado os adolescentes angolanos em nômades virtuais que, acabam disputando novos espaços territoriais, como ocorreu durante o conflito civil armado. Todavia, trata-se, por serem nômades virtuais de disputar por territórios informacionais e de lugares de conexões nas redes sociais, embora nos indícios apareçam armas de fogo, na verdade o que buscam, reproduzem e compartilham está virtualmente na rede. E por isso, pelo uso dos DM e a apropriação das técnicas capturam, editam, reproduzem e compartilham as imagens do vídeo sobre a violência no Shopping, por exemplo.

Portanto, no espaço virtual a noção do território de disputas e lutas pelo reconhecimento não é geográfico como durante a guerra civil, mas sim, o espaço informacional, as zonas de contato e de conexões sem fio ao ciberespaço. Porém, uma vez que os interagentes são seres reais os conceitos de memória e experiência subjetivas ancoram todas disputas e lutas pelo reconhecimento nas interações sociais. Ou seja, nos durante os usos dos Dispositivos Midiáticos e das apropriações das lógicas e gramáticas sócio técnica e tecnológicas a noção do lugar não perde sentido. Aliás, o processo comunicacional baliza-se pelos jogos territoriais: filmei este vídeo para colocar na minha página do YouTube”; “para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube”; “tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos”; “Quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”.

Outro relato digno de menção é do adolescente Ladilson Manuel em seu vídeo “Dailly vlg# 1. O adolescente coloca-se no rol das instituições de mídia canônica, cujo objetivo é formar a opinião pública e informar sociedade de uma forma barata e sem custo, sem sê-lo, afirmando: “Ya, filmamos só para saber”. Porém, reconhece ao mesmo tempo que sem a hegemonia do capital financeiros por boa vontade que alguém tenha não consegue tecnicamente fazer uma produção de qualidade:

*De graça de graça foi adiado infelizmente por motivos técnicos. Mas, eh... fiquem atentos ao canal. Eu tenho que ir embora. Então, se gostaria deste vídeo e querem ver mais vezes comentem aqui embaixo. Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes sociais que estão aí na descrição. Por agora é tudo. Fu, fu, fu, fuuu. Fala que foste por mim! Laton: Fuiiiii.*

Portanto, os relatos tanto dos adolescentes que capturavam as imagens com os seus Smartphones quanto os de Ladilson com os seus amigos, pareceram-nos configurar a representação social da cultura da mobilidade se dá pela interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico, chamado por Lemos (2008; 2009) de território informacional. As expressões: “filmei este vídeo para colocar na minha página do YouTube”; “para compartilhar com os meus amigos do facebook, Instagram e do YouTube”, “tenho um canal no YouTube onde posto os meus vídeos”, “quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”, “comentem em baixo”, “se escrevem no meu canal” e sigam nas redes sociais”, são clara tentativa de territorializar o lugar de fala do adolescente no espaço virtual. Portanto, entre os embates e tensões territoriais, entre os fluxos interacionais (Fausto Neto, 2008) dos contextos sócio histórica cultural técnica e tecnológicas que inserimos a nossa pesquisa, apoiados nos trabalhos de Castells (2007) e Katz e Aakhus (2002).

Segundo estes as TICs, as sociedades atuais, ajudam a redefinir as relações sociais e os sentidos de lugar de fala de cada sujeitos ao atravessarem os diversos campos e práticas sociais, como observamos no vídeo sobre a “Movitel Geração M”. Este vídeo configura-se como metáfora de uma geração de sujeitos midiáticos, conectados à Internet 24 horas por dia cujos desdobramentos perpassam todos os campos e práticas, via dispositivos sócio técnico, discursivo e interacionais. No decorrer do processo de observação e descrição dos indícios, constatamos entre os atores das instituições jornalísticas oficiais quanto entre aqueles do campo amador, o recurso em suas práticas sociais (produção de conteúdo = vídeos; compartilhamento em redes sociais = YouTube) aos Dispositivos Midiático.

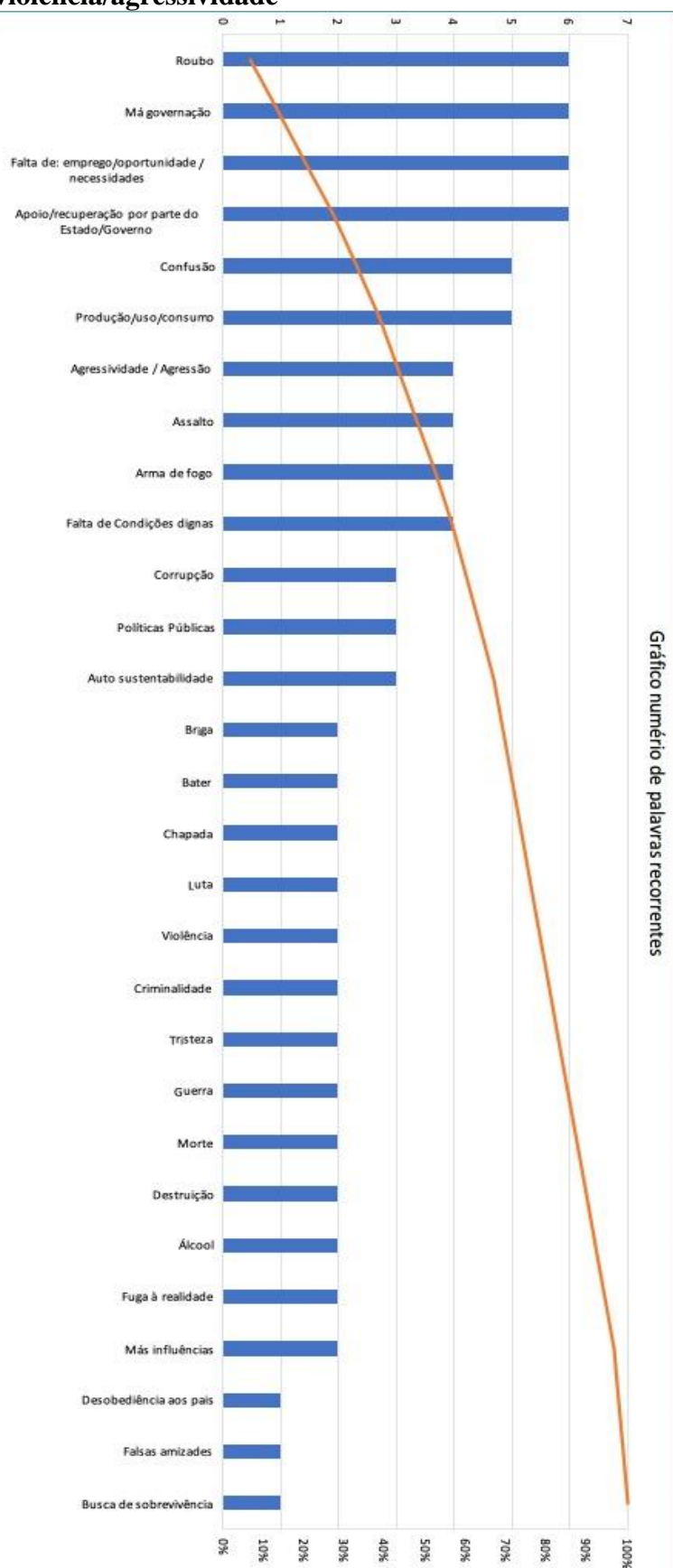
Retomando os três movimentos observados nos oitenta (80) adolescentes que tratam das zonas de contatos e disrupções nas interfaces dos processos sócio técnico tecnológicos

midiáticos, vamos nos concentrar nas práticas e nos relatos dos adolescentes no que concerne aos usos dos DM e ao compartilhamento em suas páginas das Redes Sociais: “Eu filmei o vídeo com o meu celular”; eu gosto deste tipo de vídeos por isso filmei para mais tarde assistir sozinho em casa”; tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos; coloco na minha página do YouTube e no Facebook para compartilhar com os meus amigos”.

Os relatos dos adolescentes com os seus Smartphone e as suas práticas de captura de cenas com certo índice de violência e agressividade, sob a ótica das representações sociais, escreve estes adolescentes na esfera dos usos e apropriações das lógicas sócio técnica tecnológica da indústria cultural que tem como objetivo fundamental a expansão mercadológica da produção, circulação e consumo. E, portanto, seus relatos e práticas podem ser considerados como signos de uma sociedade em interação na cultura da mobilidade (Caron & Caronia, 2005; Castells, 2007; Doursih et al., 2007), definida por Heidegger (1958) como algo inerente ao homem, correlata ao desejo de autor realização na sociedade dos fluxos.

Parafraseando este autor atribuímos a estes quatro conceitos a categoria de espaço crítico-normativo das relações de poder, de integração, de respeito e sobretudo, de luta pelo reconhecimento (Honneth, 2009) na sociedade atual. Seguindo os argumentos deste autor através das suas práticas e produções os indivíduos e os grupos sociais compartilham as suas subjetividades como forma de demarcarem os seus lugares de fala bem como de firmarem as suas identidades. Isto fica claro nos relatos dos adolescentes: “filmei este vídeo para colocar na minha página do YouTube”; “para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube”; “tenho um canal no YouTube onde eu posto os meus vídeos”; “Quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo”. Em primeiro lugar o discurso deste adolescente pode ser situado no contexto da cultura da mobilidade. Por outro lado, se inserido entre o conjunto dos demais relatos dos adolescentes, recolhidos das discussões do Focus Goup, pode ser signo da sociedade da espetacularização da violência e agressividade (uso de armas de fogo, a mortes, ao tráfico de drogas, aos assaltos, imigração ilegal, a atuação da polícia e ao alto índice da corrupção no País. Em todo caso, os dados recolhidos associados às cenas violentas e agressivas, construímos o gráfico percentual a cerca do que os adolescentes julgam ser cenas de violência/agressividade.

**Gráfico 30: Gráfico percentual do nível de compreensão sobre as cenas de violência/agressividade<sup>33</sup>**



Fonte: elaborado pelo autor.

Considerando a estrutura deste gráfico e os dados aí inseridos, a primeira impressão de que a pesquisa passa é de um desenho quantitativo, como por exemplo a contagem do número de vezes que uma determinada palavra aparece nos relatos dos adolescentes. Todavia, o uso desses dados não serve senão para ilustrar os passos dados e as evidências observadas, em vista da construção de parâmetros em termos qualitativos. Os dados qualitativos nos permitem categorizar as representações sociais dos adolescentes sobre a circulação do fenômeno da agressividade em Angola. Assim, olhando para o gráfico, haja visto que alguns destes adolescentes são filhos ou netos de pessoas que participaram da guerra civil em Angola, ou de militares e policiais, e agora estão em interação com a cultura midiática, emitindo um juízo temerário, julgamos estarmos perante uma problemática de contornos complexos e difusos que nos fazem incorrer em sérios riscos, como temos observado durante o processo desta pesquisa.

O gráfico afasta-nos do esquema tradicional do processo da comunicação (emissor e receptor / produtor e consumidor), portanto do duplo efeito, ou seja, do estímulo e resposta. Esses adolescentes não são e nem devem ser tratados como meros “receptores de percepções”, proposta por Pavlov (1927/1960), Watson (1998) e de alguns cognitivistas contemporâneos (Turing, 1996).

No gráfico fica claro, e os seus relatos confirmam, o conhecimento que eles têm sobre a violência e a agressividade. Fazendo uma analogia dos relatos aos conteúdos dos vídeos: Megaoperação Policial, com o título introdutório: “O crime não compensa” e Jornal Nacional intitulado, Criminalidade. No caso do último vídeo, após o relatório do policial, o apresentador encerra o Jornal Nacional com a expressão: “A corporação garante que o combate à criminalidade vai continuar”. Esta expressão, se contextualizada, enquadra a ação policial dentro dos chavões populares do tempo da Guerra Civil em Angola, entre o MPLA e a UNITA, atribuída ao Dr. António Agostinho Neto<sup>34</sup> quando afirma: “A luta continua e a vitória é certa”. Todavia, embora a polícia tenha como propósito o combate à criminalidade que se manifesta em cenas de violência e agressividade, enquanto produto no fluxo midiático, e considerando a tessitura e compostura dos indivíduos envolvidos e as respostas dos adolescentes, podemos afirmar que o problema da criminalidade que gera violência e agressividade em Angola é estrutural e social. Nas esferas de consumo e produção dos produtos dos bens da indústria cultural, essa estrutura social de criminalidade é representada pelos adolescentes através dos conceitos: “polícia; Estado; corrupção; desigualdade social; corrupção”.

Dessa forma, para Durkheim (1999; 2000) a criminalidade – que nos possibilita trocarmos esta palavra pelo conceito de anomia – faria parte da natureza humana ao desejar sempre mais. Para tanto, o homem seria naturalmente insaciável de desejos e ambições. E ao procurar a sua realização estaria invadindo o espaço do outro. Para esse autor, os patrões e aqueles que financeiramente são abastados estariam mais sujeitos à anomia do que os operários. Ou seja, os bens materiais ajudam a conter os desejos. Dando sequência à desregulação social, provoca as aspirações infinitas, ou seja, a desproporção entre os desejos e os recursos necessários para satisfazê-los. Isso ocorre nos momentos em que há uma ruptura violenta e repentina do equilíbrio social (crises econômicas ou brusco progresso financeiro), sendo que ultrapassada a crise, restabelece-se a normalidade, de modo que a criminalidade/anomia decorreria da ausência transitória de normas nesses períodos excepcionais.

Portanto, sob a perspectiva da produção, circulação e consumo dos produtos da indústria midiática, discursar sobre o conceito de anomia obriga-nos a convocar Haeyeck (2009). Este autor, refletindo sobre a violência, citando Marx (1983), levanta questões que nos permitem inferir que talvez o conceito de anomia/violência seja fruto das relações expressas da circulação do capital econômico, pela luta de classes e pela exploração da mão de obra assalariada. Hegel entendia a violência como inerente ao ser humano, enquanto Nietzsche se concentrava no combate à injustiça, defendendo que a violência mantinha uma função de memória sobre os efeitos de ações proibidas pela sociedade. Porém, Merton (1949), por sua vez, partindo do postulado do determinismo sociológico, é do parecer de que a anomia seria induzida pela própria sociedade.

Assim, o estado de anomia verifica-se com maior vigor nos membros das classes menos favorecidas, como observamos nos jovens que entraram em pancadaria na praça de alimentação no Belas Shopping e nos dois vídeos de operação policial. Estamos, portanto, sustentando a ideia de que o desequilíbrio entre os meios econômicos e financeiros, os fins culturais e os meios legítimos socialmente para atingi-los são mais acentuadamente ilusórios, senão inexistentes nos indivíduos com poucos recursos financeiros e com deficiência educacional. Ou seja, por um lado, as aspirações antropológicas ilimitadas levam ao desregramento normativo e por estas angulações a anomia não estaria ligada à ausência de normas, dando maior ênfase à estrutura cultural devido às metas de sucesso, mas a uma luta pela busca do reconhecimento antropológico. Por outro lado, ela seria devida à pouca importância atribuída à licitude dos meios utilizados para as alcançar. Nesse caso estariam perante o princípio maquiavélico onde o fim justifica os meios. O indivíduo não conseguindo



satisfazer os seus desejos, devido a todo um sistema social que o impede, recorreria a violência.

Dessa forma, relendo Merton (1949) e Durkheim (1999; 2000), é possível deflagrar um pressuposto, segundo o qual o processo de anomia seria desencadeado pela impossibilidade de se satisfazer as necessidades ou aspirações humanas, como por exemplo os relatos dos adolescentes: “professor, filmei por que gosto de assistir este tipo de filmes” através de meios socialmente prescritos, no caso os DMs e as redes sociais. A ser o caso, em meio às práticas sociais de buscas de satisfações dos desejos subjetivos, a circulação da violência e ou de agressividade assumiria uma caracterização de “válvula de escape” nas práticas intersubjetivas. E, portanto, a sua ausência suscitaria uma crise cujos desdobramentos desembocariam naquilo que Freud (1996) nas obras: Projeto de Psicologia (1895), “Psicologia de massas e análise do eu” (1921), “Mal-estar na civilização” (1930) como uma continuidade de “Futuro de uma ilusão” (1927), chamou de “angústia social do desamparo”. Como vimos no marco epistemológico, Freud descreve essa angústia como o processo de pensamento que busca uma situação originalmente de satisfação. Porém não passa de um estado de desejo recalçado, que ao ser ativado e, na ambiência da cultura midiática, reproduz a vivência de uma dor, que ao ser compartilhada nas redes sociais, apesar de originalmente ter sido individual, ela apresenta dimensões simbólicas, antropológica e sociais. (Michaud, 1989; Sodré, 2002). Somente neste caso, ela é parte integral das pulsões de vida e de morte freudianas. Sob o ponto de vista antropológico, as reações são entendidas como derivadas do choque cultural, acabando por desencadear ondas de violência, de agressão, de ira e de guerra ou combate, em vista a sobreviver na sociedade do capitalismo, embora possam causar danos físicos, morais e materiais. Já na dimensão sociológica, abre-se espaço para diferentes interpretações, devido a todo um sistema ou estrutura construído por diversas variáveis, associadas ao sistema político, econômico e social, tais como: condições de vida; suprimento de necessidades; comércio e uso de drogas; má governação; más influências; más amizades; fuga da realidade; falta de oportunidade e corrupção generalizada.

## **FINIS CORONAT OPUS<sup>35</sup>: TÓPICOS CONCLUSIVOS**

Depois de tudo o que observamos, descrevemos e analisamos, chegamos a conclusão de que investigar a problemática das RS de agressividade em adolescentes angolanos que consomem conteúdos com cenas de violência e agressividade, através dos Dispositivos Midiáticos, passa pelos contextos sócio históricos culturais e interacionais dos indivíduos inseridos dentro de uma sociedade. Pois, como afirma Simmel (2006, p. 61), “não há sociedade em si, mas diversas formas de interação”. Neste caso as práticas sociais dos indivíduos passam a ser metáforas das formas como eles interpretam (significam) as realidades sociais do mundo à sua volta. O conceito de sociedade converte-se em signo de disputas interacionais de interesses entre os indivíduos. Seguindo a linha do raciocínio deste autor inferimos que o indivíduo, por força da sociabilidade, é obrigado a interagir com os outros para sobreviver na estrutura social. Porém a capacidade da sociabilidade não basta. Ele necessita de viver harmoniosamente com o sistema de valores estabelecido pela sociedade através dos processos de integração nas determinadas estruturas sociais, por conta dos contratos sociais (emoção, família, amigos, objetivos, interesses), como afirma Simmel (2006, p. 166):

A socialização é constituída pelos impulsos dos indivíduos seus motivos, interesses e objetivos e pelas formas que esses conteúdos assumem. Em qualquer sociedade pode-se fazer distinção entre conteúdos e formas de vida social. Os conteúdos, ou seja, o material que preenche as formas sociais são os interesses que fazem alguém querer entrar em interação.

A partir daqui deduzimos que o estudo da RS de agressividade em adolescentes na ambiência da cultura midiática precisa ser interpretado, para além da dimensão instrumental. Ela deve ser feita à luz do conhecimento renovado. Ademais, segundo Giddens (1990, p. 45) nas sociedades dos fluxos do capital midiático, os sistemas da reprodução social são introduzidos de forma que “o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si. A rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o passado, exceto na medida em que o que 'foi feito antes' por acaso coincide com o que pode ser defendido de uma maneira proba”. Por esse véis, o que regulamenta as práticas e as relações dos indivíduos é um acervo de saber de carácter inquestionável. Aqui as relações dos indivíduos são consensuais e postas frente a frente abrindo-se espaço para a construção da “subjetivação” e de identidades que por sua vez resultam do controle que os sujeitos têm de si mesmo. Ou seja, como afirma Touraine (1994, p. 220), elas definem-se: “como princípio do bem o controle que o indivíduo exerce sobre suas ações, sua situação e que lhe permite conceber e sentir seus

comportamentos como componentes da sua história pessoal de vida, conceber a si mesmo como ator” (Touraine, 1994, p. 220) social.

Portanto, no contexto da sociedade angolana, depois de tudo o que observamos e descrevemos a partir dos relatos e discussões dos adolescentes, na transversalidade com as contribuições vindas dos campos da Comunicação Social, de Antropologia e da Sociologia, encerramos a nossa pesquisa apontando fundamentalmente duas RS de violência e agressividade:

a) Representação Social Primária da Violência e agressividade

Os relatos dos adolescentes demonstram simbolicamente a violência e a agressividade exercida pelo Governo angolano e a representam através dos conceitos ou categorias: “má governação em Angola; a falta de oportunidade e apoio por parte do Governo/Estado; o desemprego; a corrupção estrutural; a falta de políticas públicas de apoio aos adolescentes e jovens; a falta de condições de vida digna (pobreza); a má qualidade de ensino no país”, conforme aparecem no gráfico anterior. Nessa ordem de raciocínio, os dados indicam que o estudo da problemática da violência e agressividade entre os adolescentes, sob a ótica das cenas em circulação dos bens midiáticos, se reveste de uma tessitura de alta complexidade. A RS de agressividade nesta nova ambiência deve ser compreendida à luz do sistema político-administrativo legitimado pelos meios desprovidos do direito e poder de fala (linguagem), como é o caso do direito legal em sua faceta de meio de controle (Habermas, 1989); o sistema econômico que, na visão de Giddens (1990) se complexifica e se autonomiza em relação a outras esferas da vida social, controlando e despolitizando independentemente das normas sociais estabelecidas ao assumir-se como "ficha simbólica" por excelência.

Desta forma na perspectiva da RS da violência e agressividade, os adolescentes que consomem os conteúdos com cenas de violência na internet (YouTube) através dos DMs, constitui-se como uma alternativa de equilíbrio e inserção dos adolescentes na cultura midiática. Desta feita a problemática da agressividade não depende tanto das cenas de violência e agressividade em circulação na internet, mas depende de um conjunto de fatores de predominância mercadológica.

A violência e agressividade, enquanto produto mercadológico, converte-se um fenômeno social e simbólico que, categorizamos e representamos em três partes: as condições (contextos, objetivos e definição do público consumidor). São elas que definem os mercados e as estratégias de produção e de consumo; as formas como os consumidores percebem e recepcionam os produtos em circulação, segundo os interesses, as qualidades e os valores que

estes produtos despertam no público consumidor; e, as condições do poder econômico dos consumidores na luta pelo reconhecimento no mercado de consumo desses produtos. Todavia, embora na sociedade angolana, sejam inegáveis os desdobramentos das políticas públicas e privadas de integração social nas esferas de produção e consumo dos bens da indústria cultural midiática, percebemos, em questões do acesso sociotécnicas tecnológica e digital, a existência de um sistema bastante verticalizado. Esse sistema impõe barreiras e cria uma ambiência que deixa a maior parte do público angolano fora da realidade digital e do consumo dos bens e produtos da indústria cultural midiática. Ou seja, o sonho de uma “Geração M”, alta e sempre conectada a Internet não passa de uma miragem na sociedade Angola. Os fluxos econômicos tornam reféns e impotentes tanto o sistema governamental angolano quanto a sociedade civil. A sociedade angolana enfrenta disputas interacionais econômicas idênticas àquelas dos anos da guerra, ocorridas entre as corporações transnacionais e os gigantes financeiros que operavam em escala mundial.

Embora em novos ambientes essas disputas ainda hoje intensificam os circuitos e, em mutações constantes estão contribuindo para outras configurações subjetivas e identitárias. Por conseguinte, na perspectiva dos fluxos mercadológicos do capital midiático, elas acabam por estabelecer novos modos de ser e de existir na ambiência midiática. Por conseguinte, mais do que falar de violência e agressividade como ocorreu durante o tempo da guerra civil ou de cenas de violência e agressividades em circulação midiática, hoje esses conceitos sofrem mutações e ressignificações. E, nas interfaces entre os atores sociais que nas esferas de produção e consumo sofrem múltiplas afetações, se entrecruzam e disputam o mesmo espaço de sobrevivência, porém, sem se despirem, do contexto sociotécnico, tecnológico, histórico e cultural dos indivíduos, esses conceitos são usados como signo de um choque cultural. Para resumir a RS primária das disputas do mercado dos bens da Indústria Cultural Midiática apresentamos o quadro abaixo onde destacamos três esferas, cujos movimentos são protagonizados pelas práticas e pelos discursos dos atores sociais.

**Quadro 27: RS primárias da violência e agressividade**

MOVIMENTOS	PRÁTICAS SOCIAIS	DISCURSOS	PRODUTOS	RS
1º Esfera Inclusão ao mercado dos bens da Indústria Cultural	Produzir para o comércio dos bens da Indústria Cultural Midiáticas	Se és da Geração M – se não vives sem Facebook, Instagram, YouTube e toda a internet – este é o plano para ti. O plano da Geração que vai ao leme; Entra no plano geração M. Fala 300 minutos, envia 400 SMS, navega com 1Gb de internet e ainda tem Facebook zero. Se é Movicel, envia SMS para 19308 para aderir já. Movicel! Experimenta;	Pacote de Internet DMs Computadores Televisores Redes Sociais Vídeos DMs; Arma de Fogo; Motos; Viaturas Maconha; Droga; Álcool; Artigos diversos.	Disputa de mercado de produção
2º Esfera de Consumo	Comprar e Consumir os produtos midiáticos Acessar os conteúdos midiáticos	Movimentos na praça de alimentação do Shopping; Gostei da porrada do Shopping. Eu gosto assistir os vídeos de lutas pesadas; Esses vídeos são da hora, por isso vão para a coleção.	Pacote de Internet DMs Computadores Televisores Redes Sociais Vídeos DMs; Arma de Fogo; Motos; Viaturas Maconha; Droga; Álcool; Artigos diversos.	Disputa de poder de compra e consumo
3º Uso e Apropriações	Coprodução: Filmar Capturar Produzir Curtir Selecionar Editar Compartilhar; Postar Assistir	Eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouTube; Eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo; Ya, filmamos só para saber. [...] fiquem atentos ao canal. [...] se gostaria deste vídeo e querem ver mais vezes comentem aqui embaixo. Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes	Pacote de Internet DMs Computadores Televisores Redes Sociais Vídeos DMs; Arma de Fogo; Motos; Viaturas Maconha; Liamba; Droga; Álcool; Artigos diversos.	Disputa pelo reconhecimento nas esferas de consumo e produção

		sociais; Primeira ação o roubo da própria arma e a segunda ação do roubo de uma motorizada que me apanharam com ela. Eu sabia que o FAA tinha uma arma em casa. Então a noite fui a casa dele e lhe destrocei e roubei a própria arma. Me apanharam com a liamba, devido ao sofrimento. Não tenho marido, tenho 5 filhos para criar e sustentar. Eu também sou doente. A minha medicação precisa de muito dinheiro; Roubamos uma moto de Senegalesse, nós vendemos por trinta mil kwanzas.		
--	--	---	--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste quadro ficou mais e não resta dúvidas de que os conceitos de violência e agressividade são tomados simbolicamente como representação das disputas Interacionais de mercado de produção e consumo dos bens da Indústria Cultural na sociedade angolana.

b) Representação Social Secundária da violência e agressividade.

Os dados recolhidos e resumidos no quadro acima, comprovam que os avanços sócio técnico e tecnológicos do mercado da indústria do capital midiático tornaram a sociedade angolana conectada a cultura midiática mundial. Portanto, não como negar que essa conexão trouxe benefícios incalculáveis para o País, tais como por exemplo: mudanças na relação entre sociedades, capitais e mercados fortalecendo o modelo político-econômico por meio do surgimento de um capital unificado e global; a promoção de integração e a redução de distância entre as pessoas e o acesso à informação e; por último, a democratização da informação e do saber. Porém, sob a perspectiva da RS, os dados coletados denunciam um profundo hiato existente na estrutura social angolana que, por sua vez, instaura um caos que atravessa todos os campos e práticas sociais, produzindo uma disritmia sistêmica, desajuste e desequilíbrio social. Um dos fatores desse desequilíbrio é representado pela falta de letramento ou o maior índice de analfabetismo no País. Pois, durante a aplicação das técnicas da recolha

de dados percebemos que a maioria dos adolescentes demonstrou em seus relatos e práticas o não domínio e a falta de competência, tanto das técnicas quanto dos instrumentos que utilizamos. Esse despreparo, causou, em alguns adolescentes, estranhamentos, constrangimentos e inibições.

No que diz respeito ao sexo, os dados revelaram que os adolescentes do sexo masculino apresentam um nível de violência e agressividade maior do que os adolescentes do sexo feminino. Já no âmbito da percepção e recepção dos fluxos dos conteúdos midiáticos, independentemente do sexo, percebermos nos relatos de alguns adolescentes uma certa falta de maturidade e do senso crítico em distinguir o real do fictício. Todavia, essa falta de maturidade não interferiu nos conceitos que eles formulam sobre a RS da violência e agressividade. Em termos de classificação e categorização, usando como metáfora dos três movimentos observados entre os adolescentes durante a exibição dos vídeos apresentamos no quadro a RS da violência e agressividade.

#### **Quadro 28: RS secundária da violência e agressividade**

MOVIMENTOS	PRÁTICAS SOCIAIS	DISCURSOS	PRODUTOS	RS
1º Esfera da Inclusão a sociedade do Espetáculo	Movimentar; Arremessar; Socar; Bater Chutar; Esbofetear Estalar; Bater Morder Arranhar Machucar Queimar Puxar; Roubar; Assaltar; Matar;	Assobios e gritarias: “isso mesmo”, “vá”, “dá-lhe”, “toma”.	Movimentos de Cenas de violência; Arremessos de cadeiras, Socos Chutes Bofetadas Pauladas Estaladas Mordidas Arranhaduras Machucados Queimaduras Puxões Roubos Assaltos Mortes Consumo de Droga Corrupção	Agressões físicas
2º Esfera de Consumo olhar inerte, passivo, contemplativo, sem ação, hipnotizarão contemplativo, inerte.	Movimentar; Acessar; Assistir; Consumir; Rejeitar; Depreciar; Discriminar; Humilhar; Desrespeitar; Punir; Pejorativar Vexar; Xingar;	“um jovem que prefere não ser identificado conta o que presenciou”. Parecia ser uma luta de gangues gigantes de rapazes. Eh... eu não sei de concreto qual era a razão da luta. Só sei que foi um tumulto total”.	Movimentos de cenas de violência e agressividade DMs Computadores Televisores Redes Sociais Vídeos Acesso; Assistência; Consumo; Rejeição; Depreciação;	Agressões emocionais

	<p>Falsificar;          Criticar;          Sarcasmos;          Zombar;          Corromper;          Ameaçar          Intimidar;          Enganar          Prejudicar</p>	<p>Tinha senhoras grávidas, bebês, os seguranças parecem 2 ou 3, não conseguiram apaziguar a situação          Eles estavam lá e tentavam mesmo”. Mas só que eram insuficientes”.          As pessoas corriam de um lado para o outro. Algo inexplicável”. “Só visto mesmo”.          Os causadores da confusão não foram identificados e não há relatos de pessoas feridas ou danos materiais” a segurança tenta acalmar os ânimos. Mas sem qualquer resultado. Não consegue controlar a situação”.</p>	<p>Discriminação;          Humilhação;          Desrespeito;          Punições;          Palavras pejorativas vexatórias;          Xingamentos;          Falsificação ideológica;          Críticas;          Sarcasmos;          Zombarias;          Corrupção;          Ameaças;          Intimidação.          Prejuízo.</p>	e
3º Uso e Apropriações	<p>Coproduzir:          Filmar          Capturar          Produzir          Curtir          Selecionar          Editar          Compartilhar;          Postar          Assistir</p>	<p>As pessoas só querem filmar          Eu gosto assistir os vídeos de lutas pesadas;          Gostei da porrada do Shopping;          Eu filmei o vídeo para compartilhar com os meus amigos do Facebook, Instagram e do YouYube;          Eu quero que o professor vá lá e curta o meu vídeo;          Ya, filmamos só para saber. [...] fiquem atentos ao canal. [...] se gostaria deste vídeo e querem ver mais vezes comentem aqui embaixo. Não se esqueçam de se escrever no canal. E sigam nas redes</p>	<p>Capturas de Cenas de violência e agressividade;          DMs;          Computadores;          Televisores;          Redes Sociais          Vídeos;          Seleção;          Edição;          Compartilhamento;</p>	<p>Agressões verbais</p>



		sociais.		
--	--	----------	--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Em suma, numa leitura de conjunto tanto esse quatro quanto do anterior, concluindo a nossa pesquisa permitiram-nos perceber que a RS da violência e agressividade, sob a perspectiva da Mídiação e dos Processos Sociais, não é necessariamente consensual para todos os sujeitos. Ela, compreende todo o um conjunto de estrutura social. Assim qualquer enunciação discursiva que se pretenda fazer deve necessariamente passar pelos lugares psíquicos dos sujeitos nas diferentes dos campos e práticas sociais.

Assim, depois de tudo o que vimos, concluímos que a representação social da violência e agressividade em adolescentes que consomem conteúdos com cenas de violência e agressividade em circulação nas redes sociais, não pode e nem deve ser interpretada e classificada como patológica. Mas, sim como uma questão situacional, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais tanto os adolescentes na ambiência do consumo dos bens da indústria da cultura midiática quando a sociedade em geral é representada, interpretada, e ou interpelada dentro dos sistemas de valores e políticos, ideológicos. A partir daqui, podemos afirmar que, sem a pretensão de ter esgotado o assunto, lançamos um desafio que tenha como proposta a inserção da problemática da representação social da violência e agressividade dentro dos estudos sócio histórico culturais e midiáticos. E como se não bastasse a isso, que ao mesmo tempo, conceba os adolescentes como atores sociais que pelo consumo dos bens da indústria cultura e pelos usos e apropriação dos DMs estabelecem relações contratuais novos, como forma de busca de reconhecimento nas diferentes esferas sociais.

## REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1989). *La adolescência normal*. Buenos Aires: Paidós.
- Abreu, M. V. (1998). *Cinco ensaios sobre a motivação*. Coimbra: Almedina.
- Abric, J. C. (1992). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presse Universitaires de France.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1973). *Temas básicos em sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1947).
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1986). *Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Adorno, T. W. (1992). *Mínima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática.
- Agamben, G. (2009). O que é dispositivo. In: Agamben, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 27-51. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/13200>. Acesso em: 18 jan. 2017.
- Albuquerque Júnior, D. M. (2007). *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc.
- Almada, S. C., Cogle, H. P. (2006). *Angola o percurso da Internet: A nossa contribuição*. Disponível em: <http://www.nsrc.org/AFRICA/AO/20060300-Angola-Percurso-Internet.pdf>. Acesso em: 05 set. 2014.
- Almeida, L. P. et al. (1994). Levantamento soroepidemiológico de leptospirose em trabalhadores do serviço de saneamento ambiental em localidade urbana da região sul do Brasil. *Revista Saúde Pública*, 28 (1), 76-81.
- Alonso, S. L. (1988). *A escuta psicanalítica*. Artigo digital. Disponível em: [www.uol.com.br/percurso/mais/pes01/artigo0120.htm](http://www.uol.com.br/percurso/mais/pes01/artigo0120.htm). Acesso em: 24 maio 2019.
- Amaro, S. (2003). *Visita Domiciliar: Guia para uma abordagem complexa*. Porto Alegre. AGE.
- Andrade, C. T. S. (2009). *Para entender relações públicas*. (4a ed.). São Paulo: Loyola.
- Arendt, H. (2001). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Attali, J. (2003). *L'homme nomade*. Paris: Fayard.
- Augé, M. (2005). *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 1a edição francesa. Lisboa, 90 Graus.
- Augé, M. (2006). Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: Moraes, D. (org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.

- Aulagnier, P. (1975). A atividade de representação, seus objetos e sua finalidade. In: Aulagnier, P. *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Campinas: Papirus.
- Aumont, J. (1995). A parte do dispositivo. In: Aumont, J. *A imagem*. Campinas: Papirus, p. 135-195.
- Babbie, E. (2001). *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 519.
- Bakhtin, M. & Volóchinov, V. (2010). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (14a ed.). São Paulo: Hucitec. (Publicação original de 1929).
- Bakhtin, M. (1981). La structure de l'énoncé. In: Todorov, T. & Bakhtin, M. *Le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, p. 287-316. (Publicação original de 1930).
- Bakhtin, M. (2010). *Estética de Criação Verbal*. (5a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Publicação original de 1953).
- Barbier, R. (2008). Las nociones-bifurcaciones en la investigación-acción, *Visión Docente Con-Ciencia*, Puerto Vallarta: C. E. U. Arkos, 8(45), 05-20.
- Barbosa, L. & Campbell, C. (2007). *Cultura, Consumo e Identidade*. São Paulo: Editora FGV.
- Barbosa, L. (2008). *Sociedade de consumo*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacres et simulations*. Paris: Galilée.
- Baudrillard, J. (1985). *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense.
- Baudrillard, J. (1995). *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baudrillard, J. (2001). *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Baudrillard, J. (2003). *Telemorfose*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Baudrillard, J. (2008). *A sociedade de consumo*. Portugal: Edições 70.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização e as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. RJ: Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, p.19-20.

- Bauman, Z. (2010). *Mundo Consumo: Ética del Individuos em La Aldea Global*. Buenos Aires: Paidós.
- Bechker, H. A. (1972). Observation by informants in institutional research. *Quality & Quantity*, 6, 157-169.
- Belei, R. A., Gimenez-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, FAE/PPGE/UFPEL, Pelotas, 30, 187-199.
- Bentham, J. (2000). *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Benzécri, J. P. (1973). *L'analyse des données - Vol II: L'analyse des correspondances*. Paris: Dunod.
- Berger, P. I. & Luckmann, T. (1987). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: Its Causes, Consequences and Control*. New York: McGraw-Hill.
- Berlinck, M. T. & Rodriguez, S. A. (orgs.). (1987). *Psicanálise de sintomas sociais*. São Paulo: Escuta.
- Bertão, A. (2004). Violência, agressividade e indisciplina em meio escolar: perdidos em busca do amor. *Psycologica*, 36, 149-162. Disponível em: <https://www.uc.pt/fpce/psychologica/indexes/ind36>. Acesso em: 21 jan. 2015.
- Bloor, M., Frankland, J., Thomas, M. & Robson, K. (2001). *Focus groups in social research*. London: Sage.
- Blumer, H. (1982). *El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo*. Barcelona: Hora.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno CEDES*, 24(62), 26-43.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2001). Sílvia Lane e o Projeto do Compromisso Social da Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 46-56. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000500018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500018). Acesso em: 11 jan. 2016.
- Boff, L. (1989). *A Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade*. (5rd ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. & Eagleton, T. (2007). A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: Žižek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 265-278.
- Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero.
- Bourdieu, P. (1984). *Homo Academicus*. Paris: Les Éditions de Minuit.

- Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1989). A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel. p. 59-73.
- Bourdieu, P. (1990). *Sociología y cultura*. México: Grijalbo.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Ed. Papirus.
- Bourdieu, P. (1997). Que es hacer hablar a un autor? A propósito de Michel Foucault. In: Bourdieu, P. *Capital cultural, escuela y espacio social*. México: Siglo Veintiuno.
- Bourdieu, P. (1998). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2000). *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. (3a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2001). *A economia das trocas simbólicas*. (5a ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2003). *A dominação masculina*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, p. 86.
- Bourdieu, P. (2011). *(A) Economia das trocas simbólicas*. (5a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J. C., & Passeron, J. C. (1999). *A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes.
- Boyd, D. M. & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: definition, history and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*. Indiana, 13(1). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- Braga, J. L. (1994). Sobre a Conversação. In: Fausto Neto, A., Porto, S. D., & Braga, J. L. (orgs.). *Comunicação, Cultura & Política*. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, p. 289-308.
- Braga, J. L. (2001). Constituição do Campo da Comunicação. In: Fausto Neto, A. et al. *Campo da Comunicação – caracterização problematização e perspectivas*. João Pessoa: Editoras UFPB, p. 11-39.
- Braga, J. L. (2006). Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. *Anais do Encontro Nacional da Compós*, 15, 1- 16.
- Braga, J. L. (2011a). Dispositivos Interacionais. *Anais do Encontro Anual da Compós*, Porto Alegre. Anais, Porto Alegre, 1, 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2HepIhA>. Acesso em: 20 maio 2017.
- Braga, J. L. (2011b). Dispositivos Interacionais. *Anais do Encontro Anual da Compós*, 20, GT Epistemologias da Comunicação, Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1657.doc](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc). Acesso em: 23 nov. 2018.

- Braga, J. L. (2012a). Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, M. A., Janotti Junior, J., & Jacks, N. (Orgs.). *Mediação e mediação*. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPOS. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf). Acesso em: 20 nov. 2018.
- Braga, J. L. (2012b). Circuitos versus Campos Sociais. In: Mattos, M. A., Janotti Junior, J., & Jacks, N. (orgs.). *Mediação & Mediação*. Livro Compós. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, p. 31-52.
- Braga, J. L. (2016). Aprender metodologia ensinando pesquisa. In: Moura, C. & Lopes, M. I. (orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EdUPUCRS.
- Braga, J. L. (2017). Circuitos de Comunicação. In: Braga, J. L. & Calazans, R. (org.). *Matrizes Interacionais: A Comunicação Constrói a Sociedade*, vol.2. Campina Grande: EDUEPB.
- Braga, J. L., & Calazans, R. (2001). *Comunicação e educação: Questões delicadas na interface*. São Paulo: Hecker Editores.
- Brito, F. & Souza, J. (2005). Expansão Urbana nas Grandes Metrôpoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. *São Paulo em Perspectiva*, 19(4), 48-63. Disponível em [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v19n04/v19n04\\_03.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v19n04/v19n04_03.pdf). Acesso em: 13 maio 2017.
- Buzzetto-More, N. A. (2012). Social Networking in Undergraduate Education. *Interdisciplinary Journal of Information, Knowledge, and Management*, 7. Disponível em: <http://www.ijikm.org/Volume7/IJIKMv7p063-090Buzzetto611.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- Caiafa, J. (2007). *A aventura das cidades*. Ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV.
- Camargo, B. V. (2005). Introdução. In: Moreira, A. P., Camargo, B. V., Jesuíno, J. C., & Nóbrega, S. M. (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações*. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária Sociais.
- Canclini, N. G. (1984). Gramsci con Bourdieu. Hegemonía, consumo y nuevas formas de organización popular. *Nueva Sociedad*, 71, 69-78. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/gramsci-con-bourdieu-hegemonia-consumo-y-nuevas-formas-de-organizacion-popular/>. Acesso em: 7 fev. 2015.
- Canclini, N. G. (1997). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 283-350.
- Canclini, N. G. (1998). *Democracia e Mass Media*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.
- Canclini, N. G. (1999). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- Canclini, N. G. (2001). As culturas híbridas em tempos de globalização. In: Canclini, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 17-43.
- Canclini, N. G. (2003). *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- Canclini, N. G. (2005). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Cano, D. S. & Sampaio I. T. A. (2007). O método de observação na psicologia: Considerações sobre a produção científica. *Interação em Psicologia*, 11, 199-210.
- Capucha, L. (1998). “Exclusão social e acesso ao emprego: paralelas que podem convergir”, *Sociedade e Trabalho*, 3, 60-69.
- Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*. Oeiras: Celta Editora.
- Cardoso, F. M. (2000). *Algumas relações possíveis entre o discurso da sala e sobre a sala de aula e o processo ensino-aprendizagem de Ciências*. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Cardoso, G. (2014). *Os Media na Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caron, A. & Caronia, L. (2005). *Culture mobile*. Montreal: Presses de l’Université de Montreal.
- Castells, M. (1998). *La sociedad de la información: economía, sociedad y cultura*. Madrid: Alianza.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede: a era da informação. Economia, sociedade e cultura. Vol. 2. O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2001). *A sociedade em rede: a era da informação. Economia, sociedade e cultura. Vol. 2. O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2003) *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Castells, M. (2005); Cardoso, G. (Orgs). *A sociedade em rede do Conhecimento à ação política*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda.
- Castells, M. (2006). O discurso da mídia: Para uma nova análise de Discurso. In: Carneiro, Dias. (org). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 5-43.
- Castells, M. (2007). Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade internacional. In: Castells, M. et al. *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 3-32.
- Castells, M. (2009). *Communication Power*. New York: Oxford University Press.

- Castells, M. (2010). *The rise of the Network Society - The information age: Economy, society and culture*. Malden: Wiley-Blackwell.
- Castorina, J. A. (2007). *El impacto de la filosofía de la escisión*. Buenos Aires: Aiqué.
- Cazarin, E. A. (1997). *Heterogeneidade Discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Certeau, M. (2002). *A escrita da história*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Charaudeau, P. (1997). *Discours d'information médiatique*. Paris: Ina-Nathan.
- Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: Pauliukonis, M. A. L. & Gavazzi, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 11-27.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL.
- Chizzotti, A. (1995). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Cohen, C. (1993). O incesto. In: Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. (Orgs.). *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 211-225.
- Cohen, R. (2008). *Developing essential literacy skills: a continuum of lessons for grades K-3*. Newark, Del.: IRA.
- Coll, C., Bustos, A., & Engel, A. (2010). As comunidades virtuais de aprendizagem. In: Coll, C. & Monereo, C. *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias de informação e da comunicação*. Tradução de Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, p. 268-286.
- Corsini, C. F. (2004). *É agressivo ou está agressivo? Eis a questão*. Disponível em: <http://www.nib.unicamp.br/svol/agres.htm>. Acesso em: 19 mar. 2015.
- Costa, L. et al. (Coord.). (2003). *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF-Brasil.
- Costa, M. E., & Vale, D. (1998). *A violência nas escolas*: Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: Portugal. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/21743/2/85781.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- Cuche, D. (2002). *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. (2a ed.). Bauru: EDUSC.
- Cuin, C. H. & Gresle, F. (1994). *História da sociologia*. São Paulo: Ensaio (Cadernos Ensaio, série pequeno formato), p. 263-269.
- Damasceno, G. (1998). *La fede ortodoxa*. Roma: Città Nuova.



- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. Tradução de Estela dos Santos Abreu.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Mille plateaux*. Capitalisme et Schizophrénie. Paris: Les Editions de Minuit.
- Deleuze, G. (1987). *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Deleuze, G. (1990). *¿Que és un dispositivo?* In: Foucault, M. Barcelona: Gedisa, 155-161. Disponível em: <https://bit.ly/2W0e0Lx>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- Delors, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições Asa.
- Derrida, J. (1993). *Spectres de Marx: l'État de la Dette, le Travail du Deuil et la Nouvelle Internationale*. Paris: Galilée.
- Descartes, R. (1979). Discurso do método. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, p. 42.
- Deuze, M. (2014). O jornalismo, a vida na mídia e a sociedade empreendedora. *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM*, 2(2), 4-22. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/238/279>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. janvier-février. *Bulletin de Psychologie*, 405(95), 189-195. Disponível em: <http://www.docuementation-sociale.org/base-prisme/4090/>. Acesso em: 21 fev. 2016.
- Doursih, P. et al. (2007). *Culture mobilities*. Diversity and Agency in Urban Computing. USA.
- Duarte, A. P. (2002). *Identidade associada ao lugar: conteúdos identitários e percepção de qualidade ambiental em localidades de diferente dimensão*. Dissertação de mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Duarte, P. & Aires, L. (2008). Re-significação dos Líderes de Opinião pelo ambiente mediático. *Anais do Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação*, 31, Natal: UFRN.
- Dupuis, JP. (1996). Antropologia, cultura e organização: proposta de um modelo construtivista. In: J. Chanlat, JF. (Coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas, 231-251.
- Durkheim, E. (1999). *Da divisão do trabalho social*. Tradução: Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes.
- Durkheim, E. (2000). *O Suicídio*. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Fausto Neto, A. (2006). Mídia, prática social – prática de sentido. *Anais do Encontro Anual da Compós*, 15. Disponível em: <https://bit.ly/2TiUNYB>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- Fausto Neto, A. (2007). Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*, 30. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1528-2.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.
- Fausto Neto, A. (2008). Fragmentos de uma “analítica” da mediação. *Matrizes*, São Paulo, 1, 89-105. Disponível em: <https://bit.ly/2FhzZs1>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- Fausto Neto, A. (2009). Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)*, 18, Belo Horizonte. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1164.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1164.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.
- Fausto Neto, A. (2010). A circulação além das bordas. In: Fausto Neto, A. & Valdetaro, S. (Org.). *Mediatización, sociedad y sentido*. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 1, 2-17. Disponível em: <https://bit.ly/2TUY2ou>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- Fausto Neto, A. (2011). Transformações do Jornalismo na Sociedade em Vias de Mediação In: Fausto Neto, A. & Fernandes, J. D. C. (Org.). *Interfaces Jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens*. Vol. 1. (1a ed.). João Pessoa: Editora da UFPB.
- Fausto Neto, A. (2013). Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: Braga, J. L. et al (orgs.). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos.
- Fausto Neto, A. (2016). Da convergência/divergência à interpenetração. In: Miége, Bernard et al. *Operações de mediação: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo*. Santa Maria: FACOS UFSM.
- Faxina, E. & Gomes, P. G. (2016). *Mediação: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo: Paulinas.
- Featherstone, M. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Ferreira, J. (2006). Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. *Líbero (FACASPER)*, 1, 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2NM0xE5>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- Ferreira, J. (2007). Mediação: dispositivos, processos sociais e de comunicação. *E-Compós*, Brasília, 10, 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2VF7uK4>. Acesso em: 20 maio 2018.
- Ferreira, J. (2016). A construção de casos sobre a mediação e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. *Galáxia* (São Paulo, online), 33, 199-213.
- Feshbach, S. & Singer, R. D. (1971). *Television and aggression*. San Francisco: Jossey Bass.

- Fischer, R. M. B. (2001). *Televisão & Educação: fruir e pensar na TV*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Flament-Durand, J. (1967). Contribution a l'étude de la neurosécrétion chez le rat par la méthode autoradiographique. In: *Neurosécrétion* (F. Stutinsky, ed.). Berlin-Heidelberg-New York: Springer, 51–76.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.
- Foucault, M. (1997). *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2000a). Sobre a História da sexualidade. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2000b). *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2001). *Microfísica do poder*. (16a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2009). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (19a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- França V. (2006). Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: Guimarães, C. & França, V. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 60-88.
- França, V. (2004). Representações, mediações e práticas comunicativas. In: Pereira, M., Gomes, R. C., & Figueiredo, V. L. F. (org). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias e Letras, 13-26.
- França, V. (2008). Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H Mead. In: Primo, A. et al. (org.). *Comunicações e interações*. Porto Alegre: Sulina, 71-91.
- França, V. (2012). O acontecimento e a mídia. *Galáxia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, 0(24).
- França, V. (2016). O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: Moura, C. & Lopes, M. *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas* (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 153-174.
- Freire, P. (1985). *Educação e mudança*. Traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. (10a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. (17a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1989). *A Importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- Freire, P. (1993). *Educação como prática da liberdade*. (23a ed.). Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (29rd ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freitas, J. D. (2017). *Usos dos Midia por Jovens Universitários de Angola: O caso da Província de Benguela*. Tese de doutorado. Universidade das Ciências Sociais e Humanas de Nova Lisboa. Nova Lisboa Portugal. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/35958/1/TESE\\_\\_versão%20final\\_3\\_18.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/35958/1/TESE__versão%20final_3_18.pdf). Acesso em: 2 jan. 2020.
- Freitas, M. T. A. (1997). Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: Unicamp.
- Freud, S. (1988). “Carta 52”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1988). “Complemento metapsicológico de la doctrina de los sueños”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1988). “Conferencias de introducción al psicoanálisis”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XVI. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1988). “Dela historia de una neurosis infantil”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (1988). “El yo y el ello”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1988). “Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1988). “La interpretación de los sueños”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. IV e V. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1988). “Lo inconsciente”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1915a).
- Freud, S. (1988). “Mas allá del principio de placer”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1988). “Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1988). “Nota sobre la ‘pizarra mágica’”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1988). “Pulsiones y destinos de pulsión”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1915b).

- Freud, S. (1988). “Tres ensayos de teoria sexual”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996). “Futuro de uma ilusão”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996). “Mal-estar na civilização”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). “Projeto para uma psicologia científica”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). “Psicologia de massas e análise do eu”. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1891).
- Furtado, C. (2001). *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Gade, C. (1998). *Psicologia do Consumidor e da Propaganda*. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: EPU.
- Galego, C. & Gomes, A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a10.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2014.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (2001). *Sociologia*. Penso: Porto Alegre.
- Giddens, A. (2002). *Where now for New Labor*. London: Polity.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. (4a ed.). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Góes, M. C. R. (1991). A natureza social do desenvolvimento psicológico. *Caderno Cedes*, 24, Campinas: Cedes/Papirus, 17-24.
- Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Campos Raposo. (20a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gomes, M. F. C. M. (2005). “Habitação Questão Social - Análise do caso brasileiro”. *Scripta Nova*, Barcelona: Universidad de Barcelona, Vol. IX, 194(26). Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-117.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- Gomes, P. G. (2006). *A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos.
- Gomes, P. G. (2016). Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. *Revista Famecos*, Porto Alegre, 23(2), 1-20. Disponível em: <https://bit.ly/2HomuZP>. Acesso em: jan. 2018.
- Gomes, P. G. (2017). *Dos Meios à Midiatização: Um conceito em Evolução*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Gomes, W. et al. (2009). Politics 2.0: A Campanha On-line de Barack Obama em 2008. *Revista Sociologia Política*, 17(34), 29-43.
- Gomide, P. (2000). Efeitos de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescente. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(1), 127-141. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000100014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 out. 2014.
- Grossman, E. (1998). La adolescencia cruzando los siglos. *Adolescencia Latinoamericana*, 1, p. 68-74.
- Guareschi, P. A. (2008). Pesquisa em psicologia social: de onde viemos e para onde vamos. In: Rivero, N. (org.). *Psicologia social: estratégias, políticas e implicações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 86-95. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/gbqz7>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210.
- Habermas, J. (1989). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2003). *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Haeyek, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, 1(1).
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais.
- Halbwachs, M. (2004). *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 22(2), 15-46.
- Hall, S. (1997). *Representation: cultural representation and signifying practices*. London: Sage.
- Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2000). “Quem precisa da identidade?”. In: Silva, T. T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 103-133.
- Hall, S. (2003). “Codificação/decodificação”. Da Diáspora. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 387-404.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. (10a ed). Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (11rd ed.). São Paulo: DP&A.
- Hamburger, E. (1998). Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: Schwarcz, L. M (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, p. 440-487.
- Hamburger, E. (2005). *O Brasil Antenado: A sociedade da novela*. (1a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Harris, P. R. & Moran, R. T. (1996). *Managing Cultural Differences*. Texas: Gulf Publishing Company.
- Haslberger, A. (2005). The complexities of expatriate adaptation. *Human Resource Management Review*, 15(2), 160-180.
- Hegel, G. W. F. (1995). *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. V. I. São Paulo: Loyola.
- Heidegger, M. (1958). *Bâtir habiter penser*. In: *Essays et Conférences*, Paris: Gallimard.
- Heidegger, M. (1999). *Ser e Tempo*. (8rd ed.). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Heidegger, M. (2006). *Que é isto – a Filosofia?* Petrópolis-RJ: Vozes.
- Heller, A. (2000). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Herman, E. S. & McChesney, R.W. (1997). *The global media: the new missionaries of corporate capitalism*. London; Washington, DC: Cassel.
- Hiltz, S. R. & Wellman, B. (1997). Asynchronous learning networks as a virtual classroom. *Communications of the ACM*, 40, 44-49. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/260750.260764>. Acesso em: 28 jan. 2017.
- Hintz, H. C. (2007). Espaço relacional na família atual. In: Cerveny, C. M. O. (Org.). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 155-175.

- Honneth, A. (1995). *The Fragmented World of Social: Essays in Social and Political Philosophy*. New York: New York State University.
- Honneth, A. (1999). *Teoria Crítica*. In: Giddens, A., Turner, J. (org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Unesp.
- Honneth, A. (2001). Recognition or Redistribution? Changing Perspectives on the Moral Order of Society. *Theory, Culture and Society, Thousand Oaks*, 18(2-3), 43-55.
- Honneth, A. (2009). *Luta por Reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos sociais. (2a ed.). São Paulo: Editora 34.
- Honneth, A. (2011). *Das Recht der Freiheit*. Grundri einer demokratischen Sittlichkeit. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Ianni, O. (1997). *Teorias da globalização*. (4a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ibarra, A. & Mormann, T. (2005). Interactive representations. *Representaciones*, 1(1), 1-20.
- Illera, J. L. R. (2007). Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. *Revista de Ciências da Educação*, 3, 117-124.
- Jannuzzi, P. M. (2017). *Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. (6a ed.). Campinas: Alínea.
- Japiassu, H. (1992). *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Jappe, A. (1999). *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes. Tradução de Iraci D. Poleti.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph.
- Jenkins, H., Green, J., & Ford, S. (2014). *Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph.
- Jodelet, D. (1985). La Representacion Social: fenomenos, concepto y teoria. In: Moscovici, S. *Psicologia social II*. Madri: Paidós, 469-494.
- Jodelet, D. (1992). Répresentation Sociales: um domaine en expansive. In: Jodelet, D. (Org.) *Les Representations Sociales*. Paris: Puf, 45-78.
- Jodelet, D. (2001). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 679-712. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- Johnson, R. (1986). The story so far: And further transformations. In: Punter, D. (org.). *Introducion to Contemporary Cultural Studies*. Londres, Longman.
- José Filho, M. & Dalbério, O. (Org.). (2006). *Desafios da pesquisa*. Franca: Ed. UNESP FHDSS.



- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. (2000). Narrative interviewing. In: Bauer, M. & Gaskell, B. (Eds.). *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook*. London, England: Sage Publications, 57-74.
- Jovchelovitch, S. (1998). Re(des)cobrando o outro. Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: Arruda, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 69-82.
- Jovchelovitch, S. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia e Sociedade*, 16(2), 20-31. Disponível em: <https://bit.ly/2JibsH4>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- Kães, R. (2001). Psicanálise e representação social. In: Jodelet, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 67-68.
- Kant, I. (2008). *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70.
- Karababa, E. & Ger, G. (2011). Early Modern Ottoman Coffeehouse Culture and the Formation of the Consumer Subject. *The Journal of Consumer Research*, 37(5), 737-760.
- Kato, H. T., Pereira, N. A. F., & Pimentel, R. (2005). Expatriação e Estratégia Internacional: o Papel da Família como Fator de Equilíbrio na Adaptação do Expatriado. *RAC*, 9(4), 53-71. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/periodicos/arq\\_pdf/a\\_175.pdf](http://www.anpad.org.br/periodicos/arq_pdf/a_175.pdf). Acesso em: 20 abr. 2018.
- Katz, J. & Aakhus, M. (2002). *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. Cambridge: University Press.
- Kellerman, A. (2006). *Personal Mobilities*. Nova Iorque: Routledge.
- Kellner, D. (2001). A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. In: Kellner, D. *Introdução: O fenômeno Madonna*. Tradutor: Ivone C. Benedetti. Coleção Verbum, São Paulo: EDUSC.
- Kellner, D. (2006). Cultura da Mídia e triunfo do espetáculo. In: Moraes, D. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., Vieira, M. L. (2006). Valores e crenças parentais: Reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, 16(2), 96-102. Disponível em: <https://bit.ly/31BUOcQ>. Acesso em: 12 maio 2015.
- Kotler, P. & Keller, K. L. (2012). *Administração de Marketing*. (14a ed.). São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Krueger, R. A. & Casey, M. A. (2009). *Focus groups: A practical guide for applied research* (4a ed.). Thousand Oaks, California: Sage.
- Kruskal J. B. (1964). "Nonmetric multidimensional scaling: a numerical method". *Psychometrika* 29, p. 115-129.
- Kusnetzoff, J. C. (1982). *Introdução à Psicopatologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica*. (7a ed.). São Paulo: Atlas.
- Laraia, R. B. (2002). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laranjeira, G. C. & Rios, A. M. G. (2019). Incorporação: quando o corpo é o templo. *Caminhos*, Goiânia, 17(1), 109-122. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6807/3978>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social. An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Belo Horizonte: UFMG.
- Lefebvre, H. (2011). A cidade e a divisão do trabalho. In: Lefebvre, H. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DPeA.
- Leffa, V. J. (1996). *Aspectos da leitura*. (1a ed.). Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto.
- Lemos, A. (2002) *Cibercultura*. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea, Sulina, Porto Alegre.
- Lemos, A. (2008). Mobile Communication and New Sense of Places: a critique of spatialization in cyberculture. *Galáxia*, 18, 91-108. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/11ff/fb2a3d242e47227bf666e34db0646e836c90.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.
- Lemos, A. (2009). Locative media in Brazil. *Wi. Journal of Mobile Media*. Montreal/Toronto: Summer.
- Leontief, A. (1978). *O Desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizontes Universitários.
- Lévi-Strauss, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- Lévi-Strauss, C. (1976). *O Pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Lévy, P. (1998). A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, 9.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lima Junior, W. L. (2009). Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. *Líbero*. V. VII, (FACASPER). S. Paulo, p. 95-106.
- Lima, F. & Bastos, F. (2012). Reflexões sobre o objeto da comunicação no contexto organizacional. In: Oliveira, I. & Lima, F. *Propostas conceituais para a comunicação no*

*contexto organizacional*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editorial; Rio de Janeiro, Editora Senac Rio.

- Lipovetsky, G. (1989). *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla.
- Lippmann, W. (2008). *Opinião pública*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho com publicação original em 1922).
- Lopes, A. S. (2011). *Tecnologias da Comunicação: Novas Domesticações*. Lisboa: Edições Colibri e Instituto Politécnico de Lisboa.
- Lopes, M. I. V. (2014). Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*, São Paulo, 8(1), 65-80. Disponível em: <https://bit.ly/34GkbMh>. Acesso em: 23 fev. 2016.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo (SP): EPU.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Lukács, G. (1960). *Histoire et conscience de classe*. Paris: Minuit.
- Lyon, D. (1998). *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus.
- Machado, A. (2014). Cabo submarino que ligará Brasil à África terá capacidade de 40 terabits por segundo. *O Globo* [São Paulo], 30 jan. Disponível em: <https://glo.bo/3hCCVjn>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- Machado, H. V.; Hernandes, C. A. (2004). Alteridade, expatriação e trabalho: implicações para a gestão organizacional. *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 8(3), 53-73.
- Maffesoli, M. (1997). *Du nomadism*. Vagabondages Initiatives. Paris: Librairie Générale Française.
- Maheirie, K. (1994). *Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Maingueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In: Amossy, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 69-92.
- Maldavsky, D. (1977). *“Teoria de las representaciones”*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión.
- Maldavsky, D. (1986). *“Estructuras narcisistas: constitucion y trasformaciones”*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

- Maldonado, A. E. (2013). A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: Maldonado, A. E., Bonin, J. A., & Rosário, N. M. (Org.) *Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa*. (2a ed.). Salamanca: Editorial Comunicación Social, p. 17-45.
- Marcondes Filho, C. (1994). *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, Coleção Ponto de Apoio.
- Marcus, G. E. & Fischer, M. M. J. (1986). *Anthropology as cultural critique: an experimental moment in the Human Sciences*. Chicago: University of Chicago Press.
- Martín-Barbero, J. & Rey, G. (2001). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2006). *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século em Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Martins, H. T. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: USP, 30(2), 289-300.
- Martuccelli, D. (1999). Reflexões sobre a violência na condição moderna. *Revista Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 11(1), 157-175.
- Marx, K. & Engels, F. (2007). *A Ideologia Alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Fererbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Marx, K. (2009). *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: O processo de produção do capital. Vol. II. (23a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- McCombs, M. & Shaw, D. (1977). *The emergence of American political issues: The Agenda-Setting Function of the Press*. St. Paul, Minnesota: West Publishing Co.
- McLuhan, M. & Fiore, Q. (1969). *O meio são as mensagens*. Rio de Janeiro: Record.
- McLuhan, M. (1998). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cambridge and London: The MIT Press.
- Mead, G. H. (1962). *Mind Self and Society*. The University of Chicago Press, Chicago.
- Mead, G. H. (1982). *Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona: Paidós. (Publicação original de 1934).
- Medina, A. S. (1995). *Supervisão Escolar: da ação exercida à ação repensanda*. Porto Alegre. EdIPUCRS.
- Megargee, E. I. & Hokanson, J. E. (1976). Tipos de Personalidade Subcontrolada e Supercontrolada em Agressão Anti-social Extrema. In: Megargee, E. I. & Hokanson, E.

- J.(orgs.). *A Dinâmica da Agressão: Análise de Indivíduos, Grupos e Nações*. São Paulo: EPU, 133-148.
- Merton, R. K. (1949). *Teoria y Estructura Sociales*. México: FCE.
- Meyer, D. E. E. (1999). *Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS. (Tese de Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Michaud, Y. (1989). *A violência*. São Paulo: Ed. Ática.
- Migliorin, A. P. (2008). Atividades aquáticas adaptadas à terceira idade. *Caderno de Resumos*, 09, Porto Alegre: UFRGS/PROEXT. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/186481>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- Minayo, M. C. S. (2001). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.09-29.
- Minayo, M. C. S.; Souza, E. R. & Assis, S. G. (Orgs.) (2005). *Avaliação por Triangulação de Métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Mitchell, K. & Branigan, P. (2000). Using focus groups to evaluate health promotion interventions. *Health Education*, 100(6), 261-268.
- Moita Lopes, L. P. (Org.). (2006). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Moraes, D. (1998). *Planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre.
- Moraes, M. C. (2015a). Da ontologia e epistemologia complexa à metodologia transdisciplinar. *Revista Terceiro Incluído*, Goiânia, GO, 5(1), 1-19. Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/teri/issue/view/1593/showToc>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- Moraes, M. C. (2015b). *Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos*. Colaboração de Juan Miguel Batalloso Navas. Coleção Práxis. Campinas, SP: Papyrus.
- Moran, J. M. (2007). *Desafios na Comunicação Pessoal*. (3a ed.). São Paulo: Paulinas.
- Moreira, A. S. (2003). Cultura midiática e educação infantil. *Educação e Sociedade*, Campinas, 24(85), 1203-1235. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- Moreira, D. A. (2004). Pesquisa em Administração: Origens, usos e variantes do método fenomenológico. *Revista de Administração e Inovação*, 1(1), 5-19.
- Morgan, D. L. (1996). Focus group. *Annual Review Sociology*, 22, 129-152.

- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research*. (2a ed.). Thousand Oaks, California: Sage.
- Morgan, D. L. (1998). *Planning focus group*. Thousand Oaks: California: Sage.
- Morgan, D.; Krueger, R. (1993), “When to use focus groups and why” In: Morgan, D. (ed.). *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, 3-19.
- Morin, E. (1967). *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo, neurose*. São Paulo: Forense.
- Morin, E. (1973). *Le paradigme Perdu: la nature humaine*. Paris: Ed du Seuil.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. (6a ed.). São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Mouillaud, M. (2002) A crítica do acontecimento. In: Mouillaud, M., & Porto, S. D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Ed.UnB, 49-83.
- Mouillaud, M. et al. (1997) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- Mumford, L. (1988). *A Cidade na História*. Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes.
- Nasio, J. D. (1993). Segunda lição: O inconsciente. Trad. Vera Ribeiro. In: *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nicolescu, B. (1999). *O Manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM.
- Nobre, M. (2009). *Curso Livre de Teoria Crítica*. (2a ed.). Campinas: Papyrus.
- Nogueira, N. R. (2001). *Pedagogia dos projetos: uma jornada Interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo. Érica.
- Nora, P. (1993). “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, 10. São Paulo, p. 12.
- Oberg, K. (1960). Culture Shock. *Texto apresentado no Clube de Mulheres do Rio de Janeiro*, Brasil. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/53061-Please-Add-a-Title/>. Acesso em: 07 fev. 2019.
- Ohmae, K. (1996). *O fim do Estado Nação: a ascensão das economias regionais*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.

- Oliveira, A. S. & Knöner, S. F. (2005). *A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB.
- Oliveira, J. S. (2002). *“Brasil mostra a tua cara”*: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas.
- Oliveira, M. K. (1992). *Teorias psicogenéticas em discussão*. (5a ed.). São Paulo: Summus.
- Oliveira, P. S. (2003). *Introdução à sociologia da educação*. (3a ed.). São Paulo: Ática.
- Orlandi, E. (1986). *A análise do discurso: Algumas observações*. Delta, 2(1), 105-26.
- Orlandi, E. (2001). *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. (3a ed.). Campinas, Ed. Pontes.
- Orlandi, E. (2004). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. (4a ed.). São Paulo, Campinas: Pontes.
- Ortiz, R. (1994). *Mundialização e cultura*. (2a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Osório, C. M. S. (1999). O carteiro e o pintor. *Jornal do Centro de Estudos Luís Guedes*, 10(10).
- Paterson, B. L., Bottorff, J. L., & Hewat, R. (2003). Blending observational methods: possibilities, strategies and challenges. *International Journal of Qualitative Methods*, 2(1), 29-38.
- Pavlov, I. P. (1960). *Conditioned Reflexes*. (G.V. Anrep, Trad.) New York, Dover Publications. (Publicação original de 1927).
- Pêcheux, M. (2009). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (4a ed.). Campinas: Pontes.
- Pedersen, P. (1995). *Contributions in psychology*. No. 25. The five stages of culture shock: Critical incidents around the world. Greenwood Press/Greenwood Publishing Group.
- Peirce, C. (2003). Um Argumento Negligenciado para a Realidade de Deus. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 4(1), 98-133.
- Pentado, H. D. (1999). *Televisão e escola: Conflito ou cooperação?* (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Peraya, D. (1999). *Médiation et médiatisation: le campus virtuel*. Hermes, Cognition, Communication, Politique. Volume 25, Paris: CNRS Éditions, p. 153-167.
- Piaget, J. (1973). *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes.
- Piaget, J. (1983). *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural.
- Pichon-Rivière, E., & Quiroga, A. P. (1998). *Psicologia da vida cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes.

- Pinheiro, E. M., Kakehashi, T. Y., & Angelo, M. (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, 13(5), 717-722.
- Pino, A. (1991). O Conceito De Mediação Semiótica Em Vygotsky E Seu Papel Na Explicação Do Psiquismo Humano. *Cadernos Cedes*, 24, 32-43.
- Pires, H. F. (2008). Governança Global da Internet: A representação de topônimos de países no ciberespaço. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Vol. 12. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/ScriptaNova/article/view/116553>. Acesso em: 14 maio 2019.
- Pisani, F. & Piotet, D. (2010). *Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidiões*. Tradução de Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- PNUD-Angola. (2002). *Os desafios pós-guerra*. Luanda: Nações Unidas.
- PNUD-Angola. (2010). Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório do Desenvolvimento Humano*. Disponível em: [http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/human\\_developmentreport2010](http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/human_developmentreport2010). Acesso em: 18 nov. 2019.
- Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos. Repositório FGV de Periódicos e Revistas*, 2(3), 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/306>. Acesso em: 26 maio 2018.
- Poster, M. (2000). *A segunda era dos média*. Oeiras – Portugal: Celta.
- Praça, F. S. G. (2015). Metodologia da Pesquisa Científica: Organização Estrutural e os Desafios para redigir o Trabalho de Conclusão. *Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”*, 8(1), 72-87. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf). Acesso em: 25 mar. 2018.
- Quere, L. (1991). “D’un modele épistemologique de la communication à un modele praxeologique”. *Réseaux*, Paris, 46/47.
- Quiroga, S. E. (2007). *Adolescencia: Del goce orgánico al hallazgo de objeto*. Buenos Aires: Eudeba.
- Rajagopalan, K. (2006). Repensar o papel da linguística aplicada. In: Moita Lopes, L. P. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 149-166.
- Ramirez, F. C. (2001). *Conduitas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw Hill.
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Rego, T. (2011). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- República de Angola. (2010). IBEP: Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População – 2008/2009, INE, Luanda.



- Reyna, C. P. (1997). Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- Rheingold, H. (1996). *La Comunidad Virtual*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Rochberg-Halton. (1986). *Maining and modernity: social theory and the pragmatic attitude*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rodrigues, A. D. (1990) *Estratégias da Comunicação*. Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade. Lisboa: Presença.
- Rodrigues, A. D. (1997). Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: Mouillaud, M. & Porto, S. D. (org.). *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- Rodrigues, A. D. (1999). *Comunicação e Cultura*. Lisboa: Presença.
- Rodrigues, A. D. (2001). *A partitura invisível: para uma abordagem interativa da linguagem*. Lisboa: Colibri.
- Rodrigues, M. S. P. & Leopardi, M. T. (1999). *O método de análise de conteúdo: uma visão para enfermeiros*. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, p. 118.
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Romanó, R. S. (2003). Ambiente Virtuais para a Aprendizagem Colaborativa no Ensino fundamental. *ATHENA - Revista Científica de Educação*, 2, 73-88. Disponível em: <http://www.faculdadeexpoente.edu.br/upload/noticiasarquivos/1204057841.pdf#page=73>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- Rorty, R. (1989). *La filosofía y el espejo de la naturaleza*. Madrid: Cátedra.
- Rosa, A. P. (2012). *Imagens-Totens: a fixação de símbolos nos processos de midiatização*. 360 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Unisinos, São Leopoldo. Disponível em: <https://bit.ly/2GZI5aA>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- Rossi, T. V. (2012). *Jogo interativo: espaço de construção do conhecimento matemático e do convívio com o outro*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas, do Centro Universitário Univates, Lageado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/297/>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- Rousseau, J.J. (1978). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. (Col. “Os Pensadores”). (2a ed.). São Paulo: Abril Cultural, 215-320.
- Rubim, A. A. C. (1999). *Mídia e política no Brasil*. João Pessoa: Ed Universitária UFPB.
- Rüdiger, F. V. (2007). *Introdução às teorias da cibercultura*. (22a ed). Porto Alegre: Sulina.
- Rúdio, F. V. (2002). *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 30. ed. Petrópolis: Vozes.

- Ruótolo, A. C. F. (1993). Tipologia dos telespectadores do ABC Paulista. *Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo: UMESP, 20, 61-72.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Sales, A. C. (2004). O Problema do Simulacro: A Leitura de Gilles Deleuze. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 27, São Paulo: Intercom. Disponível em: [https://www.academia.edu/38312415/Platão\\_e\\_o\\_Simulacro\\_A\\_Perspectiva\\_de\\_Deleuze](https://www.academia.edu/38312415/Platão_e_o_Simulacro_A_Perspectiva_de_Deleuze). Acesso em: 22 dez. 2019.
- Samuelson, P. & Nordhaus, W. D. (1988). *Economia*. (12 ed.). Lisboa: Mc Graw- Hill.
- Santaella, L. (2002). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Santos, J. E. (2000). Discurso sobre os problemas de Angola. *Revista Tribuna Diplomática*, Embaixada de Angola no Brasil, 1(2), 159-179. Disponível em: <https://bit.ly/2QyJxUe>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- Santos, J. L. (1994). *O que é Cultura*. (14a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Santos, M. R. (2004). Violência(s) na escola. *Psicologica*, 36, 163-174. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0577.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.
- Sartre, J. P. (1984). Questão de Método. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Sartre, J. P. (2000). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes.
- Sato, S. K. (2015). *Mobilidade, Comunicação e Consumo: Expressões da telefonia celular em Angola, Brasil e Portugal*. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://www.academia.edu/12772766/Mobilidade\\_comunicação\\_e\\_consumo\\_expressões\\_da\\_telefonia\\_celular\\_em\\_Angola\\_Brasil\\_e\\_Portugal](https://www.academia.edu/12772766/Mobilidade_comunicação_e_consumo_expressões_da_telefonia_celular_em_Angola_Brasil_e_Portugal). Acesso em: 2 jan. 2020.
- Sayla, B. M. K. (2012). *Reflexões Pedagógicas: diálogo e afeto enquanto motriz pedagógico*. 159f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Unisul, Tubarão-SC. Disponível em: <https://bit.ly/2THqifj>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- Schaff, A. (1987). *O Marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Schütze, F. (2010). *Pesquisa Biográfica e entrevista narrativa*. Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes.
- Shannon, C. E. & Weaver, W. (1949). *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press.
- Silva, B. H. (2014). A tecnologia é uma estratégia. *Atas da II Conferência Internacional. Braga*: Centro de Competência da Universidade do Minho, 839-859. Disponível em: <https://bit.ly/2YNMHI9>. Acesso em: 24 abr. 2016.

- Silveira, A. (2004). *Governança corporativa e estrutura de propriedade*: determinantes e relação com o desempenho das empresas no Brasil. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Silverstone, R. & Hirsch, E. (orgs). (1996). *Los Efectos de la Nueva Comunicación*. El consumo de la moderna tecnologia en el hogar y en la familia. Barcelona: Bosch Comunicacion. Disponível em: [http://www.cimj.org/images/stories/docs\\_cimj/domesticando%20a%20domesticao%20-%20silverstone%20-%20reviso.pdf](http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/domesticando%20a%20domesticao%20-%20silverstone%20-%20reviso.pdf). Acesso em: 20 dez. 2019.
- Silverstone, R. (2010). Domesticando a domesticação. Reflexões sobre a vida de um conceito. *Media & Jornalismo*, 16, 31-38. Disponível em: <https://bit.ly/31EgJAa>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- Simmel, G. (1988). *La tragédie de la culture*. Paris: Rivage poche.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais de sociologia*: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.
- Simonsen, M. H. & Cysne, R. P. (2000). *Macroeconomia*. São Paulo: Atlas, 2000.
- Sodré, M. (1994). *Jogos extremos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do Espelho*: Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sodré, M. (2006). Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: Moraes, D. (org). *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sodré, M. (2011). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Sommer, B. & Sommer, R. (2002). *A practical guide to behavioral research: toos and techniques*. Firth Edition. Oxford University Press, New York, NY, EUA.
- Sousa, J. P. (2006). Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. (2rd ed.). Porto. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.
- Sperber, D. (1989). Létude anthropologique des représentations. In: Jodelet, D. *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaire de France, 113-130.
- Spink, M. J. (1993). (Org.). O estudo empírico das Representações Sociais. In: Spink, M. J. *O conhecimento no cotidiano*: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense.
- Suassuna, L. (1995). *Ensino de Língua Portuguesa*: uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus.
- Tarde, G. (1901). *La psychologie inter-mentale in Revue internationale de sociologie*. vol. 9. Paris: Félix Alcan.

- Taylor, M. A., Shultz, K., & Doverspike, D. (2005). *Academic Perspectives on Recruiting and Retaining Talented Older Workers*. In: P.T. Beatty and R.M.S. Visser's *Thriving on an Aging Workforce: Strategies for Organizational and Systemic Change*, p. 43-50.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Thompson, J. B. (2007). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Thompson, J. B. (2008). A nova visibilidade. *MATRIZES*, 2, 15-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/3169>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- Thompson, J. B., Arthur, A., & Formby, J. P. (1993). *Economics of the Firm: Theory and Practice*. 6th ed. Prentice Hall College, Englewood Cliffs New Jersey.
- Threlfall, K. D. (1999). Using focus groups as a consumer research tool. *Journal of Marketing Practice: Applied Marketing Science*, 5(4),102-105.
- Tjora, A. H. (2006). Writing small discoveries: an exploration of fresh observers' observations. *Qualitative Research*, London, 6(4), 429-451.
- Touraine, A. (1994). *Qu'est-ce que la démocratie?* Paris: Fayard.
- Trindade, Z. A. (1998). Na teoria as práticas são outras. *Anais do Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Psicologia*, 7, Gramado, RS.
- Triviños, A. N. S. (1987). Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: Triviños, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 128- 130.
- Turing, A. (1996). *Computação e Inteligência*. (F. C. Hansem, Trad.) In: Teixeira, J. F. (Org.). *Cérebros Máquinas e Consciência: Uma Introdução à Ciência da Mente*. São Carlos: Editora da UFSCar.
- Ullmann, R. A. (1991). *Antropologia: o homem e a cultura*. Petrópolis: Vozes.
- UNFPA. (2016). Fundo de População das Nações Unidas. Disponível em: <http://angola.unfpa.org/pt/topics/jovens-e-adolescentes>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- Vala, J. (1993). Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. In: Vala, J. & Monteiro, M. B. (Orgs.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valsiner, J. (1988). Ontogeny of co-construction of culture within socially organized environmental settings. In: Valsiner, J. *Child development within culturally structured environments*, 2, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 283-297.
- Van Lier, L. (1988). *The classroom and the language learner: ethnography and the second language classroom research*. London: Longman.

- Verón, E. & Boutaud, J.J. (2007). *Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communications*. Paris: Lavoisier.
- Verón, E. & Fouquier, E. (1985). *Les spectacles scientifiques télévisés: figures de la production et de la réception*. Paris: La Documentation française.
- Verón, E. (1978). Sémioses de l'idéologie et du pouvoir. *Communications*, 8, 7-20.
- Verón, E. (1991). Entre Peirce et Bateson: une certaine idée du sens. In: Winkin, Y. *Bateson: primer inventario de una herencia*. Buenos Aires: Paidós, p. 171-184.
- Verón, E. (1997). Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, Lima: Felafacs, 48, 9-17.
- Verón, E. (1998). *Esto no es un libro*. (1rd ed.). Barcelona: Editorial Gedisa.
- Verón, E. (2001). *Los públicos entre producción y recepción: problemas para una teoría del reconocimiento*. Curso da arrábida: Público, Televisão.
- Verón, E. (2004). As mídias na recepção: os desafios da complexidade. In: Verón, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 273-284.
- Verón, E. (2007). Regreso al futuro de la comunicación. *Cuadernos de Comunicación*, 3, Rosario, Argentina, 35-42
- Verón, E. (2013). *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós.
- Vieira, L. (2009). *Identidade e globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. São Paulo: Record.
- Vygotski, L. S. & Cole, M. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1983). *Obras escolhidas*. Tomo 5. Moscou: Pedagoguika.
- Vygotski, L. S. (1984). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1989). *Formação social da mente*. (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1934).
- Vygotski, L. S. (2000). *Obras escogidas*. Tomo 3. Madri: Visor.
- Wagner, W. (2000). Sócio-gênese e características das representações sociais. In: Moreira, A. P. & Oliveira, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, p. 03-25.
- Wagner, W., Hayes, N., & Palacios, F. F. (Eds.). (2011). *El discurso de lo cotidiano y el sentido común: la teoría de las representaciones sociales*. México: Anthropos.
- Wasserman, S. & Faust, K. (1994). *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Watson, J. B. (1998). *Behaviorism*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos de interação*. São Paulo: Cultrix.
- Weber, M. (1984). *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura.
- Weber, M. (1987). *Conceitos Básicos de Sociologia*. São Paulo: Editora Moraes.
- Weiers, R. M. (1988). *Marketing research*. (2a ed.). Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Weller, W. & Otte, J. (2014). Análise de narrativas segundo o método documentário. Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. *Civitas*, Porto Alegre, 1.
- Weller, W. (2009). Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. *Anais da Reunião da Anped*, 32, Caxambu, 11-16.
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity*, New York: Cambridge University Press.
- Wolf, A. W., Lozoff, B., & Davis, N. S. D. (1985). *Pediatrics March*, 75(3), 477-483. Disponível em: <https://pediatrics.aappublications.org/content/75/3/477>. Acesso em: 13 maio 2019.
- Wolf, M. (2003). *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins, Fontes.
- Wolf, W. (1995). Qualitative versus quantitative Forschung. In: König, E. & Zedler, P. *Bilanz qualitativer Forschung*. Band I: Grundlagen qualitativer Forschung Weinheim: Deutscher Studien Verlag, p. 309-329.
- Woodward, K. (2007). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 7-72.
- Yin, F. (1990). *Numerical Modeling of Ocean Deep Water Circulation*. Ph.D. thesis. Columbia University. Disponível em: <https://go.nasa.gov/2YLIJj8>. Acesso em: 30 mar. 2016.
- Zaharna, R. S. (1989) Self-Shock: the double binding challenge of identity. *International Journal of Intercultural Relations*, 13, 501-525. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/223836379\\_Self-Shock\\_The\\_Double-Binding\\_Challenge\\_of\\_Identity](https://www.researchgate.net/publication/223836379_Self-Shock_The_Double-Binding_Challenge_of_Identity). Acesso em: 11 maio 2019.

**ANEXO A - 1º TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Caro participante, venho por meio deste Termo de Consentimento convidá-lo/a à participar da presente pesquisa. O tema do projeto de tese em desenvolvimento é “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS”. A pesquisa está sendo desenvolvida pelo pesquisador Bantu Mendonça Katchipwi Sayla, doutorando no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES) em Buenos Aires, Argentina e tem como orientadora a Profa. Dra. Andréa Volpato Wronski.

Em princípio a pesquisa apresenta como objetivo geral, estudar as RS sobre a violência/agressividade em adolescentes a partir de vídeos na Internet com conteúdo violento através dos dispositivos midiáticos (Smartphones, Tablets, Notebooks), dentro do contexto sócio-histórico-cultural angolano. Como objetivos específicos nos propomos, investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino), a partir das entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da violência/agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube); verificar, nas RS da violência/agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento; observar se houve ou não, variação quanto a representação da violência/agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino; e, compreender os efeitos de sentidos que os adolescentes estabelecem para as representações estabelecidas. Informamos que essa pesquisa apresenta como amostra 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino) que estudam no Colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela na República de Angola.

A presente pesquisa e sua participação será importante porque pretende ser um auxílio para profissionais da Psicologia, Comunicação Social e da Educação, configurando-se como uma alternativa sobre as diferentes formas e tipos de manifestações de agressividade entre os adolescentes que assistem aos programas televisivos e vídeos na Internet com conteúdos violentos. Solicitamos, com este termo, sua colaboração para uma entrevista de pelo menos 20 minutos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Psicologia, Comunicação Social e Pedagogia, além da publicação em revistas científicas nacionais e/ou internacionais. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e dados pessoais serão mantidos em sigilo absoluto.

Uma vez que toda a investigação com os seres humanos oferece riscos, durante e depois da coleta de dados, o pesquisador compromete-se a não divulgar a identidade do participante, a respeitar a sua privacidade e garantir que ele não sofra qualquer tipo de assédio e que livremente dê o seu consentimento. Além disso, em hipótese alguma o pesquisador fará uso da imagem do participante sem a sua expressa autorização e nem serão pacientes de alguma represália. Todos os participantes serão advertidos de seus direitos. Para tanto, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será impresso em duas vias, uma com o participante e ou o responsável pelo menor participante e outra com o pesquisador. O pesquisador está consciente de que toda e qualquer pesquisa oferece riscos de perdas de dados, de invasão de hackers, de ataque de vírus, de sinistro de dados, e ou de furto de dispositivos (computador/pendrive, HD externo). Por isso, ele se compromete em armazenar os dados coletados em diversos locais absolutamente sigilosos e com senhas para sua leitura, não permitindo que terceiros acessem os dados da pesquisa (falas/questionários/imagens).

O pesquisador estará a sua disposição por meio eletrônico de comunicação: [katchipwi@gmail.com](mailto:katchipwi@gmail.com) e nos telefones (48) 98425-6220 (WhatsApp) ou (+244) 93232-9349). Correspondências e demais comunicações: (Rua Padre Hilário Puzisky, 91, centro, cidade de Capivari de Baixo, SC, CEP 88745-000. Este contato visa a acompanhar a obtenção de qualquer informação e esclarecimento que considere necessárias em todas as etapas da pesquisa até a publicação dos resultados, se tal for o caso.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, podendo a qualquer momento, solicitar a saída e exclusão da pesquisa. Este termo objetiva dar esclarecimentos com a investigação em andamento e os dados obtidos sejam utilizados para fins científicos tais como a divulgação e publicações em eventos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Capivari de Baixo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do participante (maior de idade)



Idade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

Redes Sociais inscritos: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

## **ANEXO B - 2º TERMO DE CONSENTIMENTO PARA MENORES PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Caro participante, venho por meio deste Termo de Consentimento convidá-lo/a à participar da presente pesquisa. O tema do projeto de tese em desenvolvimento é “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS”. A pesquisa está sendo desenvolvida pelo pesquisador Bantu Mendonça Katchipwi Sayla, doutorando no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES) em Buenos Aires, Argentina e tem como orientadora a Profa. Dra. Andréa Volpato Wronski.

Em princípio a pesquisa apresenta como objetivo geral, estudar as RS sobre a violência/agressividade em adolescentes a partir de vídeos na Internet com conteúdo violento através dos dispositivos midiáticos (Smartphones, Tablets, Notebooks), dentro do contexto sócio-histórico-cultural angolano. Como objetivos específicos nos propomos, investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino), a partir das entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da violência/agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube); verificar, nas RS da violência/agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento; observar se houve ou não, variação quanto a representação da violência/agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino; e, compreender os efeitos de sentidos que os adolescentes estabelecem para as representações estabelecidas. Informamos que essa pesquisa apresenta como amostra 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino) que estudam no Colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela na República de Angola.

A presente pesquisa e sua participação será importante porque pretende ser um auxílio para profissionais da Psicologia, Comunicação Social e da Educação, configurando-se como uma alternativa sobre as diferentes formas e tipos de manifestações de agressividade entre os adolescentes que assistem aos programas televisivos e vídeos na Internet com conteúdos violentos. Solicitamos, com este termo, sua colaboração para uma entrevista de pelo menos 20 minutos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Psicologia, Comunicação Social e Pedagogia, além da publicação em revistas

científicas nacionais e/ou internacionais. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e dados pessoais serão mantidos em sigilo absoluto.

Uma vez que toda a investigação com os seres humanos oferece riscos, durante e depois da coleta de dados, o pesquisador compromete-se a não divulgar a identidade do participante, a respeitar a sua privacidade e garantir que ele não sofra qualquer tipo de assédio e que livremente dê o seu consentimento. Além disso, em hipótese alguma o pesquisador fará uso da imagem do participante sem a sua expressa autorização e nem serão pacientes de alguma represália. Todos os participantes serão advertidos de seus direitos. Para tanto, este Termo De Consentimento Livre e Esclarecido para Menores Participantes da Pesquisa (TCLEM), será impresso em duas vias, uma com o participante e ou o responsável pelo menor participante e outra com o pesquisador. O pesquisador está consciente de que toda e qualquer pesquisa oferece riscos de perdas de dados, de invasão de hackers, de ataque de vírus, de sinistro de dados, e ou de furto de dispositivos (computador/pendrive, HD externo). Por isso, ele se compromete em armazenar os dados coletados em diversos locais absolutamente sigilosos e com senhas para sua leitura, não permitindo que terceiros acessem os dados da pesquisa (falas/questionários/imagens).

O pesquisador estará a sua disposição por meio eletrônico de comunicação: katchipwi@gmail.com e nos telefones (48) 98425-6220 (WhatsApp) ou (+244) 93232-9349). Correspondências e demais comunicações: (Rua Padre Hilário Puzisky, 91, centro, cidade de Capivari de Baixo, SC, CEP 88745-000. Este contato visa a acompanhar a obtenção de qualquer informação e esclarecimento que considere necessárias em todas as etapas da pesquisa até a publicação dos resultados, se tal for o caso.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, podendo a qualquer momento, solicitar a saída e exclusão da pesquisa. Este termo objetiva dar esclarecimentos com a investigação em andamento e os dados obtidos sejam utilizados para fins científicos tais como a divulgação e publicações em eventos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Capivari de Baixo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do participante (maior de idade)

Idade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

Redes Sociais inscritos: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

### **ANEXO C - 3º TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE MENORES PARTICIPANTES DA PESQUISA (TAM)**

Caro responsável do menor de idade, venho por meio deste Termo de Consentimento convidar seu filho/filha à participar da presente pesquisa. O tema do projeto de tese em desenvolvimento é “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA/AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS QUE CONSOMEM CONTEÚDOS VIOLENTOS ATRAVÉS DE DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS”. A pesquisa está sendo desenvolvida pelo pesquisador Bantu Mendonça Katchipwi Sayla, doutorando no curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES) em Buenos Aires, Argentina e tem como orientadora a Profa. Dra. Andréa Volpato Wronski.

Em princípio a pesquisa apresenta como objetivo geral, estudar as RS sobre a violência/agressividade em adolescentes a partir de vídeos na Internet com conteúdo violento através dos dispositivos midiáticos (Smartphones, Tablets, Notebooks), dentro do contexto sócio-histórico-cultural angolano. Como objetivos específicos nos propomos, investigar nos relatos (práticas = ações e discursos = teorias) dos 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino), a partir das entrevistas individuais de aplicação coletiva e dos Focus Group, as RS da violência/agressividade em circulação nos vídeos da Internet (YouTube); verificar, nas RS da violência/agressividade, quais os lugares psíquicos (sujeito, objeto, ajudante, rival, etc.) que se atribuem os adolescentes que consomem os vídeos na Internet (YouTube) com conteúdo violento; observar se houve ou não, variação quanto a representação da violência/agressividade entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino; e, compreender os efeitos de sentidos que os adolescentes estabelecem para as representações estabelecidas. Informamos que essa pesquisa apresenta como amostra 80 adolescentes (40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino) que estudam no Colégio Nossa Senhora da Conceição em Benguela na República de Angola.

A presente pesquisa e sua participação será importante porque pretende ser um auxílio para profissionais da Psicologia, Comunicação Social e da Educação, configurando-se como uma alternativa sobre as diferentes formas e tipos de manifestações de agressividade entre os adolescentes que assistem aos programas televisivos e vídeos na Internet com conteúdos violentos. Solicitamos, com este termo, sua colaboração para uma entrevista de pelo menos 20 minutos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Psicologia, Comunicação Social e Pedagogia, além da publicação em revistas

científicas nacionais e/ou internacionais. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e dados pessoais serão mantidos em sigilo absoluto.

Uma vez que toda a investigação com os seres humanos oferece riscos, durante e depois da coleta de dados, o pesquisador compromete-se a não divulgar a identidade do participante, a respeitar a sua privacidade e garantir que ele não sofra qualquer tipo de assédio e que livremente dê o seu consentimento. Além disso, em hipótese alguma o pesquisador fará uso da imagem do participante sem a sua expressa autorização e nem serão pacientes de alguma represália. Todos os participantes serão advertidos de seus direitos. Para tanto, este Termo de Autorização de Menores (TAM), será impresso em duas vias, uma com o participante e ou o responsável pelo menor participante e outra com o pesquisador. O pesquisador está consciente de que toda e qualquer pesquisa oferece riscos de perdas de dados, de invasão de hackers, de ataque de vírus, de sinistro de dados, e ou de furto de dispositivos (computador/pendrive, HD externo). Por isso, ele se compromete em armazenar os dados coletados em diversos locais absolutamente sigilosos e com senhas para sua leitura, não permitindo que terceiros acessem os dados da pesquisa (falas/questionários/imagens).

O pesquisador estará a sua disposição por meio eletrônico de comunicação: katchipwi@gmail.com e nos telefones (48) 98425-6220 (WhatsApp) ou (+244) 93232-9349). Correspondências e demais comunicações: (Rua Padre Hilário Puzisky, 91, centro, cidade de Capivari de Baixo, SC, CEP 88745-000. Este contato visa a acompanhar a obtenção de qualquer informação e esclarecimento que considere necessárias em todas as etapas da pesquisa até a publicação dos resultados, se tal for o caso.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a participação do menor de quem sou responsável, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento e autorizo a sua participação na pesquisa, podendo a qualquer momento, solicitar a saída e exclusão da pesquisa. Este termo objetiva dar esclarecimentos com a investigação em andamento e os dados obtidos sejam utilizados para fins científicos tais como a divulgação e publicações em eventos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Capivari de Baixo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do responsável pelo menor

Grau de parentesco: \_\_\_\_\_

Nível de Escolaridade: \_\_\_\_\_

Classe social: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

---

## Notas de Fim

<sup>1</sup> Ao longo do texto a palavra “Dispositivo Midiático” será substituída por duas letras DMs.

<sup>2</sup> Daqui em diante para a expressão “Representação Social” utilizaremos a sigla RS.

<sup>3</sup> Conforme Braga (2012) entendemos, por “consequências canhestras”, os resultados imprevisíveis no final da pesquisa sob os aportes da Midiatização e dos Processos Sociais. Estamos partindo do pressuposto de que as reflexões no campo da comunicação, não oferecem categorias nem relações causas pré-definidas. Mas, heurísticamente busca os diferentes modos sociais de (olhar) perceber, recepcionar e pensar a realidade social (objeto), através de táticas e estratégias de graus alternativos e probabilísticos de qualidade, sucesso e valor, dependendo de esforços dos atores e de acionamentos de circuitos e dispositivos nas interfaces das práticas sociais.

<sup>4</sup> Meios de Comunicação de Massa.

<sup>5</sup> Para Damasceno (1998, p. 80-86), “há uma compenetração das duas naturezas em Cristo e a compenetração entre si da três Pessoas Divinas” (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo). Ou seja, permanece entre elas “a mútua imanência e união das três pessoas” significa que são inseparáveis, não se distanciam, e que possui uma interpenetração inconfusa não de modo que convergem e se misturam e sim estando unidas entre si”. Por este viés, tudo indica que, tanto de um sentido quanto do outro, o termo retomado do Pseudo Cirilo e de alguns elementos de Irineu de Lião (135-140) e de Gregório Nazianzeno (330) sublinha para Damasceno, com grande clareza técnica e teológica: “o permanecer e o residir uma na outra das três pessoas demonstra que um e idêntico é o movimento, o que não se pode notar na natureza criada”. (Coda, 2000, p. 203-207).

<sup>6</sup> Segundo Erikson (1964, p. 36) o conceito “insight” compreende uma forma de discernimento difícil de definir e mais difícil de defender”, mas está na base da “descoberta psicológica”. Em Psicanálise, o conceito está associado a capacidade de tornar pré-consciente uma “coisa, “imagem”, “palavra” inconsciente (Freud, 1923b/1996, p.33), através de uma audição, concentrada no ato da escuta analítica, que consiste na observação e descrição detalhado em forma de representações verbais. Ou seja, fazer falar a “coisa”, a “imagem” e a “palavra”.

<sup>7</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre a construção deste questionário como técnica de recolha de dados falaremos no capítulo das articulações metodológicas.

<sup>9</sup> Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe.

<sup>10</sup> Ad libitum é uma expressão latina que significa “à vontade”, “a bel-prazer”, frequentemente abreviada para ad lib.

<sup>11</sup> A expressão “os lírios do campo”, remete-nos em primeiro lugar ao texto de Lucas 12,27-31, quando Jesus teria convidado os seus discípulos a viverem da providência divina. Ou seja, a observarem na natureza a força divina que sustenta vida dos seres vivos. Em segundo lugar metaforicamente falando, a expressão evoca e nos faz rebuscar os efeitos de um capitalismo selvagem e devastador, através do romance, de Érico Veríssimo, publicado em 1938, exercido pela produção dos bens da indústria cultural da informação e comunicação, cuja tessitura e arena de poder, perpassa os campos e as práticas sociais.

<sup>12</sup> Por meio da expressão “nós epistemológico”, entendemos o processo de construção do conhecimento que objetivamos, por meio de tensões e interações com as teorias já elaboradas nas interfaces entre os diferentes autores sobre o nosso objeto de pesquisa.

<sup>13</sup> O canal onde está em circulação o institucional encontra-se na internet e pode ser acessado pelo link disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCmavY13NKH3ZDUHK12X41TQ>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>14</sup> Fundo Nacional da População das Nações Unidas.

<sup>15</sup> Conferência dos Ministros da Justiça dos países de língua oficial portuguesa.

<sup>16</sup> Caro adolescente, como você sabe, estamos a realizar uma pesquisa científica sobre a circulação da agressividade entre os adolescentes que, através dos dispositivos midiáticos, consomem cenas de violência na internet. Assim, pensamos que a sua participação nesta pesquisa pode ser muito importante no estudo deste tema. Portanto, leia atentamente as perguntas e livremente responda as questões deste questionário. Se em alguma pergunta tiveres dúvidas podes levantar a mão e chamar por nós. Pedimos o favor de colocar as respostas em sequência das perguntas. Porém, se o espaço da resposta for pequeno poderás usar o verso da folha desde que enumeres a sua resposta, indicando a que pergunta pertence. Esteja à vontade e desejamos um bom trabalho. O questionário que você tem em suas mãos apresenta duas partes. A primeira quer saber algo sobre você e sua família. E a segunda sobre o consumo dos conteúdos midiáticos, o uso dos dispositivos midiáticos e o acesso à internet na sua família.

<sup>17</sup> O texto completo das entrevistas aparecerá no tópico seguinte com os dados recolhidos.



---

<sup>18</sup> Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

<sup>19</sup> Inquérito sobre o Bem-Estar da população

<sup>20</sup> A SOAS University of London é a principal instituição de ensino superior da Europa, especializada no estudo da Ásia, África e Oriente Médio.

<sup>21</sup> Faculdade de Economia, Universidade Agostinho Neto.

<sup>22</sup> Industrial Development Construction and Employment in Africa. Tradução livre do autor: Desenvolvimento industrial Construção e emprego na África

<sup>23</sup> ANGOLATIC é o evento global de tecnologia de informação e de comunicação que decorreu entre os dias 18 e 20 de junho de 2019, no CCTA – Centro de Convenções de Talatona, organizado pelo Grupo Ideias Dinâmicas. O Grupo Ideias Dinâmicas integra um conjunto de empresas com vocação internacional dedicado à prestação de serviços em diversas áreas de negócio. Portanto, diríamos que ele é constituído por uma equipe com competências certificadas nas áreas de atuação, avaliando novas oportunidades de negócio e criando condições, a distintos empreendedores, para desenvolverem e formalizarem as suas ideias e projetos. Ela assegura plataformas sólidas para o lançamento de novos projetos empresariais considerando o grau de inovação como fator diferenciador. Nesse sentido, o ANGOTIC 2019 teve como objetivo promover a partilha de conhecimento, e ser um centro de networking para entidades governamentais, atores da indústria e provedores de serviços móveis emergentes, e conta com a presença de individualidades e líderes no sector público e privado do país e do estrangeiro. Fonte: <https://ideiasdinamicas.com/abertura-da-angotic-angola-ict-forum-2019/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>24</sup> Em nossa pesquisa o termo Celulares será substituído pelos Smartphones.

<sup>25</sup> Instituto Angolano das Comunicações

<sup>26</sup> Instituto Nacional de Estatística

<sup>27</sup> Os dados são apontados pelo Jornal de Angola do dia 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2VI1i5y>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>28</sup> Em termos explicativos, esta estrutura servirá para todas as questões discutidas nos Focus Group, elaborada pelo pesquisador.

<sup>29</sup> Gráfico sobre os usos e apropriações sócio técnica e tecnológica cultural e interacional, construído pelo pesquisador.

<sup>30</sup> O diagrama foi elaborado pelo pesquisador. No seu entendimento segundo os objetivos e o público envolvido, estas comunidades podem ser agrupadas em sete e podem ser representadas pelas siglas acima com as significações: a) CV = Comunidades Virtuais; b) CVPP = Comunidades Virtuais das Práticas de Produção; c) CPC = Comunidade Práticas de Consumo; d) CVUPP = Comunidades Virtuais dos Usos e das Práticas de Produção; e) CVPIC = Comunidades Virtuais das Práticas de Interesses Comuns; f) CVPC = Comunidade Virtual das Práticas de Compartilhamento; h) Comunidades Virtuais dos Fluxos e Contrafluxos (CVFC).

<sup>31</sup> Produção e Reconhecimento

<sup>32</sup> Os lugares psíquicos perfazem as três instâncias do aparelho psíquico, construído e postulado por Freud na sua Primeira Tópica. Para ele estes lugares correspondem ao inconsciente, o pré-consciente e o consciente. As três instâncias, sob o ponto de vista dinâmico, encontram-se em constante conflito de forças de desejos inconscientes que querem ser manifestados e emergidos no campo consciente e contra-forças que operam para a não satisfação desses desejos, impedindo sua manifestação (recalcamento).

<sup>33</sup> Gráfico das palavras recorrentes nos relatos dos adolescentes sobre as cenas de violência e agressividade, laborado pelo pesquisador.

<sup>34</sup> António Agostinho Neto (+1922 - 1979). Médico, escritor, político angolano e principal figura de Angola no século XX. Foi Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 tornou-se o primeiro Presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976 foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

<sup>35</sup> Finis Coronat Opus, é uma locução latina que na tradução literal significa "o fim coroa a obra". Fonte: in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/finis%20coronat%20opus>. Acesso em: 26 mar. 2020. Neste sentido esta IV parte da tese constitui um processo de retomada do tema no seu todo para em termos conclusivos fazer um fechamento da tese.